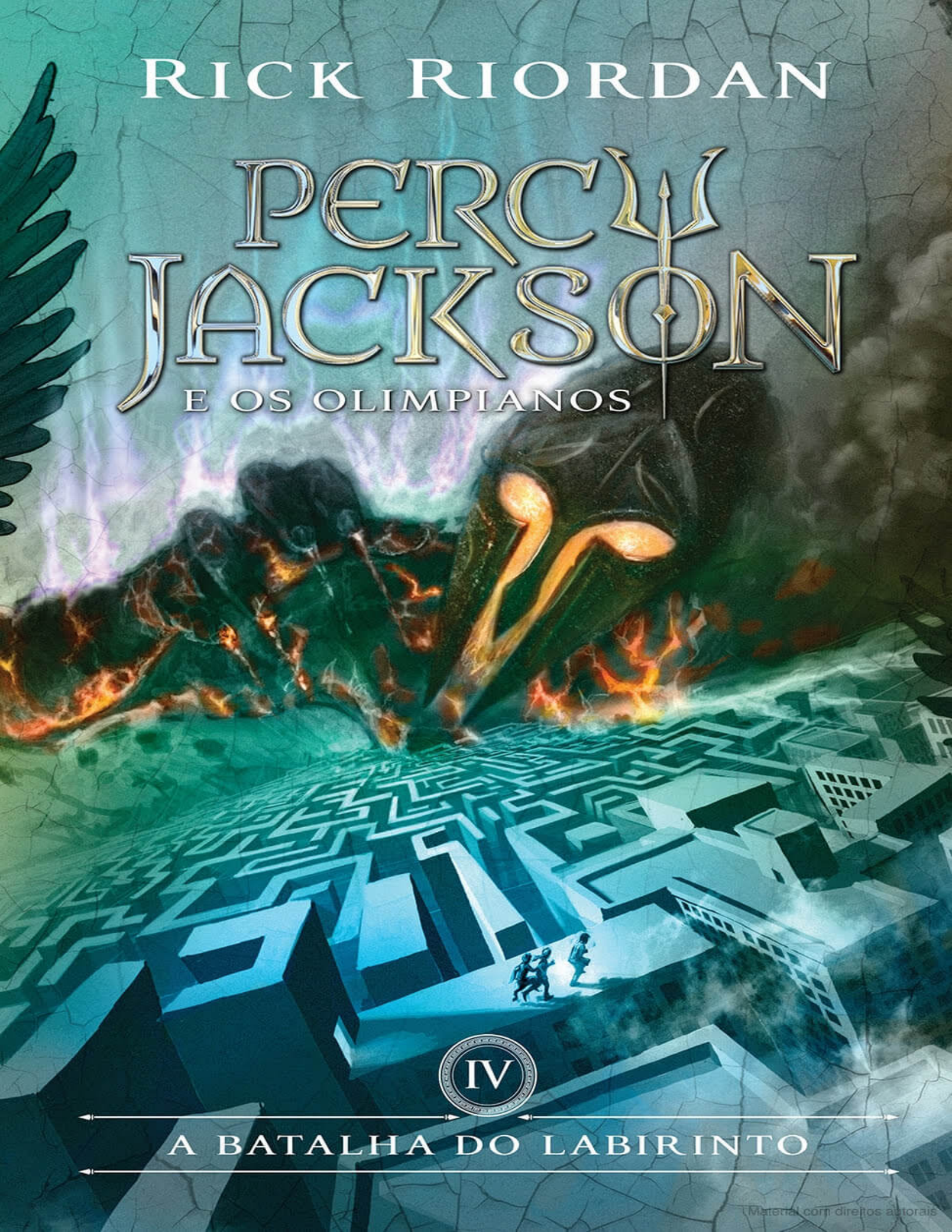
RICK RIORDAN

PERCY JACKSON

E OS OLIMPIANOS



IV

A BATALHA DO LABIRINTO

Material com direitos autorais

Sinopse: A Batalha do Labirinto

Percy começou o ano letivo em uma nova escola. Ele já esperava que a experiencia não fosse lá muito agradável, mas, ao dar de cara com líderes de torcida monstruosas e mortas de fome, conclui que tudo sempre pode ficar ainda pior.

Neste quarto volume da série, o tempo está se esgotando e a batalha entre os deuses do Olimpo e Cronos, o Senhor dos Titãs, fica cada vez mais próximo. Mesmo o acampamento Meio-Sangue, o porto seguro dos heróis, torna-se vulnerável à medida que os exércitos de Cronos abrem caminho para atacar suas fronteiras, até então impenetráveis.

Para detê-los, Percy e seus amigos semideuses partirão em uma jornada pelo Labirinto de Dédalo, um interminável universo subterrâneo; que a cada curva; revela as mais temíveis surpresas.

Em caso de erros enviar e-mail para:
victor.martins.oficial05@gmail.com
Com
Livro:
Capítulo:
Erro:

IV

A BATALHA DO LABIRINTO

RICK RIORDAN

PERCY JACKSON
E OS OLIMPIANOS



A BATALHA DO LABIRINTO

Copyright © 2008 Rick Riordan
Edição em português negociada por intermédio de Nancy Gallt Literary Agency e Sandra Bruna Agencia Literaria, SL.

TÍTULO ORIGINAL
The Battle of the Labyrinth

EDIÇÃO
Biblioteca de Dédalo

(Percy Jackson e os Olimpianos; 4)
ISBN: 978-85-8057-542-2

1. Mitologia grega - Literatura infanto-juvenil. 2. Poseidon (Divindade grega) – Literatura infanto-juvenil. 3. Hades (Divindade grega) - Literatura infanto-juvenil. 4 Zeus (Divindade grega) - Literatura infanto-juvenil. 5. Literatura infanto-juvenil americana.

[2010]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3° andar
22451-041 - Gávea
Rio de Janeiro - RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

Para Becky,
que sempre me guia pelo labirinto.

SUMÁRIO

UM
ENFRENTO LÍDERES DE TORCIDA

DOIS
O MUNDO INFERIOR ME LIGA A COBRAR

TRÊS
BRINCAMOS DE PEGA-PEGA COM ESCORPIÕES

QUATRO
ANNABETH TRANS-GRIDE AS REGRAS

CINCO
NICO COMPRA MCLA-NCHE FELIZ PARA OS MORTOS

SEIS
ENCONTRAMOS O DEUS DE DUAS CARAS

SETE
TYSON LIDERA UMA FUGA DA PRISÃO

OITO
VISITAMOS O RANCHO DE FÉRIAS DO DEMÔNIO

NOVE
EU REMOVO ESTRU-ME

DEZ
JOGAMOS O GAME DA MORTE

ONZE
EU PEGO FO-GO

DOZE
TIRO FÉRIAS PER-MANENTES

TREZE
CONTRATAMOS UM NOVO GUIA

CATORZE
MEU IRMÃO DUELA COMIGO ATÉ A MORTE

QUINZE
ROUBAMOS ALGUMAS ASAS SEMINOVAS

DEZESSEIS
EU ABRO UM CAIXÃO

DEZESSETE
O DEUS PERDIDO FALA

DEZOITO
GROVER PROVO-CA UMA DEBANDADA

DEZENOVE
O CONSELHO SE FENDE

VINTE
MINHA FESTA DE ANIVERSÁRIO SOFRE UMA SOMBRIA REVIRAVOLTA

UM

ENFRENTO LÍDERES DE TORCIDA

A última coisa que eu queria fazer nas minhas férias de verão era explodir outra escola. Mas ali eu estava segunda-feira de manhã, na primeira semana de junho, sentado no carro da minha mãe em frente ao Colégio Goode, na Rua 81 Leste.

Goode ficava em um grande edifício de pedra avermelhada com vista para o Rio East. Um monte de BMWs e limusines estava estacionado em frente. Olhando para o elegante arco de pedra, eu me perguntava quanto tempo levaria para que eu fosse expulso desse lugar.

— Apenas relaxe. — disse minha mãe, não parecendo nem um pouco relaxada. — É apenas uma excursão. E lembre-se, querido, essa é a escola de Paul. Então tente não... você sabe.

— Destruí-la?

— Isso.

Paul Blofis, o namorado da minha mãe, estava em frente à escola, recebendo futuros alunos do primeiro ano conforme eles subiam os degraus. Com seu cabelo grisalho, roupas de brim, e jaqueta de couro, ele me lembrava um ator de TV, mas ele era apenas um professor de inglês. Ele conseguiu convencer ao Colégio Goode a me aceitar para o primeiro ano, apesar do fato de eu ter sido expulso de todas as escolas que frequentei. Eu tentei avisá-lo que não era uma boa ideia, mas ele não me deu ouvidos.

Eu olhei para minha mãe.

— Você não contou a ele a verdade sobre mim, contou?

Ela bateu os dedos nervosamente no volante. Ela estava vestida para uma entrevista de emprego, o seu melhor vestido azul e sapatos de salto alto.

— Pensei que deveríamos esperar — admitiu ela.

— Assim não o assustamos.

— Tenho certeza que a orientação correrá bem, Percy. É apenas uma manhã.

— Ótimo — resmunguei. — Eu posso ser expulso antes de começar o ano letivo.

— Pense positivo. Amanhã você vai para o acampamento! Depois da orientação, você tem seu encontro...

— Não é um encontro! — protestei. — É só a Annabeth, mãe! Caramba!

— Ela está vindo do acampamento até aqui para encontrar você.

— Bem, sim.

— Vocês vão ao cinema.

— É.

— Só vocês dois.

— Mãe!

Ela ergueu suas mãos desistindo, mas eu podia dizer que ela estava se esforçando para não sorrir.

— Seria melhor você entrar, querido. Vejo você à noite.

Eu estava prestes a sair do carro quando olhei para os degraus da escola. Paul Blofis estava cumprimentando uma menina com cabelos crespos vermelhos. Ela usava uma camiseta marrom e jeans velho decorado com desenhos de canetinhas. Quando ela se virou, eu peguei um vislumbre de seu rosto e os pelos em meu braço se arrepiaram.

— Percy? — perguntou minha mãe. — O que está errado?

— N-nada — gaguejei. — A escola tem uma entrada lateral?

— Depois do bloco do lado direito. Por quê?

— Vejo você mais tarde.

Minha mãe começou a dizer algo, mas eu saí do carro e corri, esperando que a menina ruiva não me visse.

O que *ela* estava fazendo aqui? Nem mesmo o *meu* azar poderia ser tão ruim.

Eu estava prestes a descobrir que meu azar poderia ser muito pior.

Entrar às escondidas na orientação não funcionou muito bem. Duas líderes de torcida em uniformes roxo e branco estavam de pé na entrada lateral, esperando para emboscar calouros.

— Oi!

Elas sorriram, o que eu presumi que seria a primeira e última vez que qualquer líder de torcida seria amigável assim comigo. Uma delas era loira com frios olhos azuis. A outra era afro-americana com cabelo escuro encaracolado como o da Medusa (e acredite, eu sei do que estou falando). Ambas tinham seus nomes costurados em letra cursiva no uniforme, mas com minha dislexia, as palavras pareciam um espaguete sem sentido.

— Bem-vindo à Goode — disse a garota loira. — Você vai *adorar* isso aqui!

Mas conforme ela me olhou de cima a baixo, a sua expressão disse algo mais como: *Eca, quem é esse perdedor?*

A outra menina se aproximou desconfortavelmente de mim. Eu estudei a costura em seu uniforme e li *Kelli*. Ela cheirava como rosas e algo mais que reconheci das aulas de equitação no acampamento, o cheiro de cavalos recém lavados. Era um cheiro estranho para uma líder de torcida. Talvez ela tenha um cavalo ou algo assim. Enfim, ela ficou tão perto que eu tive a sensação que ela iria tentar me empurrar pelas escadas.

— Qual é seu nome, calo?

— Calo?

— Calouro.

— Hã, Percy.

As meninas trocaram olhares.

— Ah, Percy Jackson — disse a loira. — Nós estávamos esperando por você.

Isso enviou um tremendo arrepio pelas minhas costas. Elas estavam bloqueando a entrada, sorrindo de uma maneira não muito amigável. Minha mão foi instintivamente em direção a meu bolso, onde guardo minha letal caneta esferográfica, Contracorrente.

Então outra voz veio do interior do edifício:

— Percy? — Era Paul Blofis, em algum lugar no corredor.

Eu nunca estive tão feliz em ouvir sua voz.

As líderes de torcida se afastaram. Eu estava tão ansioso para passar por elas que acidentalmente dei uma joelhada na coxa de Kelli.

Clang.

Sua perna fez um som oco, metálico, como se eu tivesse batido num mastro de bandeira.

— Ei — murmurou ela. — Cuidado, *calo*.

Eu olhei para baixo, mas a perna dela parecia uma perna normal. Eu estava muito assustado para fazer perguntas. Eu deslizei para o corredor, as líderes de torcida rindo atrás de mim.

— Aí está você! — disse Paul. — Bem-vindo à Goode!

— Oi, Paul... hã, senhor Blofis.

Eu olhei para trás, mas as esquisitas líderes de torcida tinham desaparecido.

— Percy, você parece que viu um fantasma.

— É, hã...

Paul me deu palmadas nas costas.

— Ouça, eu sei que você está nervoso, mas não se preocupe. Nós temos uma porção de garotos com TDAH e dislexia aqui. Os professores sabem como ajudar.

Eu quase quis rir. Como se apenas o TDAH e a dislexia fossem minhas maiores preocupações. Quer dizer, eu sabia que Paul estava tentando ajudar, mas se eu contasse a ele a verdade sobre mim, ele pensaria que eu estava louco ou sairia correndo gritando. Aquelas líderes de torcida, por exemplo. Eu tinha um mau pressentimento sobre elas...

Então eu olhei para o fundo do corredor, e me lembrei que tinha outro problema. A garota ruiva que eu vira nos degraus da frente estava passando pela entrada principal.

Não me note, rezei.

Ela me notou. Os olhos dela se arregalaram.

— Onde é a orientação? — perguntei ao Paul.

— No ginásio. Por aqui. Mas...

— Tchau.

— Percy? — chamou ele.

Eu já estava correndo.

Eu pensei que a tinha despistado.

Um monte de garotos e garotas estava indo para o ginásio, e logo eu era apenas um entre os trezentos adolescentes de catorze anos de idade enchendo as arquibancadas. Uma banda marcial tocou um hino fora do tom que soou como se alguém estivesse batendo num saco de gatos com um taco de beisebol de metal. Garotos mais velhos, provavelmente estudantes membros do conselho estudantil, estavam de pé na frente apresentando o uniforme da escola Goode e olhando para

todos, *Ei, nós somos o máximo*. Professores circulavam em volta, sorrindo e apertando mãos de alunos. As paredes do ginásio eram cobertas com cartazes roxos e brancos que diziam BEM-VINDOS FUTUROS CALOUROS ou A GOODE É LEGAL ou ainda SOMOS TODOS UMA FAMÍLIA, e vários outros slogans alegres que me fizeram querer vomitar.

Nenhum dos outros calouros parecia animado por estar aqui, também. Quer dizer, vir à orientação em junho, quando a escola sequer começa antes de setembro, não é legal. Mas na Goode, "Preparamos para a excelência cedo!" Pelo menos isso é o que o panfleto dizia.

A banda parou de tocar. Um cara em um terno de risca de giz foi até o microfone e começou a falar, mas o som ecoou ao redor do ginásio, então eu não fazia ideia sobre o que ele estava falando. Poderia ter sido um gargarejo.

Alguém agarrou meu ombro.

— O que você está fazendo aqui?

Era ela: meu pesadelo ruivo.

— Rachel Elizabeth Dare — falei.

Seu queixo caiu como se ela não pudesse acreditar que eu tivesse a coragem de lembrar o nome dela.

— E você é Percy alguma coisa. Eu não peguei seu nome inteiro em dezembro passado quando você tentou me *matar*.

— Olha, eu não estava... eu não queria... O que *você* está fazendo aqui?

— O mesmo que você, acho. Orientação.

— Você mora em Nova York?

— O que, você pensou que eu vivia na Represa Hoover?

Isso nunca me ocorreu. Sempre que eu pensava nela (e eu *não* estou dizendo que eu *pensava* nela; ela só atravessava minha mente de vez em quando, ok?), eu sempre imaginei que ela vivia na área da Represa Hoover, já que foi lá que eu a conheci. Tínhamos passado talvez dez minutos juntos, e nesse tempo eu acidentalmente a golpeara com minha espada, ela salvara a minha vida e eu tinha fugido sendo perseguido por um bando de máquinas de matar sobrenaturais. Um típico encontro casual.

— Ei, calem a boca. As líderes de torcida estão falando! — sussurrou um cara atrás de nós.

— Oi, gente! — disse uma garota no microfone. Era a loira que eu vira na entrada. — Meu nome é Tammi, e o dela é Kelli.

Kelli deu um mortal.

Próxima a mim, Rachel gritou como se alguém tivesse enfiado um alfinete nela. Alguns garotos olharam e riram entre dentes, mas apenas Rachel encarou as líderes de torcida com horror. Tammi não pareceu notar o acesso. Ela começou a falar sobre todas as atividades maravilhosas nas quais poderíamos nos envolver durante nosso primeiro ano.

— Corra — disse Rachel. — Agora.

— Por quê?

Rachel não explicou. Ela abriu caminho até a beirada da arquibancada, ignorando os professores de sobrancelhas franzidas e os garotos resmungões nos quais ela estava pisoteando.

Eu hesitei. Tammi estava explicando como estávamos prestes a nos separar em pequenos grupos e fazer um passeio pela escola. Kelli captou meu olhar e sorriu largamente para mim, como se ela estivesse esperando para ver o que eu ia fazer. Iria parecer ruim se eu saísse agora. Paul Blofis estava lá com o resto dos professores. Ele iria se perguntar o que estava errado.

Então pensei em Rachel Elizabeth Dare, e na habilidade especial que ela mostrara inverno passado na Represa Hoover. Ela tinha sido capaz de ver um grupo de guardas de segurança que não eram guardas na verdade, que não eram sequer humanos. Com meu coração batendo, eu me levantei e a segui para fora do ginásio.

Eu achei Rachel na sala de música. Ela estava escondida atrás de um tambor na seção de percussão.

— Venha aqui! — disse ela. — Mantenha sua cabeça baixa!

Eu me senti muito bobo me escondendo atrás de um bando de tambores, mas me agachei ao lado dela.

— Elas te seguiram? — perguntou Rachel.

— Você quer dizer as líderes de torcida?

Ela assentiu nervosamente.

— Eu acho que não — falei. — O que são elas? O que você viu?

Seus olhos verdes brilhavam de medo. Ela tinha muitas de sardas no rosto, o que me lembrava constelações. Em sua camiseta marrom estava escrito DEPARTAMENTO DE ARTE DE HARVARD.

— Você... você não iria acreditar em mim.

— Ah, sim, eu iria — prometi. — Eu sei que você pode ver através da Névoa.

— Da o quê?

— Da Névoa. É... bem, é como um véu que esconde a forma como as coisas realmente são. Alguns mortais nascem com a capacidade de ver através dela. Como você.

Ela me estudou atentamente.

— Você fez isso na Represa Hoover. Você me chamou de mortal. Como se você não fosse.

Tive vontade de socar um tambor. O que eu estava pensando? Eu jamais poderia explicar. Eu não deveria sequer tentar.

— Me diga — implorou ela. — Você sabe o que isso significa. Todas essas coisas horríveis que eu vejo?

— Olhe, isso vai parecer estranho. Você sabe alguma coisa sobre mitos gregos?

— Como... o Minotauro e a Hidra?

— É, só tente não dizer esses nomes quando estou por perto, ok?

— E as Fúrias — disse ela, animando-se. — E as sereias, e...

— Ok!

Eu olhei ao redor da sala de música, certo de que Rachel ia fazer um bando de nojentos sedentos de sangue saírem das paredes; mas nós ainda estávamos sozinhos.

Abaixo no corredor, eu ouvi uma multidão de garotos e garotas saindo do ginásio. Eles estavam começando o passeio em grupos. Nós não tínhamos muito tempo para conversar.

— Todos esses monstros — falei — todos os deuses gregos... eles são reais.

— Eu sabia!

Eu teria ficado mais confortável se ela me chamasse de mentiroso, mas Rachel demonstrava que eu só confirmara a sua pior suspeita.

— Você não sabe o quanto tem sido difícil — disse ela. — Durante anos eu pensei que estava enlouquecendo. Eu não podia dizer a ninguém. Eu não podia... — os olhos dela se estreitaram. — Espere. Quem é você? Quero dizer quem *realmente* é você?

— Eu não sou um monstro.

— Bem, eu sei disso. Eu poderia *ver* se você fosse. Você parece... você. Mas você não é humano, é?

Eu engoli em seco. Mesmo tendo três anos para me habituar a quem eu era, eu nunca falara sobre isso com um mortal normal antes, quer dizer, exceto com minha mãe, mas ela já sabia. Não sei por quê, mas arrisquei.

— Eu sou um meio-sangue — falei. — Sou meio humano.

— E metade o quê?

Neste exato momento Tammi e Kelli entraram na sala de música. As portas bateram e fecharam atrás delas.

— Aí está você, Percy Jackson — disse Tammi. — É hora da sua orientação.

— Elas são horríveis! — ofegou Rachel.

Tammi e Kelli ainda estavam vestindo o traje roxo e branco de líderes de torcida, segurando pompons da apresentação.

— Qual a aparência real delas? — perguntei, mas Rachel parecia atordoada demais para responder.

— Ah, esqueça-a. — disse Tammi, sorrindo brilhante para mim.

Ela começou a andar em nossa direção. Kelli ficou perto das portas, bloqueando a nossa saída.

Elas nos cercaram. Eu sabia que nós teríamos que lutar para sair, mas o sorriso de Tammi era tão deslumbrante que me distraía. Seus olhos azuis eram lindos, e a forma como seus cabelos caiam sobre seus ombros...

— Percy — alertou Rachel.

Eu disse algo realmente inteligente como:

— Hã?

Tammi foi chegando mais perto. Ela ergueu seus pompons.

— Percy! — A voz de Rachel parecia vir de um lugar distante. — Acorde!

Precisou de toda a minha força de vontade, mas eu tirei minha caneta de dentro do meu bolso e a destampei. Contracorrente cresceu em uma espada de bronze com noventa centímetros de comprimento, sua lâmina brilhava com uma fraca luz dourada. O sorriso de Tammi transformou-se em ódio.

— Ah, qual — protestou ela. — Você não precisa disso. Que tal um beijo em vez disso?

Ela cheirava a rosas e pelo de animal limpo, um cheiro estranho, mas de alguma forma intoxicante.

Rachel beliscou meu braço, com força.

— Percy, ela quer morder você! Olhe para ela!

— Ela está com inveja — Tammi olhou para Kelli. — Posso, senhora?

Kelli ainda estava bloqueando a porta, lambendo seus lábios, faminta.

— Vá em frente, Tammi. Você está indo bem.

Tammi deu outro passo à frente, mas eu levantei a ponta da minha espada em seu peito.

— Recue.

Ela rosnou.

— Calouros — disse ela com nojo. — Esta é *nossa* escola, meio-sangue. Nós nos alimentamos de quem nós escolhermos.

Então ela começou a mudar. A cor foi drenada de seu rosto e braços. Sua pele se tornou branca como giz, seus olhos completamente vermelhos. Seus dentes cresceram em presas.

— Uma vampira! — gaguejei.

Então notei suas pernas. Por baixo da sua saia de líder de torcida, sua perna esquerda era marrom e peluda com um casco de burro. Sua perna direita era moldada como uma perna humana, mas era feita de bronze.

— Hã, uma vampira com...

— Não mencione as pernas! — interrompeu Tammi. — É rude fazer piada!

Ela avançou nas suas estranhas e incompatíveis pernas. Ela parecia totalmente bizarra, especialmente com os pompons, mas eu não podia rir, não encarando aqueles olhos vermelhos e presas afiadas.

— Você disse uma vampira? — Kelli riu. — Aquela lenda boba foi baseada em nós, seu idiota. Nós somos *empousai*, servas de Hécate.

— Mmmm. — Tammi chegou mais perto de mim. — Magia negra nos formou a partir de animais, bronze e fantasma! Nós existimos para nos alimentarmos do sangue de jovens homens. Agora venha e me dê aquele beijo!

Ela arreganhou suas presas. Eu estava tão paralisado que não pude me mexer, mas Rachel jogou um tambor na cabeça da *empusa*.

O demônio sibilou e rebateu o tambor para longe. Ele foi rolando ao longo do corredor entre os suportes das partituras, com suas molas batendo contra o couro. Rachel jogou um xilofone, mas o demônio só o jogou de lado também.

— Eu não costumo matar meninas — rosnou Tammi. — Mas para você, mortal, eu farei uma exceção. Sua visão é boa demais!

Ela investiu contra Rachel.

— Não! — gritei.

Eu cortei com Contracorrente. Tammi tentou se desviar da minha lâmina, mas eu a fatiei direto através do seu uniforme de líder de torcida, e com um grito horrível ela explodiu em poeira sobre Rachel.

Rachel tossiu. Ela parecia que acabara de ter um saco de farinha despejado sobre cabeça dela.

— Nojento!

— Monstros fazem isso — falei. — Desculpe.

— Você matou minha estagiária! — gritou Kelli. — Você precisa de uma lição sobre espírito escolar, meio-sangue!

Então ela também começou a mudar. Seu cabelo crespo se tornou chamas cintilantes. Seus olhos se tornaram vermelhos. Suas presas cresceram. Ela se voltou para nós, seu pé de bronze e sua pata galopando desigualmente no chão da sala da banda.

— Eu sou a *empusa* mais velha — rosnou ela. — Nenhum herói me derrotou em mil anos.

— É? — falei. — Então você passou da hora!

Kelli era muito mais rápida que Tammi. Ela se esquivou do meu primeiro golpe e rolou para a seção dos metais, derrubando uma fileira de trombones com um tremendo estrondo. Rachel saiu do caminho. Eu me coloquei entre ela e a *empusa*. Kelli nos circundou, os olhos dela indo de mim para a espada.

— Uma espada tão bonita — disse ela. — Que pena que está entre nós.

Sua forma tremeluziu, algumas vezes era um demônio, outras uma bonita líder de torcida. Eu tentei manter minha mente focada, mas aquilo era realmente uma distração.

— Pobrezinho. — disse Kelli, rindo. — Você nem sabe o que está acontecendo, sabe? Logo, seu lindo acampamentozinho estará em chamas, seus amigos serão escravos do Senhor do Tempo, e não há nada que você possa fazer para impedir. Seria misericordioso terminar sua vida agora, antes que você tenha que ver isso.

Do corredor, eu ouvi vozes. Um grupo da excursão estava se aproximando. Um homem estava dizendo alguma coisa sobre combinações de armários.

Os olhos da *empusa* se iluminaram.

— Excelente! Estamos prestes a ter companhia!

Ela pegou uma tuba e jogou em mim. Rachel e eu nos abaixamos. A tuba passou por cima de nossas cabeças e quebrou o vidro da janela.

As vozes no corredor morreram.

— Percy! — gritou Kelli, fingindo estar com medo — por que você jogou aquilo?

Fiquei muito surpreso para responder. Kelli pegou um pedestal de microfone e golpeou uma fila de clarinetes e flautas. Cadeiras e instrumentos musicais caíram no chão.

— Pare! — falei.

As pessoas estavam correndo pelo corredor agora, vindo em nossa direção.

— Hora de cumprimentar nossos visitantes! — disse Kelli.

Ela arreganhou suas presas e foi correndo para a porta. Eu fui atrás dela com Contracorrente. Eu tinha que impedi-la de machucar os mortais.

— Percy, não! — gritou Rachel.

Mas eu não percebi o que Kelli ia fazer até que fosse tarde demais.

Kelli abriu as portas. Paul Blofis e um grupo de calouros deram um passo pra trás em choque. Levantei minha espada.

No último segundo, a *empusa* se virou para mim como uma pobre vítima.

— Ah não, por favor! — disse ela, chorando.

Eu não pude parar minha lâmina. Já estava em movimento.

Pouco antes do bronze celestial atingi-la, Kelli explodiu em chamas como um coquetel Molotov. Ondas de fogo espirraram sobre tudo. Eu nunca vira um monstro fazer aquilo antes, mas eu não tive tempo de pensar sobre isso. Eu voltei para dentro da sala da banda conforme as chamas engoliram a porta.

— Percy? — disse Paul Blofis, olhando para mim através do fogo, parecendo completamente atordoado. — O que você fez?

Garotos gritavam e corriam pelo corredor. O alarme de incêndio disparou. Os regadores do teto ganharam vida.

No caos, Rachel puxou a minha manga.

— Você tem que sair daqui!

Ela tinha razão. A escola estava em chamas e eu seria responsabilizado. Mortais não podem ver através da Névoa corretamente. Para eles iria parecer que eu acabara de atacar uma indefesa líder de torcida na frente de um grupo de testemunhas. De

forma alguma eu conseguiria explicar isso. Eu me afastei de Paul e corri para a janela quebrada da sala de música.

Eu surgi para fora do beco na 81 Leste e dei de cara com Annabeth.

— Ei, você saiu mais cedo! — ela riu, agarrando meus ombros para evitar que eu caísse na rua. — Olhe pra onde anda, Cabeça de Alga.

Por meio segundo ela estava de bom humor e tudo estava bem. Ela estava vestindo jeans, uma camiseta laranja do acampamento e seu colar de contas de argila. Seu cabelo loiro estava preso em um rabo de cavalo. Seus olhos cinzentos brilhavam. Ela parecia que estava pronta para assistir a um filme e ter uma tarde legal saindo juntos.

Então Rachel Elizabeth Dare, ainda coberta de poeira de monstro, saiu do beco gritando:

— Percy, espere!

O sorriso de Annabeth derreteu. Ela encarou Rachel, e depois a escola. Pela primeira vez, ela pareceu notar a fumaça preta e o toque do alarme de incêndio.

Ela franziu as sobrancelhas para mim.

— O que você fez desta vez? E quem é essa?

— Ah, Rachel... Annabeth. Annabeth... Rachel. Hã, ela é uma amiga, eu acho.

Eu não tinha certeza do que chamar Rachel. Quer dizer, eu mal a conhecia, mas depois de estar em duas situações de vida ou morte juntos, eu não podia simplesmente dizer que era ninguém.

— Oi — disse Rachel. Então ela se virou para mim. — Você está muito encrencado. E você ainda me deve uma explicação!

Sirenes de carros de polícia soaram na FDR Drive.

— Percy — disse Annabeth friamente. — Nós devemos ir.

— Eu quero saber mais sobre meio-sangues — insistiu Rachel. — E monstros. E esta coisa sobre os deuses. — Ela agarrou meu braço, tirando depressa um marcador permanente, e escreveu um número de telefone na minha mão. — Você vai me ligar e explicar, ok? Você me deve isso. Agora vá.

— Mas...

— Eu vou inventar alguma história — disse Rachel. — Eu vou dizer a eles que não foi sua culpa. Vá!

Ela correu de volta para a escola, deixando Annabeth e eu na rua.

Annabeth me encarou por um segundo, então se virou e correu.

— Ei! — Corri atrás dela. — Havia essas duas *empousai* — tentei explicar. — Eram líderes de torcida e elas disseram que o acampamento vai pegar fogo, e...

— Você disse a uma garota mortal sobre meio-sangues?

— Ela pode ver através da Névoa. Ela viu os monstros antes de mim.

— Então você lhe disse a verdade?

— Ela me reconheceu da Represa Hoover, então...

— Você *já* a conhecia?

— Hã, do inverno passado. Mas sério, eu mal a conheço.

— Ela é bonitinha.

— E-Eu nunca pensei sobre isso.

Annabeth continuou andando em direção à Avenida York.

— Eu vou lidar com a escola — prometi ansioso para mudar o assunto. — Honestamente, vai ficar tudo bem.

Annabeth nem mesmo olhava pra mim.

— Eu acho que nossa tarde já era. Melhor tirarmos você daqui, agora que a polícia irá sair a sua procura.

Atrás de nós, fumaça ondeava do Colégio Goode. Nas escuras colunas de cinzas, eu achei que quase pude ver um rosto, um demônio com olhos vermelhos, rindo de mim.

Seu lindo acampamentozinho em chamas, dissera Kelli. *Seus amigos serão transformados em escravos do Senhor do Tempo.*

— Você está certa — falei para Annabeth, com meu coração afundando. — Nós temos que ir para o Acampamento Meio-Sangue. *Agora*.

DOIS

O MUNDO INFERIOR ME LIGA A COBRAR

Nada completaria melhor a manhã perfeita do que uma longa corrida de táxi com uma garota irritada.

Eu tentei falar com Annabeth, mas ela estava agindo como se eu tivesse batido na avó dela. As únicas coisas que eu consegui descobrir foi que ela teve uma primavera infestada de monstros em São Francisco; ela voltara ao acampamento duas vezes desde o natal, mas não ia me contar por que (o que meio que me deixou curioso, porque ela sequer me dissera que estava em Nova York); e ela não tinha descoberto nada sobre o paradeiro de Nico di Angelo (longa história).

— Alguma notícia de Luke? — perguntei.

Ela balançou a cabeça. Eu sabia que era um assunto delicado pra ela. Annabeth sempre admirou Luke, o antigo conselheiro-chefe do chalé de Hermes, que tinha nos traído e se juntado ao titã Cronos. Ela não admitiria isso, mas eu sabia que ela ainda gostava dele. Quando nós lutamos contra ele no Monte Tamalpais no último inverno, ele tinha sobrevivido de algum jeito a uma queda de quarenta metros de um penhasco. Agora, até onde eu sabia, ele ainda estava navegando seu barco infestado de monstros, enquanto Cronos estava se recompondo de sua mutilação, pedaço por pedaço, em um sarcófago de ouro, esperando até ter forças para desafiar os deuses olimpianos. No vocabulário semideus nós chamamos isso de "problema".

— O Monte Tam ainda está lotado de monstros — disse Annabeth. — Eu não arrisquei chegar muito perto, mas eu acho que Luke não está lá. Acho que eu saberia se ele estivesse.

Isso não fez eu me sentir muito melhor.

— E Grover?

— Ele está no acampamento — disse ela. — Nós o veremos hoje.

— Ele teve alguma sorte? Digo, na busca por Pã?

Annabeth tocou as contas em seu pescoço, do jeito que ela faz quando está preocupada.

— Você vai ver — disse ela.

Assim que passamos pelo Brooklyn, eu usei o celular de Annabeth para ligar para minha mãe. Meio-sangues tentam não usar celulares se puderem evitar, pois falar ao celular é como mandar uma mensagem aos monstros: *Eu estou aqui! Por favor, me coma agora!* Mas imaginei que esta ligação era importante. Eu deixei uma mensagem na nossa secretária tentando explicar o que tinha acontecido na Goode. Provavelmente eu não fiz um bom trabalho. Eu disse a minha mãe que estava bem, que ela não deveria se preocupar, mas que eu ia ficar no acampamento até as coisas se acalmarem. Também pedi a ela que dissesse ao Paul Blofis que eu sentia muito.

Nós ficamos em silêncio após aquilo. A cidade passou por nós até que estávamos fora da rodovia, indo pelo norte de Long Island, passando por plantações, vinhedos e barracas de frutas.

Eu olhei para o número de celular que Rachel Elizabeth Dare tinha rabiscado na minha mão. Eu sabia que era loucura, mas pensei em ligar para ela. Talvez ela pudesse me ajudar a entender sobre o que aquela *empusa* estivera falando, sobre o acampamento queimando e meus amigos sendo aprisionados. E por que Kelli explodiu em chamas?

Eu sabia que monstros nunca morriam de verdade. Eventualmente, talvez em semanas, meses ou anos, Kelli se reformaria a partir da força primordial do Mundo Inferior. Mas ainda assim monstros não se deixavam destruir tão facilmente. Se é que ela realmente *fora* destruída.

O taxi saiu na Rodovia 25 A. Nós passamos pelas florestas ao longo de North Shore até que colinas baixas apareceram à nossa esquerda. Annabeth pediu ao motorista que parasse em Estrada rural 3.141, na base da Colina Meio-Sangue.

O motorista franziu a testa.

— Não tem nada aqui, senhorita. Você tem certeza que quer sair?

— Sim, por favor — disse Annabeth, atirando um rolo de dinheiro mortal.

O taxista decidiu não discutir.

Annabeth e eu subimos até o topo da colina. O jovem dragão guardião estava cochilando, enrolado em torno do pinheiro, mas ele mexeu sua cabeça conforme nos

aproximávamos e deixou Annabeth acariciar seu queixo. Ele ronronava e dava piscadelas prazerosamente.

— Oi, Peleu — disse Annabeth. — Mantendo tudo seguro?

Da última vez que eu vira o dragão ele estava com dois metros. Agora ele estava com pelo menos o dobro disso, e da grossura da própria árvore. Acima de sua cabeça, no galho mais baixo do pinheiro, o Velocino de Ouro reluzia, protegendo as fronteiras do acampamento contra invasões com sua mágica. O dragão parecia relaxado, como se tudo estivesse bem. Abaixo de nós o Acampamento Meio-Sangue parecia pacífico, com campos e florestas verdes e construções gregas brancas reluzentes. Uma casa de fazenda de quatro andares que chamávamos de Casa Grande situada no centro dos campos de morango. Ao Norte, depois da praia, o Estuário de Long Island brilhava à luz do sol.

Ainda assim... algo parecia errado. Havia tensão no ar, como se a própria colina estivesse prendendo a respiração, esperando algo ruim acontecer.

Descemos o vale e encontramos o acampamento de verão em plena atividade. Grande parte dos campistas chegara na última sexta-feira, então eu já me sentia deslocado. Os sátiros estavam tocando suas flautas nos campos de morango, fazendo as plantas crescerem com mágica dos bosques. Campistas estavam tendo aulas de montaria, passando sobre as árvores em seus pégasos. Fumaça subia das fornalhas, e martelos soavam enquanto garotos faziam suas próprias armas para Artes e Ofícios. Os times de Atena e Deméter estavam apostando uma corrida de bigas em torno da pista, e no lago de canoagem alguns campistas em um trirreme grego lutavam com uma serpente marinha grande e laranja. Um típico dia no acampamento.

— Preciso falar com Clarisse — disse Annabeth.

Eu olhei para ela como se ela tivesse acabado de dizer: *Eu preciso comer uma bota grande e fedorenta.*

— Pra quê?

Clarisse, do chalé de Ares, era uma das pessoas de quem eu menos gostava. Ela era uma miserável e ingrata valentona. Seu pai, o deus da guerra, queria me matar. Ela tentava me massacrar regularmente. Fora isso ela era ótima.

— Nós estamos trabalhando em algo — disse Annabeth. — Vejo você depois.

— Trabalhando em quê?

Annabeth se voltou para o bosque.

— Vou falar para Quíron que você está aqui — disse ela. — Ele vai querer falar com você antes da audiência.

— Que audiência?

Mas ela correu pelo caminho em direção ao campo de arco e flecha sem olhar para trás.

— É — murmurei. — Legal falar com você também.

Enquanto eu andava pelo acampamento, cumprimentei alguns amigos. Na estrada para a Casa Grande, Connor e Travis Stoll do chalé de Hermes estavam fazendo ligação direta na caminhonete do acampamento. Silena Beauregard, conselheira-chefe do chalé de Afrodite, acenou para mim de seu pégaso quando voou por mim. Eu procurei por Grover, mas não o vi. Finalmente eu chequei a arena de combates, aonde eu geralmente vou quando estou de mau humor. Praticar com a espada sempre me acalma. Talvez porque esgrima seja uma coisa que eu realmente consiga entender.

Eu entrei no anfiteatro e meu coração quase parou. No meio da arena, de costas para mim, estava o maior cão infernal que eu já tinha visto.

Digo, eu já vi uns cães infernais bem grandes. Um do tamanho de um rinoceronte tentou me matar quando eu tinha doze anos. Mas *este* cão era maior que um tanque. Eu não fazia ideia de como ele tinha passado pelas fronteiras mágicas do acampamento. Ele parecia em casa, deitado de barriga, rosnando contente enquanto mascava a cabeça de um boneco de treino. Ele não havia me notado ainda, mas se eu fizesse barulho sabia que ele me perceberia. Não havia tempo para buscar ajuda. Eu destampei Contracorrente.

Eu avancei. Eu levei a espada para baixo, nas enormes costas do monstro, quando, vindo do nada, outra espada bloqueou meu golpe.

CLANG!

O cão infernal levantou as orelhas.

WOOF!

Eu pulei para trás e instintivamente ataquei o espadachim, um homem com cabelos grisalhos em uma armadura grega. Ele desviou meu ataque sem problemas.

— Calma aí! — disse ele. — Trégua!

WOOF! O latido do cão sacudiu toda a arena.

— Isso é um cão infernal! — gritei.

— Ela é inofensiva — disse o homem. — Esta é a Sra. O'Leary.

Eu pisquei.

— Sra. O'Leary?

Ao som de seu nome, o cão infernal latiu novamente. Eu percebi que ela não estava brava. Ela estava animada. Ela empurrou o encharcado e incrivelmente mastigado boneco na direção do espadachim.

— Boa garota — disse o homem. Com sua mão livre ele agarrou a o boneco pelo pescoço e o atirou na direção das arquibancadas. — Pegue o grego! Pegue o grego!

Sra. O'Leary foi atrás de sua presa e atirou-se no boneco, amassando sua armadura. Ela começou a mastigar seu elmo.

O homem sorriu. Ele estava por volta de seus cinquenta anos, acho, com seu cabelo grisalho curto e barba grisalha feita. Ele estava em boa forma para um cara mais velho. Vestia uma calça de caminhada preta e trazia uma armadura de bronze por cima da camiseta do acampamento. Na base do seu pescoço estava uma marca estranha, uma mancha púrpura parecida com uma marca de nascença ou uma tatuagem, mas antes que eu pudesse perceber o que era ele levantou as tiras de sua armadura e a marca desapareceu sob sua gola.

— Sra. O'Leary é meu animal de estimação — explicou ele. — Eu não podia deixar você enfiar uma espada nela, podia? Isso poderia tê-la assustado.

— Quem é você?

— Promete não me matar se eu abaixar a minha espada?

— Acho que sim.

Ele guardou a espada e ergueu a mão.

— Quintus.

Eu apertei sua mão. Era áspera como uma lixa.

— Percy Jackson — falei. — Desculpe por... Como você, hã...

— Consegui um cão infernal como animal de estimação? Longa história, envolvendo muitas quase mortes e alguns brinquedos de morder gigantes. Aliás, eu sou o novo instrutor de espada. Estou ajudando Quíron enquanto o Sr. D está fora.

— Ah. — falei, tentando não encarar enquanto a Sra. O'Leary arrancava o escudo do boneco com o braço ainda atado e balançava como um frisbee. — Espere, o Sr. D está fora?

— Sim, bem... tempos difíceis. Até Dioniso deve ajudar. Ele foi visitar alguns velhos amigos. Certificar-se de que eles estão do lado certo. Eu provavelmente não devo falar mais que isso.

Se Dioniso estava fora, essa era a melhor notícia que eu tivera o dia todo. Ele só era diretor do acampamento porque Zeus o enviara pra cá como punição por perseguir uma ninfa dos bosques proibida. Ele odiava os campistas e tentava fazer nossas vidas infelizes. Com ele fora o verão poderia realmente ser legal. Por outro lado, se Dioniso havia mexido seu traseiro e realmente começado a ajudar os deuses a recrutar contra a ameaça dos titãs, as coisas deviam estar muito ruins.

Na minha esquerda, houve um alto *BUMP*. Seis engradados de madeira do tamanho de mesas de piquenique estavam empilhados, e eles estavam balançando. Sra. O'Leary ergueu a cabeça e avançou na direção das caixas.

— Calma, garota! — disse Quintus. — Esses não são pra você.

Ele a distraiu com o escudo-frisbee de bronze.

As caixas martelavam e sacudiam. Havia palavras impressas nas laterais, mas com minha dislexia eu levei alguns minutos para decifrar:

RANCHO TRIPLO G

FRÁGIL

ESTE LADO PARA CIMA

Ao longo da parte de baixo, em letras menores: ABRA COM CUIDADO. O RANCHO TRIPLO G NÃO SE RESPONSABILIZA POR DANOS PATRIMONIAIS, MUTILAÇÕES OU MORTES EXTREMAMENTE DOLOROSAS.

— O que tem nas caixas? — perguntei.

— Uma pequena surpresa — disse Quintus. — Para o treinamento de amanhã à noite. Vocês vão adorar.

— Hã, tá bom — falei, apesar de não estar certo sobre a parte da *morte extremamente dolorosa.*

Quintus jogou o escudo de bronze, e a Sra. O'Leary se moveu pesadamente atrás dele.

— Vocês jovens precisam de mais desafios. Não existiam acampamentos como este quando eu era um garoto.

— Você... você é um meio-sangue?

Não tive a intenção de parecer surpreso, mas eu nunca vira um semideus velho antes.

Quintus riu baixo.

— Alguns de nós *chegam* à idade adulta. Nem todos nós somos objeto de terríveis profecias.

— Você sabe sobre a minha profecia?

— Eu ouvi algumas coisas.

Eu quis perguntar *quais* coisas, mas neste exato momento apareceu Quíron cavalgando pela arena.

— Percy, aí está você!

Ele devia ter vindo da aula de arco e flecha. Ele tinha um arco e uma aljava sobre sua camiseta CENTAURO Nº 1. Ele tinha cortado o cabelo e feito a barba para o verão, e sua metade inferior, que era um garanhão branco, estava respingada com lama e grama.

— Vejo que você conheceu nosso novo instrutor. — O tom de Quíron era leve, mas havia uma expressão inquietante em seus olhos. — Quintus, você se importa se eu pegar Percy emprestado?

— Nem um pouco, mestre Quíron.

— Não há necessidade de me chamar de "mestre" — disse Quíron, apesar de ter soado satisfeito. — Venha Percy. Temos muito a discutir.

Eu dei mais uma olhada na Sra. O'Leary, que agora estava mastigando as pernas do boneco.

— Bem, até mais — falei para Quintus.

Enquanto andávamos sussurrei para Quíron.

— Quintus parece meio...

— Misterioso? — sugeriu Quíron. — Difícil de ler?

— É.

Quíron assentiu.

— Um meio-sangue muito qualificado. Ótimo espadachim, eu só desejaria entender...

O que fosse que ele ia dizer, ele aparentemente mudou de ideia.

— Prioridades primeiro, Percy. Annabeth me disse que você encontrou algumas *empousai.*

— É.

Eu contei sobre a luta na Goode, e como Kelli explodiu em chamas.

— Hum — disse Quíron. — Os mais poderosos podem fazer isso. Ela não morreu, Percy. Ela simplesmente escapou. Não é bom que demônios estejam se agitando.

— O que elas estavam fazendo lá? — perguntei. — Esperando por mim?

— Possivelmente. — Quíron franziu as sobrancelhas. — É surpreendente que você tenha sobrevivido. Os poderes de enganação delas... quase qualquer herói homem teria caído diante do feitiço e sido devorado.

— Eu teria sido — admiti. — Se não fosse por Rachel.

Quíron assentiu.

— Irônico ser salvo por uma mortal, contudo estamos em débito com ela. O que a *empusa* disse sobre um ataque ao acampamento... devemos falar mais sobre isso. Mas agora venha, devemos ir para a floresta. Grover vai querer você lá.

— Onde?

— Na audiência formal dele — disse Quíron sombriamente. — O Conselho dos Anciões de Casco Fendido está se reunindo para decidir o destino dele.

separadorp" |

Quíron disse que precisávamos nos apressar, então eu o deixei me dar uma carona em suas costas. Conforme passávamos pelos chalés, eu dei uma olhada no refeitório, um pavilhão grego sem teto em uma colina com vista para o mar. Era a primeira vez que via o lugar desde o último verão e isso me trouxe memórias ruins.

Quíron foi em direção à floresta. Ninfas espiaram para fora de suas árvores para nos ver passar. Grandes formas farfalharam nas sombras – monstros que estocávamos aqui como um desafio para os campistas.

Eu achava que conhecia os bosques muito bem depois de jogar captura da bandeira aqui por dois verões, mas Quíron pegou um caminho que eu não reconheci, através de um túnel de velhos salgueiros, por uma pequena queda d'água e para dentro de uma clareira coberta com flores selvagens.

Um bando de sátiros estava sentado em círculo na grama. Grover estava de pé no meio, de frente para três sátiros velhos e bem gordos sentados em tronos feitos de ramos de roseiras. Eu nunca vira os três velhos sátiros antes, mas imaginei que eles deviam ser o Conselho dos Anciões de Casco Fendido.

Grover parecia estar contando a eles uma história. Ele torcia a barra da camiseta, movendo seu peso nervosamente de um casco para outro. Ele não tinha mudado

muito desde o último inverno, talvez porque sátiros envelhecem na metade do tempo dos humanos. Suas espinhas reapareceram. Seus chifres tinham crescido um pouco de forma que apareciam entre seu cabelo cacheado. Percebi que agora eu era mais alto do que ele.

Sentadas de um lado do círculo estavam Annabeth, outra garota que eu nunca vira antes e Clarisse. Quíron me deixou perto delas.

O cabelo castanho pegajoso de Clarisse estava preso por uma bandana camuflada. Se possível, ela parecia ainda maior, como se estivesse malhando. Ela olhou pra mim e murmurou:

— Pirralho.

Deveria significar que ela estava de bom humor. Geralmente ela diz oi tentando me matar.

Annabeth tinha um braço em volta da outra garota, que parecia ter estado chorando. Ela era pequena – delicada, acho que você poderia chamar assim – com cabelo fino cor de âmbar e uma face élfica bonita. Ela vestia uma túnica verde e sandálias de tira, e estava secando seus olhos com um lenço.

— Isso está indo muito mal — choramingou ela.

— Não, não — disse Annabeth, acariciando seus ombros. — Ele vai ficar bem, Juníper.

Annabeth olhou pra mim e moveu seus lábios formando as palavras: *a namorada de Grover.*

Pelo menos acho que foi isso que ela disse, mas aquilo não fazia o menor sentido. Grover com uma namorada? Então eu olhei para Juníper com mais atenção, e percebi que suas orelhas eram levemente pontudas. Seus olhos, ao invés de estarem vermelhos por chorar, estavam tingidos de verde, da cor de clorofila. Ela era uma ninfa do bosque – uma dríade.

— Senhor Underwood! — gritou o membro do conselho à direita, interrompendo o que Grover estava tentando dizer. — O senhor espera mesmo que acreditemos nisso?

— M-mas Sileno — gaguejou Grover. — É a verdade!

O cara do conselho, Sileno, virou para seus colegas e resmungou algo. Quíron trotou até a frente e ficou em pé próximo a eles. Lembrei que ele era um membro honorário do conselho, mas nunca tinha pensado muito nisso. Os anciões não eram muito impressionantes. Eles me lembravam bodes de zoológico – barrigas grandes,

expressões sonolentas e olhos vidrados que não conseguiam ver além de um punhado de ração para bode. Eu não sabia porque Grover estava tão nervoso.

Sileno puxou sua camisa polo amarela por cima da barriga e se ajustou em seu trono de roseira.

— Senhor Underwood, por seis meses, *seis meses*, estivemos ouvindo esses boatos escandalosos sobre você ter ouvido o deus da natureza Pã falar.

— Mas eu ouvi.

— Mentiras! — disse o ancião da esquerda.

— Maron — disse Quíron. — Tenha paciência.

— Com certeza devo! — disse Maron. — Eu estou com essa tolice até os chifres. Como se o deus da natureza fosse falar com... com *ele*.

Juníper parecia querer socar o velho sátiro, mas Annabeth e Clarisse a seguraram.

— Briga errada, mocinha — murmurou Clarisse. — Espere.

Eu não sabia o que me surpreendia mais: Clarisse evitando que alguém brigasse, ou o fato que ela e Annabeth, que se odiavam, quase pareciam estar trabalhando juntas.

— Por seis meses — continuou Sileno — temos sido bondosos, senhor Underwood. Deixamos você viajar. Permitimos que você mantivesse sua licença de buscador. Esperamos você trazer provas das suas ridículas alegações. E o que você achou em seis meses de busca?

— Eu só preciso de mais tempo — pediu Grover.

— Nada! — respondeu o ancião no trono do meio. — Você não achou nada.

— Mas, Leneu...

Sileno levantou sua mão. Quíron se inclinou e disse algo aos sátiros. Os sátiros não pareciam felizes. Eles resmungaram e discutiram entre eles, mas Quíron disse mais alguma coisa, e Sileno suspirou. Ele assentiu relutantemente.

— Senhor Underwood — anunciou Sileno — nós lhe daremos mais uma chance.

Grover se alegrou.

— Muito obrigado!

— Mais uma semana.

— O quê? Mas, senhor! Isso é impossível!

— Mais uma semana, senhor Underwood. E então, se você não conseguir provar suas alegações, será tempo de escolher outra carreira. Algo que se adapte aos seus

talentos dramáticos. Talvez teatro de fantoches. Ou sapateado.

— Mas senhor, eu... eu não posso perder minha licença de buscador. Minha vida inteira...

— Esta reunião do conselho está encerrada — disse Sileno. — E agora nos deixe aproveitar nossa refeição do meio-dia!

Os anciões bateram palmas, e várias ninfas saíram de suas árvores com travessas de vegetais, frutas, latas de alumínio, e outras delícias de bode. Os sátiros saíram do círculo e avançaram na comida. Grover se dirigiu desanimado até nós. Sua camiseta azul claro tinha um desenho de um sátiro nela e escrito TEM CASCOS?

— Oi, Percy — disse ele, tão deprimido que nem sequer se ofereceu para apertar minha mão. — Não foi tal mal, né?

— Esses bodes velhos! — disse Juníper. — Ah, Grover, eles não sabem o quanto você tentou!

— Existe outra opção. — disse Clarisse sombriamente.

— Não, não! — Juníper balançou a cabeça. — Grover, eu não vou deixar.

Seu rosto estava pálido.

— Eu... eu pensei sobre isso. Mas nós sequer sabemos aonde procurar.

— Do que vocês estão falando? — perguntei.

Ao longe, uma trombeta de concha soou.

Annabeth franziu os lábios.

— Eu vou te explicar mais tarde, Percy. Melhor voltarmos aos chalés. A inspeção está começando.

Não parecia justo que eu tivesse inspeção de chalé quando tinha acabado de chegar ao acampamento, mas era assim que funcionava. Toda tarde um dos conselheiros-chefe passava com um pergaminho com uma lista de checagem. O melhor chalé ficava com o primeiro horário de banho, o que significava água quente garantida. O pior fazia trabalhos na cozinha após o jantar.

O meu problema: geralmente eu era o único no chalé de Poseidon, e eu não era exatamente o que se pode chamar de organizado. As harpias da limpeza só vinham no último dia do verão, então meu chalé deveria estar como eu tinha deixado no inverno: os papéis de doces e salgadinhos ainda no meu beliche, minha armadura da captura da bandeira jogada aos pedaços por todo o chalé.

Eu corri na direção da área comum, onde os doze chalés – um para cada deus olimpiano – formavam um U ao redor do gramado central. Os filhos de Deméter estavam varrendo o deles e fazendo flores crescerem nos vasos das janelas. Só de estalar os dedos eles podiam fazer crescer madressilva em cima da porta e margaridas cobrirem o teto, o que era totalmente injusto. Eu não acho que eles alguma vez pegaram o último lugar na inspeção. Os filhos de Hermes estavam correndo em pânico, escondendo roupa suja embaixo dos beliches e acusando um ao outro de roubo. Eles eram desajeitados, mas ainda tinham vantagem sobre mim.

No chalé de Afrodite, Silena Beauregard estava justamente saindo, checando itens no pergaminho de inspeção. Murmurei um xingamento. Silena era legal, mas ela era maníaca por limpeza, a pior inspetora. Ela gostava que as coisas fossem bonitas. Eu não fazia "bonito". Eu quase podia sentir meus braços ficando pesados de tantos pratos que eu teria que lavar esta noite.

O chalé de Poseidon estava no final do "lado masculino" dos chalés no lado direito do gramado. Era feito de pedras marinhas cinzas com conchas incrustadas, longo e baixo como um paiol, mas tinha janelas viradas para o mar, e sempre tinha uma boa brisa passando por elas.

Eu entrei, imaginando se poderia fazer um rápido trabalho de limpeza embaixo-da-cama como os caras de Hermes, então eu vi meu meio-irmão Tyson varrendo o chão.

— Percy! — gritou ele.

Ele soltou a vassoura e correu até mim. Se você nunca foi abraçado por um ciclope entusiasmado vestido com um avental florido e luvas de borracha, eu te digo, vai te acordar rapidinho.

— Ei, Grandão! — falei. — Opa, cuidado com as costelas. As costelas!

Eu consegui sobreviver ao seu abraço de urso. Ele me colocou no chão, sorrindo loucamente, seu único olho castanho estava cheio de animação. Seus dentes estavam amarelos e tortos como sempre, e seu cabelo era um ninho de rato. Ele vestia jeans tamanho GGG esfarrapado, e uma camisa xadrez rasgada por baixo do avental, mas ele ainda era um colírio para os olhos. Eu não o via por quase um ano, desde que ele foi trabalhar nas forjas dos ciclopes no mar.

— Você está bem? — perguntou ele. — Não foi comido por monstros?

— Nem mesmo um pedacinho.

Mostrei que ainda tinha dois braços e ambas as pernas, e Tyson aplaudiu feliz.

— Legal! — disse ele. — Agora podemos comer sanduíches de manteiga de amendoim e montar peixes-pôneis! Podemos lutar com monstros e ver Annabeth fazer coisas irem BOOM!

Eu esperava que ele não quisesse dizer tudo ao mesmo tempo, mas eu disse a ele que absolutamente, nós teríamos muita diversão neste verão. Eu não pude evitar sorrir, ele estava tão animado com tudo.

— Mas primeiro — falei — temos que nos preocupar com a inspeção. Nós devemos...

Então eu olhei em volta e vi que Tyson tinha estado ocupado. O chão estava varrido. As camas dos beliches feitas. A fonte de água salgada havia sido limpa de forma que o coral brilhava. Nos parapeitos das janelas, Tyson colocara vasos cheios de água com anêmonas do mar e estranhas plantas do fundo do mar que brilhavam, mais bonitas que qualquer buquê de flores que o chalé de Deméter poderia fazer.

— Tyson, o chalé está... ótimo!

Ele sorriu.

— Você viu os peixes-pôneis? Eu os coloquei no teto!

Um bando de miniaturas de hipocampos de bronze estava pendurado no teto, de forma que parecia que nadavam no ar. Eu não podia acreditar que Tyson, com suas mãos enormes, pudesse fazer coisas tão delicadas. Então eu olhei para o meu beliche, e vi meu antigo escudo pendurado na parede.

— Você consertou!

O escudo tinha sido seriamente danificado no último inverno em um ataque de manticora. Mas agora estava perfeito novamente – sem um arranhão. Todas as figuras de bronze, minhas aventuras com Tyson e Annabeth no Mar de Monstros estavam polidas e brilhando.

Eu olhei para Tyson. Não sabia como agradecê-lo.

Então alguém atrás de mim disse:

— Minha nossa.

Silena Beauregard estava parada na porta com seu pergaminho de inspeção. Ela entrou no chalé, deu uma volta rápida, então ergueu as sobrancelhas para mim.

— Bem, eu tive minhas dúvidas. Mas você limpou tudo satisfatoriamente, Percy. Eu me lembrarei disso.

Ela piscou pra mim e saiu.

Tyson e eu passamos a tarde colocando o papo em dia, o que foi bom depois de uma manhã sendo atacado por líderes de torcida demoníacas.

Nós fomos até a forja e ajudamos Beckendorf, do chalé de Hefesto, no trabalho com metais. Tyson nos mostrou como ele aprendeu a confeccionar armas mágicas. Ele fez um machado de batalha de lâmina dupla brilhante tão rápido que até Beckendorf ficou impressionado.

Enquanto trabalhava, Tyson nos contou sobre seu ano debaixo d'água. Seu olho se iluminou quando ele descreveu as forjas dos ciclopes e o palácio de Poseidon, mas ele também nos contou o quão tensas as coisas estavam. Os antigos deuses do mar, os que comandavam durante a era dos titãs, estavam começando uma guerra contra nosso pai. Quando Tyson partiu, batalhas aconteciam por todo o Atlântico. Ouvir isso me deixou ansioso, como se eu devesse estar ajudando, mas Tyson me assegurou que papai queria nós dois no acampamento.

— Muitas pessoas más acima do mar também — disse Tyson. — Podemos fazer elas irem BOOM!

Depois das forjas, ficamos um tempo no lago de canoagem com Annabeth. Ela estava realmente feliz por ver Tyson, mas eu sabia que ela estava distraída. Ela não parava de olhar para a floresta, como se estivesse pensando no problema de Grover com o conselho. Eu não podia culpá-la. Grover não estava à vista, e eu me sentia realmente mal por ele. Achar o deus perdido Pã era seu objetivo na vida. Seu pai e seu tio desapareceram seguindo o mesmo sonho. No último inverno, Grover ouvira uma voz em sua mente: *Espero por você* – uma voz que ele tinha certeza pertencer a Pã – mas aparentemente sua busca levara a lugar nenhum. Se o conselho anulasse sua licença de buscador agora, ele ficaria arrasado.

— Qual é a "outra opção"? — perguntei para Annabeth. — A que Clarisse mencionou?

Ela pegou uma pedra e arremessou no lago.

— Algo que Clarisse descobriu. Eu a ajudei um pouco durante esta primavera. Mas seria perigoso. Especialmente para Grover.

— O garoto-bode me assusta — murmurou Tyson.

Eu o encarei. Tyson tinha enfrentado touros flamejantes, monstros marinhos e canibais gigantes.

— Por que você ficaria assustado com Grover?

— Cascos e chifres — murmurou Tyson nervosamente. — E pelo de bode faz meu nariz coçar.

Isso acabou encerrando nossa conversa sobre Grover.

Antes do jantar, Tyson e eu fomos até a arena de esgrima. Quintus estava feliz em ter companhia. Ele ainda não me contou o que estava nas caixas, mas me ensinou alguns movimentos com a espada. O cara era bom. Ele lutava como algumas pessoas jogam xadrez – como se ele colocasse todos os movimentos juntos e você não conseguia ver o padrão até que ele desse o golpe final e ganhasse com a espada na sua garganta.

— Boa tentativa — disse-me ele. — Mas sua guarda está muito baixa.

Ele investiu e eu bloqueei.

— Você sempre foi um espadachim? — perguntei.

Ele desviou meu ataque pelo alto.

— Eu já fui muitas coisas.

Ele golpeou e eu esquivei para o lado. A alça da sua armadura escorregou, e eu vi aquela marca em seu pescoço – a mancha roxa. Mas não era uma marca comum. Tinha uma forma definida – um pássaro com as asas dobradas, como uma codorna ou algo do tipo.

— O que é isso no seu pescoço? — perguntei.

provavelmente era uma pergunta rude, mas você pode culpar minha TDAH. Eu tendo a despejar as coisas.

Quintus perdeu o ritmo. Eu bati no cabo da sua espada e derrubei a lâmina da mão dele.

Ele esfregou os dedos. Então arrumou a armadura para cobrir a marca. Não era uma tatuagem, percebi. Era uma velha queimadura... como se ele tivesse sido marcado.

— Um lembrete. — Ele pegou sua espada e forçou um sorriso. — Agora, vamos de novo?

Ele me pressionou pra valer, não dando chance para mais perguntas.

Enquanto lutávamos Tyson brincava com a Sra. O'Leary, a qual ele chamou de "cachorrinho". Eles se divertiram lutando pelo escudo de bronze e brincando de Pegue o Grego. Ao pôr do sol, Quintus não tinha uma gota de suor, o que parecia

estranho; mas eu e Tyson estávamos quentes e fedendo, portanto, fomos para o banho e nos preparamos para o jantar.

Eu estava me sentindo bem. Era quase um dia normal no acampamento. Então o jantar chegou, e todos os campistas se alinharam por chalés e marcharam para o refeitório. A maioria ignorou a fissura selada no chão de mármore na entrada – uma cicatriz denteada de três metros que não estava lá no último verão – mas eu fui cuidadoso ao passar por cima dela.

— Fenda grande — disse Tyson quando estávamos na nossa mesa. — Terremoto, talvez?

— Não — falei. — Não foi um terremoto.

Eu não estava certo se devia contar a ele. Era um segredo que só Grover, Annabeth e eu sabíamos. Mas olhei para o grande olho de Tyson, eu sabia que não poderia esconder isso dele.

— Nico di Angelo — falei, abaixando a voz. — Ele é um meio-sangue que trouxemos para o acampamento no último verão. Ele, hã... ele me pediu para proteger sua irmã em uma missão, e eu falhei. Ela morreu. Agora ele me culpa.

Tyson franziu a testa.

— Então ele fez uma fenda no chão?

— Esses esqueletos nos atacaram — falei. — Nico disse a eles para irem embora, e o chão simplesmente se abriu e os engoliu. Nico... — olhei em volta para ter certeza que ninguém estava ouvindo. — Nico é um filho de Hades.

Tyson assentiu pensativamente.

— O deus do pessoal morto.

— É.

— Então esse garoto Nico se foi agora?

— Eu... eu acho. Eu procurei por ele na primavera. Annabeth também. Mas não tivemos sorte. Isso é segredo, Tyson. Ok? Se alguém descobrir que ele é filho de Hades, ele ficará em perigo. Você não pode contar nem para Quíron.

— A profecia ruim — disse Tyson. — Titãs tentariam usá-lo se soubessem.

Eu o encarei. Às vezes era fácil esquecer que apesar de ser grande e infantil, Tyson era bem esperto. Ele sabia que a próxima criança dos Três Grandes deuses, Zeus, Poseidon e Hades – que chegasse aos dezesseis anos estava profetizada a salvar ou destruir o Monte Olimpo. A maioria assumia que era eu, mas se eu morresse antes dos dezesseis anos, ela poderia facilmente se aplicar a Nico.

— Exato — falei. — Então...

— Boca selada — prometeu Tyson. — Como a fenda no chão.

Tive problemas para dormir naquela noite. Deitei na cama ouvindo as ondas na praia, as corujas e monstros no bosque. Estava com medo de ter pesadelos quando caísse no sono.

Veja bem, para meio-sangues, sonhos dificilmente são só sonhos. Recebemos mensagens. Vislumbramos coisas que estão acontecendo com nossos amigos ou inimigos. Algumas vezes vislumbramos até o passado ou o futuro. E no acampamento meus sonhos eram sempre mais frequentes e vívidos.

Então eu ainda estava acordado por volta da meia noite, olhando para o colchão do beliche acima de mim, quando percebi que havia uma luz estranha no quarto. A fonte de água salgada estava brilhando.

Eu atirei as cobertas e andei receosamente até a fonte. Vapor emergia da água quente e salgada. Cores de arco-íris tremeluziam através do vapor, apesar de não haver nenhuma luz no quarto exceto pela lua lá fora. Então uma agradável voz feminina falou do vapor:

Por favor deposite um dracma.

Olhei para Tyson, mas ele ainda estava roncando. Ele dormia tão pesadamente quanto um elefante tranquilizado.

Eu não sabia o que pensar. Eu nunca recebera uma mensagem de Íris a cobrar antes. Um dracma dourado brilhava no fundo da fonte. Eu o peguei e joguei na névoa. A moeda desapareceu.

— Ó, Íris, deusa do arco-íris — sussurrei. — Mostre-me... hã, o que for que você precise me mostrar.

A névoa tremulou. Eu vi a negra margem de um rio. Tufos de neblina flutuavam pela água escura. A costa era coberta por pedras vulcânicas irregulares. Um jovem garoto estava agachado na margem, tratando uma fogueira. As chamas queimavam em uma cor azul não natural. Então eu vi o rosto do garoto. Era Nico di Angelo. Ele estava jogando pedaços de papel no fogo – cartas de Mitomagia, parte do jogo pelo qual ele tinha sido obcecado no inverno passado.

Nico tinha apenas dez anos, talvez onze agora, mas ele parecia mais velho. Seu cabelo estava mais comprido. Estava desgrenhado e quase tocava seus ombros. Seus olhos estavam negros. Sua pele azeitonada havia se tornado mais pálida. Ele vestia

jeans preto rasgado e uma jaqueta de aviador, que era vários números maior, aberta sobre uma camiseta preta. Seu rosto estava sujo, seus olhos um pouco selvagens. Ele parecia um garoto que vivera nas ruas.

Esperei que ele olhasse para mim. Sem dúvida ele ficaria maluco de raiva, começaria a me acusar de ter deixado sua irmã morrer. Mas ele não pareceu me notar.

Fiquei quieto, sem atrever a me mexer. Se ele não enviara a mensagem de Íris, então quem enviara?

Nico jogou outra carta nas chamas azuis.

— Inútil — resmungou ele. — Não posso acreditar que já gostei disso.

— Um jogo infantil, mestre — concordou outra voz.

A voz parecia vir de perto do fogo, mas eu não podia ver quem estava falando.

Nico olhou para o rio. Na margem mais distante havia uma praia de areia negra envolta em nevoeiro. Eu reconheci: o Mundo Inferior. Nico estava acampando na margem do Rio Estige.

— Eu falhei — murmurou Nico. — Não há como trazê-la de volta.

A outra voz continuou em silêncio.

Nico virou com uma expressão duvidosa.

— Há? Diga.

Algo reluziu. Achei que fosse só o fogo. Então percebi que tinha a forma de um homem – um punhado de fumaça azul, uma sombra. Se você olhasse diretamente, ele não estava lá. Mas se olhasse pelo canto do olho, poderia perceber seu formato. Um fantasma.

— Nunca foi feito — disse o fantasma. — Mas talvez haja um jeito.

— Conte-me — ordenou Nico, seus olhos brilharam com uma luz ardente.

— Uma troca — disse o fantasma. — Uma alma por outra.

— Eu ofereci!

— Não a sua — disse o fantasma. — Você não pode oferecer a seu pai uma alma que eventualmente ele vai coletar de qualquer jeito. Nem ele estará ansioso pela morte de seu filho. Eu quero dizer uma alma que já deveria ter morrido. Alguém que enganou a morte.

O rosto de Nico se tornou sombrio.

— De novo não. Você está falando em assassinato.

— Estou falando de justiça — disse o fantasma. — Vingança.

— Estes não são a mesma coisa.

O fantasma riu secamente.

— Você aprenderá diferente quando ficar mais velho.

Nico olhou para o fogo.

— Por que eu não posso ao menos convocá-la? Quero falar com ela. Ela... ela me ajudaria.

— *Eu* te ajudarei — prometeu o fantasma. — Eu não te salvei tantas vezes? Não te guiei pelo Labirinto e te ensinei como usar seus poderes? Você quer vingar sua irmã ou não?

Eu não gostei do tom de voz do fantasma. Ele me lembrou de uma criança da minha antiga escola, um valentão que costumava convencer outras crianças a fazer coisas estúpidas, como roubar material de laboratório e vandalizar o carro dos professores. O valentão nunca teve problemas, mas colocou muitos garotos de suspensão.

Nico se virou para o fogo de forma que o fantasma não pudesse vê-lo, mas eu podia. Uma lágrima desceu pelo seu rosto.

— Muito bem. Você tem um plano?

— Ah sim — disse o fantasma, soando muito satisfeito. — Temos muitas estradas escuras para percorrer. Devemos começar...

A imagem tremeluziu. Nico desapareceu. A voz feminina do vapor disse: *Por favor deposite um dracma para mais cinco minutos.*

Não havia outra moeda na fonte. Eu apalpei meus bolsos, mas estava usando pijamas. Fui para a cabeceira para checar por trocados, mas a mensagem de Íris já havia piscado, e o quarto ficou escuro novamente. A conexão tinha terminado.

Fiquei parado no meio do chalé, ouvindo o gorgolejar da água na fonte salgada e as ondas do mar lá fora.

Nico estava vivo. Ele estava tentando trazer sua irmã de volta dos mortos. E eu tinha a sensação de que sabia que alma ele queria para a troca – alguém que tinha enganado a morte. Vingança.

Nico di Angelo estava vindo atrás de mim.

TRÊS

BRINCAMOS DE PEGA-PEGA COM ESCORPIÕES

Na manhã seguinte, havia muita agitação no café da manhã.

Aparentemente por volta das três horas da manhã um drakon etíope fora visto nas fronteiras do acampamento. Eu estava tão exausto que dormi mesmo com o barulho. As fronteiras mágicas mantiveram o monstro fora, mas ele rodeou as colinas, à procura de pontos fracos em nossas defesas, e não parecia ansioso para ir embora até que Lee Fletcher do chalé de Apolo liderou alguns de seus irmãos na perseguição. Depois de algumas dezenas de flechas enfiadas nas aberturas da couraça do drakon, ele captou a mensagem e se retirou.

— Ele ainda está lá fora — alertou Lee durante os anúncios. — Vinte flechas em seu couro, e nós apenas o deixamos furioso. A coisa tinha mais de nove metros de comprimento e era verde brilhante. Seus olhos... — ele estremeceu.

— Você fez bem, Lee — Quíron deu uma tapinha em seu ombro. — Todos fiquem em alerta, mas calmos. Isso já aconteceu antes.

— Sim — disse Quintus da ponta da mesa. — E vai acontecer novamente. Com mais e mais frequência.

Os campistas murmuraram entre si.

Todos sabiam dos rumores: Luke e seu exército de monstros estavam planejando uma invasão ao acampamento. A maioria de nós esperava que isso acontecesse neste verão, mas ninguém sabia como ou quando. Não ajudava em nada nossa frequência estar baixa. Nós só tínhamos cerca de oitenta campistas. Três anos atrás, quando eu comecei, havia bem mais de uma centena. Alguns morreram. Outros se juntaram a Luke. E alguns simplesmente desapareceram.

— Esse é um bom motivo para novos jogos de guerra — continuou Quintus, seus olhos brilhavam. — Nós veremos como vocês se sairão hoje à noite.

— Sim... — disse Quíron. — Bem, chega de anúncios. Vamos abençoar essa refeição e comer. — Ele ergueu sua taça. — Aos deuses.

Nós todos erguemos nossos copos e repetimos a benção.

Tyson e eu levamos nossos pratos até o braseiro de bronze e raspamos uma porção de nossa comida para as chamas. Eu espero que os deuses gostem de torradas com passas e cereal.

— Poseidon — falei. Então murmurei: — Me ajude com Nico, Luke e com o problema de Grover...

Havia tanto com o que se preocupar que eu podia ter ficado lá a manhã toda, mas voltei para a mesa.

Quando todos estavam comendo, Quíron e Grover vieram me visitar. Grover estava com os olhos vermelhos. Sua camisa estava do avesso. Ele deslizou seu prato para a mesa e afundou próximo a mim.

Tyson se moveu desconfortavelmente.

— Eu vou... hã... polir meus peixes-pônei.

Ele saiu desajeitadamente, deixando seu café da manhã pela metade.

Quíron tentou dar um sorriso. Ele provavelmente quis parecer tranquilizador, mas na sua forma de centauro ele se elevou sobre mim, lançando uma sombra sobre a mesa.

— Bem, Percy, como você dormiu?

— Hã, bem. — Eu imaginei por que ele perguntou isso. Seria possível que ele soubesse algo sobre a estranha mensagem de Íris que eu recebera?

— Eu trouxe Grover — disse Quíron — porque pensei que vocês dois poderiam querer, hã, discutir assuntos. Agora se me derem licença, eu tenho algumas mensagens de Íris para enviar. Verei vocês mais tarde.

Ele deu um olhar significativo para Grover, e trotou para fora do pavilhão.

— Sobre o que ele estava falando? — perguntei a Grover.

Grover mastigou seus ovos. Eu poderia dizer que ele estava distraído, porque ele mordeu os dentes do seu garfo e o mastigou também.

— Ele quer que você me convença — resmungou ele.

Alguém mais deslizou para perto de mim no banco: Annabeth.

— Eu vou dizer sobre o que é — disse ela. — O Labirinto.

Era difícil me concentrar no que ela estava dizendo, porque todo mundo no pavilhão refeitório estava nos olhando e sussurrando. E Annabeth estava bem ao

meu lado. E eu quero dizer *bem* ao meu lado.

— Você não deveria estar aqui — falei.

— Nós precisamos conversar — insistiu ela.

— Mas as regras...

Ela sabia muito bem que os campistas não estavam autorizados a mudar de mesa. Sátiros eram diferentes. Eles não eram realmente semideuses. Mas os meio-sangues tinham que se sentar à mesa de seus chalés. Eu sequer sabia qual era a punição por trocar de mesas. Eu nunca vira isso acontecer. Se o Sr. D estivesse aqui, ele provavelmente já teria estrangulado Annabeth com videiras mágicas ou algo assim, mas Sr. D não estava aqui. Quíron já havia deixado o pavilhão. Quintus nos olhou e ergueu uma sobrancelha, mas não disse nada.

— Olha — disse Annabeth, — Grover está com problemas. Há apenas uma maneira que conseguimos pensar para ajudá-lo. É o Labirinto. Isso é o que eu e Clarisse temos investigado.

Eu mudei meu apoio, tentando pensar claramente.

— Você quer dizer o Labirinto onde mantinham o Minotauro, nos velhos tempos?

— Exatamente — disse Annabeth.

— Então... ele não está mais debaixo do palácio do rei de Creta — supus. — O Labirinto está debaixo de algum prédio nos Estados Unidos.

Viu? Só me levou alguns anos para entender as coisas. Eu sabia que locais importantes se mudavam com a Civilização Ocidental, como o Monte Olimpo estar sobre o Empire State e a entrada do Mundo Inferior estar em Los Angeles. Eu estava me sentindo bem orgulhoso de mim mesmo.

Annabeth rolou os olhos.

— Debaixo de um prédio? Até parece, Percy. O Labirinto é *enorme*. Não iria caber debaixo de uma única cidade, muito menos de um único prédio.

Eu pensei sobre meu sonho de Nico no Rio Estige.

— Então... o Labirinto faz parte do Mundo Inferior?

— Não. — Annabeth franziu a testa. — Bem, pode haver passagens do Labirinto para *dentro* do Mundo Inferior. Não tenho certeza. Mas o Mundo Inferior é muito, muito para baixo. O Labirinto está logo sob a superfície do mundo mortal, como se fosse uma segunda pele. Ele tem crescido por milhares de anos, atando sua

forma debaixo das cidades ocidentais, conectando tudo pelo subterrâneo. Você pode ir pra qualquer lugar pelo Labirinto.

— Se você não se perder — murmurou Grover. — E ter uma morte horrível.

— Grover, tem que haver uma maneira — disse Annabeth. Tive a sensação que eles já tiveram essa conversa antes. — Clarisse sobreviveu.

— Por pouco! — disse Grover. — E o outro cara...

— Ele ficou louco. Ele não morreu.

— Ah, maravilha. — O lábio inferior de Grover tremeu. — Isso me faz sentir muito melhor.

— Espere — falei. — O que é isso sobre Clarisse e o cara louco?

Annabeth olhou de relance para a mesa de Ares. Clarisse estava nos observando como se ela soubesse do que estávamos falando, mas ela fixou os olhos em seu prato de café da manhã.

— Ano passado — disse Annabeth, abaixando sua voz, — Clarisse foi em uma missão para Quíron.

— Eu lembro — falei. — Era secreta.

Annabeth assentiu. Apesar do quão sério ela estava agindo, eu estava feliz por ela não estar mais brava comigo. E eu meio que gostei do fato de ela ter quebrado as regras para se sentar junto a mim.

— Era secreta — concordou Annabeth — porque ela encontrou Chris Rodriguez.

— O cara do chalé de Hermes?

Eu me lembrei dele de dois anos atrás. Nós tínhamos escutado por acaso Chris Rodriguez a bordo do navio de Luke, o *Princesa Andrômeda*. Chris era um dos meio-sangues que abandonaram o acampamento e se juntaram ao exército titã.

— É — disse Annabeth. — No verão passado ele simplesmente apareceu em Phoenix, Arizona, perto da casa da mãe da Clarisse.

— O que você quer dizer com simplesmente apareceu?

— Ele estava vagando pelo deserto, no meio do dia, de armadura grega completa, balbuciando sobre o fio.

— O fio — falei.

— Ele estava completamente louco. Clarisse o levou para a casa da mãe dela para que os mortais não o internassem. Ela tentou cuidar dele. Quíron foi até lá e o

entrevistou, mas não foi muito bom. A única coisa que tiraram dele foi que os homens de Luke estavam explorando o Labirinto.

Eu tremi, embora não soubesse exatamente por quê. Pobre Chris... ele não tinha sido uma má pessoa. O que poderia tê-lo deixado louco? Olhei para Grover, que estava mastigando o resto do seu garfo.

— Ok — falei. — Por que eles estavam explorando o Labirinto?

— Nós não temos certeza — disse Annabeth. — Foi por isso que Clarisse saiu em uma missão de exploração. Quíron manteve as coisas em segredo porque ele não queria ninguém em pânico. Ele me envolveu por que... bem, o Labirinto sempre foi um dos meus temas favoritos. A arquitetura envolvida... — A expressão dela se tornou um pouco sonhadora. — O construtor, Dédalo, era um gênio. Mas o ponto é que o Labirinto tem entradas por toda parte. Se Luke puder descobrir como navegar pelo Labirinto, ele poderia mover seu exército com uma velocidade incrível.

— Exceto que é um Labirinto, certo?

— Cheio de armadilhas horríveis — concordou Grover. — Becos sem saída. Ilusões. Monstros psicóticos. Monstros matadores de bodes.

— Não se você tivesse o Fio de Ariadne — disse Annabeth. — Antigamente, o Fio de Ariadne guiou Teseu para fora do Labirinto. Era um tipo de instrumento de navegação, inventado por Dédalo. E Chris Rodrigues estava balbuciando sobre o fio.

— Então Luke está tentando achar o Fio de Ariadne — falei. — Por quê? O que ele está planejando?

Annabeth balançou a cabeça.

— Eu não sei. Eu pensei que talvez ele quisesse invadir o acampamento pelo Labirinto, mas isso não faz sentido. As entradas mais próximas que Clarisse achou eram em Manhattan, o que não ajudaria Luke a passar pelas nossas fronteiras. Clarisse explorou um pouco o caminho pelos túneis, mas... era muito perigoso. Ela escapou algumas vezes por pouco. Eu pesquisei tudo o que pude encontrar sobre Dédalo. Temo que não ajude muito. Eu não entendo o que exatamente Luke está planejando, mas de uma coisa eu sei: o Labirinto pode ser a chave para o problema de Grover.

Eu pisquei.

— Você acha que Pã está no subterrâneo?

— Isso explicaria por que ele tem sido impossível de encontrar.

Grover estremeceu.

— Sátiros odeiam ir para o subterrâneo. Nenhum buscador sequer tentaria ir *naquele* lugar. Sem flores. Sem o brilho do sol. Sem cafeteria!

— Mas — disse Annabeth — o Labirinto pode levá-lo praticamente pra qualquer lugar. Ele lê seus pensamentos. Ele foi projetado para fazê-lo de idiota, enganá-lo e matá-lo, mas você pode fazer o Labirinto trabalhar *para* você...

— Ele pode levá-lo até o deus da natureza — falei.

— Eu não posso fazer isso. — Grover abraçou seu estômago. — Só pensar nisso me faz querer vomitar minha prataria.

— Grover, essa pode ser sua última chance — disse Annabeth. — O conselho é inflexível. *Uma* semana ou você aprende a sapatear!

Na mesa principal, Quintus limpou sua garganta. Tive a sensação que ele não queria fazer uma cena, mas Annabeth estava realmente forçando, sentando em minha mesa por tanto tempo.

— Nós conversaremos depois — Annabeth apertou meu braço um pouco forte demais. — Convença-o, ok?

Ela voltou para a mesa de Atena, ignorando todas as pessoas que estavam olhando para ela.

Grover enterrou a cabeça nas mãos.

— Eu não posso fazer isso, Percy. Minha licença de buscador. Pã. Eu vou perder tudo. Eu terei que começar um teatro de fantoches.

— Não diga isso! Nós vamos pensar em algo.

Ele me olhou com os olhos cheios de lágrimas.

— Percy, você é meu melhor amigo. Você me viu no subterrâneo. Naquela caverna do ciclope. Você realmente acha que eu poderia...

Sua voz vacilou. Eu me lembrei do Mar de Monstros, onde ele estivera preso na caverna do ciclope. Ele nunca gostou de lugares subterrâneos para começar, mas agora Grover realmente os odiava. Ciclopes o deixavam arrepiado, também. Até mesmo Tyson... Grover tentava esconder isso, mas Grover e eu meio que podíamos ler as emoções um do outro por causa da conexão empática entre nós. Eu sabia como ele se sentia. Grover estava aterrorizado por causa do grandão.

— Eu tenho que ir — disse Grover, triste. — Juníper está me esperando. É algo bom ela achar covardes atraentes.

Depois que ele fora embora, eu olhei para Quintus. Ele assentiu seriamente, como se nós estivéssemos compartilhando algum segredo obscuro. Então ele voltou

a cortar sua salsicha com uma faca.

Na parte da tarde, fui para os estábulos de pégasos para visitar meu amigo Blackjack.

Ei, chefe! Ele saltou na sua cocheira, suas asas negras golpeavam o ar. *Você me trouxe alguns cubos de açúcar?*

— Você sabe que eles não são bons para você, Blackjack.

É, então, você trouxe alguns?

Eu sorri e dei a ele um punhado. Blackjack e eu nos conhecemos há um bom tempo. Eu meio que o salvei do navio de cruzeiro demoníaco de Luke alguns anos atrás, e desde então, ele insiste em me retribuir com favores.

Então temos algumas missões em vista? perguntou Blackjack. *Eu estou pronto para voar, chefe!*

Eu dei um tapinha em seu nariz.

— Não sei, cara. Todo mundo continua falando sobre labirintos subterrâneos.

Blackjack relinchou nervosamente.

Nunca. Não para este cavalo! Você não seria louco o suficiente para ir a qualquer labirinto, chefe. Seria? Você vai acabar na fábrica de cola!

— Você pode estar certo, Blackjack. Veremos.

Blackjack mastigou seus cubos de açúcar. Ele sacudiu a crina como se estivesse tendo um ataque hiperglicêmico.

Uau! Esses eram dos bons! Bem, chefe, se você criar juízo e quiser voar para algum lugar, basta dar um assobio. O velho Blackjack e seus amigos passam por cima de qualquer um por você!

Eu disse a ele que lembrar disso. Então um grupo de jovens campistas entrou no estábulo para começar suas aulas de equitação, e eu decidi que era hora de sair. Tive um mau pressentimento que não iria ver Blackjack por um bom tempo.

Naquela noite depois do jantar, Quintus tinha nos vestido em armaduras de combate como se estivéssemos prontos para a captura da bandeira, mas o humor entre os campistas era muito mais sério. Em algum momento durante o dia os engradados na arena tinham desaparecido, e eu tive a sensação que o que quer que estivesse lá tinha sido colocado na floresta.

— Certo — disse Quintus, em pé na cabeceira da mesa de jantar. — Aproximem-se.

Ele estava vestido com couro preto e bronze. Na luz das tochas, seu cabelo cinza o fez parecer como um fantasma. Sra. O'Leary pulou alegremente em sua volta,

procurando restos do jantar.

— Vocês estarão em duplas — anunciou Quintus. Quando todo mundo começou a falar e tentar agarrar seus amigos, ele gritou: — Que já foram escolhidas!

— AHHHHHHHHHHH! — reclamou todo mundo.

— Seu objetivo é simples: recolher os louros dourados sem morrer. A coroa está embalada em um pacote de seda, amarrado nas costas de um dos monstros. Existem seis monstros. Cada um tem um pacote de seda. Apenas um carrega os louros. Vocês precisam achar a coroa antes que das outras duplas. E, é claro... vocês terão que matar o monstro para obtê-la, e ficar vivos.

A multidão começou a murmurar entusiasmada. A tarefa pareceu bem simples. Ei, todos nós tínhamos matado monstros antes. É para isso que treinamos.

— Eu vou anunciar seus parceiros — disse Quintus. — Não haverá negociação. Sem trocas. Sem reclamação.

Aroooof! Sra. O'Leary enterrou sua cara em um prato de pizza.

Quintus produziu um grande pergaminho e começou a ler os nomes. Beckendorf iria com Silena Beauregard, com o que Beckendorf pareceu bem feliz. Os irmãos Stoll, Travis e Connor, iriam juntos. Nenhuma surpresa. Eles faziam tudo juntos. Clarisse ia com Lee Fletcher do chalé de Apolo – combate a curta e longa distância combinados, eles seriam uma combinação difícil de bater. Quintus continuou lendo os nomes até que ele disse:

— Percy Jackson com Annabeth Chase.

— Legal — falei, sorrindo para Annabeth.

— Sua armadura está torta. — Foi o único comentário dela, e ela arrumou as tiras para mim.

— Grover Underwood — disse Quintus — com Tyson.

Grover quase pulou de sua pele de bode.

— Quê? M-mas...

— Não, não — choramingou Tyson. — Deve ser um engano. Garoto-bode...

— Sem reclamações! — ordenou Quintus. — Vá com seu parceiro. Vocês têm dois minutos para se prepararem!

Tyson e Grover olharam para mim implorando. Eu tentei dar a eles um aceno encorajador, e gestos de que deviam avançar juntos. Tyson espirrou. Grover começou a mastigar nervosamente seu bastão de madeira.

— Eles ficarão bem — disse Annabeth. — Venha. Vamos nos preocupar sobre como nós vamos nos manter vivos.

Ainda havia luz quando nós entramos na floresta, mas as sombras das árvores fizeram parecer como se fosse meia-noite. Também estava frio, mesmo no verão. Annabeth e eu achamos pistas quase imediatamente, pegadas feitas por algo com muitas pernas. Começamos a seguir o rastro.

Pulamos um afluente e ouvimos alguns galhos se quebrando nas proximidades. Nós agachamos atrás de uma rocha, mas eram só os irmãos Stoll tropeçando pela mata e xingando. O pai deles era o deus dos ladrões, mas eles eram furtivos como búfalos.

Assim que os irmãos Stoll passaram, nós fomos mais fundo no lado oeste da floresta onde os monstros eram mais selvagens. Nós estávamos parados sobre uma elevação em uma lagoa de pântano quando Annabeth ficou tensa.

— Aqui foi onde paramos de olhar.

Levou um segundo para eu percebesse o que ela quis dizer. Inverno passado, quando desistimos de procurá-lo, Grover, Annabeth e eu estávamos sobre essa rocha, e eu os convenci a não contar para Quíron a verdade: que Nico era filho de Hades. Na época pareceu a coisa certa a fazer. Eu queria proteger sua identidade. Eu queria ser quem o encontraria e queria acertar as coisas por causa do que aconteceu com a irmã dele. Agora, seis meses depois, eu não tinha sequer chegado perto de encontrá-lo. Isso deixou um gosto amargo em minha boca.

— Eu o vi noite passada — falei.

Annabeth franziu suas sobrancelhas.

— O que você quer dizer?

Eu contei a ela sobre a mensagem de Íris. Quando terminei, ela encarou as sombras da floresta.

— Ele está invocando os mortos? Isso não é bom.

— O fantasma estava dando a ele maus conselhos — falei. — Dizendo-lhe para se vingar.

— É... espíritos nunca são bons conselheiros, eles têm seus próprios planos. Velhos rancores. E eles odeiam os vivos.

— Ele virá atrás de mim — falei. — O espírito mencionou um labirinto.

Ela assentiu.

— Isso resolve. Nós *temos* que entender o Labirinto.

— Talvez — falei desconfortavelmente. — Mas quem mandou a mensagem de Íris? Se Nico não sabia que eu estava lá...

Um galho quebrou na floresta. Folhas secas rasgaram. Algo grande estava se movendo nas árvores, logo atrás do cume.

— Isso não são os irmãos Stoll — sussurrou Annabeth.

Juntos sacamos nossas espadas.

Chegamos ao Punho de Zeus, uma enorme pilha de pedras no meio da floresta oeste. Era um marco natural onde campistas se reuniam frequentemente em expedições de caça, mas agora não havia ninguém por perto.

— Lá — sussurrou Annabeth.

— Não, espere — falei. — Atrás de nós.

Isso era estranho. Ruídos de corrida pareciam vir de várias direções. Nós estávamos circulando os rochedos, nossas espadas prontas, quando alguém bem atrás de nós disse:

— Oi.

Nós nos viramos, e a ninfa da floresta Juníper gritou.

— Abaixem suas armas! — protestou ela. — Dríades não gostam de lâminas afiadas, ok?

— Juníper — Annabeth exalou. — O que você está fazendo aqui?

— Eu moro aqui.

Eu baixei minha espada.

— No rochedo?

Ela apontou na direção da borda da clareira.

— No junípero. Dã.

Isso fazia sentido, e eu me senti meio estúpido. Eu vivi em torno de dríades por anos, mas nunca realmente falei com elas. Eu sabia que elas não podiam ir muito longe de sua árvore, que era sua fonte de vida. Mas eu não sabia muito mais.

— Vocês estão ocupados? — perguntou Juníper.

— Nós estamos no meio desse jogo contra um bando de monstros e estamos tentando não morrer.

— Não estamos ocupados — disse Annabeth. — O que está errado, Juníper?

Juníper fungava. Ela esfregou sua manga de seda debaixo de seus olhos.

— É Grover. Ele parece tão perturbado. O ano todo ele tem procurado por Pã. E a cada vez que ele volta, é pior. Eu pensei que talvez, a princípio, ele estivesse vendo outra árvore.

— Não — disse Annabeth quando Juníper começou a chorar. — Tenho certeza que não é isso.

— Ele teve uma queda por esse arbusto de mirtilo uma vez — disse Juníper tristemente.

— Juníper — disse Annabeth, — Grover nunca *olharia* para outra árvore. Ele só está estressado por causa de sua licença de buscador.

— Ele não pode ir para o subterrâneo! — protestou ela. — Vocês não podem deixá-lo ir.

Annabeth parecia desconfortável.

— Pode ser a única maneira de ajudá-lo; se nós apenas soubéssemos onde começar.

— Ah. — Juníper limpou uma lágrima verde em sua bochecha. — Sobre isso...

Houve outro barulho na floresta, e Juníper gritou:

— Escondam-se!

Antes que eu pudesse perguntar o porquê, ela fez *poof* e se transformou em uma névoa verde.

Annabeth e eu nos viramos. Saindo da floresta havia um brilhante inseto âmbar, com mais de três metros de comprimento, pinças denteadas, uma cauda blindada e um ferrão longo como minha espada. Um escorpião. Amarrado às suas costas estava um pacote de seda vermelho.

— Um de nós vai por trás dele — disse Annabeth, enquanto a coisa tinia suas pinças para nós. — Corta a cauda dele enquanto o outro o distrai pela frente.

— Eu o distraio — falei. — Você tem o boné de invisibilidade.

Ela assentiu. Nós lutáramos juntos tantas vezes que sabíamos os movimentos um do outro. Podíamos fazer isso, fácil. Mas tudo foi por água abaixo quando outros dois escorpiões surgiram da floresta.

— *Três?* — disse Annabeth. — Isso não é possível! A floresta inteira, e metade dos monstros vêm até nós?

Eu engoli em seco. Um, nós poderíamos dar conta. Dois, com sorte. Três? Duvido.

Os escorpiões correram em nossa direção, movimentando suas caudas farpadas como se tivessem vindo aqui só para nos matar. Annabeth e eu colocamos nossas costas contra o rochedo mais próximo.

— Escalamos? — falei.

— Não dá tempo — disse ela.

Ela tinha razão. Os escorpiões já estavam nos cercando. Eles estavam tão perto que eu podia ver suas bocas horrorosas espumando, antecipando um delicioso suco gelado de semideuses.

— Cuidado! — gritou Annabeth.

Ela defendeu um ferrão com a parte plana de sua lâmina. Eu apunhalei com Contracorrente, mas o escorpião saiu de alcance. Nós andamos pela lateral do rochedo, mas os escorpiões nos seguiram. Eu ataquei outro, mas ir pela ofensiva era muito perigoso. Se eu atacasse o corpo, a cauda estocaria para baixo. Se eu atacasse a cauda, os ferrões da coisa iriam vir dos dois lados e me agarrariam. Tudo que poderíamos fazer era nos defender, e não seríamos capazes de aguentar por muito tempo.

Eu dei outro passo para a lateral, e de repente não havia mais nada atrás de mim. Havia uma fenda entre as duas maiores pedras, algo pelo qual eu passara um milhão de vezes, mas...

— Aqui — falei.

Annabeth cortou um escorpião então olhou para mim como se eu fosse louco.

— *Aí?* É muito estreito.

— Eu te dou cobertura. Vai!

Ela mergulhou atrás de mim e começou a se apertar entre as duas pedras. Então ela gritou e agarrou as tiras de minha armadura, e de repente eu estava dando cambalhotas em um poço que não estava ali um momento antes. Eu podia ver os escorpiões acima de nós, o céu roxo noturno e as árvores, e então o buraco fechou como uma lente de câmera, e nós estávamos em uma completa escuridão.

Nossa respiração ecoava contra a pedra. Estava frio e úmido. Eu estava sentado em um chão irregular que parecia ser feito de tijolos.

Eu levantei Contracorrente. O fraco brilho da espada era suficiente apenas para iluminar o rosto assustado de Annabeth e as paredes cheias de musgo em cada lado de nós.

— On-onde estamos? — disse Annabeth.

— Pelo menos estamos a salvos dos escorpiões — falei, tentando parecer calmo, mas eu estava entrando em pânico.

A rachadura entre as pedras não poderia ter nos levado a uma caverna. Eu saberia se houvesse uma caverna aqui; eu tinha certeza disso. Era como se o chão tivesse aberto e nos engolido. Tudo o que eu pude pensar era na fissura no pavilhão-refeitório, onde aqueles esqueletos tinham sido consumidos no verão passado. Eu imaginei se a mesma coisa tinha acontecido conosco.

Eu levantei novamente minha espada para iluminar.

— É uma longa sala — murmurei.

Annabeth agarrou meu braço.

— Não é uma sala, é um corredor.

Ela tinha razão, a escuridão parecia... vazia à nossa frente. Havia uma brisa calorosa, como nos túneis do metrô, mas parecia mais velho, mais perigoso de alguma maneira.

Eu comecei a andar, mas Annabeth me parou.

— Não dê outro passo — avisou ela.

— Precisamos achar a saída.

Ela pareceu realmente assustada agora.

— Está tudo bem — prometi. — Está bem...

Eu olhei para cima e percebi que não poderia ver de onde tínhamos caído. O teto era pedra sólida. O corredor parecia esticar indefinidamente em ambas as direções.

A mão de Annabeth escorregou para a minha. Sob circunstâncias diferentes eu teria me sentido envergonhando, mas aqui no escuro eu estava feliz em saber onde ela estava. Era a única coisa da qual eu tinha certeza.

— Dois passos para trás — disse ela.

Nós andamos para trás juntos como se estivéssemos em um campo minado.

— Ok — disse ela. — Me ajude a examinar as paredes.

— Pra quê?

— A marca de Dédalo — disse ela, como se devesse fazer sentido.

— Hã, ok. Que tipo de...

— Achei! — disse ela com alívio.

Ela colocou sua mão na parede e pressionou contra uma pequena fissura, que começou a brilhar em azul. Um símbolo grego apareceu: Δ, o antigo delta grego.

O telhado se abriu e nós vimos o céu noturno, estrelas brilhando. Estava bem mais escuro do que deveria. Uma escada de metal apareceu do lado do muro, subindo, e eu podia ouvir pessoas gritando nossos nomes.

— Percy! Annabeth! — gritou Tyson.

Sua voz gritava mais alta, mas outros também estavam chamando.

Eu olhei nervosamente para Annabeth. E então começamos a escalar.

Nós caminhamos ao redor das rochas e corremos em direção a Clarisse e outros campistas que seguravam tochas.

— Onde vocês dois estiveram? — perguntou Clarisse.

— Nós estivemos procurando por uma eternidade.

— Mas nós saímos apenas por alguns minutos — falei.

Quíron veio trotando, seguido de Tyson e Grover.

— Percy! Annabeth! — disse Tyson. — Vocês estão bem?

— Estamos bem — falei. — Nós caímos em um buraco.

Os outros me olhavam descrentes, e então para Annabeth.

— Sério! — falei. — Havia três escorpiões atrás de nós, então corremos e nos escondemos nas rochas. Mas nós só fomos por um minuto.

— Vocês estiveram sumidos por quase uma hora — disse Quíron. — O jogo acabou.

— É — murmurou Grover. — Nós teríamos vencido, mas um ciclope sentou em mim.

— Foi um acidente! — protestou Tyson, antes de espirrar.

Clarisse estava usando os louros dourados, mas ela nem se gabou sobre tê-los ganhado, o que não era o estilo dela.

— Um buraco? — disse ela suspeitamente.

Annabeth respirou profundamente. Ela olhou ao redor para os outros campistas.

— Quíron... talvez devêssemos falar sobre isso na Casa Grande.

Clarisse ofegou.

— Você encontrou, não foi?

Annabeth mordeu seu lábio.

— Eu... é. Nós encontramos.

Um punhado de campistas começou a fazer perguntas, parecendo tão confusos quanto eu, mas Quíron levantou a mão para ter silêncio.

— Esta noite não é a hora certa, e este não é o lugar certo. — Ele encarou as pedras como se tivesse acabado de notar o quão perigosas elas eram. — Todos vocês, voltem aos seus chalés. Durmam um pouco. Uma partida bem jogada, mas o toque de recolher já passou!

Houve um grande número de queixas e sussurros, mas os campistas se foram, conversando entre si e me olhando desconfiados.

— Isto explica muita coisa — disse Clarisse. — Isto explica do que Luke está atrás.

— Esperem um segundo — falei. — O que você quer dizer? O que nós achamos?

Annabeth se virou para mim, seus olhos estavam escuros com preocupação.

— Uma entrada para o Labirinto. Uma rota de invasão diretamente no coração do acampamento.

QUATRO

ANNABETH TRANSGRIDE AS REGRAS

Quíron insistiu que a gente conversasse sobre aquilo de manhã, o que foi tipo: *Ei, suas vidas estão em perigo mortal. Durmam bem!* Foi difícil cair no sono, mas quando finalmente consegui, sonhei com uma prisão.

Eu vi um garoto em uma túnica grega e sandálias agachado sozinho em uma enorme sala de pedra. O teto era aberto para o céu da noite, mas as paredes tinham mais de seis metros altura e eram de mármore polido, completamente lisas. Espalhados ao redor do quarto haviam caixotes de madeira. Alguns estavam quebrados e espalhados, como se tivessem sido jogados lá. Havia ferramentas de bronze espalhadas – um compasso, uma serra e várias outras coisas que eu não consegui reconhecer.

O garoto se encostou ao canto, tremendo de frio, ou medo. Ele fora jogado na lama. Suas pernas, braços e rosto foram arranhados como se ele tivesse sido arrastado com as caixas.

Então a porta dupla de madeira se abriu. Dois guardas vestidos com armaduras de bronze marcharam para dentro, segurando um velho entre eles. Eles jogaram o velho no chão, acertando uma pilha de caixas quebradas.

— Pai!

O garoto correu para ele. As roupas do homem estavam em farrapos. Seu cabelo era grisalho, e sua barba era longa e enrolada. Seu nariz fora quebrado. Seus lábios estavam ensanguentados.

O garoto colocou a cabeça do homem em seus braços.

— O que eles fizeram com você?

— Eu vou matar vocês! — berrou o garoto para os guardas.

— Não haverá nenhuma morte hoje — disse uma voz.

Os guardas se moveram para o lado. Atrás deles estava um homem alto com túnica branca. Ele usava um pequeno círculo de ouro em sua cabeça. Sua barba era pontuda como a lâmina de uma lança. Seus olhos brilhavam cruelmente.

— Você ajudou o ateniense a matar meu Minotauro, Dédalo. Você virou minha própria filha contra mim.

— Você fez isso, Vossa Majestade — sussurrou o homem.

Um guarda deu um chute nas costelas do velho. Ele gritou em agonia.

— Pare! — gritou o jovem.

— Você ama tanto o seu Labirinto — disse o rei — que eu decidi deixar você aqui. Esta será sua oficina. Faça-me novas maravilhas. Surpreenda-me. Todo labirinto precisa de um monstro. Você será o meu!

— Eu não tenho medo de você — gritou o velho.

O rei sorriu friamente. Ele olhou para o garoto.

— Mas um homem se preocupa com seu filho, não é? Desagrade-me, velho, e na próxima vez que meus guardas infligirem uma punição, será nele!

O rei saiu da sala com seus guardas, e as portas fecharam com uma batida, deixando o pai e o garoto sozinhos na escuridão.

— O que devemos fazer? — resmungou o garoto. — Pai, eles vão te matar!

O velho engoliu com dificuldade. Ele tentou sorrir, mas era uma visão horrenda com sua boca sangrando.

— Fique calmo, meu filho. — Ele olhou para as estrelas. — E-eu vou achar um jeito.

Uma barra baixou na porta com um fatal *BOOM*, e eu acordei suando frio.

Eu continuava me sentindo trêmulo de manhã quando Quíron convocou um conselho de guerra. Nós nos encontramos na arena de esgrima, o que eu achei bem estranho – tentar discutir o destino do acampamento enquanto Sra. O'Leary mastigava um iaque rosa de apertar em tamanho natural feito de borracha.

Quíron e Quintus estavam na frente da barraca de armas. Clarisse e Annabeth estavam sentadas ao lado uma da outra e lideravam as instruções. Tyson e Grover estavam sentados o mais longe possível um do outro. Também estavam presentes em volta da mesa: Juníper, a ninfa da floresta, Silena Beauregard, Travis e Connor Stoll, Beckendorf, Lee Fletcher, Katie Gardner, Castor, até Argos, nosso chefe de segurança com centenas de olhos. Aquilo foi como eu soube que era sério. Argos dificilmente

aparecia, exceto se algo realmente grande estivesse acontecendo. O tempo todo que Annabeth falou, ele manteve seus cem olhos azuis nela tão fixamente que seu corpo todo ficou vermelho.

— Luke deve saber sobre a entrada do Labirinto — disse Annabeth. — Ele sabia tudo sobre o acampamento.

Eu pensei ter ouvido um pouco de orgulho em sua voz, como se ainda respeitasse o cara, mesmo ele sendo mau.

Juníper limpou sua garganta.

— Isso era o que eu estava tentando dizer a vocês a noite passada. A caverna está há muito tempo lá. Luke costumava usá-la.

Silena Beauregard franziu as sobrancelhas.

— Você sabia sobre a entrada do Labirinto, e não disse nada?

O rosto de Juníper ficou verde.

— Eu não sabia que era importante. Só uma caverna. Eu não gosto de velhas cavernas.

— Ela tem bom gosto — disse Grover.

— Eu não teria prestado nenhuma atenção só que... bem, era o Luke. — disse ela, corando um pouco esverdeando.

Grover bufou.

— Esqueça o que eu disse sobre bom gosto.

— Interessante — Quintus poliu a sua espada enquanto falava. — E você acredita que esse jovem rapaz, Luke, ousaria usar o Labirinto como rota de invasão?

— Definitivamente — disse Clarisse. — Se ele pudesse colocar um exército de monstros dentro do Acampamento Meio-Sangue, simplesmente aparecer no meio da floresta sem se preocupar com as nossas fronteiras mágicas, nós não teríamos chance. Ele nos venceria facilmente. Ele deve estar planejado isso há meses.

— Ele esteve mandando exploradores para dentro do Labirinto — disse Annabeth. — Nós sabemos porque... porque achamos um.

— Chris Rodriguez — disse Quíron. Ele deu a Quintus um olhar significativo.

— Ah — disse Quintus. — Aquele que está... Sim, eu entendo.

— Aquele que está o quê? — perguntei.

Clarisse olhou fixamente para mim.

— O que importa é que Luke tem procurado por um jeito de navegar no Labirinto. Ele tem procurando pela oficina de Dédalo.

Eu me lembrei do sonho da noite passada, o velho ensanguentado em roupas esfarrapadas.

— O cara que criou o Labirinto.

— Sim — disse Annabeth. — O maior arquiteto, o maior inventor de todos os tempos. Se as lendas estiverem certas, sua oficina está no centro do Labirinto. Ele é o único que sabia como navegar no Labirinto perfeitamente. Se Luke conseguir encontrar a oficina e convencer Dédalo a ajudá-lo, Luke não se atrapalharia procurando por caminhos, ou arriscaria a perder seu exército nas armadilhas do Labirinto. Ele poderia navegar para onde quisesse, rapidamente e com segurança. Primeiro para o acampamento para se livrar de nós. Depois... para o Olimpo.

A arena ficou quieta exceto pelo búfalo de brinquedo da Sra. O'Leary que fazia *SQUEAK! SQUEAK!*

Finalmente Beckendorf colocou suas enormes mãos em cima da mesa.

— Espera, Annabeth, você disse "convencer Dédalo"? Dédalo não está morto?

Quintus grunhiu.

— Eu esperaria que sim. Ele viveu, o quê, três mil anos atrás? E mesmo que ele estivesse vivo, as antigas histórias não dizem que ele fugiu do Labirinto?

Quíron mexeu seus cascos inquietamente.

— Esse é o problema, meu querido Quintus. Ninguém sabe. Há rumores... bem, há *vários* rumores perturbadores sobre Dédalo, mas um é que ele desapareceu dentro do Labirinto no fim da sua vida. Ele pode ainda estar lá.

Eu pensei no velho que vira no meu sonho. Ele parecera tão frágil que era difícil acreditar que ele havia durado mais uma semana, imagina três mil anos.

— Nós precisamos entrar — anunciou Annabeth. — Nós precisamos encontrar a oficina antes de Luke. Se Dédalo está vivo, nós o convenceremos a nos ajudar, não Luke. Se o Fio de Ariadne ainda existe, temos que ter certeza que nunca irá cair nas mãos de Luke.

— Espere um momento — falei. — Se nós estamos preocupados com um ataque, por que nós não simplesmente explodimos a entrada? Selamos o túnel?

— Excelente ideia! — disse Grover. — Eu vou pegar a dinamite!

— Não é tão fácil, idiota — disse Clarisse. — Nós tentamos isso na entrada que achamos em Phoenix. Não correu bem.

Annabeth assentiu.

— O Labirinto é arquitetura mágica, Percy. Precisaria de um poder enorme para selar mesmo uma das entradas. Em Phoenix, Clarisse pôs a baixo um prédio inteiro com uma bola de demolição, e a entrada do Labirinto só se moveu alguns metros. O melhor que podemos fazer é evitar que Luke aprenda a navegar no Labirinto.

— Nós poderíamos lutar — disse Lee Fletcher. — Nós agora sabemos onde é a entrada. Nós podemos formar uma linha defensiva e esperar por eles. Se um exército tentar invadir, vão nos encontrar esperando com nossos arcos.

— Nós certamente faremos uma defesa — disse Quíron. — Mas temo que Clarisse tenha razão. As fronteiras mágicas têm mantido o acampamento seguro por centenas de anos. Se Luke conseguir trazer um largo exército para dentro do acampamento, contornando nossas barreiras... nós talvez não tenhamos a força para derrotá-los.

Ninguém parecia realmente feliz com essas notícias. Quíron normalmente tenta ser otimista. Se ele estava dizendo que não teríamos força para aguentar um ataque, isso não era bom.

— Nós temos que chegar à oficina de Dédalo primeiro — insistiu Annabeth. — Achar o Fio de Ariadne e impedir Luke de usá-lo.

— Mas se ninguém consegue navegar lá — falei — que chances nós temos?

— Eu estive estudando arquitetura por anos — disse ela. — Eu conheço o Labirinto de Dédalo melhor que ninguém.

— Lendo sobre isso.

— Bem, sim.

— Não é o suficiente.

— Tem que ser!

— Não é!

— Você vai me ajudar ou não?

Eu percebi que todos observavam a mim e a Annabeth como se fosse uma partida de tênis. O brinquedo de apertar da Sra. O'Leary fez *EEK!* quando ela arrancou a cabeça rosa de borracha dele.

Quíron limpou a garganta.

— Prioridades primeiro. Nós precisamos de uma missão. Alguém precisa entrar no Labirinto, achar a oficina de Dédalo, e impedir Luke de usar o Labirinto para invadir o acampamento.

— Nós todos sabemos quem deve liderar isso — disse Clarisse. — Annabeth.

Houve um murmúrio de concordância. Eu sabia que Annabeth estivera esperando sua própria missão desde que era uma menina, mas ela parecia desconfortável.

— Você fez tanto quanto eu, Clarisse — disse ela. — Você deveria ir também.

Clarisse balançou sua cabeça.

— Eu não vou voltar lá!

Travis Stoll riu.

— Não me diga que você está com medo. Clarisse, amarelando?

Clarisse se levantou, eu achei que ela iria pulverizar Travis, mas ela disse em uma voz trêmula:

— Você não entende nada. Eu nunca mais vou voltar lá. Nunca!

Ela saiu raivosamente da arena.

Travis olhou ao redor com vergonha.

— Eu não tive a intenção...

Quíron ergueu sua mão.

— A pobre garota teve um ano difícil. Agora, todos concordam que Annabeth deve liderar a busca?

Todos assentiram, menos Quintus. Ele cruzou seus braços e encarou a mesa, mas eu não estava certo se alguém mais reparou.

— Muito bem — Quíron se dirigiu a Annabeth. — Minha querida, é sua vez de visitar o Oráculo. Assumindo que você retorne inteira, iremos discutir o que fazer a seguir.

Esperar Annabeth foi mais difícil do que eu próprio visitar o Oráculo.

Eu já o escutara dizer profecias duas vezes antes. A primeira vez foi no empoeirado sótão da Casa Grande, onde o espírito de Delfos dormia dentro do corpo de uma moça hippie mumificada. Na segunda vez o Oráculo saiu para um pequeno passeio no bosque. Eu ainda tenho pesadelos sobre isso.

Eu nunca me senti amedrontado pela presença do Oráculo, mas eu ouvira as histórias: campistas que enlouqueceram, ou que tiveram visões tão reais que morreram de medo.

Eu andei pela arena, esperando. Sra. O'Leary comeu seu lanche, que consistia em cinquenta quilos de carne moída e vários biscoitos caninos do tamanho de tampas de lata de lixo. Eu me perguntei onde Quintus arranjava biscoitos caninos desse

tamanho. Eu não achava que você podia simplesmente entrar na seção de bichos de estimação e colocar isso no seu carrinho de compra.

Quíron se aprofundara em uma conversa com Argos e Quintus. Parecia para mim que eles estavam discordando sobre alguma coisa. Quintus ficava balançando sua cabeça.

No outro lado da arena, Tyson e os irmãos Stoll estavam apostando corrida com carruagens de bronze miniaturas que Tyson fizera de restos de armaduras.

Eu desisti de andar e sai da arena. Olhei através dos campos para a janela do sótão da Casa Grande, escura e quieta. Por que Annabeth estava demorando tanto? Eu estava certo que não levara tanto tempo para pegar minha missão.

— Percy — sussurrou uma garota.

Juníper estava nos arbustos. Era estranho como ela quase ficava invisível quando ela estava cercada por plantas.

Ela sinalizou para mim urgentemente.

— Você precisa saber: Luke não foi o único que eu vi perto da caverna.

— O que você quer dizer?

Ela olhou para a arena.

— Eu estava tentando dizer algo, mas ele estava lá.

— Quem?

— O professor de esgrima — disse ela. — Ele estava andando ao redor das pedras.

Meu estômago embrulhou.

— Quintus? Quando?

— Eu não sei: eu não presto atenção em datas. Uma semana atrás talvez, quando ele apareceu pela primeira vez.

— O que ele estava fazendo? Ele entrou lá?

— Eu... eu não tenho certeza. Ele é assustador, Percy. Eu nem sequer o vi entrar na clareira. De repente ele estava *ali*. Você tem que dizer ao Grover que isso é muito perigoso...

— Juníper? — chamou Grover de dentro da arena. — Aonde você foi?

Juníper suspirou.

— É melhor eu ir. Apenas se lembre do que eu disse. Não confie naquele homem!

Ela correu para a arena.

Eu olhei para a Casa Grande, sentindo-me mais desconfortável do que nunca. Se Quintus estava tramando algo... Eu precisava do conselho de Annabeth. Ela saberia o que fazer com as notícias de Juníper. Mas onde raios ela estava? Seja o que for que estivesse acontecendo no Oráculo, não deveria demorar tanto.

Finalmente não pude aguentar mais.

Era contra as regras, mas, novamente, ninguém estava vendo. Corri colina abaixo e cruzei os campos.

A sala da frente da Casa Grande estava estranhamente quieta. Eu estava acostumado a ver Dioniso em frente à lareira, jogando cartas, comendo uvas e reclamando de sátiros, mas o Sr. D ainda estava fora.

Eu caminhei pelo corredor, tábuas rangiam debaixo dos meus pés. Quando cheguei à base da escada, eu hesitei. Quatro andares acima haveria um pequeno alçapão que levava ao sótão. Annabeth estaria em algum lugar lá em cima. Eu fiquei em silêncio e atento. Mas o que ouvi não foi o que eu esperava.

Soluços. E estava vindo de algum lugar abaixo de mim.

Eu rastejei em torno da escada. A porta do porão estava aberta. Eu nem sabia que a Casa Grande *tinha* um porão. Eu espiei dentro e vi duas figuras no canto mais afastado, sentados no meio de estoques de ambrosia e morango em conserva. Uma era Clarisse. A outra era um adolescente hispânico com calça camuflada esfarrapada e com uma blusa preta suja. Seu cabelo estava gorduroso e bagunçado. Ele estava abraçando seus ombros e soluçando. Era Chris Rodrigues, o meio-sangue que fora trabalhar para Luke.

— Está tudo bem — disse Clarisse para ele. — Tente um pouco mais de néctar.

— Você é uma ilusão, Mary! — disse Chris, se encolheu mais no canto. — V-vá embora.

— Meu nome não é Mary. — A voz de Clarisse era gentil, mas muito triste. Eu nunca pensei que Clarisse pudesse falar desse jeito. — Meu nome é Clarisse. Lembre-se. Por favor!

— Está escuro! — gritou Chris. — Tão escuro!

— Venha para fora — sussurrou Clarisse. — A luz do sol irá te ajudar.

— Mil... mil caveiras. A terra continua curando-o.

— Chris — pediu Clarisse, parecendo que estava prestes a chorar. — Você tem que melhorar. Por favor. Sr. D vai voltar logo. Ele é especialista em loucura. Só

aguente firme.

Os olhos de Chris pareciam os de um rato encurralado – selvagem e desesperado.

— Não há saída, Mary. Não há saída.

Então ele apanhou um vislumbre de mim e fez um som apavorante, estrangulado.

— O filho de Poseidon! Ele é horrível!

Eu recuei, esperando que Clarisse não tivesse me visto. Eu esperei que ela me atacasse e gritasse comigo, mas ela apenas continuou falando com Chris em uma voz triste, tentando fazê-lo beber mais néctar. Talvez ela tenha pensado que fazia parte da ilusão de Chris, mas... *Filho de Poseidon?* Chris estivera olhando para mim, mas ainda assim porque eu tive a sensação que ele não falara sobre mim?

E o carinho da Clarisse – nunca me ocorreu que ela poderia gostar de alguém; mas a forma que ela disse o nome de Chris... Ela o conhecera antes dele mudar de lado. Ela o conhecia muito melhor do que eu percebia. E agora ele estava tremendo em um canto do porão, com medo de sair, e murmurando sobre alguém chamada Mary. Não era surpreendente que Clarisse não quisesse nada com o Labirinto. O que acontecera com Chris lá dentro?

Eu ouvi um rangido em cima – como a porta do sótão abrindo – e corri para a porta da frente. Eu precisava sair daquela casa.

— Minha querida — disse Quíron. — Você conseguiu.

Annabeth olhou para mim primeiro. Eu não podia dizer se ela estava tentando me alertar, ou se o olhar nos olhos dela era puro medo. Então ela focou em Quintus.

— Eu ouvi a profecia. Eu vou liderar a busca para achar a oficina de Dédalo.

Ninguém comemorou. Quero dizer, nós todos gostávamos de Annabeth, e queríamos que ela tivesse uma missão, mas essa era insanamente perigosa. Depois do que eu vira de Chris Rodriguez, eu nem queria pensar sobre Annabeth descendo para aquele estranho labirinto de novo.

Quíron raspou um casco no chão sujo.

— O que dizia exatamente a profecia, minha querida? As palavras são importantes.

Annabeth respirou fundo.

— Eu, gã... bem, dizia: *Descerás na escuridão do Labirinto infinito...*

Nós esperamos.

— *... o morto, o traidor, e o perdido reerguidos.*

Grover se exaltou.

— O desaparecido! Tem que ser Pã! Isso é ótimo!

— Com o morto e o traidor — adicionei. — Não tão ótimo.

— E? — perguntou Quíron. — Qual é o resto?

— *Ascenderás ou cairás pelas mãos do rei espectral* — recitou Annabeth — *da criança de Atena, a defesa final.*

Todos se olharam desconfortáveis. Annabeth era filha de Atena e ato final não parecia algo muito bom.

— Ei... não devemos tirar conclusões precipitadas — disse Silena. — Annabeth não é a única criança de Atena, certo?

— Mas quem é esse rei espectral? — perguntou Beckendorf.

Ninguém respondeu. Eu pensei na mensagem de Íris em que eu vira Nico invocando espíritos. Tive um mau pressentimento que a profecia estava conectada com isso.

— Há mais linhas? — perguntou Quíron. — A profecia não parece completa.

Annabeth hesitou.

— Eu não me lembro exatamente.

Quíron ergueu uma sobrancelha. Annabeth era conhecida por sua memória. Ela nunca esquecia coisas que ela tinha ouvido.

Annabeth se mexeu no seu banco.

— Alguma coisa sobre... *O último suspiro do herói acontecer.*

— E..? — perguntou Quíron.

Ela continuou parada.

— Olha, o que importa é que eu tenho que entrar. Eu vou achar a oficina e impedir Luke. E... eu preciso de ajuda. — Ela se virou para mim. — Você virá?

Eu sequer hesitei.

— Estou dentro.

Ela sorriu para mim pela primeira vez em dias, e isso fez tudo valer a pena.

— Grover, você também? O deus da natureza está esperando.

Grover pareceu esquecer o quanto ele odiava o subsolo. A linha sobre "o desaparecido" havia energizado-o completamente.

— Eu vou empacotar recicláveis extras para o lanche!

— E Tyson — disse Annabeth. — Vou precisar de você também.

— Oba! Hora de explodir coisas! — Tyson bateu palmas com tanta força que acordou a Sra. O'Leary que estava cochilando no canto.

— Espere, Annabeth — disse Quíron. — Isto vai contra as leis antigas. A um herói é permitido apenas dois companheiros.

— Eu preciso de todos eles — insistiu ela. — Quíron, isso é importante.

Eu não sabia por que ela tinha tanta certeza, mas eu estava feliz por ela ter incluído Tyson. Eu não podia me imaginar deixando-o para trás. Ele era grande, forte e ótimo em coisas mecânicas. Diferente dos sátiros, os ciclopes não tinham problema no subsolo.

— Annabeth — Quíron mexeu sua cauda nervosamente. — Considere bem. Você estaria quebrando as leis antigas, e sempre existem consequências. No último inverno, cinco foram numa missão para salvar Ártemis. Apenas três voltaram. Pense nisso. Três é um número sagrado. Há três Parcas, três Fúrias, três filhos olimpianos de Cronos. É um bom número forte que se sustenta contra muitos perigos. Quatro... é um risco.

Annabeth respirou fundo.

— Eu sei. Mas nós precisamos. Por favor.

Eu podia dizer que Quíron não gostou disso. Quintus estava nos observando, como se estivesse tentando decidir qual de nós voltaria vivo.

Quíron suspirou.

— Muito bem. Vamos parar por aqui. Os membros da missão devem se preparar. Amanhã ao amanhecer, enviaremos vocês para o Labirinto.

Quintus me puxou de lado quando o conselho se dissolveu.

— Eu tenho um mau pressentimento sobre isso — disse-me ele.

Sra. O'Leary veio para perto de nós, abanando sua cauda feliz. Ela jogou seu escudo aos meus pés, e eu o joguei para ela. Quintus assistiu ela correr atrás dele. Eu me lembrei do que Juníper dissera sobre ele ter ido explorar o Labirinto. Eu não confiava nele, mas quando ele olhou para mim, eu vi preocupação real em seus olhos.

— Eu não gosto da ideia de você ir lá embaixo — disse ele. — Nenhum de vocês. Mas se vocês precisam, eu quero que você se lembre de algo. O Labirinto existe para confundir você. Ele vai distraí-lo. É perigoso para meio-sangues. Nós somos facilmente distraídos.

— Você já esteve lá?

— Há muito tempo. — Sua voz falhou. — Eu quase não escapei com a minha vida. A maioria que entra não tem essa sorte.

Ele segurou meu ombro.

— Percy, mantenha sua mente focada no que mais importa. Se você conseguir fazer isso, você encontrará o caminho. E aqui, queria te dar isso.

Ele me entregou um pequeno tubo prateado. Era tão frio que eu quase o larguei.

— Um apito? — perguntei.

— Um apito de cachorro — disse Quintus. — Para a Sra. O'Leary.

— Hã, obrigado, mas...

— Como isso irá funcionar no Labirinto? Eu não tenho cem por cento de certeza que irá. Mas a Sra. O'Leary é um cão infernal. Ela pode aparecer quando chamada, não importa quão longe ela esteja. Eu me sentiria melhor se você ficasse com isso. Se você realmente precisar de ajudar, use isso; mas seja cuidadoso, o apito é feito de gelo estígio.

— Gelo *o quê?*

— Do Rio Estige. Muito difícil de fazer. Muito delicado. Ele não pode derreter, mas ele vai se despedaçar quando você assoprá-lo, então você só pode usá-lo uma vez.

Eu pensei em Luke, meu velho inimigo. Antes de ir na minha primeira missão, Luke também me deu um presente, tênis mágicos que foram programados para me arrastar para a minha morte. Quintus parecia legal. Tão preocupado. E a Sra. O'Leary gostava dele, o que devia valer algo. Ela largou o escudo pegajoso aos meus pés e latiu animadamente.

Eu me senti envergonhado por ter sequer pensado em desconfiar de Quintus. Mas novamente, eu confiei em Luke uma vez.

— Obrigado — falei para Quintus.

Coloquei o apito congelante no meu bolso, prometendo a mim mesmo que eu nunca o usaria, então corri para encontrar Annabeth.

Desde que entrara para o acampamento, eu nunca estivera dentro do chalé de Atena.

Era um prédio prateado, nada extravagante, com cortinas brancas e uma coruja entalhada em pedra sobre a porta. Os olhos de ônix da coruja pareciam me seguir enquanto eu me aproximava.

— Olá? — chamei.

Ninguém respondeu. Eu entrei e respirei fundo. O lugar era uma oficina para crianças gênios. Os beliches estavam todos empurrados ao lado de uma parede como se dormir não fosse importante. A maior parte da sala estava cheia de bancadas, mesas, conjuntos de ferramentas e armas. No fundo da sala estava uma enorme biblioteca cheia de pergaminhos velhos, livros com capas de couro e brochuras. Havia uma mesa de arquiteto com um monte de réguas e transferidores, e algumas maquetes de prédios. Enormes velhos mapas de guerra estavam fixados no teto. Conjuntos de armaduras estavam pendurados abaixo da janela, fazendo com que o bronze brilhasse no sol.

Annabeth estava na parte de trás do cômodo, remexendo através de pergaminhos velhos.

— Toc, toc? — falei.

Ela virou assustada.

— Ah... oi. Não escutei você.

— Você está bem?

Ela franziu a testa para os pergaminhos em suas mãos.

— Só tentando fazer uma pesquisa. O Labirinto de Dédalo é tão grande. Nenhuma das histórias concorda em alguma coisa. Os mapas apenas levam do nada a lugar nenhum.

Eu pensei no que Quintus dissera, como o Labirinto tenta distrair você. Eu me perguntei se Annabeth já sabia disso.

— Nós vamos descobrir — prometi.

Seu cabelo havia se soltado e estava suspenso em uma cortina emaranhada loira em volta do seu rosto. Seus olhos cinzentos pareciam quase pretos.

— Eu quis liderar uma missão desde que tinha sete anos — disse ela.

— Você vai se sair bem.

Ela olhou para mim agradecida, mas então olhou para baixo para todos os livros e pergaminhos que ela tirara das prateleiras.

— Eu estou preocupada, Percy. Talvez eu não devesse ter te chamado para fazer isso. Ou Tyson ou Grover.

— Ei, nós somos seus amigos. Nós não perderíamos isso.

— Mas... — Ela se interrompeu.

— O que foi? — perguntei. — É sobre a profecia?

— Tenho certeza que está tudo bem — sussurrou ela.

— Qual era a última linha?

Então ela fez algo que realmente me surpreendeu. Ela piscou lágrimas e esticou os braços.

Eu dei um passo à frente e a abracei. Borboletas começaram a se revirar no meu estômago.

— Ei, está... está tudo bem. — falei, acariciando suas costas.

Eu estava ciente de tudo no cômodo. Eu sentia como se pudesse ler a menor impressão em qualquer livro das prateleiras. O cabelo de Annabeth cheirava a sabonete de limão. Ela estava tremendo.

— Talvez Quíron esteja certo — sussurrou ela. — Eu estou quebrando as regras. Mas eu não sei mais o que fazer. Eu preciso de vocês três. Apenas parece certo.

— Então não se preocupe com isso — falei. — Nós já tivemos muitos problemas antes, e nós resolvemos todos.

— Isto é diferente. Eu não quero que nada aconteça com... nenhum de vocês.

Atrás de mim, alguém pigarreou.

Era um dos meios-irmãos de Annabeth, Malcolm. O rosto dele estava vermelho brilhante.

— Hã, desculpa — disse ele. — O treino de arco e flecha já começou, Annabeth. Quíron disse para eu procurar você.

Eu me afastei de Annabeth.

— Nós só estávamos olhando mapas — falei estupidamente.

Malcolm olhou para mim.

— Ok.

— Diga a Quíron que eu já vou estar lá — disse Annabeth, e Malcolm saiu apressado. Annabeth esfregou os olhos. — Vá em frente, Percy. É melhor eu me preparar para o treino de arco e flecha.

Eu assenti, sentindo-me mais confuso do que jamais me sentira na minha vida. Eu queria sair correndo do chalé... mas de novo eu não o fiz.

— Annabeth? — falei. — Sobre sua profecia. A frase sobre o último suspiro de um herói...

— Você está imaginando qual herói? Eu não sei.

— Não. É outra coisa. Eu estive pensando que a última frase normalmente rima com a anterior. Era alguma coisa sobre... terminava com palavra *morrer?*

Annabeth olhou para os seus pergaminhos.

— É melhor você ir, Percy. Prepare-se para a missão. Eu... eu verei você de manhã.

Eu a deixei lá, vendo os mapas que levavam do nada para lugar nenhum; mas eu não podia afastar a sensação de que um de nós não voltaria dessa missão vivo.

CINCO

NICO COMPRA MCLANCHE FELIZ PARA OS MORTOS

Pelo menos tive uma boa noite de sono antes da missão, certo?

Errado.

Naquela noite nos meus sonhos, eu estava na cabine do *Princesa Andrômeda*. As janelas estavam abertas sobre um mar iluminado pela lua. O vento frio balançava as cortinas de veludo.

Luke estava ajoelhado sobre um tapete persa em frente ao sarcófago dourado de Cronos. Na luz do luar, o cabelo loiro de Luke parecia completamente branco. Ele usava uma antiga túnica grega e uma *himation* branca, uma espécie de capa que descia pelos seus ombros. As roupas brancas o fizeram parecer atemporal e um pouco surreal, como um dos deuses menores no Monte Olimpo. A última vez que eu o vi, ele estivera quebrado e inconsciente depois de uma queda feia do Monte Tam. Agora ele parecia perfeitamente bem. Quase saudável *demais*.

— Nossos espiões relatam sucesso, meu senhor — disse ele. — O Acampamento Meio-Sangue está enviando uma missão, como o senhor previu. A nossa parte do acordo está quase completa.

Excelente. A voz de Cronos não apenas falava como perfurava minha mente como um punhal. Era congelada com crueldade. *Quando tivermos os meios para navegar, eu mesmo irei liderar o ataque.*

Luke fechou os olhos como se coletando seus pensamentos.

— Meu senhor, talvez seja muito cedo. Talvez Crio ou Hipérion devam liderar...

Não. A voz era calma, mas absolutamente firme. *Eu vou liderar. Mais um coração deve juntar-se à nossa causa e será suficiente. Finalmente eu me erguerei completo do Tártaro.*

— Mas a forma, meu senhor... — A voz de Luke começou a tremer.

Mostre-me sua espada, Luke Castellan.

Um choque passou por mim. Eu percebi que nunca ouvira o sobrenome de Luke antes. Isso nunca sequer tinha me ocorrido.

Luke desembainhou sua espada. A lâmina dupla de Mordecostas brilhou perversamente – metade aço, metade bronze celestial. Eu quase fui morto várias vezes por essa espada. Era uma arma maligna, capaz de matar mortais e monstros. Era a única lâmina que eu realmente temia.

Você se comprometeu comigo, lembrou-o Cronos. *Você pegou essa espada como prova do seu juramento.*

— Sim, meu senhor. É que...

Você queria poder. Eu lhe dei poder. Você agora não pode ser ferido. Logo você irá governar o mundo dos deuses e dos mortais. Não deseja se vingar? Ver o Olimpo destruído?

Um arrepio correu através do corpo de Luke.

— Sim.

O caixão brilhava, sua luz dourada enchia a sala.

Então prepare a força de ataque. Logo que o acordo estiver fechado, devemos avançar. Primeiro, o Acampamento Meio-Sangue será reduzido a cinzas. Quando os heróis irritantes estejam eliminados, nós marcharemos para o Olimpo.

Houve uma batida na porta da cabine. A luz do caixão sumiu. Luke se levantou. Ele embainhou sua espada, ajustou suas roupas brancas, e respirou fundo.

— Entre.

As portas se abriram. Duas *dracaenae*, mulheres com troncos duplos de serpente em vez de pernas, escorregaram para dentro. Entre elas caminhava Kelli, a *empusa* líder de torcida da minha orientação de calouros.

— Olá, Luke — disse Kelli, sorrindo.

Ela usava um vestido vermelho e estava incrível, mas eu vira a sua verdadeira forma. Eu sabia o que ela estava escondendo: pernas desparelhadas, olhos vermelhos, presas e cabelo flamejante.

— O que é isso, demônio? — A voz de Luke era fria. — Eu lhe disse para não me perturbar.

Kelli fez beicinho.

— Isso não é muito legal. Você parece tenso. Que tal uma massagem nos ombros?

Luke recuou.

— Se você tem algo a relatar, fale. Caso contrário, saia!

— Eu não sei por que você está tão irritado estes dias. Você *costumava* ser divertido para passar o tempo.

— Isso foi antes de ver o que você fez com aquele garoto em Seattle.

— Ah, ele não significou nada para mim — disse Kelli. — Na verdade foi somente um lanche. Você sabe que meu coração pertence a você, Luke.

— Obrigado, mas dispenso. Agora relate ou saia.

Kelli deu de ombros.

— Ótimo. A equipe avançada está pronta, para sua surpresa. Nós podemos partir... — ela franziu as sobrancelhas.

— O que é? — perguntou Luke.

— Uma presença — disse Kelli. — Seus sentidos estão ficando entorpecidos, Luke. Estamos sendo vigiados.

Ela examinou a cabine. Seus olhos focaram direto em mim. Seu rosto murchou como o de uma bruxa. Ela expôs suas presas e atacou.

Eu acordei assustado, com meu coração batendo rapidamente. Eu podia jurar que as presas da *empusa* estavam a um centímetro da minha garganta.

Tyson estava roncando no beliche próximo. O som me acalmou um pouco.

Eu não sabia como Kelli podia ter me sentido em um sonho, mas eu ouvira mais do que queria saber.

Um exército estava pronto. Cronos iria liderá-lo pessoalmente. Tudo que eles precisavam era de uma maneira para navegar pelo Labirinto para que pudessem invadir e destruir o Acampamento Meio-Sangue, e Luke aparentemente pensava que isso iria acontecer muito em breve.

Fiquei tentado a ir acordar Annabeth e dizer a ela, meio da noite ou não. Então percebi que o quarto estava mais claro do que deveria estar. Um brilho azul esverdeado vinha da fonte de água salgada, mais brilhante e urgente do que na noite anterior. Era quase como se a água sussurrasse.

Eu saí da cama e me aproximei.

Nenhuma voz veio da água desta vez, pedindo por um depósito. Eu tive a sensação de que a fonte estava esperando que eu fizesse o primeiro movimento.

Eu provavelmente deveria ter voltado para a cama. Em vez disso eu pensei sobre o que eu vira noite passada – a estranha imagem de Nico na margem do Rio Estige.

— Você está tentando me dizer alguma coisa — falei.

Nenhuma resposta da fonte.

— Tudo bem. — falei. — Me mostre Nico di Angelo.

Eu nem sequer joguei uma moeda, mas desta vez não importava. Foi como se alguma outra força além de Íris, a deusa mensageira, tivesse controle da água. A água se agitou. Nico apareceu, mas ele já não estava mais no Mundo Inferior. Ele estava parado em um cemitério sob um céu estrelado. Salgueiros gigantes se agitavam ao redor dele.

Ele estava olhando alguns cavadores de cova trabalhando. Ouvi pás e vi terra voando para fora do buraco. Nico estava vestindo um casaco preto. A noite estava nebulosa. Estava quente e úmida, e rãs coaxavam. Uma grande sacola de compras estava ao lado dos pés de Nico.

— Está profunda o suficiente? — Nico perguntou, parecendo irritado.

— Quase, meu senhor. — Era o mesmo fantasma que eu vira antes com Nico, a indistinta imagem de um homem. — Mas, meu senhor, eu lhe digo, isto é desnecessário. Você já tem a mim para aconselhá-lo.

— Quero uma segunda opinião! — Nico estalou os dedos, e a escavação parou. Duas figuras saíram do buraco. Não eram pessoas. Eram esqueletos em roupas esfarrapadas.

— Vocês estão dispensados — disse Nico. — Obrigado.

Os esqueletos desabaram em pilhas de ossos.

— Você também poderia agradecer às pás — reclamou o fantasma. — Elas têm tanto crédito quanto.

Nico o ignorou. Ele abriu sua sacola de compras e puxou um pacote com doze Cocas. Ele abriu uma lata. No lugar de beber, ele despejou na cova.

— Deixe os mortos provarem novamente — murmurou ele. — Deixe-os ressurgir e usufruir desta oferenda. Deixe-os lembrar.

Ele derramou o resto das Cocas na cova e puxou um saco vermelho de papel com um sorriso amarelo. Eu não vira um desses em anos, mas eu reconheci, era um McLanche Feliz.

Ele virou de cabeça para baixo e jogou as batatas fritas e o hambúrguer na vala.

— No meu tempo, usávamos sangue de animal — resmungou o fantasma. — É bom o suficiente. Eles não podem sentir a diferença.

— Eu vou tratá-los com respeito — disse Nico.

— Pelo menos me deixe ficar com o brinquedo — disse o fantasma.

— Fique quieto! — ordenou Nico.

Ele esvaziou outra dúzia de refrigerantes e mais três McLanche Feliz na vala, em seguida começou a recitar um cântico em grego antigo. Eu entendi apenas algumas das palavras, coisas sobre os mortos, memórias e retornos do túmulo. Coisas extremamente felizes.

A cova começou a borbulhar. Uma espuma marrom líquida subiu ao topo como se a coisa toda estivesse se enchendo de refrigerante. A neblina ficou mais espessa. As rãs pararam de coaxar. Dezenas de sombras começaram a aparecer entre as lápides: azuladas, formas vagamente humanas. Nico havia convocado os mortos com Coca e *cheeseburgers*.

— São muitos — disse o fantasma nervosamente. — Você não conhece seus próprios poderes.

— Eu tenho tudo sob controle — disse Nico, embora sua voz soasse frágil.

Ele sacou sua espada, uma lâmina curta feita de metal preto sólido. Eu nunca vira nada parecido. Não era bronze celestial ou aço. Ferro, talvez? A multidão de sombras recuou à vista da espada.

— Um de cada vez — ordenou Nico.

Uma única figura flutuou a frente e se ajoelhou na piscina. Ele fazia barulho, sugando enquanto bebia. Suas mãos fantasmagóricas retiravam batatas fritas da piscina.

Quando ele se levantou novamente, eu pude vê-lo muito mais claramente, era um adolescente em armadura grega. Ele tinha cabelo encaracolado e olhos verdes, uma fivela em forma de concha em sua capa.

— Quem é você? — disse Nico. — Fale.

O jovem franziu a testa como se tentasse se lembrar. Aí ele falou em uma voz como papel seco e amassado:

— Eu sou Teseu.

De jeito nenhum, pensei. Esse não pode ser *o* Teseu. Ele era apenas um garoto. Eu cresci ouvindo histórias sobre ele combatendo o Minotauro e outras coisas, mas eu sempre o imaginei como esse cara enorme e forte. O fantasma para o qual eu estava olhando não era forte ou alto. E ele não era mais velho do que eu.

— Como posso recuperar a minha irmã? — perguntou Nico.

Os olhos de Teseu estavam sem vida como vidro.

— Não tente. É loucura.

— Apenas me diga!

— Meu padrasto morreu — lembrou-se Teseu. — Ele se atirou no mar porque pensou que eu morrera no Labirinto. Eu quis trazê-lo de volta, mas não pude.

O fantasma de Nico sibilou.

— Meu senhor, a troca de almas! Pergunte a ele sobre isso!

Teseu endureceu.

— Essa voz. Eu conheço essa voz.

— Não, você não conhece, tolo! — disse o fantasma. — Responda às perguntas do mestre e nada mais!

— Eu conheço você — insistiu Teseu, esforçando-se para recordar.

— Eu quero ouvir sobre a minha irmã — disse Nico. — Essa missão no Labirinto me ajudará a recuperá-la?

Teseu estava olhando para o fantasma, mas aparentemente não conseguia vê-lo. Lentamente, ele virou os olhos para Nico.

— O Labirinto é traiçoeiro. Só há uma coisa que me fez ver através dele: o amor de uma mulher mortal. O fio era apenas parte da resposta. Foi a princesa que me guiou.

— Não precisamos de nada disso — disse o fantasma. — Eu irei guiá-lo, meu senhor. Pergunte a ele se é verdade sobre uma troca de almas. Ele vai dizer.

— Uma alma por outra alma — perguntou Nico. — É verdade?

— E-eu devo dizer que sim. Mas o espectro...

— Apenas responda às perguntas, patife! — disse o fantasma.

De repente, em volta das bordas da piscina, os outros fantasmas ficaram inquietos.

Eles se agitaram, sussurrando em tons nervosos.

— Eu quero ver minha irmã! — disse Nico. — Onde está ela?

— Ele está vindo — disse Teseu, com medo. — Ele sentiu as suas convocações. Ele vem vindo.

— Quem? — Nico perguntou.

— Ele vem para encontrar a fonte deste poder — disse Teseu. — Você deve nos libertar.

A água na minha fonte começou a tremer, sussurrando com poder. Eu percebi que todo o chalé estava tremendo. O ruído ficou mais alto. A imagem de Nico no cemitério começou a brilhar até que se tornou doloroso assistir.

— Pare — gritei. — Pare!

A fonte começou a rachar. Tyson murmurou em seu sono e mudou de posição. Luz roxa irradiava horrivelmente, sombras fantasmagóricas apareceram nas paredes do chalé, como se os espectros estivessem fugindo para fora da fonte.

Em desespero eu destampei Contracorrente e golpeei a fonte, partindo-a em dois. Água salgada se derramou por toda parte, e a grande pedra da fonte caiu e se espatifou em pedaços no chão. Tyson roncou e murmurou, mas continuou dormindo.

Eu afundei no chão, com calafrios pelo que eu havia visto. Tyson me encontrou lá de manhã, ainda olhando para a os restos despedaçados da fonte de água salgada.

Logo após o amanhecer, o grupo da missão se reuniu no Punho de Zeus. Eu arrumei minha mochila com garrafas térmicas com néctar, ambrosia, saco de dormir, cordas, roupas, lanternas e muitas baterias extras. Eu tinha Contracorrente no meu bolso. O relógio-escudo de pulso que Tyson fizera para mim estava no meu pulso.

Era uma manhã clara. O nevoeiro tinha sumido e o céu estava azul. Os campistas teriam suas aulas hoje, voando em pégasos, praticando arco e flecha e escalando a parede de lava. Enquanto isso estaríamos nos dirigindo ao subterrâneo.

Juníper e Grover estavam separados do grupo. Juníper estivera chorando novamente, mas ela estava tentando manter-se bem por Grover. Ela ficava mexendo nas roupas dele, endireitando seu boné e tirando pelo de bode de sua camisa. Já que não tínhamos ideia do que iríamos encontrar, ele estava vestido como humano, com o boné para ocultar os seus chifres, e jeans, pés falsos e tênis para esconder suas pernas de bode.

Quíron, Quintus, e a Sra. O'Leary estavam com os outros campistas que vieram nos desejar boa sorte, mas havia muita atividade para sentir como sendo uma despedida feliz. Uma dupla de tendas havia sido erguida nas rochas para o serviço de guarda. Beckendorf e seus irmãos estavam trabalhando em uma linha defensiva de cravos e trincheiras. Quíron tinha decidido que precisávamos guardar a saída no Labirinto todo o tempo, só por via das dúvidas.

Annabeth estava fazendo uma última verificação na sua mochila. Quando Tyson e eu chegamos perto, ela franziu a testa.

— Percy, você está horrível.

— Ele matou a fonte de água noite passada — disse Tyson.

— O quê? — perguntou ela.

Antes que eu pudesse explicar, Quíron chegou trotando.

— Bem, parece que vocês estão prontos!

Ele tentou soar otimista, mas eu podia dizer que ele estava ansioso. Eu não queria preocupá-lo mais ainda, mas eu pensei sobre o sonho da última noite, e antes que eu pudesse mudar de ideia, falei:

— Ei, Quíron, posso lhe pedir um favor enquanto eu estiver fora?

— Claro, meu garoto.

— Já volto, gente. — Eu indiquei o bosque. Quíron ergueu uma sobrancelha, mas me seguiu de perto.

— Na noite passada — falei — eu sonhei com Luke e Cronos.

Contei a ele os detalhes. A notícia pareceu pesar em seus ombros.

— Eu temia isso — disse Quíron. — Contra o meu pai, Cronos, não teríamos chance em uma luta.

Quíron raramente chamava Cronos de pai. Quero dizer, todos nós sabíamos que era verdade. Todo mundo no mundo grego, deus, monstro, ou titã, era aparentado de alguma forma. Mas isso não era exatamente algo do qual Quíron gostava de se gabar.

Ah, meu pai é o todo-poderoso lorde titã demoníaco que quer destruir a Civilização Ocidental. Eu quero ser exatamente como ele quando crescer!

— Você sabe o que ele quis dizer sobre um acordo? — perguntei.

— Não tenho certeza, mas temo que eles procurem fazer um acordo com Dédalo. Se o velho inventor está realmente vivo, se ele não ficou louco pelos milênios no Labirinto... bem, Cronos pode encontrar maneiras de torcer qualquer um para sua vontade.

— Não qualquer um — prometi.

Quíron conseguiu sorrir.

— Não. Talvez não qualquer um. Mas, Percy, você deve tomar cuidado. Eu tenho me preocupado há algum tempo que Cronos pode estar à procura de Dédalo por um motivo diferente, não apenas passagem pelo Labirinto.

— O que mais ele poderia querer?

— Algo que Annabeth e eu estávamos conversando. Você se lembra o que você me contou sobre a sua primeira viagem ao *Princesa Andrômeda*, a primeira vez que você viu o caixão dourado?

Eu assenti.

— Luke estava falando sobre erguer Cronos, pedacinhos dele aparecendo no caixão cada vez que alguém novo juntava-se a sua causa.

— E o que Luke disse que faria quando tivesse erguido Cronos completamente?

Um calafrio desceu pela minha coluna.

— Ele disse que faria um novo corpo para Cronos, digno das forjas de Hefesto.

— Certamente — disse Quíron. — Dédalo foi o maior inventor do mundo. Ele criou o Labirinto, mas muito mais. Autômatos, máquinas pensantes... E se Cronos desejar que Dédalo faça para ele um novo corpo?

Isso foi um pensamento realmente agradável.

— Temos que chegar primeiro a Dédalo — falei — e convencê-lo a não fazer.

Quíron encarou as árvores.

— Uma outra coisa que eu não compreendo... essa conversa sobre uma última alma se unindo à causa deles. Isto não soa nada bem.

Mantive a minha boca fechada, mas me senti culpado. Eu tinha tomado a decisão de não contar a Quíron sobre Nico ser um filho de Hades. A menção de almas, entretanto. E se Cronos souber sobre Nico? E se ele conseguir torná-lo mal? Foi quase o suficiente para me fazer querer contar a Quíron, mas não contei. Mas eu não estava certo se Quíron poderia fazer algo sobre isso. Eu tinha que encontrar Nico eu mesmo. Tinha que explicar as coisas pra ele, fazê-lo ouvir.

— Não sei — falei finalmente. — Mas, hã, algo que Juníper disse, talvez você deva ouvir.

Contei a ele como a ninfa das árvores tinha visto Quintus rondando as rochas.

Quíron endureceu a mandíbula.

— Isso não me surpreende.

— Isso não... quer dizer que você sabia?

— Percy, quando Quintus apareceu no acampamento oferecendo seus serviços... bem, eu seria um tolo se não suspeitasse.

— Então por que você o deixou entrar?

— Porque às vezes é melhor ter alguém que você desconfia perto de você, de modo que você possa manter um olho nele. Ele pode ser exatamente o que ele diz: um meio-sangue em busca de um lar. Certamente ele não tem feito nada abertamente que me faça questionar sua lealdade. Mas acredite em mim. Irei manter um olho...

Annabeth foi até nós, provavelmente curiosa por que estávamos demorando tanto.

— Percy, você está pronto?

Eu assenti. Minha mão escorregou para o meu bolso, onde coloquei o apito gelado que Quintus me dera. Eu olhei para frente e vi Quintus me observando atentamente. Ele levantou a mão em despedida.

Nossos espiões relatam sucesso, dissera Luke. No mesmo dia que decidimos enviar uma missão, Luke soubera sobre isso.

— Tome cuidado — disse-nos Quíron. — E boa sorte.

— Você também — falei.

Caminhamos para as rochas, onde Tyson e Grover estavam esperando. Eu encarei a rachadura entre os rochedos, a entrada que estava prestes a nos engolir.

— Bem. — disse Grover nervosamente — adeus, luz do sol.

— Olá, rochas — concordou Tyson.

E juntos, nós quatro descemos para as trevas.

SEIS

ENCONTRAMOS O DEUS DE DUAS CARAS

Conseguimos andar uns trinta metros antes de estarmos completamente perdidos.

O túnel não parecia nada parecido ao que Annabeth e eu tínhamos tropeçado antes. Agora era redondo como um esgoto, construído de tijolos vermelhos com vãos com barras de ferro de três metros. Eu iluminei através de um dos vãos por curiosidade, mas não pude ver nada. Ele se abria em infinita escuridão. Pensei ter ouvido vozes do outro lado, mas podia ter sido apenas o vento frio.

Annabeth tentou o seu melhor para guiar-nos. Ela teve essa ideia de que devíamos nos ater à parede esquerda.

— Se mantivermos uma mão na parede da esquerda e segui-la — disse ela — devemos ser capazes de encontrar o nosso caminho de volta invertendo o curso.

Infelizmente, logo que ela disse isso, a parede da esquerda desapareceu. Nós nos encontramos no meio de uma câmara circular com oito túneis, e não tínhamos ideia de como chegáramos lá.

— Hã, por qual caminho viemos? — disse Grover nervosamente.

— Apenas dê meia volta — disse Annabeth.

Cada um de nós se virou para um túnel diferente. Foi ridículo. Nenhum de nós conseguia decidir que caminho levava de volta ao acampamento.

— Paredes da esquerda são más — disse Tyson. — Qual o caminho agora?

Annabeth iluminou a entrada dos oito túneis com a lanterna. No que eu podia dizer, elas eram idênticas.

— Por ali — disse ela.

— Como você sabe? — perguntei.

— Raciocínio dedutivo.

— Então... você está chutando.

— Apenas venha — disse ela.

O túnel que ela escolhera se estreitou rapidamente. As paredes transformaram-se em cimento cinza e o teto ficou tão baixo que logo, logo tivemos que dobrar as costas.

Tyson foi forçado a engatinhar. Grover hiperventilando era o mais alto ruído no Labirinto.

— Eu não posso mais aguentar isso — sussurrou ele. — Já chegamos?

— Nós estamos aqui em baixo por talvez cinco minutos — disse Annabeth a ele.

— Foi mais do que isso — insistiu Grover. — E por que Pã estaria aqui em baixo? Este é o oposto da natureza!

Continuamos desordenadamente em frente. Bem quando tive certeza de que o túnel ficaria tão estreito que iria nos espremer, ele se abriu numa enorme sala. Eu iluminei as paredes em volta com minha lanterna e disse:

— Uau.

O cômodo todo era coberto de azulejos de mosaico. As figuras estavam encardidas e desbotadas, mas eu ainda podia ver as cores vermelho, azul, verde, dourado. O mural mostrava os deuses olimpianos em um banquete. Lá estava o meu pai, Poseidon, com o seu tridente, segurando uvas para Dioniso transformar em vinho. Zeus estava festejando com sátiros e Hermes estava voando com suas sandálias aladas. As imagens eram lindas, mas não eram muito precisas. Eu tinha visto os deuses. Dioniso não era bonito assim e o nariz de Hermes não era tão grande.

No meio da sala estava uma fonte com três níveis. Parecia que não tinha água na fonte há um longo tempo.

— Que lugar é este? — murmurei. — Parece...

— Romano — disse Annabeth. — Esses mosaicos são de dois mil anos atrás.

— Mas como eles podem ser romanos?

Eu não era bom em história antiga, mas eu tinha certeza de que o Império Romano nunca chegara tão longe como Long Island.

— O Labirinto é uma miscelânea — disse Annabeth. — Eu te disse, está sempre em expansão, adicionando peças. É o único trabalho de arquitetura que cresce por si mesmo.

— Você faz soar como se estivesse vivo.

Um barulho como um gemido ecoou do túnel em frente a nós.

— Não vamos falar sobre isso estar vivo — choramingou Grover. — Por favor?

— Tudo bem. — disse Annabeth. — Em frente.

— Descer o corredor com os sons ruins? — disse Tyson.

Até mesmo ele parecia nervoso.

— É — disse Annabeth. — A arquitetura está ficando mais velha. Isso é um bom sinal. A oficina de Dédalo será na parte mais antiga.

Isso fazia sentido. Mas logo o Labirinto estava brincando com a gente – andamos quinze metros e o túnel virou cimento de novo, com canos de bronze correndo pelos lados. As paredes foram grafitadas com spray. Lia-se em um letreiro de neon MOZ MANDA.

— Eu acho que isso não é romano — falei prestativamente.

Annabeth respirou profundamente, então seguiu em frente.

A cada passo os túneis espiralavam, se transformavam e se ramificavam. O piso abaixo de nós foi de cimento para lama para tijolos e tudo de novo. Não havia qualquer sentido em nenhum deles. Nós tropeçamos em uma adega estreita várias garrafas empoeiradas em prateleiras de madeira como se estivéssemos atravessando o porão de alguém, só que não havia saída alguma acima de nós, só mais túneis.

Depois o teto se transformou em tábuas de madeira, e eu podia ouvir vozes acima de nós e o barulho de pegadas, como se estivéssemos caminhando sob algum tipo de bar. Era reconfortante ouvir pessoas, mas mais uma vez, não podíamos chegar até elas. Estávamos presos aqui embaixo, sem saída. Então nós encontramos nosso primeiro esqueleto.

Ele estava vestido com roupas brancas, como uma espécie de uniforme. Um engradado de madeira com garrafas de vidro estava próximo a ele.

— Um leiteiro — disse Annabeth.

— O quê? — perguntei.

— Eles costumavam entregar leite.

— É, eu sei o que eles são, mas... isso era quando a minha mãe era pequena, tipo, há um milhão de anos atrás. O que é que ele está fazendo aqui?

— Algumas pessoas se perdem por engano — disse Annabeth. — Algumas vêm explorar de propósito e nunca saem. Há muito tempo atrás, os cretenses enviavam pessoas aqui como sacrifícios humanos.

Grover engoliu.

— Ele está aqui embaixo há muito tempo. — Ele apontou para as garrafas dos esqueletos, que estavam cobertas com poeira branca. Os dedos do esqueleto estavam arranhando a parede de tijolos, como se ele tivesse morrido tentando sair.

— Só os ossos — disse Tyson. — Não se preocupe, garoto-bode. O leiteiro está morto.

— Não é o leiteiro que me incomoda — disse Grover. — É o cheiro. Monstros. Você não consegue sentir?

Tyson assentiu.

— Um monte de monstros. Mas o subterrâneo cheira assim. Monstros e leiteiros mortos.

— Ah, bom — choramingou Grover. — Pensei que talvez eu estivesse errado.

— Temos que ir mais fundo no Labirinto — disse Annabeth. — Tem de haver um caminho para o centro.

Ela nos levou para a direita, depois para a esquerda, através de um corredor de aço como uma espécie de eixo de ar, e voltamos ao cômodo com azulejos romanos e a fonte.

Desta vez, não estávamos sozinhos.

O que eu vi primeiro foram seus rostos. Os dois. Eles saiam de ambos os lados da cabeça dele, olhando sobre seus ombros, de forma que a cabeça dele era muito mais ampla do que deveria ser, como uma espécie de tubarão-martelo. Olhando diretamente para ele, tudo que eu via eram duas orelhas sobrepostas e imagens-espelho de costeletas.

Ele estava vestido como um porteiro de Nova York: um longo sobretudo preto, sapatos brilhantes, e um chapéu preto alto que conseguiu de alguma forma ficar sobre sua cabeça dupla.

— E então, Annabeth? — disse o rosto da esquerda. — Depressa!

— Não ligue para ele — disse o rosto da direita. — Ele é terrivelmente rude. Por essa direção, senhorita.

O queixo de Annabeth caiu.

— Hã... eu não...

Tyson franziu as sobrancelhas.

— Esse homem engraçado tem duas caras.

— O homem engraçado tem ouvidos, sabia? — resmungou a face da esquerda. — Agora venha, senhorita.

— Não, não — disse a face da direita. — Nesta direção, senhorita. Fale *comigo*, por favor.

O homem de duas caras observou Annabeth da melhor forma que podia pelo canto dos seus olhos. Era impossível olhar para ele diretamente sem focar em um lado ou no outro. E de repente eu percebi que era isso que ele estava pedindo, ele queria que Annabeth escolhesse.

Atrás dele estavam duas saídas, bloqueadas por portas de madeira com enormes cadeados de ferro. Eles não estiveram lá na nossa primeira vez na sala. O porteiro de duas caras segurava uma chave prata, que ele continuava passando de sua mão esquerda para a sua mão direita. Imaginei se este era um lugar completamente diferente, mas o mural dos deuses parecia exatamente o mesmo.

Atrás de nós, a porta pela qual entramos desapareceu, substituída por mais mosaicos. Não poderíamos voltar pelo caminho que viemos.

— As saídas estão fechadas — disse Annabeth.

— Dã! — disse a face esquerda do homem.

— Aonde elas levam? — perguntou ela.

— Uma provavelmente leva ao lugar que você deseja ir — disse o rosto da direita animadoramente. — A outra leva a uma morte certa.

— Eu... Eu sei quem você é — disse Annabeth.

— Ah, você é esperta! — zombou o rosto da esquerda. — Mas você sabe que caminho escolher? Eu não tenho o dia todo.

— Por que vocês estão tentando me confundir? — perguntou Annabeth.

A face da direita sorriu.

— Você está no comando agora, minha querida. Todas as decisões estão em seus ombros. Isso é o que você queria, não é?

— Eu...

— Nós conhecemos você, Annabeth — disse a face da esquerda. — Sabemos contra o que você luta todos os dias. Sabemos das suas indecisões. Você terá que fazer sua escolha mais cedo ou mais tarde. E a escolha pode matar você.

Eu não sabia do que eles estavam falando, mas soou como se fosse mais do que uma escolha entre portas.

A cor fugiu do rosto de Annabeth.

— Não... Eu não...

— Deixe-a em paz — falei. — Quem é você, afinal?

— Eu sou o seu melhor amigo — disse a face da direita.

— Eu sou o seu pior inimigo — disse a face da esquerda.

— Eu sou Jano — afirmaram ambas as faces em harmonia. — Deus das portas. Começos. Finais. Escolhas.

— Eu verei você muito em breve, Perseu Jackson — disse a face da direita. — Mas agora é a vez de Annabeth. — Ele riu alegremente. — Isso é tão divertido!

— Cale a boca! — disse o rosto da esquerda. — Isso é sério. Uma má escolha pode arruinar toda a sua vida. Pode matar você e todos os seus amigos. Mas sem pressão, Annabeth. Escolha!

Com um repentino calafrio, eu me lembrei das palavras da profecia: *da criança de Atena, a defesa final.*

— Não faça isso — falei.

— Eu receio que ela tenha de fazer — disse o rosto da direita, alegremente.

Annabeth lambeu seus lábios.

— Eu... eu escolho...

Antes que ela pudesse apontar para uma porta, uma brilhante luz inundou a sala.

Jano levantou suas mãos para cada lado de sua cabeça para cobrir os olhos. Quando a luz sumiu, uma mulher estava em pé na fonte.

Ela era alta e elegante com longos cabelos da cor de chocolate, trançados com fitas de ouro. Ela usava um vestido branco simples, mas quando ela se movia, o tecido tremulava com cores como óleo sobre a água.

— Jano — disse ela — causando problemas de novo?

— N-não, minha senhora! — gaguejou a face de Jano da direita.

— Sim! — disse o rosto da esquerda.

— Cale a boca! — disse o rosto da direita.

— O que disse? — perguntou a mulher.

— Não você, minha senhora! Eu estava falando comigo mesmo.

— Entendo — disse a mulher. — Você sabe muito bem que sua visita é prematura. A hora da garota ainda não chegou. Então eu darei *a você* uma escolha: deixar estes heróis comigo ou irei transformar *você* em uma porta e te quebrar.

— Que tipo de porta? — perguntou a face da esquerda.

— Cale a boca! — disse o rosto da direita.

— Porque portas francesas são legais — disse a face da esquerda. — Cheias de luz natural.

— Cale a boca! — gritou a face da direita. — Não você, minha senhora! Claro que eu vou sair. Eu só estava me divertindo um pouco. Fazendo o meu trabalho. Oferecendo opções.

— Causando indecisão — corrigiu a mulher. — Agora vá!

O rosto da esquerda murmurou:

— A autoridade da festa.

Ele levantou a sua chave prateada, inseriu no ar, e desapareceu.

A mulher se voltou para nós, e medo se fechou em torno do meu coração. Seus olhos brilhavam com poder. *Deixe estes heróis comigo.* Isso não parecia bom. Por um segundo, eu quase desejei que tivéssemos tentado nossas chances com Jano. Mas então a mulher sorriu.

— Vocês devem estar com fome — disse ela. — Sentem comigo e falem.

Ela acenou sua mão, e a antiga fonte romana começou a funcionar. Jatos de água clara pulverizaram o ar. Uma mesa de mármore apareceu, carregada de bandejas com sanduíches e jarros de limonada.

— Quem... quem é você? — perguntei.

— Sou Hera. — A mulher sorriu. — Rainha dos Céus.

Eu havia visto Hera antes somente uma vez no Conselho Olimpiano, mas eu não tinha prestado muita atenção nela. Na época eu tinha sido cercado por um bando de outros deuses que discutiam se iam ou não me matar.

Eu não me lembrava dela parecer tão normal. Claro, os deuses normalmente estão com seis metros de altura quando estão no Olimpo, o que faz com que pareçam muito menos normais. Mas agora, Hera parecia uma mãe comum.

Ela nos serviu sanduíches e despejou limonada.

— Grover, querido — disse ela — use o seu guardanapo. Não o coma.

— Sim, senhora — disse Grover.

— Tyson, você está tão magro. Quer outro sanduíche de manteiga de amendoim?

Tyson abafou um arroto.

— Sim, senhora simpática.

— Rainha Hera — disse Annabeth. — Eu não posso acreditar nisso. O que a senhora está fazendo no Labirinto?

Hera sorriu. Ela agitou um dedo e o cabelo de Annabeth se penteou sozinho. Toda a sujeira e fuligem desapareceram do seu rosto.

— Eu vim para ver você, é claro — disse a deusa.

Grover e eu trocamos olhares nervosos. Normalmente, quando os deuses vêm procurar por você, não é pela bondade dos seus corações. É porque querem alguma coisa.

Ainda assim, isso não me manteve longe dos sanduíches de peru e queijo suíço, batatas fritas e limonada. Eu não tinha percebido como estava faminto. Tyson estava engolindo um sanduíche de manteiga de amendoim após o outro, e Grover estava amando a limonada, triturando o copo de isopor como se fosse casquinha de sorvete.

— Eu não achei... — Annabeth vacilou. — Bem, eu não achei que você gostasse de heróis.

Hera sorriu gentilmente.

— Por causa daquela briguinha que tive com o Hércules? Sinceramente, ganhei tanta má fama devido a um desentendimento.

— Você não tentou matá-lo um monte de vezes? — perguntou Annabeth.

Hera acenou sua mão desconsiderando.

— Águas passadas, minha querida. Além disso, ele foi um dos filhos do meu amado marido com *outra* mulher. Admito que minha paciência estava escassa. Mas desde então Zeus e eu tivemos algumas excelentes sessões de aconselhamento para casais. Expusemos nossos sentimentos e chegamos a um entendimento, principalmente depois daquele último incidente.

— Você quer dizer quando ele gerou Thalia? — supus.

Imediatamente desejei não ter falado isso. Assim que eu disse o nome da nossa amiga, a meio-sangue filha de Zeus, Hera voltou seus olhos para mim friamente.

— Percy Jackson, não é? Uma das... *crianças* de Poseidon. — Tive a sensação de que ela estava pensando em outra palavra além de *crianças*. — Pelo que me lembro, eu votei em deixar você viver no solstício de inverno. Espero ter votado corretamente.

Ela se virou para Annabeth com um sorriso ensolarado.

— De qualquer forma, eu certamente não desejo a você nenhum mal, minha menina. Aprecio a dificuldade da sua missão. Especialmente quando você tem que

lidar com desordeiros como Jano.

Annabeth baixou seu olhar.

— Por que ele estava aqui? Ele estava me deixando louca.

— Tentando — concordou Hera. — Você tem que entender, os deuses menores como Jano sempre foram frustrados pelas pequenas funções que desempenham no universo. Alguns, receio, têm pouco amor pelo Olimpo, e poderiam ser facilmente tentados a juntar-se à ascensão de meu pai.

— Seu pai? — falei. — Ah, certo.

Eu tinha esquecido que Cronos era o pai de Hera também, assim como era pai de Zeus, Poseidon, e todos os deuses olimpianos mais velhos. Acho que isso fazia de Cronos meu avô, mas o pensamento era tão estranho que eu o coloquei para fora da minha mente.

— Temos de vigiar os deuses menores — disse Hera. — Jano. Hécate. Morfeu. Eles se dizem devotos ao Olimpo, mas ainda...

— Isso é o que Dioniso foi fazer — lembrei. — Ele foi verificar os deuses menores.

— Exatamente. — Hera apontou para os mosaicos dos olimpianos. — Em tempos de dificuldade, até mesmo os deuses podem perder a fé. Eles começam a colocar sua confiança nas coisas erradas. Eles param de olhar para o quadro geral e começam a ser egoístas. Mas eu sou a deusa do casamento. Estou acostumada com a perseverança. Você tem que superar as disputas e o caos, e continuar acreditando. Você tem que manter sempre os seus objetivos em mente.

— Quais são os seus objetivos? — perguntou Annabeth.

Ela sorriu.

— Manter minha família, os olimpianos, unidos, é claro. No momento, a melhor forma com que posso fazer isso é ajudando você. Zeus não permite que eu interfira muito, mas uma vez a cada século, aproximadamente, em uma missão que me interesse muito, ele permite que eu conceda um desejo.

— Um desejo?

— Antes que você peça, deixe-me dar alguns conselhos, o que eu posso fazer de graça. Eu sei que você procura Dédalo. Seu Labirinto é um mistério para mim assim como é para você. Mas se quer saber o seu destino, eu visitaria meu filho Hefesto em sua forja. Dédalo foi um grande inventor, um mortal que Hefesto gostava.

Nunca houve um mortal que Hefesto admirasse mais. Se existe alguém que mantém contato com Dédalo e pode dizer-lhe o seu destino, é Hefesto.

— Mas como vamos chegar lá? — perguntou Annabeth. — Este é o meu desejo. Eu quero uma maneira de navegar pelo Labirinto.

Hera pareceu desapontada.

— Que assim seja. No entanto você deseja por algo que já lhe foi dado.

— Eu não entendo.

— Os meios já estão dentro de seu alcance. — Ela olhou pra mim. — Percy sabe a resposta.

— Eu sei?

— Mas isso não é justo — disse Annabeth. — Você não está me dizendo o que é!

Hera balançou a cabeça.

— Possuir algo e ter a sabedoria para usá-la... essas são duas coisas diferentes. Tenho certeza que sua mãe Atena concordaria.

A sala tremeu com um trovão. Hera se ergueu.

— Essa é a minha deixa. Zeus está ficando impaciente. Pense no que eu disse, Annabeth. Procure por Hefesto. Imagino que você terá que passar pelo rancho. Mas continue em frente. E use todos os meios à sua disposição, por mais incomuns que eles possam parecer.

Ela apontou para as duas portas e elas derreteram, revelando dois corredores idênticos, abertos e escuros.

— Uma última coisa, Annabeth. Eu adiei o dia da sua escolha, não o evitei. Em breve, como disse Jano, você *terá* que tomar uma decisão. Adeus!

Ela acenou uma mão e se transformou em fumaça branca. Assim como a comida, justo quando Tyson mordia um sanduíche que virou neblina em sua boca. A fonte parou. A parede de mosaicos obscureceu e se tornou velha e desbotada novamente. A sala já não era qualquer lugar no qual você iria querer fazer um piquenique.

Annabeth bateu o pé.

— Que tipo de ajuda foi essa? "Aqui, tome um sanduíche. Faça um desejo. Opa, eu não posso ajudar você!" Puf!

— Puf — concordou Tyson tristemente, olhando para o seu prato vazio.

— Bem — Grover suspirou — ela disse que Percy sabe a resposta. É alguma coisa.

Todos eles olharam para mim.

— Mas eu não sei — falei. — Eu não sei do que ela estava falando.

Annabeth suspirou.

— Tudo bem. Então, só teremos que continuar.

— Por qual caminho? — perguntei.

Eu realmente queria perguntar o que Hera quis dizer sobre a escolha que Annabeth teria que fazer. Mas, em seguida, Grover e Tyson ficaram tensos. Eles se levantaram juntos como se tivessem ensaiado isso.

— Esquerda — disseram ambos.

Annabeth franziu as sobrancelhas.

— Como vocês podem ter certeza?

— Porque algo vem da direita — disse Grover.

— Algo grande — concordou Tyson. — Com pressa.

— Esquerda soa bem — decidi.

Juntos, mergulhamos no escuro corredor.

SETE

TYSON LIDERA UMA FUGA DA PRISÃO

A boa notícia: o túnel da esquerda era contínuo, sem saídas laterais, desvios ou retornos. A má notícia; era um beco sem saída. Após correr alguns metros, chegamos em uma enorme rocha que bloqueou completamente o nosso caminho. Atrás de nós, sons de passos arrastados e respiração pesada ecoavam no corredor. Algo definitivamente não humano estava atrás de nós.

— Tyson — falei — você pode...

— Sim!

Ele bateu seu ombro contra a rocha com tanta força que o túnel todo tremeu.

Poeira caiu do teto de pedra.

— Depressa! — disse Grover. — Não derrube o teto, mas se apresse!

A rocha finalmente cedeu com um barulho de trituração horrível. Tyson a empurrou para uma pequena sala e nós atravessamos por trás dela.

— Feche a passagem! — disse Annabeth.

Nós todos fomos para o outro lado da rocha e empurramos. Seja o que for que estava nos perseguindo gemeu de frustração quando colocamos a rocha de volta na passagem selando o corredor.

— Nós o prendemos — falei.

— Ou nos prendemos — disse Grover.

Eu girei. Estávamos em uma sala de seis metros quadrangular de cimento e a parede oposta era coberta com barras metálicas. Nós havíamos entrado direto em uma cela.

— Que diabos...?

Annabeth puxou as barras, elas nem se moveram. Através das barras podíamos ver fileiras de celas em um anel em torno de um pátio escuro, com pelo menos três andares de portas de metal e passarelas de metal cobrindo-o.

— Uma prisão — falei. — Talvez Tyson possa quebrar...

— Shh — disse Grover. — Ouça.

Em algum lugar acima de nós, profundos soluços ecoavam através do edifício. Também havia um outro som, uma voz rouca balbuciando algo que eu não podia entender. As palavras eram estranhas, como pedras em um copo de vidro.

— Que língua é essa? — sussurrei.

O olho de Tyson se arregalou.

— Não pode ser.

— O quê? — perguntei.

Ele agarrou duas barras na porta da nossa cela e as entortou o suficiente até para um ciclope atravessar.

— Espere! — chamou Grover.

Mas Tyson não iria esperar. Corremos atrás dele. A prisão era escura, apenas algumas luzes opacas fluorescentes cintilavam acima.

— Eu conheço este lugar — disse-me Annabeth. — Aqui é Alcatraz.

— Você quer dizer a ilha perto de São Francisco?

Ela assentiu.

— Minha escola fez uma viagem de campo aqui. É como um museu.

Não parecia possível que pudéssemos ter saído do Labirinto do outro lado do país, mas Annabeth esteve vivendo em São Francisco o ano todo, vigiando o Monte Tamalpais. Ela provavelmente sabia do que ela estava falando.

— Pare — advertiu Grover.

Mas Tyson continuou. Grover agarrou o braço dele e o puxou de volta com toda a sua força.

— Pare, Tyson! — sussurrou ele. — Você não consegue ver?

Olhei para onde ele estava apontando, e meu estômago fez um salto mortal. Na sacada do segundo andar, no outro lado do pátio, estava um monstro mais horrível do que qualquer coisa que eu já tinha visto antes.

Era como uma espécie de centauro, com corpo de mulher da cintura para cima. Mas em vez da parte de baixo de um cavalo, tinha o corpo de um dragão de pelo menos seis metros de comprimento, preto e escamoso com enormes garras e uma

cauda farpada. Suas pernas pareciam que estavam emaranhadas em videiras, mas então percebi que eram cobras brotando, centenas de víboras procurando constantemente algo para morder. O cabelo da mulher também era feito de serpentes, como o da Medusa. Mais estranho de tudo, em torno de sua cintura, onde a parte mulher encontrava a parte dragão, sua pele borbulhava e se transformava, ocasionalmente produzindo cabeças de animais, um lobo maligno, um urso, um leão, como se ela estivesse usando um cinto de criaturas mutantes. Tive a sensação que estava olhando para algo meio formado, um monstro tão antigo que existia desde o início dos tempos, antes das formas terem sido totalmente definidas.

— É ela — choramingou Tyson.

— Desçam! — disse Grover.

Nós nos agachamos nas sombras, mas o monstro não estava prestando qualquer atenção em nós. Ela parecia estar falando com alguém dentro de uma cela no segundo piso. Era de onde os soluços estavam vindo. A mulher-dragão disse algo em seu estranho e estrondoso idioma.

— O que ela está dizendo? — murmurei. — O que é essa língua?

— A língua dos tempos antigos. — disse Tyson, tremendo. — A que a Mãe Terra falou com os titãs e... suas outras crianças. Antes dos deuses.

— Você entende isso? — perguntei. — Pode traduzir?

Tyson fechou o olho e começou a falar em uma horrível, rouca imitação da voz da mulher.

— Você vai trabalhar para o mestre ou sofrer.

Annabeth estremeceu.

— Odeio quando ele faz isso.

Como todos os ciclopes, Tyson tem super audição e uma capacidade inigualável para imitar vozes. Era quase como se ele entrasse em um transe quando falava em outras vozes.

— Não servirei — disse Tyson em uma voz profunda e ferida.

Ele mudou para a voz do monstro:

— Então eu apreciarei a sua dor, Briareu. — Tyson vacilou quando disse aquele nome. Eu nunca ouvira ele romper um personagem quando estava imitando alguém, mas ele soltou um som estrangulado. Então ele continuou na voz do monstro. — Se você achou a sua primeira prisão insuportável, você ainda não sentiu o verdadeiro tormento. Pense sobre isto até que eu retorne.

A mulher-dragão foi em direção à escadaria, víboras sibilavam ao redor de suas pernas como uma saia de grama. Ela abriu asas que eu não notara antes, enormes asas maléficas que ela mantinha dobradas em suas costas de dragão. Ela saltou da passarela e voou sobre o pátio. Nós nos agachamos mais nas sombras. Um vento quente ácido golpeou meu rosto quando o monstro voou acima. Então ela desapareceu ao virar a esquina.

— H-h-horrível — disse Grover. — Eu nunca havia sentido um monstro que cheirava tão forte.

— O pior pesadelo dos ciclopes — murmurou Tyson. — Campe.

— Quem? — perguntei.

Tyson engoliu em seco.

— Todos os ciclopes sabem sobre ela. Histórias sobre ela nos assustam quando somos bebês. Ela era a nosso carcereira nos anos ruins.

Annabeth assentiu.

— Eu me lembro agora. Quando os titãs governavam, eles aprisionaram as primeiras crianças de Gaia e Urano... os ciclopes e os hecatônquiros.

— Os Heca-o quê? — perguntei.

— Os centimanos — disse ela. — Eles os chamavam assim porque... bem, eles tinham uma centena de mãos. Eles eram os irmãos mais velhos dos ciclopes.

— Muito poderosos — disse Tyson. — Maravilhosos! Tão altos quanto o céu. Tão fortes que podiam quebrar montanhas!

— Legal — falei. — Se você não for uma montanha.

— Campe era a carcereira — disse ele. — Ela trabalhava para Cronos. Ela mantinha os nossos irmãos aprisionados no Tártaro, torturava-os sempre, até que Zeus veio. Ele matou Campe e libertou os ciclopes e os de centimanos para ajudar a combater os titãs na grande guerra.

— E agora Campe está de volta — falei.

— Ruim — resumiu Tyson.

— Então quem está naquela cela? — perguntei. — Você disse um nome...

— Briareu! — Tyson se animou. — Ele é um centimano. Eles são tão altos quanto o céu e...

— É — falei. — Eles quebram montanhas.

Olhei para as celas acima de nós, imaginando como algo tão alto quanto o céu poderia caber em uma pequena cela, e por que ele estava chorando.

— Eu acho que devemos dar uma olhada — disse Annabeth — antes que Campe volte.

À medida que nos aproximávamos da cela, o choro ficou mais alto. Quando vi pela primeira vez a criatura dentro, eu não tive certeza para o que eu estava olhando. Ele era do tamanho de um homem e sua pele era muito pálida, da cor de leite. Ele usava uma tanga como uma grande fralda. Seus pés pareciam muito grandes para o seu corpo, com unhas rachadas e sujas, oito dedos em cada pé. Mas a metade superior do corpo dele era a parte estranha. Ele fazia Jano parecer completamente normal. Do seu tórax brotavam mais braços do que eu podia contar, em fileiras, por toda a volta do seu corpo. Os braços pareciam braços normais, mas havia tantos deles, todos emaranhados juntos, de forma que seu peito parecia uma garfada de espaguete que alguém havia enrolado. Várias de suas mãos estavam cobrindo seu rosto enquanto ele soluçava.

— Ou o céu não é tão alto como costumava ser — murmurei — ou ele é baixo.

Tyson não prestou nenhuma atenção. Ele caiu de joelhos.

— Briareu! — chamou ele.

O soluçar parou.

— Grandioso centimano! — disse Tyson. — Nos ajude!

Briareu olhou para cima. Seu rosto era comprido e triste, com um nariz torto e dentes estragados. Ele tinha olhos castanhos profundos – quero dizer completamente castanhos sem brancos ou pupilas negras, como olhos formados do barro.

— Corra enquanto pode, ciclope — disse Briareu miseravelmente. — Eu não posso sequer me ajudar.

— Você é um centimano! — insistiu Tyson. — Você pode fazer qualquer coisa!

Briareu limpou o nariz com cinco ou seis mãos. Várias outras estavam mexendo com pequenos pedaços de metal e madeira de uma cama quebrada, do jeito que Tyson sempre brincava com partes sobressalentes. Era incrível de assistir. As mãos pareciam ter uma mente própria. Elas construíram um barco de brinquedo com a madeira, então o desmontaram tão rápido quanto. Outras mãos estavam arranhando o chão de cimento sem razão aparente. Outras estavam jogando pedra, papel, tesoura. Algumas outras estavam fazendo marionetes de cãezinhos e patinhos nas sombras contra a parede.

— Eu não posso — lastimou-se Briareu. — Campe voltou! Os titãs ressurgirão e nos atirarão no Tártaro.

— Coloque a sua cara corajosa! — disse Tyson.

Imediatamente o rosto de Briareu se transformou em outra coisa. Os mesmos olhos castanhos, mas de outra forma feições totalmente diferentes. Ele tinha um nariz arrebitado, sobrancelhas levantadas, e um sorriso estranho, como se ele estivesse tentando ser corajoso. Mas então seu rosto voltou para o que tinha sido antes.

— Nada bom — disse ele. — Minha cara assustada continua voltando.

— Como você fez aquilo? — perguntei.

Annabeth me cutucou.

— Não seja rude. Todos os centimanos têm cinquenta expressões diferentes.

— Deve ser difícil tirar uma foto para o anuário — falei.

Tyson ainda estava fascinado.

— Vai ficar tudo bem, Briareu! Vamos ajudar você! Posso ter o seu autógrafo?

Briareu fungou.

— Você tem cem canetas?

— Pessoal — interrompeu Grover. — Temos que sair daqui. Campe vai voltar. Ela vai nos sentir mais cedo ou mais tarde.

— Quebre as barras — disse Annabeth.

— Sim! — disse Tyson, sorrindo com orgulho. — Briareu pode fazer isso. Ele é muito forte. Mais forte do que ciclopes! Olhe!

Briareu choramingou. Uma dúzia de mãos começou a jogar Adoletá, mas nenhuma delas fez qualquer tentativa de romper as barras.

— Se ele é tão forte — falei — porque está preso na cadeia?

Annabeth me cutucou nas costelas novamente.

— Ele está apavorado — sussurrou ela. — Campe o aprisionou no Tártaro por milhares de anos. Como você se sentiria?

O centimano cobriu seu rosto de novo.

— Briareu? — perguntou Tyson. — O que... o que está errado? Mostre-nos a sua grande força!

— Tyson — disse Annabeth — acho melhor você quebrar as barras.

O sorriso de Tyson derreteu lentamente.

— Eu vou quebrar as barras — repetiu ele.

Ele agarrou a porta da cela e a arrancou das dobradiças como se fossem feitas de argila molhada.

— Vamos, Briareu — disse Annabeth. — Vamos tirar você daqui.

Ela estendeu sua mão. Por um segundo, o rosto do Briareu se transformou para uma expressão esperançosa. Vários dos seus braços se estenderam, mas o dobro bateu neles, afastando-os.

— Eu não posso — disse ele. — Ela vai me punir.

— Está tudo bem — prometeu Annabeth. — Você lutou contra os titãs antes, e venceu, lembra?

— Eu me lembro da guerra. — A face de Briareu se transformou novamente, ergueu uma sobrancelha e fez beicinho. Sua face pensativa, acho. — O raio abalou o mundo. Nós jogamos muitas rochas. Os titãs e os monstros quase ganharam. Agora eles estão ficando forte novamente. Campe disse...

— Não dê ouvidos a ela — falei. — Vamos!

Ele não se moveu. Eu sabia que Grover estava certo. Nós não tínhamos muito tempo antes que Campe voltasse. Mas eu não podia simplesmente deixá-lo aqui. Tyson iria chorar por semanas.

— Um jogo de pedra, papel, tesoura — falei rapidamente. — Se eu ganhar, você vem conosco. Se eu perder, nós vamos deixar você na cela.

Annabeth me olhou como se eu fosse louco.

O rosto do Briareu se transformou em duvidoso.

— Eu sempre ganho pedra, papel, tesoura.

— Então vamos lá!

Eu bati meu punho na palma de minha mão três vezes. Briareu fez o mesmo com todas as cem mãos, o que soou como um exército marchando três passos à frente. Ele veio com toda uma avalanche de rochas, um conjunto completo para sala de aula de tesouras, e papel suficiente para fazer uma frota de aviões.

— Eu te disse — disse ele tristemente. — Eu sempre — seu rosto se transformou para o de confusão. — O que é que você fez?

— Uma arma — falei a ele, mostrando-lhe o meu dedo revólver. É um truque que Paul Blofis havia feito comigo, mas eu não ia contar isso a ele. — Uma arma derrota qualquer coisa.

— Isso não é justo.

— Eu não disse nada sobre justo. Campe não vai ser justa se nós ficarmos por aqui. Ela vai culpar você por destruir as barras. Agora vamos!

Briareu fungou.

— Semideuses são trapaceiros.

Ele se ergueu lentamente e nos seguiu para fora da cela.

Comecei a me sentir esperançoso. Tudo o que tínhamos que fazer era descer as escadas e encontrar a entrada do Labirinto. Mas então Tyson congelou.

No piso logo abaixo, Campe estava rosnando para nós.

— Pelo outro lado — falei.

Nós fugimos pela passarela. Desta vez Briareu ficou feliz em nos seguir. Na verdade, ele correu na frente, uma centena de mãos se agitando em pânico.

Atrás de nós, eu ouvi o som das asas gigantes quando Campe ganhou o ar. Ela sibilou e rosnou na sua língua milenar, mas eu não precisava de uma tradução para saber que ela estava planejando nos matar.

Nós corremos escada abaixo, através de um corredor, e passamos um posto de guarda, que saia em outro bloco de celas da prisão.

— Esquerda — disse Annabeth. — Eu me lembro disto na excursão.

Nós fomos para fora e nos encontramos no pátio da prisão, cercado por torres de segurança e arame farpado. Depois de estar no subterrâneo por tanto tempo, a luz do dia quase me cegou. Turistas estavam andando em volta, tirando fotografias. O vento batia frio vindo da baía. No Sul, São Francisco brilhava branca e linda, mas ao norte, sobre o Monte Tamalpais, gigantescas nuvens de tempestade se agitavam. O céu todo parecia um cume negro rodopiando da montanha onde Atlas estava aprisionado, e onde o palácio dos titãs no Monte Ótris estava se erguendo novamente. Era difícil acreditar que os turistas não pudessem ver a tempestade sobrenatural se preparando, mas eles não deram nenhum indício de que algo estava errado.

— Está ainda pior — disse Annabeth, olhando para o norte. — As tempestades têm sido ruins o ano tudo, mas aquilo...

— Continue correndo — gritou Briareu. — Ela está atrás de nós!

Corremos para a parte mais afastada do pátio, o mais longe possível do bloco de celas.

— Campe é muito grande para passar pelas portas — falei esperançoso.

Então a parede explodiu.

Turistas gritavam enquanto Campe surgia a partir da poeira e escombros, com suas asas abertas tão amplamente quanto o pátio. Ela estava segurando duas espadas, longas cimitarras de bronze que brilhavam com uma estranha aura esverdeada, soltando feixes de vapor que cheirava azedo e quente mesmo do outro lado do pátio.

— Veneno! — gritou Grover. — Não deixe essas coisas tocarem em vocês, ou...

— Ou nós vamos morrer? — supus.

— Bem... depois de você secar lentamente até virar poeira.

— Vamos evitar as espadas — decidi.

— Briareu, lute! — disse Tyson. — Cresça completamente!

Em vez disso, Briareu pareceu como se estivesse tentando encolher ainda mais. Ele parecia estar usando sua cara de *terror absoluto*.

Campe correu em nossa direção em suas pernas de dragão, com centenas de cobras deslizando em torno de seu corpo.

Por um segundo pensei em destampar Contracorrente e enfrentá-la, mas meu coração foi parar na minha garganta. Então Annabeth disse o que eu estava pensando:

— Corra.

Este foi o fim do debate. Não havia luta contra esta coisa. Corremos através do pátio da cadeia e para fora das portas da prisão, com o monstro bem atrás nós. Mortais gritavam e corriam. Sirenes de emergência começaram a tocar.

Chegamos ao cais justo quando um barco de excursão estava descarregando. O novo grupo de visitantes congelou quando nos viram correndo em sua direção, seguidos por uma multidão de turistas assustados, seguidos por... não sei o que eles viram através da Névoa, mas não deve ter sido bom.

— O barco? — perguntou Grover.

— Muito lento — disse Tyson. — Voltar para o Labirinto. Única chance.

— Precisamos de uma distração — disse Annabeth.

Tyson arrancou um poste metálico do chão.

— Eu vou distrair Campe. Vocês correm.

— Eu vou ajudá-lo — falei.

— Não — disse Tyson. — Você vai. O veneno machuca os ciclopes. Muita dor. Mas não vai matar.

— Tem certeza?

— Vá, irmão. Eu encontro você lá dentro.

Eu odiei a ideia. Eu quase perdera Tyson uma vez antes, e eu não queria sequer correr esse risco novamente. Mas não havia tempo para discutir, e eu não tinha nenhuma ideia melhor. Annabeth, Grover, e eu pegamos uma das mãos de Briareu e o arrastamos para os estandes de admissão enquanto Tyson rugiu, baixou o seu poste, e atacou Campe como um cavaleiro em combate.

Ela olhava fixamente para Briareu, mas Tyson atraiu sua atenção logo que ele a acertou no peito com o poste, empurrando-a de volta para a parede. Ela gritou e cortou com suas espadas, fatiando o poste em pedacinhos. Veneno gotejava em poças ao redor dela, esquentando o cimento.

Tyson pulou para trás enquanto o cabelo de Campe chicoteava e sibilava, e as víboras em torno de suas pernas lançaram suas línguas em todas as direções. Um leão apareceu entre as faces meio-formadas da sua cintura e rugiu.

Conforme corremos para os blocos de celas, a última coisa que vi foi Tyson erguer um carrinho de sorvete e arremessá-lo em Campe. Sorvete e veneno explodiram para todo lado, todas as pequenas serpentes no cabelo de Campe pontilhadas de tutti-frutti. Nós nos arremessamos de volta para o pátio da prisão.

— Não posso continuar — disse Briareu.

— Tyson está arriscando a vida dele para ajudar você! — gritei para ele. — Você *vai* continuar.

Quando alcançamos a porta do bloco de celas, ouvi um rugido zangado. Eu olhei para trás e vi Tyson correndo em direção a nós a toda velocidade, com Campe atrás dele. Ela estava coberta de sorvete e camisetas. Uma das cabeças de urso na cintura dela estava agora usando óculos de plástico tortos de Alcatraz.

— Depressa! — disse Annabeth, como se fosse preciso alguém me dizer isso.

Nós finalmente encontramos a cela por onde havíamos entrado, mas a parede de trás estava completamente lisa, sem qualquer sinal de uma rocha ou algo do tipo.

— Procure pela marca! — disse Annabeth.

— Ali!

Grover tocou um pequeno arranhão, e ele se tornou uma letra grega. A marca de Dédalo brilhou azul, e o muro de pedras se abriu.

O muro se abria lento demais. Tyson estava vindo através do bloco de celas, as espadas de Campe golpeavam atrás dele. Ela estava atrás dele, fatiando indiscriminadamente pelas celas e paredes de pedra.

Empurrei Briareu para dentro do Labirinto, em seguida Annabeth e Grover.

— Você pode fazer isso! — falei para Tyson.

Imediatamente eu soube que ele não conseguiria, Campe estava ganhando. Ela levantou suas espadas. Eu precisava de uma distração, algo grande. Bati no meu relógio de pulso e ele se transformou em um escudo de bronze. Desesperadamente, eu o joguei no rosto do monstro.

SMACK!

O escudo a atingiu no rosto e ela vacilou apenas o suficiente para Tyson passar por mim e mergulhar no Labirinto. Eu estava bem atrás dele.

Campe atacou, mas ela estava muito atrasada. A porta de pedra se fechou e sua magia nos selou. Eu pude sentir todo o túnel tremer com Campe esmurrando-o, rugindo furiosamente. Nós não ficamos por perto para brincar de "toc, toc" com ela. Nós corremos para a escuridão, e pela primeira vez (e última) eu estava feliz por estar de volta ao Labirinto.

OITO

VISITAMOS O RANCHO DE FÉRIAS DO DEMÔNIO

Nós finalmente paramos em uma sala cheia de cachoeiras. O chão era um grande poço, cercado por uma passarela de pedra escorregadia. A nossa volta, em todas as quatro paredes, água caía de enormes canos. A água vazava para dentro do poço, e mesmo quando iluminei com a lanterna, não consegui ver o fundo.

Briareu caiu contra a parede. Ele pegou água com uma dúzia de mãos em concha e lavou o rosto.

— Este poço vai direto para o Tártaro — murmurou ele. — Eu deveria pular e salvá-los de encrenca.

— Não fale assim — disse Annabeth a ele. — Você pode voltar para o acampamento conosco. Você pode nos ajudar nos preparativos. Você sabe mais sobre luta contra os titãs do que qualquer um.

— Não tenho nada a oferecer — disse Briareu. — Eu perdi tudo.

— E quanto aos seus irmãos? — perguntou Tyson. — Os outros dois devem ficar altos como montanhas! Podemos levar você até eles.

A expressão de Briareu se transformou para algo ainda mais triste: luto.

— Eles não existem mais. Eles se extinguiram.

As cachoeiras relampejaram. Tyson olhou para o poço e piscou lágrimas do seu olho.

— O que exatamente você quer dizer, *eles se extinguiram?* — perguntei. — Eu pensei que monstros fossem imortais, como os deuses.

— Percy — disse Grover fracamente — mesmo a imortalidade tem limites. Às vezes... às vezes monstros caem no esquecimento e perdem a vontade de permanecer imortais.

Olhando para o rosto de Grover, eu me perguntei se ele estava pensando em Pã. Eu me lembrei de algo que a Medusa nos dissera uma vez: como suas irmãs, as outras duas Górgonas, se foram e a deixaram sozinha. Depois, no ano passado, Apolo disse algo sobre o antigo deus Hélio desaparecer e deixá-lo com os deveres do deus do sol. Eu nunca pensara muito sobre isso, mas agora, olhando para Briareu, eu percebi como seria terrível ser tão velho, passar milhares e milhares de anos totalmente sozinho.

— Tenho que ir — disse Briareu.

— O exército de Cronos vai invadir o acampamento — disse Tyson. — Precisamos de ajuda.

Briareu inclinou sua cabeça.

— Não posso, ciclope.

— Você é forte.

— Não sou mais. — Briareu se levantou.

— Ei — peguei um dos seus braços e o puxei de lado, onde o barulho da água encobriria nossas palavras. — Briareu, precisamos de você. Caso você não tenha notado, Tyson acredita em você. Ele arriscou a vida por você.

Eu contei a ele sobre tudo, o plano de invasão de Luke, a entrada do Labirinto no acampamento, a oficina de Dédalo, o caixão dourado de Cronos.

Briareu apenas balançou a cabeça.

— Não posso, semideus. Eu não tenho um dedo revólver para ganhar este jogo.

Para provar seu argumento, ele fez cem armas com os dedos.

— Talvez seja por isso que os monstros se extinguem — falei. — Talvez não seja sobre o que os mortais acreditem. Talvez seja porque *você* desistiu de si mesmo.

Seus olhos totalmente castanhos me estudaram. Seu rosto se transformou em uma expressão que eu reconheci, vergonha. Então ele se virou e correu corredor abaixo até se perder nas sombras.

Tyson soluçou.

— Está tudo bem — disse Grover, dando tapinhas em seu ombro de forma hesitante, o que deve ter requerido toda a sua coragem.

Tyson espirrou.

— Não está tudo bem, garoto-bode. Ele era o meu herói.

Eu queria fazê-lo se sentir melhor, mas eu não estava certo do que dizer.

Finalmente Annabeth se levantou e pôs sua mochila no ombro.

— Vamos, pessoal. Este poço está me deixando nervosa. Vamos encontrar um lugar melhor para passar a noite.

Acampamos em um corredor feito de enormes blocos de mármore. Parecia que poderia ter sido parte de um túmulo grego, com várias tochas de bronze fixadas nas paredes. Tinha que ser uma parte mais antiga do Labirinto, e Annabeth decidiu que isto era um bom sinal.

— Devemos estar perto da oficina de Dédalo — disse ela. — Descansem um pouco, todos. Vamos continuar pela manhã.

— Como sabemos quando é de manhã? — perguntou Grover.

— Só descansem — insistiu ela.

Grover não precisou ouvir duas vezes. Ele puxou uma pilha de palha da sua mochila, comeu uma parte dela, fez uma almofada com o resto, e estava roncando em pouco tempo. Tyson demorou mais para dormir. Ele mexeu com alguns metais do seu kit de construção por um tempo, mas seja lá o que for que ele estava fazendo, ele não estava feliz com isso. Ele continuava desmontando as peças.

— Eu sinto muito por ter perdido o escudo — falei a ele. — Você trabalhou tão duro para consertá-lo.

Tyson olhou para cima. Seu olho estava vermelho de tanto chorar.

— Não se preocupe, irmão. Você me salvou. Você não teria que ter feito isso se Briareu tivesse ajudado.

— Ele só estava com medo — falei. — Tenho certeza que ele vai superar.

— Ele não é forte — disse Tyson. — Ele não é mais importante.

Ele soltou um grande suspiro triste e, em seguida, fechou o olho. As peças metálicas caíram da sua mão, ainda não montadas, e Tyson começou a roncar.

Tentei adormecer, mas não conseguia. Alguma coisa sobre ser perseguido por uma grande mulher-dragão com espadas envenenadas tornou muito difícil relaxar. Eu peguei meu saco de dormir e o arrastei para perto de onde Annabeth estava sentada, vigiando.

Sentei ao lado dela.

— Você devia dormir — disse ela.

— Não consigo. Você está bem?

— Claro. Primeiro dia liderando a missão. Simplesmente ótimo.

— Nós vamos chegar lá — falei. — Vamos encontrar a oficina antes de Luke.

Ela afastou o cabelo do rosto. Ela tinha uma mancha de sujeira no seu queixo, e eu imaginei como deve ter parecido quando era pequena, viajando pelo país com Thalia e Luke. Uma vez ela os salvara da mansão do ciclope quando tinha apenas sete anos. Mesmo quando ela parecia assustada, como agora, eu sabia que ela tinha muita coragem.

— Eu apenas queria que a missão fosse *lógica* — reclamou ela. — Quer dizer, nós estamos viajando, mas não temos nenhuma ideia de onde vamos acabar. Como você pode andar de Nova York até a Califórnia em um dia?

— O tempo e o espaço são diferentes no Labirinto.

— Eu sei, eu sei. É só... — Ela me olhou hesitante para mim. — Percy, eu estava me enganando. Todo aquele planejamento e leitura, eu não tenho a menor ideia para onde nós estamos indo.

— Você está indo muito bem. Além disso, nós *nunca* sabemos o que estamos fazendo. E sempre funciona. Lembra da ilha de Circe?

Ela bufou.

— Você foi um porquinho-da-índia fofo.

— E na Aqualândia, como você conseguiu nos livrar daquele passeio?

— *Eu* nos livrei? Aquilo foi totalmente culpa sua!

— Viu? Vai ficar tudo bem.

Ela sorriu, o que eu estava contente de ver, mas o sorriso desapareceu rapidamente.

— Percy, o que Hera quis dizer quando ela disse que você sabia uma forma de atravessar o Labirinto?

— Eu não sei — admiti. — Sinceramente.

— Você me diria se soubesse?

— Claro. Talvez...

— Talvez o quê?

— Talvez se você me dissesse a última linha da profecia, poderia ajudar.

Annabeth tremeu.

— Não aqui. Não no escuro.

— E sobre a escolha que Jano mencionou? Hera disse...

— Pare — disse Annabeth, irritada. Então ela respirou instavelmente. — Me desculpe, Percy. Estou estressada. Mas eu não... Eu preciso pensar sobre isso.

Nós nos sentamos em silêncio, ouvindo estranhos barulhos e gemidos no Labirinto, o eco de pedras triturando juntas conforme os túneis mudavam, cresciam e expandiam. O escuro me fez pensar sobre as visões que vira de Nico di Angelo, e de repente, percebi uma coisa.

— Nico está aqui em algum lugar — falei. — É como ele desapareceu do acampamento. Ele encontrou o Labirinto. Então ele achou um caminho que o conduziu ainda mais longe, até o Mundo Inferior. Mas agora ele está de volta ao Labirinto. Ele está vindo atrás de mim.

Annabeth ficou quieta por um longo tempo.

— Percy, eu espero que você esteja errado. Mas se você estiver certo... — ela mirou sua lanterna, criando um círculo na parede de pedras. Tive a sensação de que ela estava pensando em sua profecia. Eu nunca a vira parecer tão cansada.

— Que tal eu pegar o primeiro turno de vigia? — falei. — Eu acordo você se alguma coisa acontecer.

Annabeth me olhou como se quisesse protestar, mas ela apenas assentiu, deitou em seu saco de dormir, e fechou os olhos.

Quando foi a minha vez de dormir, sonhei que estava de volta à prisão do velho no Labirinto.

Agora parecia mais como uma oficina. Mesas estavam cheias de instrumentos de medição. Uma forja queimava forte no canto. O garoto que eu vira no último sonho estava carregando o fole, exceto que ele era mais alto agora, quase da minha idade. Um estranho instrumento afunilado estava anexado à chaminé da forja, exalando fumaça e calor e canalizando-os através de um tubo no chão, próximo a uma grande tampa de bueiro feita de bronze.

Era dia. O céu acima era azul, mas as paredes do Labirinto produziam sombras profundas pela oficina. Depois de estar em túneis por tanto tempo, achei estranho que uma parte do Labirinto pudesse ser aberta para o céu. De algum jeito aquilo fez o Labirinto parecer um lugar ainda mais cruel.

O velho parecia doente. Ele estava terrivelmente magro, suas mãos estavam calejadas e vermelhas de trabalhar. Cabelo branco cobria seus olhos, e sua túnica estava manchada com graxa. Ele estava inclinado sobre uma mesa, trabalhando em algum tipo de miscelânea de metal longo, como um tipo de cota de malha. Ele pegou um delicado anel de bronze e encaixou no lugar.

— Pronto — anunciou ele. — Está pronto.

Ele pegou o seu projeto. Estava tão bonito que meu coração saltou, eram asas de metal construídas a partir de milhares de penas de bronze interligadas. Havia dois conjuntos. Um ainda estava sobre a mesa. Dédalo esticou a armação, e as asas expandiram seis metros. Parte de mim sabia que aquilo nunca poderia voar. Era muito pesado, e não havia como sair do chão. Mas o trabalho artesanal era incrível. Penas de metal captavam a luz e refletiam trinta diferentes tonalidades de dourado.

O rapaz deixou o fole e correu para ver. Ele sorriu, apesar do fato de estar sujo e suado.

— Pai, você é um gênio!

O velho sorriu.

— Diga-me algo que eu não saiba, Ícaro. Agora se apresse. Vai demorar pelo menos uma hora para fixá-las. Venha.

— Você primeiro — disse Ícaro.

O velho protestou, mas Ícaro insistiu.

— O senhor fez isso, pai. Você deveria ter a honra de usá-las primeiro.

O rapaz amarrou um arnês de couro no tórax de seu pai, como um equipamento de alpinismo, com tiras que corriam dos ombros até os pulsos. Então ele começou a fixar as asas, usando uma vasilha de metal que parecia um enorme revólver de cola-quente.

— O composto de cera deve segurar por várias horas — disse Dédalo nervosamente enquanto seu filho trabalhava. — Mas temos que deixá-la fixar primeiro. E faríamos bem em evitar voar muito alto ou muito baixo. O mar molharia a cera...

— E o calor do sol poderia soltá-las — completou o menino. — Sim, pai. Nós conversamos sobre isso um milhão de vezes!

— Cuidado nunca é demais.

— Tenho total confiança nas suas invenções, pai! Ninguém jamais foi tão inteligente como você.

Os olhos do velho brilharam. Era óbvio que ele amava seu filho mais do que qualquer coisa no mundo.

— Agora vou colocar as suas asas, e dar às minhas chance para fixar adequadamente. Venha!

Estava indo devagar. As mãos do velho se atrapalhavam com as tiras. Ele tinha dificuldade em manter as asas em posição enquanto as selava. Suas próprias asas de metal pareciam pesar-lhe para baixo, atrapalhando enquanto ele tentava trabalhar.

— Muito lento — murmurou o velho. — Eu sou muito lento.

— Não se apresse, pai — disse o menino. — Os guardas não virão até...

BOOM!

As portas da oficina tremeram. Dédalo as tinha barrado por dentro com uma tora de madeira, mas ainda elas sacudiam nas dobradiças.

— Depressa! — disse Ícaro.

BOOM! BOOM!

Algo pesado batia nas portas. A braçadeira deteve, mas uma rachadura apareceu na porta da esquerda.

Dédalo trabalhava furiosamente. Uma gota de cera quente caiu sobre o ombro de Ícaro. O rapaz estremeceu, mas não gritou. Quando a sua asa esquerda estava selada nas tiras, Dédalo começou a trabalhar na direita.

— Precisamos de mais tempo — murmurou Dédalo. — Eles estão muito adiantados! Nós precisamos de mais tempo para o selamento aguentar.

— Vai ficar tudo bem. — disse Ícaro quando seu pai terminou a asa direita. — Me ajude com o bueiro...

CRASH!

As portas arrebentaram e a cabeça de um aríete de bronze emergiu através da fenda. Machados desobstruíram o restante, e dois guardas armados entraram na sala, seguidos pelo rei com coroa de ouro e barba em forma de lança.

— Ora, ora. — disse o rei com um sorriso cruel. — Vão a algum lugar?

Dédalo e seu filho congelaram, com suas asas metálicas brilhando em suas costas.

— Estamos indo embora, Minos — disse o velho.

Rei Minos abafou uma risada.

— Eu estava curioso para ver até onde você chegaria com este projetinho antes que eu frustrasse as suas esperanças. Devo dizer que estou impressionado.

O rei admirou suas asas.

— Vocês se parecem frangos de metal — decidiu ele. — Talvez devêssemos depená-los e fazer uma sopa.

Os guardas riram estupidamente.

— Frangos de metal — repetiu um. — Sopa.

— Calem-se — disse o rei. Então ele se virou novamente para Dédalo. — Você deixou a minha filha escapar, velho. Você levou minha esposa à loucura. Você matou o meu monstro e me fez ser motivo de piada no Mediterrâneo. Você nunca irá escapar!

Ícaro agarrou o revólver de cera e atirou no rei, que recuou surpreso. Os guardas se apressaram a frente, mas ambos receberam um jato de cera quente na cara.

— A abertura! — gritou Ícaro para seu pai.

— Peguem-nos! — ordenou o rei Minos.

Juntos, o velho e seu filho abriram a tampa do bueiro, e uma coluna de ar quente explodiu do chão. O rei assistiu, incrédulo, enquanto inventor e filho se lançavam para o céu em suas asas bronze, transportados pela corrente de ar.

— Atire neles! — gritou o rei.

Seus guardas não tinham trazido arcos. Um jogou sua espada em desespero, mas Dédalo e Ícaro já estavam fora de alcance. Eles voaram acima do Labirinto e do palácio do rei, então se aproximaram da cidade de Cnossos e passaram pelo litoral rochoso de Creta.

Ícaro riu.

— Livres, Pai! Você fez isso.

O rapaz abriu suas asas totalmente e subiu com o vento.

— Espere! — chamou Dédalo. — Tenha cuidado!

Mas Ícaro já estava sobre o mar aberto, mirando o norte e se deliciando na boa sorte deles. Ele subiu e assustou uma águia para fora da sua trajetória de voo, então mergulhou em direção ao mar como se tivesse nascido para voar, saindo do mergulho no último segundo. Suas sandálias rasparam as ondas.

— Pare com isso! — chamou Dédalo. Mas o vento levou sua voz para longe.

Seu filho estava bêbado na sua própria liberdade.

O velho lutava para acompanhar, planando desajeitadamente atrás de seu filho.

Foram quilômetros desde Creta, ao longo do mar profundo, quando Ícaro olhou para trás e viu a expressão preocupada de seu pai.

Ícaro sorriu.

— Não se preocupe, pai! Você é um gênio! Eu confio no seu trabalho...

A primeira pena de metal se soltou de suas asas e rodopiou para longe. Depois outra. Ícaro oscilou em pleno ar. De repente ele estava soltando penas de bronze, que rodopiavam para longe dele como um bando de pássaros assustados.

— Ícaro! — gritou seu pai. — Plane! Estenda as asas. Fique o mais estável possível!

Mas Ícaro movimentou seus braços, desesperadamente tentando voltar ao controle.

A asa esquerda se foi primeiro, flutuou para longe das correias.

— Pai! — gritou Ícaro.

Então ele caiu, as asas voaram para longe, até que ele era apenas um menino usando um arnês e uma túnica branca, com os braços estendidos em uma inútil tentativa de planar.

Eu acordei assustado, sentindo como se estivesse caindo. O corredor estava escuro. Com os constantes gemidos do Labirinto, eu pensei que podia ouvir o grito angustiado de Dédalo chamando o nome do seu filho, enquanto Ícaro, sua única alegria, mergulhava em direção ao mar, mais de noventa metros abaixo.

Não havia manhã no Labirinto, mas quando todos acordaram e tomaram um fabuloso café da manhã de barras de granola e suco de caixinha, continuamos a viajar. Eu não mencionei o meu sonho. Algo sobre ele tinha realmente me apavorado, e eu não achava necessário que os outros soubessem disso.

Os velhos túneis de pedra mudaram para sujeira com vigas de cedro, como uma mina de ouro ou algo assim. Annabeth começou a ficar agitada.

— Isso não está certo — disse ela. — Deveria ser pedra ainda.

Acabamos em uma caverna onde estalactites estavam penduradas baixas no teto. No centro do chão de terra estava uma cova retangular, como um túmulo.

Grover se arrepiou.

— Aqui cheira como o Mundo Inferior.

Então eu vi algo brilhar na beira da fenda, um papel de embrulho. Eu iluminei a fenda com minha lanterna e vi um cheeseburger comido pela metade flutuando na imundice.

— Nico — falei. — Ele estava convocando os mortos de novo.

Tyson choramingou.

— Fantasmas estiveram aqui. Eu não gosto de fantasmas.

— Nós temos que encontrá-lo.

Não sei porquê, mas estar de pé na borda daquela cova me deu uma sensação de urgência. Nico estava perto, eu podia sentir. Eu não poderia deixá-lo perambulando

por aqui, sozinho exceto pelos mortos. Eu comecei a correr.

— Percy! — chamou Annabeth.

Eu mergulhei em um túnel e vi luz a frente. Quando Annabeth, Tyson, e Grover me alcançaram, eu estava olhando para a luz do dia através de um conjunto de barras acima da minha cabeça. Nós estávamos sob uma grade de aço feita com canos de metal. Eu podia ver árvores e o céu azul.

— Onde estamos? — perguntei.

Então uma sombra passou pela grade e uma vaca olhou para mim. Ela parecia uma vaca normal exceto pela estranha cor vermelho brilhante, como uma cereja. Eu não sabia que vacas vinham nessas cores.

A vaca mugiu, pôs uma pata tentativamente nas barras, então se afastou.

— É uma guarda de rebanho — disse Grover.

— Uma o quê? — perguntei.

— Eles as colocam nas porteiras dos ranchos para que as vacas não saiam. Elas não podem andar sobre elas.

— Como você sabe disso?

Grover bufou indignado.

— Acredite em mim, se *você* tivesse cascos, você saberia sobre guarda de rebanho. Elas são irritantes!

Eu me virei para Annabeth.

— Hera não disse algo sobre um rancho? Nós precisamos checar isso. Nico pode estar lá.

Ela hesitou.

— Tudo bem. Mas como saímos?

Tyson resolveu esse problema ao bater na guarda de rebanho com as duas mãos. Ela estalou e saiu voando para fora do campo de visão. Ouvimos um *CLANG!* e um *Mooo!* Tyson ficou vermelho.

— Desculpe, vaca! — gritou ele.

Então ele nos deu um impulso para fora do túnel.

Nós estávamos em um rancho. Colinas ondulantes se estendiam até o horizonte, pontilhadas com carvalhos, cactos e rochas. A cerca de arame farpado corria do portão para qualquer direção. Vacas cor de cereja vagueavam em volta, pastando pela grama.

— Gado vermelho — disse Annabeth. — O gado do sol.

— O quê? — perguntei.

— Elas são sagradas para Apolo.

— Vacas sagradas?

— Exatamente. Mas o que elas estão fazendo...

— Espere — disse Grover. — Escutem.

Inicialmente tudo parecia tranquilo... mas então eu ouvi: os distantes latidos de cães. O som ficou mais alto. Então a vegetação rasteira farfalhou, e dois cães apareceram. Mas não eram dois cães. Era *um* cão com duas cabeças. Parecia um galgo inglês, longo, sinuoso e marrom lustroso, mas o seu pescoço dividia-se em duas cabeças, ambas mordendo, rosnando e de forma geral não muito felizes em nos ver.

— Mau cachorro Jano! — gritou Tyson.

— *Au!* — disse Grover a ele, levantando a mão em saudação.

O cachorro de duas cabeças mostrou seus dentes. Acho que não estava impressionado que Grover pudesse falar com animais. Então o seu dono se arrastou para fora do bosque, e eu percebi que o cão era o menor dos nossos problemas.

Ele era um cara grande com cabelo branco, um chapéu de caubói de palha e uma barba branca emaranhada, como uma espécie de Papai do Céu, se Papai do Céu fosse caipira e totalmente musculoso. Ele estava vestindo jeans, uma camiseta NÃO MEXA COM O TEXAS e uma jaqueta de brim com as mangas arrancadas de forma que dava pra ver seus músculos. Em seu bíceps direito havia uma tatuagem de espadas cruzadas. Ele segurava um bastão de madeira do tamanho de uma ogiva nuclear, com espinhos de quinze centímetros na ponta.

— Senta, Órtros — disse o homem ao cão.

O cão rosnou para nós mais uma vez, só para deixar claros seus sentimentos, em seguida circulou de volta para os pés do dono. O homem nos olhou de cima em baixo, mantendo o seu bastão pronto.

— O que temos aqui? — perguntou. — Ladrões de gado?

— Só viajantes — disse Annabeth. — Estamos em uma missão.

O olho do homem se contraiu.

— Meio-sangues?

Eu comecei a dizer:

— Como você sabe...

Mas Annabeth pôs sua mão no meu braço.

— Eu sou Annabeth, filha de Atena. Este é Percy, filho de Poseidon. Grover o sátiro. Tyson o...

— Ciclope — completou o homem. — Sim, eu posso ver isso. — Ele olhou pra mim ameaçadoramente. — E eu conheço meio-sangues porque eu *sou* um, garoto. Sou Euritião, o vaqueiro deste rancho. Filho de Ares. Presumo que vocês vieram através do Labirinto como o outro.

— Outro? — perguntei. — Você quer dizer Nico di Angelo?

— Recebemos muitos visitantes do Labirinto — disse Euritião sombriamente. — Poucos partem.

— Uau — falei. — Eu me sinto bem-vindo.

O vaqueiro olhou para trás como se alguém estivesse olhando. Então ele abaixou a voz.

— Eu só vou dizer isso uma vez, semideuses. Voltem para o Labirinto agora. Antes que seja tarde demais.

— Não voltaremos — insistiu Annabeth. — Não até vermos esse outro semideus. Por favor.

Euritião grunhiu.

— Então você me deixa sem escolha, moça. Tenho que levar vocês para o chefe.

Eu não sentia como se fôssemos reféns ou algo assim. Euritião caminhou ao nosso lado com o seu bastão no ombro. Órtros, o cachorro de duas cabeças, rosnou bastante e cheirou as pernas de Grover e disparou para os arbustos de vez em quando para perseguir animais, mas Euritião o mantinha mais ou menos sob controle.

Descemos por um caminho de terra que parecia nunca terminar. Devia estar perto dos quarenta graus, o que era um choque depois de São Francisco. Calor tremeluzia do chão. Insetos zumbiam nas árvores. Antes que tivéssemos ido muito longe, eu estava suando como um porco. Moscas nos cercavam. Várias vezes víamos um curral cheio de vacas vermelhas ou animais ainda mais estranhos. Uma hora passamos por um curral onde a cerca era revestida de amianto. No interior, uma manada de cavalos que cuspiam fogo circulava. O feno no seu cocho estava queimando. O terreno fumegava em torno das suas patas, mas os cavalos pareciam bem mansos. Um grande garanhão olhou para mim e relinchou, colunas de chamas vermelhas ondeavam para fora de seus focinhos. Imaginei se machucava suas narinas.

— *Eles* são pra quê? — perguntei.

Euritião fez uma carranca.

— Nós criamos animais para vários clientes. Apolo, Diomedes e... outros.

— Como quem?

— Sem mais perguntas.

Finalmente saímos do bosque. Situada numa colina acima de nós estava uma grande casa de fazenda, uma casa toda de pedra branca e madeira e com grandes janelas.

— Parece uma Frank Lloyd Wright! — disse Annabeth.

Acho que ela estava falando de alguma coisa arquitetônica. Para mim só parecia o tipo de local onde poucos semideuses poderiam se meter em uma tremenda encrenca. Nós subimos até o morro.

— Não quebrem as regras — alertou Euritião enquanto caminhávamos para o alpendre. — Sem lutas. Sem sacar armas. E não façam qualquer comentário sobre a aparência do chefe.

— Por quê? — perguntei. — Como ele se parece?

Antes que Euritião pudesse responder, uma nova voz disse:

— Bem-vindo ao Rancho Triplo G.

O homem na varanda tinha uma cabeça normal, o que foi um alívio. Seu rosto estava encharcado e moreno por causa dos anos no sol. Ele tinha cabelo preto gorduroso e um fino bigode preto como os vilões em filmes antigos. Ele sorriu para nós, mas o sorriso não era amigável; mas divertido, como: A*h cara, mais pessoas para torturar!*

Não pensei naquilo muito tempo, porque então eu notei seu corpo... ou corpos. Ele tinha três deles. Você pode achar que eu teria me acostumado com anatomias estranhas após Jano e Briareu, mas esse cara era três pessoas completas. Seu pescoço conectava com o tórax do meio normalmente, mas ele tinha mais dois tórax, um para cada lado, conectados nos ombros, com poucos centímetros entre eles. Seu braço esquerdo crescia do seu peito esquerdo, o mesmo no lado direito, de modo que ele tinha dois braços, mas quatro axilas, se isso faz algum sentido. Os peitos todos conectavam em um enorme tronco, com duas pernas normais, mas muito musculosas, e ele vestia o par de sapatos mais largo que eu já vira. Cada um de seus peitos usava uma camisa de cor diferente, verde, amarelo, vermelho, como um semáforo. Imaginei como ele vestia o tórax do meio, já que esse não tinha braços.

O vaqueiro Euritião me cutucou.

— Diga olá para o senhor Gerião.

— Olá — falei. — Belo tórax... hã, rancho! Belo rancho você tem.

Antes que o homem de três corpos pudesse responder, Nico di Angelo saiu das portas de vidro para o alpendre.

— Gerião, não vou esperar por...

Ele congelou quando nos viu. Então sacou sua espada. A lâmina era justamente como eu vira no meu sonho; curta, afiada, e escura como meia-noite.

Gerião rosnou quando viu isso.

— Guarde isso, senhor di Angelo. Eu não terei meus convidados se matando.

— Mas é...

— Percy Jackson — disse Gerião. — Annabeth Chase. E um par de seus amigos monstros. Sim, eu sei.

— Amigos monstros? — disse Grover indignadamente.

— Esse homem está vestindo três camisas — disse Tyson, como se tivesse acabado de perceber isso.

— Eles deixaram minha irmã morrer! — a voz de Nico tremia de raiva. — Eles estão aqui para me matar!

— Nico, não estamos aqui para matar você. — Levantei minhas mãos. — O que aconteceu com Bianca foi...

— Não fale o nome dela! Você não é digno sequer de falar sobre ela!

— Espere um minuto — Annabeth apontou para Gerião. — Como você sabe os nossos nomes?

O homem de três corpos piscou.

— Faz parte do meu negócio me manter informado, querida. Todo mundo aparece no rancho de tempos em tempos. Todo mundo precisa de algo do velho Gerião. Agora, senhor di Angelo, ponha essa horrível espada para longe antes que eu mande Euritião tomá-la de você.

Euritião suspirou, mas ele levantou seu bastão cravado de espinhos. Aos seus pés, Órtros rosnou.

Nico hesitou. Ele parecia mais pálido e magro do que na mensagem de Íris. Imaginei se ele tinha comido nas últimas semanas. Suas roupas pretas estavam empoeiradas de viajar no Labirinto e os seus olhos escuros estavam cheios de ódio.

Ele era muito jovem para parecer tão zangado. Eu ainda me lembrava dele como o pequeno garoto alegre que brincava com cartas de Mitomagia.

Relutantemente, ele embainhou sua espada.

— Se você chegar perto de mim, Percy, vou convocar ajuda. Você não quer conhecer meus subordinados, eu garanto.

— Eu acredito em você — falei.

Gerião de um tapinha no ombro de Nico.

— Pronto, nós todos nos comportamos bem. Agora venham, pessoal. Vamos dar um passeio pelo rancho.

Gerião tinha um tipo de carrinho, como um desses trens infantis que te levam para passeios em zoológicos. Era pintado em preto e branco em um padrão bovino. O carro do condutor tinha um conjunto de longos chifres preso ao capô e a buzina soava como um berrante. Achei que talvez fosse assim que ele torturava as pessoas. Ele as envergonhava até a morte passeando no mugido-móvel.

Nico se sentou bem atrás, provavelmente para poder manter um olho em nós. Euritião subiu próximo a ele com seu bastão espinhoso e puxou seu chapéu de boiadeiro sobre os olhos como se fosse tirar um cochilo. Órtros saltou no banco da frente ao lado de Gerião e começou a ladrar feliz em duas diferentes harmonias.

Annabeth, Tyson, Grover, e eu ficamos nos dois carros do meio.

— Temos uma grande operação! — gabou-se Gerião enquanto o mugido-móvel balançava em frente. — Cavalos e rebanho na maioria, mas também todos os tipos de variedades exóticas.

Fomos ao longo de uma colina, e Annabeth ofegou.

— Hipaléctrions? Pensei que estivessem extintos!

Na base do morro estava uma pastagem cercada com arame com uma dúzia dos animais mais estranhos que eu já vira. Cada um tinha a metade da frente de cavalo e a metade de trás de um galo. Suas patas traseiras eram enormes garras amarelas. Tinham caudas emplumadas e asas vermelhas. Enquanto eu olhava, dois deles começaram uma briga por uma pilha de sementes. Eles erguerem as asas um para o outro até que o menor galopou para longe, com suas pernas traseiras de pássaro pulando ao caminhar.

— Pôneis-galo — disse Tyson espantado. — Eles põem ovos?

— Uma vez por ano! — Gerião sorriu no espelho retrovisor. — Muito procurado para omeletes!

— Isso é horrível! — disse Annabeth. — Eles devem ser uma espécie em perigo de extinção!

Gerião acenou sua mão.

— Ouro é ouro, querida. E você ainda não provou as omeletes.

— Isso não é certo — murmurou Grover.

Gerião apenas se manteve narrando a excursão.

— Agora, aqui — disse ele — nós temos nossos cavalos cuspidores de fogo, os quais vocês devem ter visto no caminho. Eles são criados para a guerra, naturalmente.

— Que guerra? — perguntei.

Gerião sorriu maliciosamente.

— Ah, qualquer uma que vier. E mais além, é claro, as nossas vacas vermelhas premiadas.

Com certeza, centenas de vacas cor de cereja do rebanho estavam pastando do lado da colina.

— Tantas — disse Grover.

— Apolo está muito ocupado para vê-las — explicou Gerião — então ele subcontrata para nós. Nós as criamos vigorosamente por que há muita demanda.

— Para quê? — perguntei.

Gerião levantou uma sobrancelha.

— Carne, é claro! Exércitos têm de comer.

— Você mata as vacas sagradas do deus do sol para hambúrguer de carne? — disse Grover. — Isso é contra as leis antigas!

— Ah, não fique nervoso, sátiro. Eles são apenas animais.

— Apenas animais!

— Sim, e se Apolo se importasse, tenho certeza que ele nos diria.

— Se ele soubesse — murmurei.

Nico se sentou mais a frente.

— Eu não ligo para nada disso, Gerião. Temos negócios a discutir, e isso não faz parte!

— Tudo a seu tempo, senhor di Angelo. Olhe por aqui, alguns de meus jogos exóticos.

O próximo campo era rodeado de arame farpado. Toda a área estava lotada de escorpiões gigantes.

— Rancho Triplo G — falei, lembrando de repente. — Sua marca estava nas caixas no acampamento. Quintus arranjou os escorpiões com você.

— Quintus... — disse Gerião. — Cabelo cinza curto, musculoso, espadachim?

— É.

— Nunca ouvi falar dele — disse Gerião. — Agora, aqui estão meus estábulos premiados! Vocês precisam vê-los.

Eu não precisei vê-los, porque logo que estávamos a trezentos metros de distância eu comecei a sentir o cheiro deles. Perto das margens de um rio verde havia um estábulo do tamanho de um campo de futebol. Cocheiras se alinhavam de um dos lados. Cerca de cem cavalos estavam na imundície, e quando digo imundice, eu quero dizer cocô de cavalo. Foi a coisa mais repugnante que eu já tinha visto, como se uma nevasca de cocô tivesse vindo e despejado mais de um metro da coisa durante a noite. Os cavalos estavam realmente nojentos por andarem por ali, e os estábulos estavam tão ruins quanto. Você não acreditaria em como cheirava, pior que os barcos de lixo no Rio East.

Até mesmo Nico engasgou.

— O que *é* isso?

— Meus estábulos! — disse Gerião. — Na verdade eles pertencem a Aegas, mas nós cuidamos deles por uma pequena taxa mensal. Eles não são adoráveis?

— Eles são nojentos! — disse Annabeth.

— Um monte de cocô — observou Tyson.

— Como você pode manter animais desse jeito? — gritou Grover.

— Vocês estão todos me dando nos nervos — disse Gerião. — Esses são cavalos carnívoros. Eles gostam dessas condições.

— Além disso, você é muito pão-duro pra mandar limpá-los — murmurou Euritião.

— Quieto! — disse Gerião, irritado. — Tudo bem, talvez os estábulos sejam um desafio para limpar. Talvez eles me deixem enjoado quando o vento sopra pro lado errado. Mas e daí? Meus clientes continuam me pagando bem.

— Que clientes? — perguntei.

— Ah, você ficaria surpreso com quantas pessoas pagariam por um cavalo carnívoro. Eles dão excelentes trituradores de lixo. Maravilhosa maneira de

amedrontar seus inimigos. Ótimos em festas de aniversário! Nós os alugamos o tempo todo.

— Você é um monstro — decidiu Annabeth.

Gerião parou o mugido-móvel e se virou para olhar pra ela.

— O que me entregou? Foram os três corpos?

— Você tem que deixar estes animais irem — disse Grover. — Isso não é certo!

— E os clientes de quem vocês falam — disse Annabeth. — Um deles é Cronos, não é? Você está suprindo seu exército com cavalos, alimento e o que mais eles precisem.

Gerião deu de ombros, o que foi muito estranho, pois ele tinha três conjuntos de ombros. Parecia que ele estava fazendo uma ola toda sozinho.

— Eu trabalho para qualquer um com ouro, jovenzinha. Eu sou um empresário. E eu vendo a eles qualquer coisa que eu tenha a oferecer.

Ele desceu do mugido-móvel e caminhou para os estábulos como se estivesse desfrutando o ar fresco. Teria sido uma bela vista, com o rio, as árvores e colinas e tal, exceto pelo atoleiro de imundice de cavalo.

Nico saiu da parte de trás do carro e se lançou até Gerião. O vaqueiro Euritião não estava tão adormecido quanto parecia. Ele avaliou o peso do seu bastão e foi atrás de Nico.

— Eu vim aqui para negociar, Gerião — disse Nico. — E você não me respondeu.

— Hmmm. — Gerião analisou um cacto. Seu braço esquerdo se esticou e coçou seu peito do meio. — Sim, você terá um acordo, tudo bem.

— Meu fantasma me disse que você poderia ajudar. Ele disse que você poderia nos guiar até a alma de que precisamos.

— Espere um segundo — falei. — Achei que *eu* era a alma que você queria.

Nico me olhou como se eu fosse louco.

— Você? Por que eu iria querer você? A alma de Bianca vale mil vezes a sua! Gerião você pode me ajudar ou não?

— Ah, imagino que possa — disse o fazendeiro. — Seu amigo fantasma, a propósito, onde está ele?

Nico parecia desconfortável.

— Ele não pode aparecer em pleno dia. É difícil para ele. Mas ele está em algum lugar por aí.

Gerião sorriu.

— Tenho certeza. Minos gosta de desaparecer quando as coisas ficam... difíceis.

— *Minos?* — Eu me lembrava do homem que vira nos meus sonhos, com a coroa de ouro, a barba pontuda e os cruéis olhos. — Você quer dizer aquele rei maligno? *Esse* é o fantasma que tem lhe dado conselhos?

— Não é da sua conta, Percy! — Nico se voltou para Gerião. — E o que você quer dizer sobre coisas ficando difíceis?

O homem de três corpos suspirou.

— Bem, entenda, Nico... eu posso te chamar de Nico?

— Não.

— Entenda, Nico, Luke Castellan está oferecendo muito dinheiro por meio-sangues. Especialmente meio-sangues poderosos. E tenho certeza que quando ele descobrir seu segredinho, quem você realmente é, ele vai pagar muito, muito bem.

Nico sacou sua espada, mas Euritião a golpeou para fora de sua mão. Antes que eu pudesse levantar, Órtros avançou no meu peito e rosnou, suas faces a centímetros da minha.

— Eu ficaria no vagão se fosse vocês — advertiu Gerião. — Ou Órtros cortará a garganta do senhor Jackson. Euritião, seja gentil, segure Nico.

O vaqueiro cuspiu na grama.

— Tenho que fazer isso?

— Sim, idiota!

Euritião pareceu aborrecido, mas ele envolveu um enorme braço em volta de Nico e o levantou como um lutador.

— Pegue a espada, também — disse Gerião com repugnância. — Não há nada que eu deteste mais que ferro estígio.

Euritião pegou a espada, tomando cuidado para não tocar na lâmina.

— Agora — disse Gerião alegremente — que já tivemos a excursão, vamos voltar para a casa, almoçar e enviar uma mensagem de Íris aos nossos amigos do exército titã.

— Seu demônio! — gritou Annabeth.

Gerião sorriu para ela.

— Não se preocupe, minha querida. Depois de ter entregado o senhor di Angelo, você e seus amigos podem ir. Eu não interfiro em missões. Além disso, fui

bem pago para dar a vocês passagem segura, o que infelizmente não inclui o senhor di Angelo.

— Pago por quem? — disse Annabeth. — O que você quer dizer?

— Não importa, querida. Vamos embora?

— Espere! — falei.

Órtros rosnou.

Fiquei perfeitamente parado para que ele não rasgasse a minha garganta.

— Gerião, você disse que é um homem de negócios. Faça um acordo comigo.

Gerião estreitou os olhos.

— Que tipo de acordo? Você tem ouro?

— Eu tenho algo melhor. Uma troca.

— Mas senhor Jackson, você não tem nada.

— Você poderia fazê-lo limpar os estábulos — sugeriu Euritião inocentemente.

— Eu limparei! — falei. — Se eu falhar, você fica com todos nós. Pode negociar todos nós com Luke por ouro.

— Se os cavalos não comerem você — observou Gerião.

— De qualquer forma, você obtém os meus amigos — falei. — Mas se eu tiver êxito, você tem que deixar todos nós irmos, incluindo Nico.

— Não! — gritou Nico. — Não me faça favores, Percy. Eu não quero sua ajuda!

Gerião riu.

— Percy Jackson, aqueles estábulos não têm sido limpos em mil anos... mas é verdade que eu poderia vender mais espaço nas cocheiras se todo aquele cocô for retirado.

— Então o que tem a perder?

O fazendeiro hesitou.

— Tudo bem, eu vou aceitar sua oferta, mas você tem que limpá-los até o pôr do sol. Se você falhar, seus amigos serão vendidos, e eu ficarei rico.

— Fechado.

Ele assentiu.

— Levarei com seus amigos para a casa. Nós vamos esperar por você lá.

Euritião me deu um olhar engraçado. Poderia ter sido simpatia. Ele assobiou, e o cão pulou de cima de mim para o colo de Annabeth. Ela gritou. Eu sabia que Tyson

e Grover nunca tentariam algo enquanto Annabeth estivesse refém. Eu saí do vagão e fixei os olhos nela.

— Espero que saiba o que está fazendo — disse ela calmamente.

— Eu também.

Gerião foi para trás do volante. Euritião rebocou Nico para o banco de trás.

— Pôr do sol — lembrou-me Gerião. — Sem atraso.

Ele riu de mim mais uma vez, soou a sua buzina berrante, e o mugido-móvel se moveu ruidosamente trilha abaixo.

NOVE

EU REMOVO ESTRUME

Eu perdi as esperanças quando vi os dentes dos cavalos.

Conforme chegava mais perto da cerca, segurei minha camiseta sobre o meu nariz para bloquear o cheiro. Um garanhão andou pelo esterco e relinchou bravo para mim. Ele mostrou os dentes, que eram pontudos como os de um urso.

Tentei falar com ele na minha mente. Eu posso fazer isso com a maioria dos cavalos.

Oi, falei para ele. *Eu vou limpar seu estábulo. Isso não vai ser demais?*

Sim! disse o cavalo. *Venha para dentro! Vou comer você! Meio-sangue apetitoso!*

Mas eu sou filho de Poseidon, protestei. *Ele criou os cavalos.*

Geralmente isso me dá tratamento especial no mundo equino, mas não desta vez.

Sim! disse o cavalo entusiasticamente. *Poseidon pode vir também! Vamos comer vocês dois! Frutos do mar!*

Frutos do mar! concordaram os outros cavalos enquanto andavam pelo campo.

Moscas zumbiam por toda parte, e o calor do dia não melhorava o cheiro. Eu tive a ideia de que poderia cumprir este desafio, pois me lembrava de como Hércules havia feito isso. Ele canalizou um rio para os estábulos e os limpou. Imaginei que talvez pudesse controlar a água. Mas se eu não conseguisse chegar perto dos cavalos sem ser devorado, isso seria um problema. E o rio estava colina abaixo, bem mais longe do que eu tinha percebido, quase há um quilômetro de distância. O problema do cocô parecia bem maior de perto. Peguei uma pá enferrujada e joguei um pouco pra fora da cerca. Ótimo. Apenas mais quatro bilhões de pás para terminar.

O sol já estava baixando. Eu tinha no máximo algumas horas. Decidi que o rio era minha única esperança. Pelo menos seria mais fácil pensar na margem do rio do que ali. Eu comecei a descer a colina.

Quando cheguei ao rio, encontrei uma garota esperando por mim. Ela usava jeans e uma camiseta verde e seu longo cabelo castanho estava trançado com algas do rio. Ela tinha um olhar firme. Seus braços estavam cruzados.

— Ah não, você não vai — disse ela.

Eu a encarei.

— Você é uma náiade?

Ela revirou os olhos.

— É claro!

— Mas você fala. E está fora da água.

— O quê, você acha que não podemos agir como humanos se quisermos?

Eu nunca pensara sobre isso. Eu meio que me senti estúpido, contudo, pois sempre vi muitas náiades no acampamento, e elas nunca fizeram nada além de dar risadas e acenar pra mim do fundo do lago.

— Olhe — falei. — Eu só vim pedir...

— Eu sei quem você é — disse ela. — E sei o que você quer. E a resposta é não! Eu não terei meu rio usado de novo para lavar aquele estábulo imundo!

— Mas...

— Ah, me poupe, garoto dos oceanos. Vocês tipos dos deuses do oceano sempre acham que são muuuuuito mais importantes do que um pequeno rio, não é? Bem, deixe eu te falar, esta náiade não vai ser manipulada só por que seu papai é Poseidon. Aqui é território de água doce, senhor. O último cara que me pediu esse favor, ah, e ele era bem mais atraente que você, aliás, ele me convenceu, e foi o pior erro que eu já cometi! Você faz ideia do que aquele monte de estrume faz com o meu ecossistema? Eu pareço uma usina de tratamento de esgoto pra você? Meus peixes morrerão. Eu nunca tirarei o esterco das minhas plantas. Ficarei doente por anos. NÃO, OBRIGADA!

O jeito que ela falou me lembrou minha amiga mortal, Rachel Elizabeth Dare, como se ela estivesse me batendo com as palavras. Eu não podia culpar a náiade. Agora que pensei sobre isso, eu ficaria furioso se jogassem quatro toneladas de estrume na minha casa. Mas mesmo assim...

— Meus amigos estão em perigo — falei a ela.

— Ah, que pena! Mas não é problema meu. E você não vai arruinar meu rio.

Ela parecia que estava pronta para uma luta. Seus punhos estavam serrados, mas pensei ter ouvido um leve vacilo em sua voz. De repente percebi que apesar de sua atitude irritada, ela tinha medo de mim. Ela provavelmente pensou que eu lutaria com ela pelo controle do rio, e ela estava preocupada que poderia perder.

O pensamento me entristeceu. Eu me senti um valentão, um filho de Poseidon usufruindo de sua influência por aí.

Eu sentei em um toco de árvore.

— Ok, você venceu.

A náiade pareceu surpresa.

— Sério?

— Eu não vou lutar com você. É o seu rio.

Ela relaxou os ombros.

— Ah. Ah, bom. Digo... bom pra você!

— Mas meus amigos e eu seremos vendidos aos titãs se eu não limpar aqueles estábulos até o pôr do sol. E eu não sei como.

O rio borbulhou alegremente. Uma cobra deslizou e submergiu. Finalmente a náiade suspirou.

— Vou lhe contar um segredo, filho do deus do mar. Pegue um pouco de terra.

— O quê?

— Você me ouviu.

Eu me agachei e peguei um punhado de terra do Texas. Estava seca, preta e manchada com pedaços de rochas brancas... Não, alguma coisa além de rochas.

— São conchas — a disse náiade. — Conchas marinhas petrificadas. Milhões de anos atrás, antes mesmo do tempo dos deuses, quando apenas Gaia e Urano reinavam, esta terra estava embaixo da água. Era parte do mar.

De repente vi o que ela queria dizer. Havia pequenos pedaços de antigos ouriços do mar na minha mão, conchas de moluscos. Até o limo das rochas continha impressões de conchas marinhas embutidas nele.

— Ok — falei. — E pra que isso me serve?

— Você não é tão diferente de mim, semideus. Mesmo quando estou fora d'água, a água está em mim. É minha fonte de vida. — Ela deu um passo atrás, pôs um pé na água e sorriu. — Espero que você encontre um meio de resgatar seus amigos.

E com isso ela se transformou em água e se misturou com o rio.

O sol estava tocando as colinas quando cheguei de volta ao estábulo. Alguém deve ter passado lá e alimentado os cavalos, pois eles estavam dilacerando enormes carcaças de animal. Não pude dizer que tipo de animal, e eu realmente não queria saber. Se era impossível os estábulos ficarem mais nojentos, cinquenta cavalos devorando carne crua deram conta disso.

Frutos do mar! pensou um deles quando me viu. *Chega mais! Ainda estamos com fome!*

O que eu deveria fazer? Eu não podia usar o rio. E o fato de que este lugar estivera debaixo da água um milhão de anos atrás não me ajudava muito agora. Eu olhei para a pequena concha calcificada na minha mão, depois para o monte de estrume.

Frustrado, atirei a concha no cocô. Estava para virar de costas para os cavalos quando ouvi um barulho.

PFFFFFFFFT! Como um balão vazando.

Olhei para baixo onde eu havia atirado a concha. Um pequeno fio de água escorria para fora do estrume.

— Sem chance — murmurei.

Hesitando, dei um passo para a cerca.

— Fique maior — falei para o ponto de água.

SPOOOOOOSH!

Água jorrou um metro no ar e continuou a borbulhar. Era impossível, mas estava lá. Dois cavalos vieram checar. Um pôs a boca na fonte e se encolheu.

Eca! disse ele. *É salgada!*

Era água do mar no meio de um rancho do Texas. Peguei mais uma mão cheia de lama e recolhi algumas conchas. Eu não sabia exatamente o que estava fazendo, mas corri pela extensão do estábulo, atirando conchas nas pilhas de esterco. Onde quer que as conchas caíssem, uma nascente de água salgada aparecia.

Pare! gritavam os cavalos. *Carne é bom! Banhos são ruins!*

Então percebi que a água não estava escorrendo para fora do estábulo e descendo a colina como deveria fazer. Elas simplesmente efervesciam em volta da fonte e afundavam no chão, levando o estrume consigo. O cocô de cavalo dissolvia na água salgada, deixando a normal e velha lama.

— Mais! — gritei.

Havia uma sensação estranha nas minhas entranhas, e as fontes de água explodiram como o maior lava jato do mundo. Água salgada disparou a seis metros de altura. Os cavalos enlouqueceram correndo de um lado para o outro conforme os jatos borrifavam em todas as direções. Montanhas de cocô começaram a derreter como gelo.

A sensação estranha ficou mais intensa, dolorosa até, mas havia algo incrível em ver toda aquela água salgada. Eu fizera aquilo. Eu trouxera o oceano para esta encosta.

Pare, senhor! gritou um cavalo. *Pare, por favor!*

A água corria por todo lugar agora. Os cavalos estavam molhados, e alguns estavam em pânico e escorregando na lama. O cocô se foi completamente, toneladas dele dissolvidas na terra, e a água agora estava começando a empoçar, saindo do estábulo, formando uma centena de pequenos fluxos de água até o rio.

— Pare — falei para a água.

Nada aconteceu. A dor nas entranhas estava se consolidando. Se eu não parasse os gêiseres logo, a água salgada iria correr para o rio e envenenar as plantas e peixes.

— Pare!

Eu concentrei todo o meu poder em controlar a força do mar.

De repente os gêiseres pararam. Eu caí de joelhos, exausto. À minha frente estava um estábulo brilhando de limpo, um campo de lama salgada e cinquenta cavalos que haviam sido lavados tão bem que seus couros cintilavam. Até os pedaços de carne entre seus dentes haviam sido lavados.

Nós não vamos comê-lo, senhor! lamentaram os cavalos. *Por favor, senhor! Chega de banhos salgados!*

— Com uma condição — falei. — Vocês só comerão o que lhes for dado por seus donos a partir de hoje. Nada de pessoas. Ou eu voltarei com mais conchas do mar.

Eles relincharam e me fizeram um monte de promessas de que seriam bons cavalos carnívoros de agora em diante, mas eu não fiquei para conversar. O sol estava se pondo. Eu me virei e corri a toda velocidade em direção a casa do rancho.

Eu senti cheiro de churrasco antes de alcançar a casa, o que me deixou ainda mais zangado, pois eu realmente adoro churrasco.

A varanda estava preparada para uma festa. Serpentina e balões enfeitavam a grade. Gerião estava virando hambúrgueres num grande fogo de churrasco feito em um tambor de óleo. Euritião descansava numa mesa de piquenique, cortando as unhas com uma faca. O cachorro de duas cabeças farejava as costelas e hambúrgueres que estavam fritando na grelha. E então vi meus amigos: Tyson, Grover, Annabeth e Nico todos jogados num canto, amarrados como animais de rodeio, amordaçados e com os pulsos e calcanhares amarrados juntos.

— Solte-os! — gritei, ainda sem fôlego por subir correndo os degraus. — Eu limpei os estábulos!

Gerião se virou. Ele usava um avental em cada peito, com uma palavra em cada, de forma que juntos formavam: BEIJE O CHEF.

— Limpou? Como conseguiu?

Eu estava bem impaciente, mas contei a ele.

Ele assentiu aprovando.

— Muito engenhoso. Seria melhor se você tivesse envenenado aquela maldita náiade, mas tudo bem.

— Solte meus amigos — falei. — Tínhamos um acordo.

— Ah, eu estive pensando sobre isso. O problema é, se eu os soltar, não serei pago.

— Você prometeu!

Gerião fez tsc, tsc.

— Mas você me fez jurar pelo Rio Estige? Não, não fez. Então não é obrigatório. Quando se trata de negócios, criança, você deve sempre fazer um juramento que vincule.

Puxei minha espada. Órtros rugiu. Uma das cabeças se abaixou até perto da orelha de Grover e pôs os dentes à mostra.

— Euritião — disse Gerião — o garoto está começando a me irritar. Mate-o.

Euritião me estudou. Eu não gostava das minhas chances contra ele e aquele bastão enorme.

— Mate-o você mesmo — disse Euritião.

Gerião ergueu as sobrancelhas.

— Como é?

— Você me ouviu — resmungou Euritião. — Você fica me mandando fazer o seu trabalho sujo. Você se mete em brigas sem motivo e estou ficando cansado de

morrer por você. Você quer lutar com o garoto, lute você mesmo.

Era a coisa mais antiAres que eu já ouvira um filho de Ares dizer.

Gerião largou sua espátula.

— Você ousa me desafiar? Eu devia despedi-lo agora mesmo!

— E quem cuidaria do seu rebanho? Órtros, senta.

O cachorro parou imediatamente de grunhir para Grover e foi se sentar aos pés do vaqueiro.

— Certo! — rosnou Gerião. — Cuido de você mais tarde, depois que o garoto estiver morto!

Ele pegou duas facas entalhadas e as jogou em mim. Desviei uma com minha espada. A outra cravou na mesa de piquenique a três centímetros da mão de Euritião.

Fui ao ataque. Gerião defendeu meu primeiro ataque com um par de pinças vermelhas e quentes e investiu contra meu rosto com um garfo de churrasco. Ataquei novamente e o apunhalei direto no peito do meio.

— Aghhh!

Ele caiu de joelhos.

Eu esperei que ele se desintegrasse do modo como monstros normalmente fazem. Mas ele apenas fez uma careta e começou a se levantar. A ferida sob seu avental de chef começou a cicatrizar.

— Bela tentativa, garoto — disse ele. — O negócio é, eu tenho três corações. O perfeito sistema de apoio.

Ele virou a churrasqueira e brasas voaram para todos os lados. Uma passou próxima do rosto de Annabeth, e ela soltou um grito abafado. Tyson lutou contra suas cordas, mas mesmo sua força não era suficiente para rompê-las. Eu tinha que acabar com essa luta antes que meus amigos se machucassem.

Golpeei Gerião em seu peito da esquerda, mas ele apenas riu. Atingi seu estômago da direita. Não adiantou. Pela reação dele parecia que eu estava espetando um ursinho de pelúcia.

Três corações. O sistema perfeito de apoio. Atacando um de cada vez não resolveria... Eu corri para a casa.

— Covarde! — gritou ele. — Volte e morra descentemente!

As paredes da sala de estar eram decoradas com um monte de troféus de caça horrorosos, veados empalhados e cabeças de dragão, um estojo de armas, um

mostruário de espadas e um arco com uma aljava.

Gerião atirou seu garfo de churrasco, e ele bateu na parede bem perto da minha cabeça. Ele sacou duas espadas do mostruário.

— Sua cabeça vai parar ali, Jackson! Perto do urso!

Eu tive uma ideia maluca. Larguei Contracorrente e peguei o arco na parede.

Eu era o pior arqueiro do mundo. Não conseguia acertar os alvos no acampamento, muito menos no meio. Mas eu não tinha escolha. Não podia vencer esta luta com uma espada. Rezei para Ártemis e Apolo, os gêmeos arqueiros, esperando que tivessem piedade de mim uma vez. *Por favor, gente. Apenas um disparo. Por favor.*

Encaixei a flecha.

Gerião riu.

— Seu imbecil! Uma flecha não é melhor do que uma espada.

Ele ergueu suas espadas e atacou. Mergulhei para o lado. Antes que ele pudesse se virar, disparei minha flecha no lado de seu peito direito. Eu ouvi THUMP, THUMP, THUMP, conforme a flecha passava diretamente por cada um dos seus troncos e saia voando do outro lado, cravando-se na cabeça do urso.

Gerião largou suas espadas. Ele se virou e me encarou.

— Você não pode atirar. Eles me disseram que você não podia...

Seu rosto tornou-se uma sombra verde e doentia. Ele caiu de joelhos e começou a desintegrar-se em areia, até que tudo o que sobrou foram três aventais de cozinha e um par de botas de vaqueiro supergrandes.

Eu desamarrei meus amigos. Euritião não tentou me impedir. Depois eu levantei a churrasqueira e joguei a comida nas chamas como uma oferenda a Ártemis e Apolo.

— Valeu, pessoal — falei. — Eu lhes devo uma.

O céu trovejou ao longe, então imaginei que os hambúrgueres cheiravam bem.

— Viva pro Percy! — disse Tyson.

— Podemos amarrar esse vaqueiro agora? — disse Nico.

— É! — concordou Grover. — E aquele cão quase me matou!

Eu olhei para Euritião, que ainda estava sentado relaxado na mesa de piquenique. Órtros estava com ambas as cabeças apoiadas nos joelhos do vaqueiro.

— Quanto vai demorar para Gerião se retornar? — perguntei a ele.

Euritião deu de ombros.

— Cem anos? Ele não é daqueles que se reformam rápido, graças aos deuses. Você me fez um favor.

— Você disse que já morreu por ele antes — lembrei. — Como?

— Eu tenho trabalhado para aquele cretino por milhares de anos. Comecei como um meio-sangue regular, mas aceitei a imortalidade quando meu pai a ofereceu. Pior erro da minha vida. Agora estou preso neste rancho. Não posso sair. Não posso desistir. Apenas cuido das vacas e luto as lutas de Gerião. Estamos meio que amarrados um ao outro.

— Talvez você possa mudar as coisas — falei.

Euritião estreitou os olhos.

— Como?

— Seja bom com os animais. Cuide deles. Pare de vendê-los como comida. E pare de negociar com os titãs.

Euritião pensou sobre isso.

— Isso seria legal.

— Traga os animais para o seu lado, e eles vão ajudá-lo. E talvez quando Gerião voltar ele trabalhe para você.

Euritião sorriu largamente.

— Eu conseguiria viver com isso.

— Você não vai tentar nos impedir de sair?

— Claro que não.

Annabeth esfregou seus pulsos machucados. Ela ainda olhava suspeitamente para Euritião.

— Seu chefe disse que alguém pagou para nos deixar passar. Quem foi?

O vaqueiro deu de ombros.

— Talvez ele tenha dito isso só para enganar vocês.

— E quanto aos titãs? — perguntei. — Vocês já os informaram por mensagem de Íris sobre Nico?

— Não. Gerião estava esperando até o fim do churrasco. Eles não sabem sobre ele.

Nico olhava fixo para mim. Eu não sabia muito bem o que fazer com ele. Duvidava que ele concordasse em vir conosco. Por outro lado, não podia simplesmente deixá-lo vagueando por aí sozinho.

— Você poderia esperar aqui enquanto terminamos nossa missão — falei a ele. — Seria seguro.

— Seguro? — disse Nico. — Por que você se importa se eu estou seguro? Você deixou que minha irmã morresse.

— Nico — disse Annabeth — não foi culpa do Percy. E Gerião não estava mentindo sobre Cronos querer capturar você. Se ele soubesse quem você é, ele faria de tudo para tê-lo do lado dele.

— Eu não estou do lado de ninguém. E não tenho medo.

— Você deveria ter — disse Annabeth. — Sua irmã não iria querer...

— Se você se importasse com minha irmã, me ajudaria a trazê-la de volta!

— Uma alma por outra alma? — falei.

— Sim!

— Mas se você não quer minha alma...

— Eu não estou explicando nada pra você! — Ele piscou lágrimas para fora de seus olhos. — E eu *vou* trazê-la de volta.

— Bianca não iria querer ser trazida de volta — falei. — Não desse jeito.

— Você não a conhecia! — gritou ele. — Como você sabe o que ela iria querer?

Eu olhei para as chamas na churrasqueira. Eu pensei na frase da profecia de Annabeth: *Tu ascenderás ou cairás pela mão do rei espectral.* Tinha que ser Minos, e eu tinha que convencer Nico a não ouvi-lo.

— Vamos perguntar para a Bianca.

O céu pareceu escurecer de repente.

— Eu tentei — disse Nico miseravelmente. — Ela não vai responder.

— Tente de novo. Tenho a sensação que ela vai responder comigo aqui.

— Por que ela iria?

— Porque ela tem me enviado mensagens de Íris — falei, de repente com certeza disso. — Ela tem tentando me avisar sobre o que você está fazendo, para que eu possa protegê-lo.

Nico balançou a cabeça.

— Isso é impossível.

— Só há um jeito de descobrir. Você disse que não tem medo. — Eu me virei para Euritião. — Nós vamos precisar de um buraco, como uma sepultura. E comida e bebida.

— Percy — avisou Annabeth. — Eu não acho que seja uma boa...

— Tá bem. — disse Nico. — Eu vou tentar.

Euritião coçou a barba.

— Há um buraco cavado para um tanque séptico. Nós podemos usá-lo. Garoto ciclope, pegue minha caixa de gelo na cozinha. Espero que a morta goste de cerveja.

DEZ

JOGAMOS O GAME DA MORTE

Nós fizemos nossas invocações após anoitecer, em um fosso de seis metros em frente ao tanque séptico. O tanque era amarelo luminoso, com uma cara sorridente e letras vermelhas pintadas no lado. DESCARGA FELIZ S/A. Meio que não combinava com o estado de espírito de invocar os mortos.

A lua estava cheia. Nuvens prateadas se espalhavam pelo céu.

— Minos já deveria estar aqui — disse Nico, fazendo uma carranca. — Está totalmente escuro.

— Talvez ele tenha se perdido — falei esperançoso.

Nico colocou cerveja e o churrasco dentro da cova, então começou a recitar um cântico em grego antigo. Imediatamente os insetos no bosque pararam de piar. Em meu bolso, o apito canino de gelo estígio começou a ficar mais frio, congelando contra o lado da minha perna.

— Faça ele parar — sussurrou Tyson para mim.

Parte de mim concordou. Aquilo não era natural. O ar da noite era gelado e ameaçador. Mas antes que eu pudesse dizer alguma coisa os primeiros espíritos apareceram. Uma nevoa sulfurosa surgiu sobre a terra. Sombras começaram a ficar mais densas e ganhar forma humana. Uma sombra azul vagueou para extremidade da cova e ajoelhou-se para beber.

— Impeçam-no! — disse Nico, momentaneamente parando o cântico. — Somente Bianca pode beber!

Saquei Contracorrente. Os fantasmas recuaram com um coletivo assobio a vista da minha lâmina de bronze celestial. Mas era tarde para parar o primeiro espírito. Ele já havia se solidificado na forma de um homem barbudo com um manto branco.

Um círculo de ouro coroava sua cabeça, e mesmo em morte seus olhos estavam vivos de malícia.

— Minos! — disse Nico. — O que você está fazendo?

— Minhas desculpas, mestre — disse o fantasma, embora não soasse muito arrependido. — O sacrifício parecia tão bom, eu não pude resistir. — Ele examinou suas próprias mãos e sorriu. — É bom olhar para mim mesmo novamente. Quase na minha forma sólida...

— Você está rompendo o ritual! — protestou Nico. — Saia...

Os espíritos dos mortos começaram a brilhar perigosamente, e Nico teve que começar a cantar novamente para mantê-los sob controle.

— Sim, faça direito, mestre — disse Minos com diversão. — Continue cantando. Eu só vim protegê-lo desses *mentirosos* que enganariam você.

Ele se virou para mim como se eu fosse algum tipo de barata.

— Percy Jackson... sim, sim. Os filhos de Poseidon não melhoraram com os passar dos séculos, melhoraram?

Eu queria socá-lo, mas imaginei que meu punho passaria direto por sua cara.

— Nós estamos procurando Bianca di Angelo — falei. — Cai fora.

O fantasma riu.

— Sei que você matou meu Minotauro uma vez com suas próprias mãos. Mas coisas piores o esperam no Labirinto. Você realmente acha que Dédalo o ajudará?

Os outros espíritos começaram a se agitar. Annabeth puxou sua faca e me ajudou a mantê-los afastados da cova. Grover ficou tão nervoso que se agarrou ao ombro de Tyson.

— Dédalo não se importa com vocês, meio-sangues — Minos advertiu. — Vocês não podem confiar nele. Ele é velho além da conta e engenhoso. Ele está amargo de culpa pelo assassinato e é amaldiçoado pelos deuses.

— Culpa pelo assassinato? — perguntei. — Quem ele matou?

— Não mude de assunto! — rosnou o fantasma. — Você está impedindo Nico. Você tenta convencê-lo a desistir de seu objetivo. *Eu* faria dele um lorde!

— Basta, Minos — ordenou Nico.

O fantasma zombou.

— Mestre, eles são seus inimigos. Você não deve escutá-los! Deixe-me protegê-lo. Irei deixá-los loucos, como fiz com os outros.

— Outros? — Annabeth ofegou. — Você fez aquilo com Chris Rodriguez? Então foi *você?*

— O Labirinto é minha propriedade — disse o fantasma — não de Dédalo! Os que invadem merecem a loucura.

— Vá embora, Minos! — exigiu Nico. — Eu quero ver minha irmã!

O fantasma engoliu sua raiva.

— Como quiser, mestre. Mas eu o alerto. Você não pode confiar nesses heróis.

Com isso, ele desapareceu em névoa.

Os outros espíritos avançaram, mas eu e Annabeth os contivemos.

— Bianca, apareça! — disse Nico.

Ele começou a cantar rápido e os espíritos se mexeram inquietos.

— A qualquer momento agora — murmurou Grover.

Então uma luz prateada piscou entre as árvores, um espírito que parecia mais luminoso e forte que os outros. Ele se aproximou e algo me disse que o deixasse passar. Ele se ajoelhou e bebeu um gole da cova. Quando se ergueu, era a forma fantasmagórica de Bianca di Angelo.

O canto de Nico vacilou. Eu abaixei minha espada. Os outros espíritos começaram a se aglomerar, mas Bianca ergueu seus braços e eles recuaram para as árvores.

— Olá, Percy — disse ela.

Ela parecia a mesma que quando viva: uma boina verde de lado em seu grosso cabelo preto, olhos escuros e pele azeitonada como a do irmão dela. Ela vestia uma jaqueta prateada, a vestimenta das Caçadoras de Ártemis. Um arco estava pendurado em seu ombro. Ela sorriu fracamente e sua forma piscou.

— Bianca — falei, com a voz pesada.

Eu me senti culpado pela morte dela por muito tempo, mais vê-la na minha frente era cinco vezes pior, como se sua morte fosse fresca e recente. Eu me lembrei de ter procurado nos destroços do gigante guerreiro de bronze que ela tinha sacrificado a vida para derrotar, e de não ter achado nenhum sinal dela.

— Me desculpe — falei.

— Você não tem pelo que se desculpar, Percy. Eu fiz minha escolha. Eu não me arrependo.

— Bianca!

Nico tropeçou a frente, como se tivesse acabado de sair de um transe. Ela se virou para seu irmão. Sua expressão estava triste, como se ela tivesse temido esse momento.

— Olá, Nico. Você ficou tão alto.

— Por que você não me respondeu mais cedo? — gritou ele. — Eu venho tentando há meses!

— Eu tinha esperanças que você desistisse.

— Desistisse? — Ele soou magoado. — Como você pode dizer isso? Estou tentando salvar você!

— Você não pode, Nico. Não faça isso. Percy está certo.

— Não! Ele deixou você morrer! Ele não é seu amigo.

Bianca levantou uma mão como se fosse tocar o rosto do irmão, mas ela era feita de névoa. Sua mão evaporou quando se aproximou de pele viva.

— Você deve me ouvir — disse ela. — Guardar rancor é perigoso para as crianças de Hades. É nosso defeito mortal. Você deve perdoá-lo. Você tem que prometer isso.

— Eu não posso. Nunca.

— Percy tem estado preocupado com você, Nico. Ele pode ajudar. Eu o deixei ver o que você estava fazendo, esperando que ele achasse você.

— Então *era* você — falei. — Você enviou as mensagens de Íris.

Bianca assentiu.

— Por que você está ajudando a ele e não a mim? — gritou Nico. — Não é justo!

— Você está perto da verdade agora — disse Bianca a ele. — Não é com Percy que você deve estar zangado, Nico. É comigo.

— Não.

— Você está zangado porque eu deixei você para me tornar uma Caçadora de Ártemis. Você está zangado porque eu morri e o deixei sozinho. Eu sinto por isso, Nico. Eu realmente sinto. Mas você deve superar a raiva. E parar de culpar o Percy por minhas escolhas. Isso será a sua ruína.

— Ela está certa — interrompeu Annabeth. — Cronos está se erguendo, Nico. Ele vai manipular quem ele puder para se unir a causa dele.

— Eu não ligo para Cronos — disse Nico. — Eu só quero minha irmã de volta.

— Você não pode ter isso, Nico. — disse Bianca gentilmente.

— Eu sou filho de Hades! Eu *posso*.

— Não tente — disse ela. — Se você me ama, não...

A voz dela vacilou. Os espíritos começaram a se aglomerar de novo ao nosso redor, e pareciam agitados. Suas sombras se deslocaram. Suas vozes sussurravam:

PERIGO!

— O Tártaro se agita — disse Bianca. — O seu poder chama a atenção de Cronos. Os mortos precisam retornar ao Mundo Inferior. Não é seguro permanecermos.

— Espere — disse Nico. — Por favor...

— Adeus, Nico. — disse Bianca. — Eu te amo. Lembre-se do que eu disse.

Sua forma tremulou e os fantasmas desapareceram, deixando-nos sozinhos com uma cova, um tanque séptico *Descarga Feliz,* e uma lua cheia fria.

Nenhum de nós estava ansioso para viajar aquela noite, então decidimos esperar até de manhã. Grover e eu nos ajeitamos nos sofás de couro na sala de estar de Gerião, que estava mais confortável que um saco de dormir no Labirinto; mas isso não fez meus pesadelos melhorarem.

Sonhei que estava com Luke, andando por um palácio escuro no topo do Monte Tam. Era realmente uma edificação agora, não a ilusão meio-terminada que eu vira inverno passado. Fogo verde queimava em braseiros ao longo das paredes. O piso era feito de mármore preto polido. Um vento frio soprava pelo corredor, e sobre nós, pelo teto aberto, o céu se agitava com nuvens de tempestade cinza.

Luke estava vestido para batalha. Ele usava calça camuflada, uma camiseta branca, e um peitoral de bronze, mas sua espada, Mordecostas, não estava ao seu lado, somente uma bainha vazia. Nós caminhamos por um grande pátio onde dúzias de guerreiros e dracaenae estavam se preparando para a guerra. Quando eles o viram os semideuses se ergueram prestando atenção. Eles batiam suas espadas contra seus escudos.

— Esssstá na hora, meu ssssenhor? — perguntou uma *dracaena*.

— Logo — prometeu Luke. — Continue seu trabalho.

— Meu senhor — disse uma voz atrás dele.

Kelli, a *empusa* estava sorrindo para ele. Ela usava um vestido azul esta noite, e parecia incrivelmente bonita. Seus olhos tremeluziam, às vezes castanho-escuro, às

vezes vermelho puro. Seu cabelo trançado para trás parecia captar a luz das tochas, como se quisesse entrar em chamas.

Meu coração martelava. Eu esperei que Kelli me visse, para me expulsar do sonho como ela havia feito antes, mas desta vez ela pareceu não me notar.

— Você tem um visitante — disse ela a Luke.

Ela deu um passo para o lado, e mesmo Luke pareceu atordoado com o que viu.

O monstro Campe avançou na direção dele. Suas cobras assobiavam ao redor de suas pernas. As cabeças de animais cresciam em sua cintura. Suas espadas estavam de prontidão, pingando veneno, e com suas asas de morcego estendidas, ela ocupava todo o corredor.

— Você. — A voz de Luke saiu um pouco trêmula. — Eu disse para você ficar em Alcatraz.

As pálpebras de Campe piscaram lateralmente como as de um réptil. Ela falou naquele estrondoso idioma estranho, mas desta vez eu entendi, em algum lugar no fundo da minha mente:

Eu vim para servir. Dê-me vingança.

— Você é uma carcereira — disse Luke. — Seu trabalho...

Eu os matarei. Ninguém escapa de mim.

Luke hesitou. Uma linha de suor escorreu pelo lado de seu rosto.

— Muito bem — disse ele. — Você irá conosco. Você pode levar o Fio de Ariadne. É uma posição de grande honra.

Campe sibilou para as estrelas. Ela embainhou suas espadas e se virou, triturando o chão com suas enormes pernas de dragão.

— Nós devíamos ter deixado essa aí no Tártaro — resmungou Luke. — Ela é muito caótica. Muito poderosa.

Kelli riu suavemente.

— Você não devia temer o poder Luke. Use-o!

— Quanto mais cedo partimos, melhor — disse Luke. — Eu quero acabar com isso logo.

— Aww — disse Kelli simpaticamente, correndo um dedo pelo braço dele. — Você acha desagradável destruir seu velho acampamento?

— Eu não disse isso.

— Você está repensando sua, hã, parte especial?

O rosto de Luke ficou petrificado.

— Eu sei o meu dever.

— Isso é bom — disse o demônio. — Nossa força de ataque é suficiente, você não acha? Ou devo chamar a mãe Hécate para ajudar?

— Nós temos mais que suficiente — disse Luke severamente. — O acordo está quase completo. Tudo que preciso agora é negociar passagem livre pela arena.

— Mmm — disse Kelli. — Isso deve ser interessante. Eu odiaria ver sua linda cabeça em um espeto caso você falhe.

— Não falharei. E você, demônio, não tem outras coisas para fazer?

— Ah, sim. — disse Kelli, sorrindo. — Estou levando desespero para os seus inimigos bisbilhoteiros. Estou fazendo isto neste momento.

Ela virou seus olhos diretamente na minha direção, expôs suas garras, e rompeu meu sonho.

De repente eu estava em um lugar diferente.

Eu estava de pé no topo de uma torre de pedra, olhando para penhascos rochosos e para o oceano abaixo. Dédalo estava curvado em cima de uma mesa de trabalho, lutando com um tipo de instrumento de navegação, parecido com um enorme compasso. Ele parecia anos mais velho do que quando eu o vira pela última vez. Ele estava curvado e suas mãos estavam enrugadas. Ele xingou em grego antigo e piscou como se não pudesse ver o seu trabalho, embora fosse um dia ensolarado.

— Tio! — chamou uma voz.

Um menino sorridente com a idade de Nico veio, pulando os degraus carregando uma caixa de madeira.

— Olá, Perdiz — disse o velho, embora o seu tom soasse frio. — Já terminou seu projeto?

— Sim, tio. Foi fácil!

Dédalo fez uma carranca.

— Fácil? O problema de mover água morro acima sem uma bomba era fácil?

— Ah, sim! Olhe!

O menino esvaziou sua caixa e revistou no meio de suas tranqueiras. Ele veio com uma tira de papiro e mostrou para o velho inventor alguns diagramas e notas. Eles não fizeram sentido algum para mim, mas Dédalo assentiu de má vontade.

— Sim. Nada mal.

— O rei amou — disse Perdiz. — Ele disse que eu poderia ser mais inteligente que você!

— Ele falou isso?

— Mas eu não acreditei nisso. Eu sou tão agradecido por minha mãe ter me enviado para estudar com você! Eu quero saber tudo o que você sabe.

— Sim — murmurou Dédalo. — Assim quando eu morrer, você pode tomar meu lugar, não é?

Os olhos do garoto se arregalaram.

— Ah não, tio! Mas eu tenho pensado... por que um homem tem que morrer?

O inventor franziu a testa.

— É assim que as coisas são, menino. Tudo morre menos os deuses.

— Mas *por quê?* — insistiu o garoto. — E se você pudesse capturar o *animus*, a alma em outra forma... bem, você me falou sobre seus autômatos, tio. Touros, águias, dragões, cavalos de bronze. Por que não uma forma humana de bronze?

— Não, meu garoto — disse Dédalo bruscamente. — Você é ingênuo. Tal coisa é impossível.

— Eu não acho — insistiu Perdiz. — Com o uso de um pouco de magia...

— Magia? Besteira!

— Sim, tio! Magia e mecânica juntos... com um pouco de trabalho, alguém poderia fazer um corpo que pareceria exatamente humano, só que melhor. Eu fiz algumas anotações.

Ele deu ao velho um pergaminho grosso. Dédalo abriu o pergaminho. Ele leu por um longo tempo. Seus olhos se estreitaram. Ele olhou para o menino, então enrolou o pergaminho e limpou sua garganta.

— Isso nunca funcionaria, meu garoto. Quando você for mais velho, você verá.

— Então posso consertar aquele astrolábio, tio? Suas juntas estão inchando novamente?

O velho cerrou a mandíbula.

— Não. Obrigado. Agora porque você não vai passear por aí?

Perdiz parecia não notar a raiva do velho. Ele pegou um besouro de bronze de suas coisas e correu até a extremidade da torre. Um peitoril baixo circundava a beira, vindo só até os joelhos do menino. O vento era forte.

Volte, quis dizer a ele. Mas a minha voz não saia.

Perdiz lançou o besouro para o céu. Ele abriu suas asas e zumbiu para longe. Perdiz riu com prazer.

— Mais inteligente que eu — murmurou Dédalo, baixo demais para que o garoto pudesse ouvir.

— É verdade que seu filho morreu voando, tio? Eu ouvi que você fez asas enormes para ele, mas elas falharam.

As mãos de Dédalo se fecharam.

— Tomar o meu lugar — murmurou ele.

O vento chicoteava ao redor do menino, arrastando suas roupas, fazendo ondular seus cabelos.

— Eu gostaria de voar — disse Perdiz. — Eu faria minhas próprias asas que não falhariam. Você acha que eu consigo?

Talvez fosse um sonho dentro de um sonho, mas de repente eu imaginei o deus de duas caras, Jano, tremeluzindo no ar perto de Dédalo, sorrindo enquanto ele lançava uma chave prateada de uma mão para a outra.

Escolha, sussurrou ele para o velho inventor. *Escolha*.

Dédalo pegou outro objeto dentre as coisas do menino. Os olhos do velho inventor estavam vermelhos de raiva.

— Perdiz — gritou ele. — Pegue.

Ele lançou um besouro de bronze na direção do menino. Encantado, Perdiz tentou pegar, mas o lançamento era muito longo. O besouro voou em direção ao céu, e Perdiz se esticou um pouco demais. O vento o pegou.

De alguma maneira ele conseguiu agarrar ao peitoril da torre com os dedos enquanto ele caia.

— Tio! — gritou ele. — Me ajude!

O rosto do velho era uma máscara. Ele não se moveu de onde estava.

— Vá em frente, Perdiz. — disse Dédalo suavemente. — Faça suas próprias asas. Mas seja rápido.

— Tio! — gritou o menino quando perdeu o apoio.

Ele caiu na direção do mar.

Por um momento houve um silêncio mortal. O deus Jano cintilou e desapareceu. Então um trovão sacudiu o céu. Uma voz dura de mulher ecoou acima: *Você pagará o preço por isso, Dédalo*.

Eu já ouvira aquela voz antes. Era da mãe de Annabeth: Atena.

Dédalo fez uma carranca para os céus.

— Eu sempre a honrei, mãe. Eu sacrifiquei tudo para viver do seu modo.

O menino também tinha minha bênção. E você o matou. Por isso, você deve pagar.

— Eu já paguei! — rosnou Dédalo. — Eu perdi tudo. Com certeza eu sofrerei no Mundo Inferior. Mas enquanto isso...

Ele pegou o pergaminho do menino, estudou por um momento, e o deslizou para dentro de sua manga.

Você não entende, disse Atena friamente. *Você pagará agora e para sempre.*

De repente Dédalo desmoronou em agonia. Eu senti o que ele sentiu. Uma dor que queimava se fechando ao redor do meu pescoço, como um colar muito quente, cortando minha respiração, fazendo tudo ficar preto.

Eu acordei na escuridão, com minhas mãos apertando minha garganta.

— Percy? — chamou Grover do outro sofá. — Você está bem?

Eu estabilizei minha respiração. Não sabia como responder. Eu acabara de ver o cara que estávamos procurando, Dédalo, matar o próprio sobrinho. Como eu poderia estar bem? A TV estava ligada. Luz azul tremeluzia pelo quarto.

— Que... que horas são? — resmunguei.

— Duas da manhã — disse Grover. — Eu não consegui dormir. Estava assistindo o Nature Channel — choramingou ele. — Saudades da Juníper.

Eu esfreguei o sono para fora dos meus olhos.

— É, bem... você a verá novamente em breve.

Grover balançou a cabeça tristemente.

— Sabe que dia é hoje Percy? Eu acabei de ver na TV. É 13 de junho. Faz sete dias que deixamos o acampamento.

— O quê? — falei. — Isso não pode estar certo.

— O tempo passa mais rápido no Labirinto — lembrou-me Grover. — A primeira vez que você e Annabeth desceram vocês pensaram que se passaram apenas alguns minutos, certo? Mas foram horas.

— Ah — falei. — Certo. — Então caiu minha ficha sobre o que ele estava falando, e senti minha garganta queimar novamente. — Seu prazo final com o Conselho dos Anciões de Casco Fendido.

Grover colocou a ponta do controle remoto na boca e mastigou.

— Estou sem tempo — disse ele com a boca cheia de plástico. — Assim que eu voltar eles vão tirar minha licença de buscador. Nunca me permitirão sair novamente.

— Nós iremos falar com eles — prometi. — Faremos com que eles te deem mais tempo.

Grover engoliu.

— Eles nunca concordarão com isso. O mundo está morrendo, Percy. O que você fez hoje... salvando os animais do rancho do Gerião... aquilo foi incrível. Eu... eu gostaria de ser mais como você.

— Ei — falei. — Não diga isso. Você é tão herói quanto...

— Não, eu não sou. Eu continuo tentando, mas... — ele suspirou. — Percy, eu não posso voltar ao acampamento sem ter achado Pã. Eu simplesmente não posso. Você entende isso, não entende? Eu não posso encarar Juníper se eu falhar. Não posso nem mesmo me encarar.

Sua voz soava tão infeliz que doía ouvir. Nós passamos por muita coisa juntos, mas eu nunca o vi tão pra baixo.

— Nós vamos pensar em alguma coisa — falei. — Você não falhou, você é o garoto-bode campeão, certo? Juníper sabe disso. Eu também.

Grover fechou os olhos.

— Garoto-bode campeão — murmurou ele desanimado.

Muito tempo depois que ele cochilou, eu ainda estava assistindo a luz azul do Nature Channel iluminar os troféus de cabeça empalhada da parede de Gerião.

Na manhã seguinte nós andamos até a guarda de gado e dissemos adeus.

— Nico, você poderia vir conosco — falei bruscamente.

Acho que estava pensando sobre meu sonho, e como o jovem menino Perdiz me lembrava Nico.

Ele balançou a cabeça. Eu não acredito que alguém tenha dormido bem na casa do demônio do rancho, mas Nico parecia pior que os outros. Seus olhos estavam vermelhos e seu rosto pálido. Ele estava embrulhado em um roupão preto que devia ter pertencido a Gerião, pois era três vezes maior mesmo para um homem adulto.

— Preciso de tempo para pensar.

Os olhos dele não encontravam os meus, mas eu podia dizer pelo seu tom que ele ainda estava zangado. O fato de sua irmã ter saído do Mundo Inferior por mim e não por ele não foi bem aceito por ele.

— Nico — disse Annabeth. — Bianca quer somente que você fique bem.

Ela colocou a mão no ombro dele, mas ele saiu em direção à casa da fazenda. Podia ser minha imaginação, mas a névoa da manhã parecia se apegar a ele conforme ele andava.

— Estou preocupada com ele — disse Annabeth. — Se ele começar a falar com o fantasma de Minos de novo...

— Ele ficará bem — prometeu Euritião.

O vaqueiro tinha se limpado bem. Ele estava usando uma calça jeans nova e uma camiseta de caubói limpa e ele tinha até aparado a barba. Ele estava usando as botas de Gerião.

— O menino pode ficar aqui e organizar seus pensamentos pelo tempo que precisar. Ele estará seguro, eu prometo.

— E você? — perguntei.

Euritião coçou sob um dos queixos de Órtros, então sob o outro.

— As coisas vão andar um pouco diferente aqui no rancho de agora em diante. Sem mais carne de gado sagrado. Eu estou pensando em empadas de soja. E eu vou ajudar esses cavalos carnívoros. Talvez eu pudesse me inscrever no próximo rodeio.

Essa ideia me fez estremecer.

— Bem, boa sorte.

— É. — Euritião cuspiu na grama. — Acredito que agora vocês vão procurar a oficina de Dédalo?

Os olhos de Annabeth se iluminaram.

— Você pode nos ajudar?

Euritião estudou o gado, e percebi que o assunto da oficina de Dédalo o deixou desconfortável.

— Eu não sei onde fica, mas Hefesto provavelmente sabe.

— Foi isso que Hera disse — concordou Annabeth. — Mas como acharemos *Hefesto?*

Euritião puxou algo de debaixo do colarinho da camisa. Era um colar, um disco prateado liso em uma corrente prateada. O disco tinha uma depressão no meio, como uma impressão digital do polegar. Ele entregou a Annabeth.

— Hefesto vem aqui as vezes — disse Euritião. — Estuda os animais e tal para poder fazer cópias autômatos de bronze. Da última vez... eu... hã, fiz um favor a ele. Uma pequena brincadeira que ele queria fazer em meu pai, Ares e Afrodite. Ele me

deu essa corrente em gratidão. Disse que se alguma vez eu precisasse achá-lo, o disco me conduziria às forjas dele. Mas só uma vez.

— E você está dando para mim? — perguntou Annabeth.

Euritião corou.

— Eu não preciso ver as forjas, senhorita. Tenho o bastante para fazer aqui. Apenas aperte o botão e você estará no caminho.

Annabeth apertou o botão e o disco pareceu ganhar vida. Surgiram oito pernas metálicas. Annabeth gritou e derrubou aquilo no chão, o que confundiu Euritião.

— Aranha! — gritou ela.

— Ela tem, hã, um pouco de pavor de aranhas — explicou Grover. — Aquele velho rancor entre Atena e Aracne.

— Ah. — Euritião pareceu envergonhado. — Desculpe, senhorita.

A aranha passou pela guarda de gado e desapareceu entre as barras.

— Rápido — falei. — Aquela coisa não vai esperar por nós.

Annabeth não estava ansiosa para segui-la, mas não tínhamos muita escolha. Nós dissemos adeus a Euritião, Tyson tirou a guarda de gado de cima do buraco, e nós pulamos de volta ao Labirinto.

Eu desejava ter posto a aranha numa coleira. Ela correu pelos túneis tão rápido, que na maior parte do tempo eu não pude nem mesmo vê-la. Se não fosse pela audição excelente de Tyson e Grover, nós nunca teríamos sabido pra onde ela estava indo.

Nós descemos correndo por um túnel de mármore, então nos arremessamos para a esquerda e quase caímos em um abismo. Tyson me agarrou e me puxou pra trás antes que eu pudesse cair. O túnel continuou à nossa frente, mas não havia chão por uns trinta metros, só a escuridão completa e uma série de barras de ferro penduradas no teto. A aranha mecânica estava a meio caminho, balançando de barra em barra atirando teias de metal.

— Barras — disse Annabeth. — Eu sou muito boa nisso.

Ela saltou sobre a primeira barra e começou a se balançar de um lado pro outro. Ela tinha pavor de aranhas minúsculas, mas não de despencar para a morte de uma barra. Vai entender.

Annabeth chegou do lado oposto e correu atrás da aranha. Eu a segui. Quando atravessei, olhei para trás e vi Tyson carregando Grover nas costas. O grandão fez o

percurso em três balanços, o que foi uma coisa boa já que, no momento que ele pousou, a última barra quebrou com o seu peso.

Nós continuamos a nos mover e passamos por um esqueleto amassado no túnel. Ele usava os restos de uma camisa, calça comprida e uma gravata. A aranha não diminuiu a velocidade. Eu deslizei numa pilha de fragmentos de madeira, mas quando os iluminei percebi que eram lápis, centenas deles, todos quebrados pela metade.

O túnel se abriu para uma grande sala. Uma luz ardente nos atingiu. Quando meus olhos se ajustaram, a primeira coisa que notei foram os esqueletos. Dúzias cobriam o chão ao nosso redor. Alguns eram antigos e esbranquiçados. Outros eram mais recentes, mais inteiros. Eles não cheiravam tão mal quanto os estábulos de Gerião, mas chegavam perto.

Então eu vi o monstro. Ela estava em uma plataforma brilhante no lado oposto da sala. Ela tinha o corpo de um grande leão e a cabeça de uma mulher. Ela teria sido bonita, mas o cabelo dela estava amarrado para trás em um coque apertado e ela usava muita maquiagem, tanto que ela me lembrava minha professora de coro do terceiro ano. Ela tinha um distintivo azul fixado no tórax que me levou um momento para ler. ESTE MONSTRO FOI CLASSIFICADO COMO EXEMPLAR!

Tyson choramingou.

— Esfinge.

Eu sabia exatamente porque ele estava assustado. Quando ele era pequeno, Tyson foi atacado pelas patas de uma esfinge e desapareceu.

Annabeth foi adiante, mas a esfinge rugiu, mostrando os caninos de seu rosto humano. Barras caíram sobre ambas as saídas do túnel, atrás de nós e à frente.

Imediatamente o rugido do mostro se transformou em um sorriso radiante.

— Bem-vindos, concorrentes sortudos! — anunciou ela. — Se preparem para jogar... RESPONDA AO ENIGMA!

Aplausos ensaiados soaram do teto, como se houvesse alto-falantes invisíveis. Refletores brotaram ao redor do quarto e refletiram o estrado, jogando todo o resplendor da discoteca em cima dos esqueletos no chão.

— Prêmios fabulosos! — disse a esfinge. — Passe no teste e poderá avançar! Falhe e eu te comerei! Quem vai ser o nosso participante?

Annabeth agarrou meu braço.

— Deixe comigo — sussurrou ela. — Eu sei o que ela vai perguntar.

Eu não discuti muito. Eu não queria que Annabeth fosse devorada por um monstro, mas pensei que se a Esfinge fosse perguntar enigmas, Annabeth era a melhor de nós para tentar.

Ela deu um passo para a frente e avançou para o pódio do competidor, que tinha sobre ele um esqueleto em uniforme escolar. Ela tirou o esqueleto do caminho, e ele caiu ruidosamente no chão.

— Desculpe — disse Annabeth a ele.

— Bem-vinda, Annabeth Chase! — disse o monstro, embora Annabeth não tenha dito seu nome. — Você está pronta para o seu teste?

— Sim — disse ela. — Pergunte o seu enigma.

— São vinte enigmas, na verdade! — disse a esfinge alegremente.

— O quê? Mas nos velhos tempos...

— Ah, nós elevamos os nossos padrões! Para passar você tem que mostrar conhecimento em todos os vinte. Isso não é ótimo?

Aplausos tocavam de tempos em tempos como alguém virando uma torneira.

Annabeth olhou nervosamente para mim. Eu lhe dei um aceno encorajador.

— Certo — disse ela a esfinge. — Eu estou pronta.

Os tambores tocaram acima. Os olhos da esfinge brilharam de animação.

— Qual é a capital da Bulgária?

Annabeth franziu a testa. Por um terrível momento, eu pensei que ela não sabia.

— Sofia — disse ela — mas...

— Correto!

Mais aplausos ensaiados soaram. A esfinge sorriu tão selvagemente que seus caninos apareceram.

— Por favor, não se esqueça de marcar sua resposta claramente na sua folha de teste com um lápis preto número dois.

— O quê?

Annabeth parecia completamente confusa. Então uma folha de teste apareceu no pódio à sua frente junto com um lápis afiado.

— Preste atenção na bola que você assinalar e fique dentro do círculo — disse a esfinge. — Se você tiver que apagar, apague completamente ou a máquina não vai conseguir ler as suas respostas.

— Que máquina? — perguntou Annabeth.

A esfinge apontou com sua pata. Em cima do refletor estava uma caixa de bronze com um monte de engrenagens e alavancas e uma grande letra H na lateral, a marca de Hefesto.

— Agora — disse a esfinge — a próxima questão...

— Espere um segundo — protestou Annabeth. — O que aconteceu com "O que caminha com quatro pernas de manhã..."?

— Como? — disse a esfinge, claramente aborrecida.

— O enigma sobre o homem. Ele caminha em quatro pernas de manhã, como um bebê, duas pernas ao entardecer, como um adulto, e três pernas ao anoitecer, como um velho com uma bengala. Esse é o enigma que você costumava perguntar.

— Exatamente por isso eu mudei o teste! — exclamou a esfinge. — Você já sabia a resposta. Agora a segunda questão, qual é a raiz quadrada de dezesseis?

— Quatro — disse Annabeth — mas...

— Correto! Qual presidente dos Estados Unidos assinou a Proclamação de Emancipação?

— Abraham Lincoln, mas...

— Correto! Enigma número quatro. Quanto...

— Espere aí! — gritou Annabeth.

Eu queria falar para ela parar de reclamar. Ela estava indo bem! Ela deveria somente responder as questões para podermos ir.

— Isso não são enigmas — disse Annabeth.

— O que você quer dizer? — gritou a esfinge. — Claro que são. Esse teste é especialmente projetado...

— Isso é um monte de fatos estúpidos e aleatórios — insistiu Annabeth. — Os enigmas devem fazer você pensar.

— Pensar? — a esfinge fez uma carranca. — Como é que eu deveria testar se você sabe pensar? Isso é ridículo! Agora, quanta força é requerida...

— Pare! — insistiu Annabeth. — Esse é um teste estúpido.

— Hã, Annabeth — intrometeu-se Grover nervosamente. — Talvez você devesse terminar primeiro e reclamar depois?

— Eu sou uma filha de Atena — insistiu ela. — E isso é um insulto a minha inteligência. Eu não vou responder essas questões.

Parte de mim estava impressionada por ela se impor daquela forma. Mas parte de mim pensou que o orgulho dela ia matar todos nós.

Os refletores brilharam. Os olhos da esfinge faiscaram puro preto.

— Então, minha querida — disse o monstro calmamente. — Se você não passar, você falhará. E como nós não permitimos que crianças fiquem para trás você será DEVORADA!

A Esfinge expôs suas presas, que brilhavam como aço. Ela pulou para o pódio.

— Não! — gritou Tyson, avançando em direção a esfinge.

Ele odeia quando as pessoas ameaçam Annabeth, mas não pude acreditar que ele estava sendo tão valente, especialmente quando ele já teve uma experiência tão ruim com uma esfinge.

Ele agarrou a esfinge no ar e eles colidiram de lado com uma pilha de ossos. Isso deu tempo para Annabeth se recompor e puxar sua faca. Tyson se ergueu, sua camiseta estava em pedaços. A Esfinge rosnou, procurando por uma abertura.

Eu saquei Contracorrente e me coloquei na frente de Annabeth.

— Fique invisível — falei a ela.

— Eu posso lutar!

— Não! — gritei. — A Esfinge está atrás de *você!* Deixe-nos usar isso.

Como que para provar o meu ponto, a Esfinge empurrou Tyson para o lado e tentou passar por mim. Grover a cutucou no olho com o osso da perna de alguém. Ela gritou de dor. Annabeth colocou o seu boné e desapareceu. A esfinge se lançou exatamente onde Annabeth estivera, mas suas patas só encontraram o vazio.

— Não é justo! — lamentou a esfinge. — Trapaceira!

Com Annabeth fora de vista, a esfinge se virou para mim. Eu ergui minha espada, mas antes que eu pudesse golpear, Tyson arrancou a máquina do monstro do chão e a jogou na cabeça da Esfinge, acabando com seu penteado. A máquina caiu aos pedaços em volta dela.

— Minha máquina classificadora! — gritou ela. — Eu não posso ser exemplar sem a pontuação do meu teste!

As barras se ergueram nas saídas. Todos nós saímos para o túnel distante. Eu só podia esperar que Annabeth estivesse fazendo o mesmo.

A esfinge começou a nos seguir, mas Grover pegou sua flauta e começou a tocar. De repente os lápis se lembraram que eles costumavam ser partes de árvores. Eles se enroscaram nas patas da esfinge, raízes e folhas cresceram e começaram a se prender ao redor das pernas do monstro. A esfinge os rasgou, mais isso nos deu tempo suficiente.

Tyson puxou Grover para o túnel, e as barras bateram se fechando atrás de nós.

— Annabeth! — gritei.

— Aqui! — disse ela, bem ao meu lado. — Continue se movendo!

Nós corremos pelos túneis escuros, ouvindo o rugido da Esfinge atrás de nós conforme ela reclamava dos testes que ela teria que corrigir a mão.

ONZE

EU PEGO FOGO

Eu achei que tínhamos perdido a aranha até que Tyson ouviu um fraco barulho de cliques. Nós fizemos algumas curvas, recuamos algumas vezes, e finalmente encontramos a aranha batendo a sua pequena cabeça numa porta de metal.

A porta parecia um daqueles antigos alçapões de submarinos – oval, cheia de rebites de metal nas beiradas e uma argola como maçaneta. Onde devia estar o portal havia uma enorme placa de latão, esverdeada pelo tempo, com um eta grego inscrito no meio.

Nós trocamos olhares.

— Prontos para conhecer Hefesto? — perguntou Grover, nervoso.

— Não — admiti.

— Sim! — disse Tyson feliz, e ele girou a argola.

Assim que a porta abriu, a aranha entrou rapidamente, com Tyson logo atrás. O resto de nós seguiu logo atrás, não tão ansiosos.

A sala era enorme. Parecia uma oficina mecânica, com vários elevadores hidráulicos. Alguns tinham carros, mas outros tinham as coisas mais estranhas: um hipaléctrion de bronze sem sua cabeça de cavalo e com vários arames saindo de seu rabo de galo, um leão de metal que parecia ligado a um carregador de bateria, e uma carruagem grega feita inteiramente de chamas.

Projetos menores cobriam outras mesas bagunçadas. Ferramentas estavam penduradas ao longo da parede. Cada uma tinha seu esboço numa placa de madeira pendurada, mas nada parecia estar no lugar correto. O martelo estava no lugar da chave de fenda. O grampeador onde a serra deveria estar.

Sob o elevador hidráulico mais próximo, que erguia um Toyota Corolla 98, um par de pernas se estendia – a metade de baixo de um homem em calça cinza surrada

e sapatos maiores que os de Tyson. Uma perna estava num suporte metálico.

A aranha foi direto para debaixo do carro, e os sons de clique pararam.

— Ora, Ora — disse uma voz profunda vinda debaixo do Corolla. — O que temos aqui?

O mecânico empurrou o carrinho para fora e se sentou. Eu já tinha visto Hefesto antes, brevemente no Olimpo, então pensei que estaria preparado, mas sua aparência me fez engasgar.

Acho que ele havia se limpado quando eu o vi no Olimpo ou usado magia para fazer sua forma parecer menos horrível. Aqui em sua própria oficina, ele aparentemente não ligava para sua aparência. Ele usava um macacão sujo de óleo e graxa. *Hefesto* estava bordado no bolso do peito. Sua perna rangia e estalava no suporte de metal enquanto ele levantava, e seu ombro esquerdo era mais baixo que o direito, então ele parecia estar inclinado mesmo quando estava reto. Sua cabeça era deformada e torta. Seu rosto era carrancudo. Sua barba preta fumegava e chiava. De vez em quando surgia uma chama em seu bigode e depois sumia. Suas mãos eram do tamanho de luvas de beisebol, mas ele manuseou a aranha com uma habilidade impressionante. Ele a desmontou em dois segundos e depois a remontou.

— Pronto — murmurou ele para si mesmo. — Bem melhor.

A aranha se sacudiu feliz em sua mão, lançou uma teia metálica no teto, e foi embora balançando.

Hefesto olhou ameaçador para nós.

— Eu não os fiz, fiz?

— Hã — disse Annabeth. — Não, senhor.

— Bom — ele se queixou. — O acabamento está péssimo.

Ele estudou Annabeth e eu.

— Meio-sangues — grunhiu ele. — Poderiam ser autômatos, mas provavelmente não.

— Nós já nos vimos, senhor — falei a ele.

— Ah, já? — perguntou o deus distraidamente.

Tive a sensação de que isso não faria diferença. Ele só estava tentando descobrir como funcionava minha mandíbula, se havia articulações, uma alavanca ou algo do gênero.

— Bem, se eu não o esmaguei da primeira vez, provavelmente não terei que esmagar agora.

Ele olhou para Grover e franziu as sobrancelhas.

— Sátiro.

Então ele viu Tyson e seus olhos, cintilaram.

— Ora, um ciclope. Bom, muito bom. O que você está fazendo viajando com esse grupo?

— Hã... — disse Tyson, olhando admirado para o deus.

— Sim, bem dito — concordou Hefesto. — Então, é bom haver uma boa razão para vocês me perturbarem. A suspensão deste Corolla não é nada fácil.

— Senhor — disse Annabeth, hesitante — nós estamos procurando por Dédalo. Nós pensamos...

— *Dédalo?* — rugiu o deus. — Vocês estão atrás daquele velho miserável? Vocês ousam procurá-lo!

A barba dele pegou fogo e seus olhos incandesceram.

— Hã, sim, senhor, por favor — disse Annabeth.

— Humpf. Estão perdendo tempo.

Ele franziu a testa para algo em sua mesa de trabalho e mancou até lá. Ele pegou algumas molas e peças metálicas e as remendou. Em alguns segundos ele estava segurando um falcão de bronze e prata. Ele abriu suas asas metálicas, piscou seus olhos obsidianos e voou pela sala.

Tyson riu e aplaudiu. O pássaro pousou no ombro de Tyson e beliscou sua orelha afetuosamente.

Hefesto observou com atenção. A carranca do deus não mudou, mas pensei ter visto um brilho em seus olhos.

— Eu sinto que você tem algo a me dizer, ciclope.

O sorriso de Tyson desapareceu.

— S-sim, senhor. Nós encontramos um centimano.

Hefesto assentiu, sem demonstrar surpresa.

— Briareu?

— Sim. Ele... ele estava apavorado. Ele não nos ajudou.

— E isso te incomodou.

— Sim! — a voz de Tyson vacilou. — Briareu devia ser forte! Ele é mais velho e maior que os ciclopes. Mas ele fugiu.

Hefesto grunhiu.

— Houve um tempo em que eu admirava os centimanos. Nos tempos da Primeira Guerra. Mas pessoas, monstros e até mesmo deuses mudam, meu jovem ciclope. Você não pode confiar neles. Veja minha adorável mãe, Hera. Você a conheceu, não foi? Ela vai sorrir pra você e falar quão importante a família é, não é? Isso não a impediu de me atirar do Monte Olimpo quando viu minha cara feia.

— Mas eu pensei que Zeus tivesse feito isso com você — falei.

Hefesto limpou a garganta e cuspiu numa escarradeira de bronze. Ele estalou os dedos e o falcão-robô voou de volta para a mesa.

— Minha mãe gosta de contar essa versão da história — resmungou ele. — Isso a torna mais adorável, não torna? Jogando a culpa toda no meu pai. A verdade é que minha mãe gosta de famílias, mas um certo tipo de família. Famílias *perfeitas*. Ela deu uma olhada em mim e... bem, eu não sou nenhuma maravilha, sou?

Ele puxou uma pena das costas do falcão, e o autômato se desmontou completamente.

— Acredite em mim, jovem ciclope — disse Hefesto — você não pode confiar nos outros. Você só pode confiar no trabalho de suas próprias mãos.

Parecia um jeito muito solitário de se viver. Além disso, eu não confiava muito no trabalho de Hefesto. Uma vez em Denver, suas aranhas metálicas quase mataram Annabeth e eu. E ano passado, foi uma estátua defeituosa de Talos que custou a vida de Bianca, mais um dos pequenos projetos de Hefesto.

Ele focou em mim e estreitou os olhos, como se estivesse lendo meus pensamentos.

— Ah, este aqui não gosta de mim — disse ele. — Sem problema, estou acostumado com isso. O que você pediria a mim, pequeno semideus?

— Nós falamos para você — falei. — Temos que achar Dédalo. Há este cara, Luke, que está trabalhando para Cronos. Ele está procurando um jeito de navegar pelo Labirinto para poder invadir nosso acampamento. Se nós não acharmos Dédalo antes...

— E eu já disse a *você*, garoto. Procurar por Dédalo é uma perda de tempo. Ele não vai ajudá-los.

— Por que não?

Hefesto deu de ombros.

— Alguns de nós somos jogados do alto de montanhas. Alguns de nós... o jeito como aprendemos a não confiar nas pessoas é mais doloroso. Peça-me ouro. Ou

uma espada flamejante. Ou um cavalo mágico. Isso eu posso lhe dar facilmente. Mas um caminho até Dédalo? Este é um favor muito caro.

— Então você sabe onde ele está — pressionou Annabeth.

— Não é sensato procurar por ele, garota.

— Minha mãe diz que a procura é a essência da sabedoria.

Hefesto apertou os olhos.

— Quem é sua mãe, afinal?

— Atena.

— Imaginei. — Ele suspirou. — Atena é uma boa deusa. Uma pena que ela tenha se comprometido a nunca se casar. Está bem, meio-sangues. Eu posso dizer o que vocês querem saber. Mas há um preço. Preciso que me façam um favor.

— Diga — disse Annabeth.

Hefesto gargalhou, um som estrondoso como um fogo sendo alimentado.

— Vocês, heróis — disse ele — sempre fazendo promessas apressadas. Que reconfortante.

Ele apertou um botão em sua bancada e venezianas metálicas se abriram ao longo da parede. Ou era uma janela enorme ou uma TV de tela grande, eu não pude dizer qual. Estávamos olhando para uma montanha cinza rodeada de florestas. Deve ter sido um vulcão, pois saia fumaça do seu cume.

— Uma das minhas forjas — disse Hefesto. — Eu tenho muitas, mas costumava ser a minha favorita.

— É o Monte Santa Helena — disse Grover. — Tem ótimas florestas em volta.

— Você já esteve lá? — perguntei.

— Procurando por... você sabe, Pã.

— Espere — disse Annabeth, olhando para Hefesto. — Você disse que *costumava* ser a sua favorita. O que aconteceu?

Hefesto coçou sua barba fumegante.

— É onde Tifão está preso. Costumava ser sob o Monte Etna, mas quando nos mudamos para os Estados Unidos, sua força se fixou sob o Monte Santa Helena. Excelente fonte de fogo, mas é meio perigoso. Sempre há uma chance de ele escapar. Estão ocorrendo muitas erupções esses dias, está sempre ativo. Ele está inquieto com a rebelião dos titãs.

— O que você quer que a gente faça? — falei. — Lute contra ele?

Hefesto bufou.

— Seria suicídio. Os próprios deuses fugiam de Tifão quando ele estava livre. Não, reze para que nunca tenha que vê-lo, muito menos lutar com ele. Mas ultimamente eu tenho sentido intrusos na montanha. Alguém ou alguma coisa está usando minha forja. Quando eu vou lá, está vazia, mas posso dizer que está sendo usada. Eles percebem que estou chegando e somem. Mandei meus autômatos investigarem, mas eles não retornaram. Algo... antigo está lá. Maligno. Quero saber quem ousa invadir meu território, e se eles pretendem soltar Tifão.

— Você quer que a gente descubra quem é — falei.

— Exatamente — disse Hefesto. — Vão lá. Eles provavelmente não perceberão vocês chegando. Vocês não são deuses.

— Fico feliz por você ter notado — murmurei.

— Vão e descubram o que puderem — disse Hefesto. — Relatem tudo a mim e eu direi a vocês o que precisam saber sobre Dédalo.

— Certo — disse Annabeth. — Como chegamos lá?

Hefesto bateu palmas. A aranha desceu balançando pelas vigas. Annabeth recuou quando a aranha pousou no pé dela.

— Minha criação vai mostrar a vocês o caminho — disse Hefesto. — Não é muito longe pelo Labirinto. E tentem ficar vivos, ok? Humanos são muito mais frágeis que autômatos.

Estávamos indo bem até chegarmos nas raízes das árvores. A aranha correu por elas, e nós acompanhamos, mas aí nós vimos um túnel escavado na terra, envolto em raízes. Grover parou.

— O que foi? — perguntei.

Ele não se mexeu. Ele encarou boquiaberto o túnel escuro. Seu cabelo enrolado farfalhou ao vento.

— Vamos! — disse Annabeth. — Temos que continuar.

— Este é o caminho — murmurou ele, admirado. — É este.

— Que caminho? — perguntei. — Você quer dizer... até Pã?

Grover se virou para Tyson.

— Você não sente?

— Lama — disse Tyson. — E plantas.

— Sim! Este é o caminho. Tenho certeza disso!

Mais à frente, a aranha estava cada vez mais longe pelo corredor de pedra. Mais alguns segundos e a perderíamos.

— Nós voltaremos — prometeu Annabeth. — Quando estivermos voltando a Hefesto.

— O túnel terá desaparecido até lá — disse Grover. — Eu tenho que segui-lo. Uma porta como esta não permanecerá aberta!

— Mas não podemos — disse Annabeth. — A forja!

Grover a olhou, triste.

— Eu tenho que ir, Annabeth. Você não entende?

Ela parecia desesperada, como se não estivesse entendendo nada. A aranha estava quase fora de visão. Mas eu pensei sobre minha conversa com Grover na noite passada e vi o que tínhamos que fazer.

— Vamos nos separar — falei.

— Não! — disse Annabeth. — É muito perigoso. Como vamos nos encontrar de novo? E Grover não pode ir sozinho.

Tyson pôs sua mão no ombro de Grover.

— E-eu vou com ele.

Eu não podia acreditar que tinha ouvido aquilo.

— Tyson, você tem certeza?

O grandão assentiu.

— Garoto-bode precisa de ajuda. Nós vamos achar o deus. Eu não sou como Hefesto. Eu confio nos amigos.

Grover respirou fundo.

— Percy, nós vamos nos encontrar de novo. Ainda temos a conexão empática. Eu apenas... tenho que ir.

Eu não o culpei. Esse era o objetivo da vida dele. Se ele não achasse Pã nesta viagem, o conselho jamais daria outra chance a ele.

— Espero que você esteja certo — falei.

— Eu sei que estou.

Eu nunca o vira soar tão confiante sobre alguma coisa, exceto que enchilada de queijo era melhor que enchilada de frango.

— Tenha cuidado — falei pra ele.

Então olhei para Tyson. Ele engoliu um soluço e me deu um abraço que quase fez meus olhos saltarem das órbitas. Depois ele e Grover desapareceram no túnel das

raízes da árvore, sumindo no escuro.

— Isso é ruim — disse Annabeth. — Separar é uma ideia muito, muito ruim.

— Nós vamos vê-los de novo — falei, tentando parecer confiante. — Agora vamos. A aranha está escapando!

Não fomos muito longe até o túnel começar a esquentar.

As paredes cintilavam. O ar fazia parecer como se estivéssemos andando dentro de um forno. O túnel descia e eu pude ouvir um barulho alto, como um rio de metal. A aranha deslizou por ele, com Annabeth logo atrás.

— Ei, espera aí — chamei por ela.

Ela olhou de volta pra mim.

— O quê?

— Uma coisa que Hefesto disse lá atrás... sobre Atena.

— Ela prometeu nunca se casar — disse Annabeth. — Como Ártemis e Héstia. Ela é uma das deusas virgens.

Eu pisquei. Eu nunca tinha ouvido falar isso sobre Atena antes.

— Mas então...

— Como ela pode ter filhos semideuses?

Assenti. Eu provavelmente estava ficando vermelho, mas felizmente estava tão quente que Annabeth nem notou.

— Percy, você sabe como Atena nasceu?

— Ela surgiu da cabeça de Zeus em uma armadura de batalha completa ou algo assim.

— Exatamente. Ela não nasceu do jeito normal. Ela literalmente nasceu de pensamentos. Seus filhos nascem do mesmo jeito. Quando Atena se apaixona por um mortal, é puramente intelectual, como ela amou Odisseu nas histórias antigas. É um encontro de mentes. Ela diria que é o jeito mais puro de amor.

— Então seu pai e Atena... então você não...

— Eu fui uma criança-cérebro — disse ela. — Literalmente. Filhos de Atena surgem dos pensamentos divinos de nossa mãe e da ingenuidade mortal de nosso pai. Supostamente nós somos como um presente, uma benção de Atena para os homens que ela favorece.

— Mas...

— Percy, a aranha está indo embora. Você quer mesmo que eu explique os detalhes de como eu nasci?

— Hã... não. Tá tudo bem.

Ela sorriu.

— Eu pensei que não.

Então ela correu adiante. Eu a segui, mas não tinha certeza se olharia para Annabeth de novo do mesmo jeito. Decidi que algumas coisas são melhores quando permanecem como mistérios.

O barulho aumentou. Após oitocentos metros ou mais, nós saímos numa caverna do tamanho de um estádio de futebol americano. Nossa aranha guia parou e se enrolou até virar uma bola. Nós havíamos chegado à forja de Hefesto.

Não havia chão, apenas lava borbulhando centenas de metros abaixo. Ficamos no cume de uma rocha que circundava a caverna. Uma rede de pontes metálicas atravessava a caverna. No centro havia uma plataforma gigante com todos os tipos de máquinas, caldeirões, fornos e a maior bigorna que eu já havia visto, um bloco de metal do tamanho de uma casa. Criaturas se mexiam pela plataforma, várias formas estranhas e escuras, mas estavam muito longe para vermos detalhes.

Annabeth pegou a aranha de metal e pôs no bolso.

— Eu posso fazer isso. Espere aqui.

— Espere! — falei.

Antes que pudesse discutir ela pôs seu boné dos Yankees e ficou invisível.

Eu não ousei chamá-la, mas não gostei da ideia de ela se aproximar da forja sozinha. Se aquelas coisas podiam sentir um deus chegando, será que Annabeth estaria segura?

Olhei de volta para o túnel do Labirinto. Já sentia falta de Grover e Tyson. Finalmente decidi que não podia ficar parado. Andei pela borda exterior do rio de lava, torcendo para que eu tivesse um ângulo melhor pra ver o que estava acontecendo no meio.

O calor era terrível. O rancho de Gerião era um paraíso de inverno comparado a isto. Em pouco tempo eu estava encharcado de suor. Meus olhos ardiam com a fumaça. Eu continuei, tentando ficar longe da beirada, até achar meu caminho bloqueado por um carrinho com rodas de metal, como aqueles que tinham em minas. Eu levantei a lona e vi que ele estava meio cheio com pedaços de metal. Eu

estava para me espremer e passar quando ouvi vozes vindas lá da frente, provavelmente de um túnel lateral.

— Trazer pra cá? — perguntou um.

— É — disse outro. — O filme está quase pronto.

Eu entrei em pânico. Não tinha tempo pra voltar. Não tinha lugar para me esconder além do... carrinho. Subi no carrinho e me cobri com a lona, esperando que ninguém tivesse me visto. Passei minha mão em Contracorrente, só para o caso de precisar lutar.

O carrinho balançou para frente.

— Ah — disse uma voz rouca. — Isto pesa uma tonelada.

— É bronze celestial — disse o outro. — Você esperava o quê?

Eu fui puxado pelo caminho. Fizemos uma curva e pelo barulho das rodas de metal ecoando eu achei que tínhamos passado por um túnel e entrado numa sala menor. Felizmente eu não estava a ponto de ser despejado num recipiente de fundição. Se eles começassem a me despejar, eu teria que lutar para abrir meu caminho rápido. Eu ouvi muitas conversas, vozes que não pareciam humanas, algo entre um latido de foca e um rugido de cachorro. Também haviam outros sons, como um projetor de filmes antigo e uma voz fina narrando.

— Apenas coloquem lá atrás — ordenou uma nova voz do outro lado da sala. — Agora, filhotes, queiram assistir ao filme. Terão tempo para perguntar depois.

As vozes diminuíram e eu pude ouvir o filme.

Conforme um demônio marinho amadurece, disse o narrador, *mudanças acontecem no corpo do monstro. Você deve perceber suas presas crescerem e um desejo repentino de devorar humanos. Essas mudanças são perfeitamente normais e acontecem a todos os jovens monstros.*

Rosnados animados encheram a sala. O professor, pelo menos eu pensei que devia ser o professor, disse aos garotos para ficarem quietos, e o filme continuou. Eu não entendi a maior parte dele, e não ousei olhar. O filme continuou a falar sobre crescimento e problemas de acne causados pelo trabalho nas forjas e higiene adequada das nadadeiras e enfim, acabou.

— Agora, filhotes — disse o instrutor — qual é o nome de nossa espécie?

— Demônios marinhos! — gritou um deles.

— Não. Mais alguém?

— Telquines! — gritou outro monstro.

— Muito bem. — disse o instrutor. — E por que estamos aqui?

— Vingança! — gritaram vários.

— Isso, mas por quê?

— Zeus é mau! — disse um monstro. — Ele nos jogou no Tártaro só porque usamos magia.

— Exatamente — disse o instrutor. — Depois de termos feito as melhores armas dos deuses. O tridente de Poseidon, por exemplo. E é claro, nós fizemos a melhor arma dos titãs! Mesmo assim, Zeus nos dispensou e se aliou àqueles ciclopes desastrados. É por isso que estamos ocupando a forja do usurpador Hefesto. E em breve controlaremos as fornalhas submarinas, nossa casa ancestral.

Eu peguei minha caneta-espada. Essas coisas rosnadoras haviam criado o tridente de Poseidon? Do que eles estavam falando? Eu nunca ouvira falar de um telquine.

— E então, crianças — continuou o instrutor — a quem nós servimos?

— Cronos! — gritaram eles.

— E quando vocês crescerem e forem grandes telquines, farão armas para o exército?

— Sim!

— Excelente. Agora, nós trouxemos alguns pedaços de metal para vocês praticarem. Vamos ver o quão engenhosos vocês são.

Houve movimentos agitados e vozes animadas ao redor do carrinho. Eu me preparei para destampar Contracorrente. A lona foi jogada para trás. Eu pulei, minha espada ganhou vida em minhas mãos, e eu me vi encarando um monte de... cachorros.

Pelo menos suas caras eram de cachorro, com focinhos pretos, olhos castanhos e orelhas pontudas. Seus corpos eram lisos e pretos como mamíferos marinhos, com pernas gordas que eram metade nadadeira, metade pé e mãos humanas com garras afiadas. Se você misturar um garoto, um Dobermann e um leão marinho, você vai ter algo parecido com o que eu estava olhando.

— Um semideus! — rosnou um.

— Comam-no! — gritou outro.

Mas isso foi tudo que conseguiram dizer antes que eu tivesse golpeado em um amplo arco com Contracorrente e vaporizado por completo a fileira da frente de monstros.

— Para trás! — gritei para o resto, tentando parecer feroz.

Atrás deles estava o instrutor, um telquine de dois metros de altura com presas de Dobermann rosnando para mim. Fiz o máximo que pude para encará-lo.

— Lição nova, classe — anunciei. — A maioria dos monstros vai vaporizar quando fatiado por uma espada de bronze celestial. Essa mudança é perfeitamente normal e vai acontecer com vocês *agora mesmo* se vocês não RECUAREM!

Para a minha surpresa, funcionou. Os monstros recuaram, mas havia pelo menos vinte deles. Meu fator medo não ia durar muito.

Eu pulei do carrinho, gritei:

— CLASSE DISPENSADA!

Corri para a saída.

Os monstros correram atrás de mim, latindo e rosnando. Eu esperava que eles não pudessem correr muito com aquelas pernas gordas e nadadeiras, mas eles corriam muito bem. Graças aos deuses havia uma porta no túnel que ia para a caverna principal. Eu a bati com força e virei a argola para trancá-la, mas duvidava que isso iria segurá-los por muito tempo.

Eu não sabia o que fazer. Annabeth estava lá fora em algum lugar, invisível. Nossas chances de uma missão de reconhecimento discreta já eram. Eu corri até a plataforma no centro do rio de lava.

— Annabeth! — gritei.

— Shhh!

Uma mão invisível tampou minha boca, e me puxou para trás de um caldeirão de bronze.

— Você quer nos matar?

Eu achei sua cabeça e tirei seu boné dos Yankees. Ela surgiu na minha frente, carrancuda, com seu rosto coberto com cinzas e fuligem.

— Percy, qual é o seu problema?

— Nós vamos ter companhia!

Expliquei rapidamente sobre a aula de orientação para monstros. Seus olhos se arregalaram.

— Então é isso que eles são — disse ela. — Telquines, eu deveria saber. E eles estão fazendo... bem, veja.

Nós espreitamos por cima do caldeirão. No centro da plataforma havia quatro demônios marinhos, mas estes estavam completamente crescidos, pelo menos dois

metros e meio de altura. Suas peles negras brilhavam na luz do fogo conforme trabalhavam, faíscas voando enquanto eles se revezavam em bater num pedaço de metal quente e brilhante.

— A lâmina está quase completa — disse um. — Precisa de outro resfriamento em sangue para fundir os metais.

— Entendido — disse o segundo. — Deve ficar ainda mais afiada do que antes.

— O que *é* isso? — sussurrei.

Annabeth balançou a cabeça.

— Eles ficam falando sobre metais fundidos. Eu imagino...

— Eles estavam falando da maior arma dos titãs — falei. — E eles... eles disseram que fizeram o tridente do meu pai.

— Os telquines traíram os deuses — disse Annabeth. — Eles estavam usando magia negra. Eu não sei o quê, exatamente, mas Zeus os baniu para o Tártaro.

— Com Cronos.

Ela assentiu.

— Nós temos que sair daqui...

Mal ela disse isso e a porta para a sala de aula explodiu e pequenos telquines saíram. Eles tropeçavam uns nos outros, tentando descobrir um modo de atacar.

— Ponha seu boné de novo — falei. — Saia!

— O quê? — gritou ela. — Não! Eu não vou deixar você!

— Eu tenho um plano. Vou distraí-los. Você pode usar a aranha de metal... talvez ela a leve de volta a Hefesto. Você tem que dizer a ele o que está acontecendo.

— Mas você vai ser morto!

— Eu vou ficar bem. Além disso, não temos escolha.

Annabeth me olhou como se fosse me bater. E então ela fez algo que me surpreendeu ainda mais. Ela me beijou.

— Tenha cuidado, Cabeça de Alga.

Ela pôs o boné e saiu.

Eu provavelmente teria ficado sentado lá o dia todo, olhando para o rio de lava e tentando lembrar qual era o meu nome, mas os demônios marinhos me levaram de volta para a realidade.

— Ali! — gritou um.

A classe inteira de telquines subiu na ponte e vieram me atacar. Eu corri para o meio da plataforma, surpreendendo os quatro demônios marinhos mais velhos de

um jeito que eles largaram a lâmina vermelha-quente. A lâmina tinha dois metros de comprimento e era curvada como uma lua crescente. Eu já tinha visto várias coisas aterrorizantes, mas seja lá o que for essa coisa me assustou ainda mais.

Os demônios marinhos mais velhos se recuperaram da surpresa rapidamente. Havia quatro rampas saindo da plataforma, e antes que eu pudesse correr para qualquer direção, cada um deles bloqueou uma saída.

O mais alto rosnou.

— O que temos aqui? Um filho de Poseidon?

— Sim — rugiu o outro. — Eu posso sentir o cheiro do mar em seu sangue.

Eu ergui Contracorrente. Meu coração estava disparando.

— Derrube um de nós, semideus — disse o terceiro demônio — e o resto de nós o fará em pedaços. Seu pai nos traiu. Ele aceitou nosso presente e não disse nada enquanto éramos jogados no abismo. Nós *o* veremos ser feito em pedaços. Ele e os outros olimpianos.

Eu desejei ter um plano. Desejei não ter mentido para Annabeth. Eu quis que ela fugisse e esperei que ela fosse sensata e fizesse isso. Mas agora me parecia que este seria o lugar em que eu morreria. Sem profecias para mim. Eu seria derrotado no coração de um vulcão por um bando de leões-marinhos com caras de cachorro. Os jovens telquines estavam na plataforma agora, rosnando e esperando para ver o que os quatro mais velhos fariam comigo.

Senti algo queimando na lateral da minha perna. O apito de gelo em meu bolso estava ficando mais gelado. Se houve um momento em que precisei de ajuda, agora era a hora. Mas eu hesitei. Eu não confiava no presente de Quintus.

Antes que eu pudesse me decidir, o mais alto disse:

— Vejamos quão forte ele é. Vejamos quanto tempo leva para ele queimar.

Ele pegou um pouco de lava da fornalha mais próxima. Isso fez seus dedos flamejarem, mas aquilo não pareceu incomodá-lo nem um pouco. Os outros três telquines mais velhos fizeram o mesmo. O primeiro atirou um pouco de pedra fundida em mim e minha calça pegou fogo. Outros dois acertaram meu peito. Eu soltei minha espada aterrorizado e bati nas minhas roupas. O fogo estava me engolindo. Estranhamente, ficou apenas morno no começo, mas estava ficando mais quente a cada momento.

— A natureza de seu pai o protege — disse um. — Torna você difícil de queimar, mas não impossível, jovenzinho. Não impossível.

Eles atiraram mais lava em mim, e me lembro de gritar. Meu corpo inteiro estava pegando fogo. A dor era pior do que qualquer coisa que eu tivesse sentido. Eu estava sendo consumido. Caí no chão de metal e ouvi os pequenos telquines uivando com prazer.

Então me lembrei da voz da náiade no rancho: *A água está em mim.*

Eu precisava do mar. Senti um tremor no estômago, mas não havia nada por perto que me ajudasse. Nenhuma torneira ou rio. Nem mesmo uma concha marinha petrificada. E também, da última vez que eu liberei meus poderes no estábulo, houve aquele momento terrível em que quase perdi o controle.

Eu não tinha escolha. Chamei o mar. Alcancei dentro de mim e me lembrei das ondas e das correntes, do poder infinito do oceano. E eu o libertei com um grito horrendo.

Depois, eu nunca poderia descrever o que aconteceu. Uma explosão, uma onda tremenda, um turbilhão de poder ao mesmo tempo me pegando e me explodindo debaixo de lava. Fogo e água colidiram, vapor surgiu e eu fui atirado para cima do centro do vulcão numa explosão gigantesca, sendo apenas uma parte dos destroços liberados por milhões de toneladas de pressão. A última coisa de que me lembro antes de perder a consciência foi voar, voar tão alto que Zeus jamais me perdoaria, e então começar a cair, com fumaça e fogo e água fluindo de mim. Eu era um cometa indo na direção da terra.

DOZE

TIRO FÉRIAS PERMANENTES

Acordei me sentindo como se ainda estivesse em fogo. Minha pele ferida. Minha garganta tão seca quanto areia.

Vi um céu azul e árvores acima de mim. Ouvia uma fonte borbulhando e senti o cheiro de junípero e cedros e várias outras plantas com odores doces. Ouvia ondas também, gentilmente batendo nas pedras do litoral. Imaginei se eu estava morto, mas eu sabia que não estava. Eu estivera na Terra dos Mortos e lá não tinha nenhum céu azul.

Tentei me sentar. Meus músculos pareciam que estavam desmanchando.

— Fique parado — disse uma voz de garota. — Você está muito fraco para se levantar.

Ela pôs um pano úmido na minha testa. Uma colher de bronze entrou por minha boca, derramando um líquido nela. A bebida acalmou minha garganta, e deixou um leve gosto de chocolate quente. Néctar dos deuses. Então o rosto da garota apareceu sobre mim.

Ela tinha olhos amendoados, e cabelos cor de caramelo trançados sobre um ombro. Ela devia ter uns... quinze? Dezesseis? Era difícil dizer. Ela tinha um daqueles rostos que pareciam atemporais. Ela começou a cantar e minha dor desapareceu. Ela estava fazendo algum tipo de mágica. Eu podia sentir sua música entrar por minha pele, curando e reparando meu cérebro.

— Quem? — resmunguei.

— Quieto, corajoso — disse ela. — Descanse e melhore. Nenhum perigo o alcançará aqui. Eu sou Calipso.

Quando acordei de novo, estava numa caverna, mas até onde eu sabia sobre cavernas, eu já estivera em piores. O teto brilhava com formações de cristais de diferentes cores – branco e lilás e verde, como se eu estivesse dentro daqueles geodos cortados que se veem em lojas de lembrancinhas. Estava deitado numa cama confortável, forrada com lençóis de algodão e com travesseiros de plumas. A caverna era dividida em seções por cortinas de seda brancas. Contra uma das paredes havia um grande tear e uma harpa. Na outra havia uma pilha de prateleiras com jarras de frutas em conserva. Ervas secas pendiam do teto: alecrim, tomilho e muitas outras. Minha mãe saberia nomear todas elas.

Havia uma lareira construída na parede da caverna, e um caldeirão borbulhando nas chamas. Tinha um cheiro ótimo, como carne assada.

Levantei-me tentando ignorar a dor latejante na minha cabeça. Olhei para meus braços, certo que eles estariam terrivelmente mutilados, mas eles pareciam bem. Um pouco mais vermelhos que de costume, mas não estavam mal. Eu estava vestindo uma camiseta branca de algodão e uma calça de cordão também de algodão que não eram minhas. Meus pés estavam descalços. Em um momento de pânico, perguntei-me o que havia acontecido com Contracorrente, mas apalpei meu bolso e lá estava a minha caneta, exatamente onde ela sempre reaparecia.

Não só a espada, mas o apito de gelo estígio também estava de volta ao meu bolso. De algum modo ele havia me seguido. Não que isso tenha me acalmado.

Com dificuldade, fiquei de pé. O chão de pedra estava congelando sob os meus pés. Eu me virei e me encontrei olhando para um grande espelho de bronze.

— Santo Poseidon — murmurei.

Parecia que eu tinha eliminado dez quilos que eu não podia ter me dado ao luxo de perder. Meu cabelo estava um ninho de rato. Estava chamuscado nas beiradas como a barba de Hefesto. Se eu visse esse rosto em alguém em uma rodovia pedindo dinheiro, eu trancaria as portas do carro imediatamente.

Eu desviei os olhos do espelho. A entrada da caverna era a minha esquerda. Eu segui na direção da luz do dia.

A caverna dava para um campo verde. A esquerda havia um bosque com árvores de cedro e a direita um grande jardim. Quatro fontes borbulhavam na campina, cada uma jorrando água de tubos em sátiros de pedra. Mais a frente, o gramado descia de encontro às pedras da praia. As ondas de um lago batiam contra as pedras. Eu podia dizer que era um lago porque... bem, eu simplesmente podia. Água fresca. Sem sal.

O sol brilhava na água e o céu era de um azul límpido. Parecia um paraíso, o que imediatamente me deixou nervoso. Quando você lida com coisas mitológicas por alguns anos, você aprende que paraísos geralmente são lugares onde você é morto.

A garota com os cabelos caramelo trançados, a que dissera que seu nome era Calipso, estava em pé na praia, conversando com alguém. Eu não conseguia vê-lo muito bem, por causa da luz difusa que a luz do sol provocava na água, mas eles pareciam estar discutindo. Tentei me lembrar o que eu sabia sobre Calipso dos velhos mitos. Eu já ouvira o nome antes, mas... não conseguia me lembrar. Ela era um monstro? Ela fazia armadilhas para heróis e os matava? Mas se ela era má, por que eu ainda estava vivo?

Eu andei lentamente até ela, porque minhas pernas ainda estavam fracas. Quando a grama virou cascalho, eu olhei para baixo para manter meu equilíbrio e quando levantei a cabeça, a garota estava sozinha. Ela vestia um vestido grego sem mangas com um decote bordado a ouro. Ela limpou os olhos, como se estivesse chorando.

— Bem. — disse ela, tentando forçar um sorriso — o dorminhoco finalmente acordou.

— Com quem você estava falando? — Minha voz parecia a de um sapo que passara um tempo num micro-ondas.

— Ah, só um mensageiro — disse ela. — Como se sente?

— Por quanto tempo fiquei dormindo?

— Tempo — disse Calipso. — O tempo é sempre uma questão difícil aqui. Eu honestamente não sei, Percy.

— Você sabe meu nome?

— Você fala dormindo.

Senti meu rosto ficar vermelho.

— É. Já me... hã, já me falaram isso.

— Sim. Quem é Annabeth?

— Ah, hã. Uma amiga. Estávamos juntos quando, espera, como eu cheguei aqui? Onde eu estou?

Calipso ergueu a mão e passou seus dedos por meus cabelos bagunçados. Eu dei um passo pra trás, nervosamente.

— Desculpe-me — disse ela. — Eu tinha me acostumado a cuidar de você. Quanto a como você chegou aqui, você caiu do céu. Você aterrissou na água, bem

ali. — Ela apontou para a praia. — Não sei como você sobreviveu. A água pareceu amortecer a sua queda. Quanto a onde você está, você está em Ogígia.

Ela pronunciou bem devagar.

— Fica perto do Monte Santa Helena? — perguntei, porque minha geografia é horrível.

Calipso riu. Era uma risada curta e controlada, como se ela tivesse me achado muito engraçado, mas não quisesse me envergonhar. Era bonito quando ela ria.

— Não é perto de nada, meu valente — disse ela. — Ogígia é a minha ilha fantasma. Ela existe por si mesma, em qualquer lugar e em lugar nenhum. Você pode se curar aqui em segurança. Não tema.

— Mas meus amigos...

— Annabeth — disse ela. — E Grover e Tyson?

— Sim! — falei. — Eu tenho que encontrá-los. Eles estão em perigo.

Ela tocou meu rosto, e eu não me afastei desta vez.

— Descanse primeiro. Você não é útil para seus amigos até estar curado.

Assim que ela falou isso, percebi como estava cansado.

— Você não é... não é uma feiticeira malvada, é?

Ela sorriu timidamente.

— Por que você acharia isso?

— Bem, eu conheci Circe uma vez, e ela também tinha uma bela ilha. Exceto por ela gostar de transformar homens em porquinhos da índia.

Calipso deu aquela risada de novo.

— Eu prometo que não irei transformá-lo em um porquinho da índia.

— Nem em nada mais?

— Eu não sou uma feiticeira malvada — disse Calipso. — E eu não sou sua inimiga, meu valente. Agora descanse. Seus olhos já estão fechando.

Ela estava certa. Meus joelhos cederam, e eu teria me caído de cara no cascalho se Calipso não tivesse me pego. Seu cabelo cheirava a baunilha. Ela era muito forte ou talvez eu estivesse muito fraco e magro. Ela me levou de volta para um banco acolchoado na fonte, e me ajudou a deitar.

— Descanse — ordenou ela.

No mesmo instante adormeci com o som das fontes e o cheiro de baunilha e junípero.

Quando acordei já era noite, mas eu não tinha certeza se era a mesma noite ou muitas outras noites depois. Estava na cama na caverna, mas eu me levantei e me envolvi com um roupão e sai andando para fora. As estrelas estavam brilhantes, milhares delas, do jeito que você só vê no interior. Eu podia distinguir todas as constelações que Annabeth me ensinara: Capricórnio, Pégaso, Sagitário. E lá, perto do horizonte norte, havia uma nova constelação: a Caçadora, um tributo a uma amiga nossa que tinha morrido no último inverno.

— Percy, o que você vê?

Trouxe meus olhos de volta para a terra. Por mais incríveis que as estrelas fossem, Calipso brilhava duas vezes mais. Quero dizer, eu vira a deusa do amor, Afrodite, em pessoa e eu nunca diria isso em voz alta, ou ela me transformaria em cinzas, mas na minha opinião, Calipso era muito mais bonita, porque ela simplesmente parecia tão natural, como se ela não tentasse ser bonita e sequer se preocupasse com isso. Ela simplesmente *era*. Com seu cabelo trançado e seu vestido branco, ela parecia brilhar na luz da lua. Ela segurava uma pequena planta nas mãos. Suas flores eram prateadas e delicadas.

— Só estava olhando para... — eu me encontrei olhando para o seu rosto. — Hã... esqueci.

Ela riu gentilmente.

— Bem, já que você está de pé, poderia me ajudar a plantar isto.

Ela me entregou a planta, que tinha um pouco de terra e raízes na base. As flores brilharam assim que as segurei. Calipso pegou sua espátula de jardinagem e me guiou para o limite do jardim, onde ela começou a cavar.

— Esta é um enlace lunar — explicou Calipso. — Ela só pode ser plantada a noite.

Eu observei a luz prateada brilhar em volta das pétalas.

— O que ela faz?

— Faz? — disse ela, pensativa. — Acho que ela não *faz* absolutamente nada. Ela vive, ela dá luz, fornece beleza. Ela tem que fazer algo mais?

— Acho que não — falei.

Ela pegou a planta, e nossas mãos se tocaram. Seus dedos eram mornos. Ela plantou o enlace lunar e deu um passo atrás, examinando seu trabalho.

— Amo meu jardim.

— É incrível — concordei.

Quero dizer, eu não era exatamente o tipo jardineiro, mas Calipso tinha arbustos cobertos por seis diferentes tipos de rosas, cercas cobertas por madressilvas, fileiras de videiras cheias de uvas verdes e roxas que fariam Dioniso sentar e implorar.

— Minha mãe sempre quis um jardim lá em casa — falei.

— Por que ela não plantou um?

— Bem, vivemos em Manhattan. Em um apartamento.

— Manhattan? Apartamento?

Eu olhei pra ela.

— Você não sabe do que eu estou falando, né?

— Receio que não. Não saio de Ogígia faz... um bom tempo.

— Bem, Manhattan é uma cidade grande, sem muito espaço para jardinagem.

Calipso franziu a testa.

— Isso é triste. Hermes me visita de tempos em tempos. Ele me diz que o mundo lá fora tem mudado muito. Não achei que tivesse mudado a ponto de não se poder ter jardins.

— Por que você não tem saído de sua ilha?

Ela olhou para baixo.

— É o meu castigo.

— Por quê? O que você fez?

— Eu? Nada. Mas receio que meu pai tenha feito muito. Seu nome é Atlas.

O nome mandou um arrepio pela minha espinha. Eu conhecera o titã Atlas no último inverno, e não foi um tempo feliz. Ele tentou matar quase todo mundo com quem eu me importava.

— Ainda assim — falei hesitante — não é justo punir você pelo o que seu pai fez. Eu conheci outra filha de Atlas. Seu nome era Zoë. Ela era uma das pessoas mais corajosas que já conheci.

Calipso me observou por um bom tempo. Seus olhos estavam tristes.

— O que foi? — perguntei.

— Você... você já está curado, meu valente? Você acha que estará pronto para partir em breve?

— O quê? — perguntei. — Eu não sei. — Movi minhas pernas. Elas ainda estavam duras. Eu já estava ficando tonto por ficar em pé por tanto tempo. — Você quer que eu vá?

— Eu... — Sua voz falhou. — Eu o verei de manhã. Durma bem.

Ela correu na direção da praia. Eu estava muito confuso para fazer algo além de olhar até vê-la desaparecer na escuridão.

Eu não sei exatamente quanto tempo passou. Como Calipso disse, era difícil acompanhar o tempo na ilha. Eu sabia que deveria estar indo. No mínimo meus amigos estariam preocupados. Na pior das hipóteses, eles poderiam estar em sérios perigos. Eu nem ao menos sabia se Annabeth tinha saído do vulcão. Tentei usar minha conexão empática com Grover muitas vezes, mas não conseguia fazer contato. Eu odiava não saber se eles estavam bem.

Por outro lado, eu realmente estava fraco. Eu não conseguia me manter em pé mais do que algumas horas. Seja o que for que eu tenha feito no Monte Santa Helena havia me drenado mais do que eu imaginava.

Eu não me sentia como um prisioneiro ou algo assim. Lembrei-me do Lótus Hotel e Cassino em Vegas, onde eu fora seduzido pelo incrível mundo de jogos até quase me esquecer de tudo que mais me importava. Mas a ilha de Ogígia não era nada parecida com aquilo. Eu pensava em Annabeth, Grover e Tyson constantemente. Eu me lembrava exatamente por que eu precisava partir. Eu apenas... não conseguia. E havia a própria Calipso.

Ela nunca falava muito sobre si mesma, mas aquilo somente me fez querer saber mais. Eu sentava no bosque, tomando néctar, e tentava me concentrar nas flores, nas nuvens ou nos reflexos no lago, mas na verdade eu estava observando Calipso enquanto ela trabalhava, o modo como ela colocava seus cabelos sobre um ombro e a pequena mecha que caia em seu rosto quando ela se ajoelhava para cavar o jardim. De vez em quando ela erguia sua mão e pássaros voavam das árvores e pousavam em seu braço, pardais, periquitos, pombas. Ela dizia a eles bom dia, perguntava como eles estavam indo com o ninho e eles piavam por um tempo, depois voavam alegremente. Os olhos de Calipso brilhavam. Ela olhava para mim e trocávamos um sorriso, mas quase imediatamente ela mudava para aquela triste expressão de novo e ia embora. Eu não entendia o que a incomodava.

Uma noite, estávamos jantando juntos na praia. Criados invisíveis tinham trazido à mesa carne assada e cidra de maçã, o que pode não parecer grande coisa, mas isso é porque você ainda não provou. Eu sequer notara os criados invisíveis quando eu cheguei à ilha, mas depois de um tempo, comecei a notar as camas sendo feitas por

elas mesmas, comida cozinhando sozinha, roupas sendo lavadas e dobradas por mãos invisíveis.

De qualquer jeito, Calipso e eu estávamos sentados jantando, e ela parecia linda a luz do candelabro. Eu estava contando sobre Nova York e o Acampamento Meio-Sangue, e depois comecei a falar sobre a vez em que Grover tinha comido uma maçã enquanto brincávamos de fazer embaixadinhas com ela. Ela riu, mostrando seu incrível sorriso, e nossos olhos se encontraram. Ela baixou os olhos no mesmo instante.

— Aí está de novo — falei.

— O quê?

— Você continua fugindo, como se tentasse não se divertir.

Ela manteve os olhos em seu copo de cidra.

— Como eu disse, Percy, eu fui castigada. Amaldiçoada, você poderia dizer.

— Como? Me conte, eu quero ajudar.

— Não diga isso. Por favor, não diga isso.

— Me conte qual é o seu castigo.

Ela cobriu seu bife comido pela metade com um guardanapo, e imediatamente os criados invisíveis desapareceram com o prato.

— Percy, esta ilha, Ogígia, é meu lar, meu lugar de nascimento. Mas também é a minha prisão. Estou sob... prisão domiciliar, acho que você poderia chamar assim. Eu nunca irei visitar essa Manhattan que você fala. Ou qualquer outro lugar. Estou sozinha aqui.

— Porque seu pai era Atlas.

Ela assentiu.

— Os deuses não confiam em seus inimigos. E estão certos. Eu não reclamaria. Algumas prisões não são nem de perto tão boas como a minha.

— Mas não é justo — falei. — Só porque vocês são parentes, não quer dizer que você esteja do lado dele. Esta outra filha que eu conheci, Zoë Doce-Amarga... ela lutou contra ele. Ela não foi aprisionada.

— Mas, Percy — disse Calipso gentilmente. — Eu o *apoiei* na primeira guerra. Ele é meu pai.

— *O quê?* Mas os titãs, eles são do mal!

— São? Todos eles? Sempre? — ela franziu os lábios. — Diga-me, Percy. Eu não desejo discutir com você. Mas você apoia os deuses por que eles são bons, ou por

que eles são a sua família?

Eu não respondi. Ela tinha um bom argumento. No inverno passado, depois que Annabeth e eu salvamos o Olimpo, os deuses tiveram uma discussão sobre se deviam ou não me matar. Aquilo não fora exatamente legal. Mas ainda assim, eu sentia que os apoiava porque Poseidon era meu pai.

— Talvez eu estivesse errada na guerra — disse Calipso. — E justiça seja feita, os deuses me trataram bem. Eles me visitam regularmente. Eles me trazem notícias do mundo lá fora. Mas eles podem ir embora. Eu não posso.

— Você não tem nenhum amigo? — perguntei. — Quero dizer... não poderia alguém viver aqui com você? É um bom lugar.

Uma lágrima rolou por sua bochecha.

— Eu... eu prometi a mim mesma que não falaria sobre isso. Mas...

Ela foi interrompida por um estrondo em algum lugar do lago. Um brilho apareceu no horizonte. Brilhava cada vez mais, até eu que eu pude ver uma coluna de fogo movendo-se pela superfície da água, vindo ao nosso encontro.

Eu me levantei e procurei por minha espada.

— O que é isso?

Calipso suspirou.

— Um visitante.

Quando a coluna de fogo chegou na praia, Calipso ficou de pé e curvou-se formalmente. As chamas se dissiparam, e parado a nossa frente havia um alto homem em um macacão cinza e um suporte de metal na perna, sua barba e cabelos fumegando.

— Lorde Hefesto — disse Calipso. — Que rara honra.

O deus do fogo grunhiu.

— Calipso. Linda como sempre. Minha querida você poderia por favor nos daria licença? Preciso conversar com nosso jovem Percy Jackson.

Hefesto sentou-se desajeitadamente na mesa de jantar e pediu uma Pepsi. O criado invisível lhe trouxe uma, repentinamente a abriu, e derramou refrigerante por toda a roupa do deus. Hefesto rugiu e amaldiçoou e mandou a lata para longe.

— Criados estúpidos — resmungou Hefesto. — Bons autômatos, é disso que ela precisa. Eles nunca falham!

— Hefesto — falei. — O que está acontecendo? Annabeth...

— Ela está bem — disse ele. — Menina engenhosa. Encontrou seu caminho de volta, e me contou a história toda. Ela está bem preocupada.

— Você não a disse a ela que eu estou bem?

— Não cabe a mim dizer — disse Hefesto. — Todos pensam que você está morto. Eu tinha que ter certeza de que você vai voltar antes de começar a dizer a todos onde você estava.

— O que você quer dizer? — falei. — É claro que eu vou voltar!

Hefesto olhou para mim ceticamente. Ele tirou algo de seu bolso – um disco de metal do tamanho de um iPod. Ele clicou em um botão e o aparelho se transformou em uma pequena TV de bronze. A tela mostrava uma sequência de notícias do Monte Santa Helena, uma imensa nuvem de fogo e cinzas vagueando para o céu.

Ainda incertas sobre novas erupções, disse o jornalista, *autoridades ordenaram a evacuação de quase meio milhão de pessoas por precaução. Enquanto isso, cinzas têm caído além do Lago Tahoe e Vancouver, e toda a área do Monte Santa Helena está fechada para circulação em um raio de mais de cem quilômetros. Apesar de nenhuma morte ter sido reportada, danos menores e doenças incluem...*

Hefesto desligou o aparelho.

— Você causou uma bela explosão.

Eu olhei para a tela dourada vazia. Meio milhão de pessoas evacuadas? Danos? Doenças? O que eu tinha feito?

— Os telquines se dispersaram — disse-me o deus. — Alguns foram vaporizados. Com certeza alguns fugiram. Eu não acho que eles vão usar minha forja tão cedo. Por outro lado, nem eu usarei. A explosão fez Tifão agitar-se em seu sono. Teremos que esperar e ver...

— Eu não poderia libertá-lo, poderia? Quero dizer, eu não tenho esse poder todo.

O deus grunhiu.

— Não tem esse poder todo, é? Poderia ter me convencido. Você é o filho do Senhor dos Terremotos, rapaz. Você não conhece sua própria força.

Esta era a última coisa que eu queria que ele dissesse. Eu não pude me controlar naquela montanha. Eu liberei tanta energia que quase me vaporizei, drenando toda a vida de mim. Agora eu descubro que quase destruí o noroeste dos Estados Unidos e quase acordei o monstro mais terrível já aprisionado pelos deuses. Talvez eu fosse perigoso demais. Talvez fosse mais seguro para os meus amigos pensar que eu estava morto.

— E quanto a Grover e Tyson? — perguntei.

Hefesto balançou sua cabeça.

— Temo não ter o que dizer. Acho que o Labirinto os deteve.

— Então o que eu devo fazer?

Hefesto estremeceu.

— Jamais peça conselho a um velho aleijado, rapaz. Mas te direi isto. Você conheceu minha esposa?

— Afrodite.

— Essa mesma. Uma pessoa cheia de artimanhas, rapaz. Seja cuidadoso com o amor. Ele vai entortar o seu cérebro e deixar você pensando que o em cima é embaixo e que o certo é errado.

Lembrei-me de meu encontro com Afrodite, no banco de trás de um Cadillac branco no deserto inverno passado. Ela me dissera que tinha um interesse especial em mim, e que dificultaria as coisas pra mim no departamento amoroso, só porque ela gostava de mim.

— Isto faz parte do plano dela? — perguntei. — Ela me colocou aqui?

— Possivelmente. Tratando-se dela é difícil de dizer. Mas se você decidir deixar este lugar... e eu não digo o que é certo ou errado... então eu prometo a você uma resposta para a sua pergunta. Eu prometi a você o caminho para Dédalo. É o seguinte, não tem nada a ver com o Fio de Ariadne. Não de verdade. Claro, o fio funciona. É disso que o exército dos titãs irá atrás. Mas a melhor forma de navegar pelo Labirinto... Teseu teve a ajuda da princesa. E a princesa era uma mortal normal. Nem uma gota de sangue divino nela. Mas ela era esperta, e ela podia ver, rapaz. Podia ver muito claramente. Então o que estou dizendo... acho que você sabe como navegar pelo Labirinto.

Finalmente a ficha caiu. Por que eu não tinha visto isso antes? Hera estivera certa. A resposta estava debaixo do meu nariz o tempo todo.

— É — falei. — É, eu sei.

— Então você precisa decidir se você vai ou não embora.

— Eu...

eu queria dizer sim. É claro que queria ir. Mas as palavras ficaram presas na minha garganta. Eu me vi olhando para o lago e de repente a ideia de ir embora pareceu muito difícil.

— Não decida ainda — advertiu Hefesto. — Espere até o amanhecer. O amanhecer é um bom momento para decisões.

— Será que Dédalo vai nos ajudar? — perguntei. — Digo, se ele der a Luke um modo de navegar pelo Labirinto, estamos mortos. Eu tive sonhos sobre... Dédalo matando seu sobrinho. Ele se tornou amargo e furioso e...

— Não é fácil ser um inventor brilhante — murmurou Hefesto. — Sempre sozinho. Sempre mal compreendido. É fácil ficar amargo, cometer erros horríveis. É mais difícil trabalhar com pessoas do que com máquinas. E quando você quebra uma pessoa, ela não pode ser consertada.

Hefesto secou os últimos pingos de Pepsi de sua roupa.

— Dédalo começou muito bem. Ele ajudou a princesa Ariadne e Teseu porque ele sentiu pena deles. Ele tentou fazer uma boa ação. E tudo na vida dele começou a dar errado por causa disso. Isso foi justo? — O deus deu de ombros. — Não sei se Dédalo vai ajudar você, rapaz, mas não julgue alguém até ter estado em sua forja e trabalhado com seu martelo, ok?

— Eu... eu vou tentar.

Hefesto se levantou.

— Adeus, rapaz. Você fez bem, destruindo os telquines. Eu sempre me lembrarei de você por isso.

Soou bem definitivo, aquele adeus. Depois ele explodiu em uma coluna de chamas, e o fogo se moveu pela água, voltando para o mundo lá fora.

Eu caminhei pela praia por várias horas. Quando finalmente voltei ao bosque, era muito tarde, talvez quatro ou cinco da manhã, mas Calipso ainda estava no jardim, cuidando das flores à luz das estrelas. Seu enlace lunar brilhava com uma luz prateada e as outras plantas respondiam à magia, brilhando em vermelho, amarelo e azul.

— Ele ordenou que você retornasse — supôs Calipso.

— Bem, não ordenou. Ele me deu uma escolha.

Seus olhos encontraram os meus.

— Eu prometi que não iria oferecer.

— Oferecer o quê?

— Para que você fique.

— Ficar — falei. — Tipo... pra sempre?

— Você seria imortal nesta ilha — disse ela tranquilamente. — Você nunca envelheceria ou morreria. Você poderia deixar a luta para os outros, Percy Jackson. Você poderia escapar da sua profecia.

Eu olhei para ela, surpreso.

— Fácil assim?

Ela assentiu.

— Fácil assim.

— Mas... meus amigos.

Calipso se levantou e pegou minha mão. Seu toque lançou uma corrente de calor pelo meu corpo.

— Você me perguntou sobre a minha maldição, Percy. Eu não queria lhe contar. A verdade é que os deuses me enviam companhia de tempos em tempos. A cada mil anos, ou algo assim, eles permitem que um herói se banhe no meu litoral, alguém que precise da minha ajuda. Eu cuido e me torno amiga dele, mas nunca é por acaso. As Parcas se certificam de que o tipo de herói que eles mandam...

Sua voz falhou, e ela teve que parar.

Eu segurei sua mão firmemente.

— O quê? O que eu fiz para deixá-la triste?

— Elas enviam uma pessoa que nunca possa ficar — sussurrou ela. — Que nunca possa aceitar minha oferta de companhia por mais do que um curto período. Eles me enviam um herói que eu não possa ajudar... só o tipo de pessoa por quem eu não possa evitar me apaixonar.

A noite estava quieta exceto pelo borbulhar das fontes e das ondas batendo nas pedras. Demorou muito para eu entender o que ela estava dizendo.

— Eu? — perguntei.

— Se você pudesse ver seu rosto. — Ela reprimiu um sorriso, embora seus olhos ainda estivessem molhados. — Claro que é você.

— É por isso que você esteve fugindo este tempo todo?

— Eu tentei tanto. Mas não consegui. As Parcas são cruéis. Elas enviaram você a mim, meu valente, sabendo que você partiria meu coração.

— Mas... eu só... quero dizer, eu sou só *eu*.

— Isso já é o suficiente — prometeu Calipso. — Eu disse a mim mesma que eu sequer falaria sobre isto. Eu deixaria você ir sem sequer oferecer. Mas eu não posso.

Eu acho que as Parcas também sabiam disso. Você poderia ficar comigo, Percy. Temo que só assim você possa me ajudar.

Eu observei o horizonte. Os primeiros raios vermelhos do amanhecer estavam surgindo no céu. Eu poderia ficar aqui para sempre, desaparecer da face da Terra. Eu poderia viver com Calipso, com criados invisíveis atendendo meus pedidos. Poderíamos plantar flores no jardim e falar com pássaros cantores e caminhar pela praia sob céus perfeitamente azuis. Sem guerra. Sem profecia. Sem escolhas de lados.

— Não posso — falei para ela.

Ela olhou para baixo tristemente.

— Eu jamais faria nada para machucar você — falei — mas meus amigos precisam de mim. Agora eu sei como posso ajudá-los. Eu tenho que voltar.

Ela pegou uma flor de seu jardim, um ramo de enlace lunar prateado. Seu brilho desapareceu conforme o sol aparecia. *O amanhecer é um bom momento para decisões,* dissera Hefesto. Calipso colocou a flor no bolso da minha camiseta.

Ela ficou na ponta dos pés e me deu um beijo na testa, como uma benção.

— Então venha para a praia, meu herói. E nós lhe mostraremos o caminho.

A jangada tinha três metros de toras amarradas junto com um poste como mastro e uma simples vela de linho branca. Não parecia como se estivesse em condições de navegar pelo mar ou pelo lago.

— Isto o levará para onde você desejar — prometeu Calipso. — É bem seguro.

Eu peguei a mão dela, mas ela a deixou escorregar da minha.

— Talvez eu possa visitar você — falei.

Ela balançou sua cabeça.

— Nem um homem jamais encontra Ogígia duas vezes, Percy. Quando você se for, eu jamais o verei de novo.

— Mas...

— Vá, por favor — sua voz falhou. — As Parcas são cruéis, Percy. Apenas se lembre de mim. — Então um pequeno traço do seu sorriso retornou. — Plante um jardim em Manhattan por mim, ok?

— Eu prometo.

Eu entrei na jangada. Imediatamente ela começou a se afastar do litoral.

Enquanto eu navegava pelo lago eu me dei conta de que as Parcas eram realmente cruéis. Elas enviaram a Calipso alguém que ela não poderia evitar amar. Mas isso era

uma via de mão dupla. Pelo resto de minha vida eu estaria pensando nela. Ela sempre seria meu maior *e se*.

Em alguns minutos a ilha de Ogígia ficou perdida na neblina. Eu estava navegando sozinho sobre a água na direção do pôr do sol.

Então eu disse à jangada o que fazer. Eu disse o único lugar que pude pensar, pois precisava de conforto e amigos.

— Acampamento Meio-Sangue — falei. — Me leve pra casa.

TREZE

CONTRATAMOS UM NOVO GUIA

Horas depois, minha jangada foi levada até o Acampamento Meio-Sangue. Como eu cheguei lá, não faço ideia. Em algum ponto a água do lago simplesmente mudou para água salgada. O familiar contorno da costa de Long Island apareceu à frente, e um amigável casal de grandes tubarões brancos veio à tona e me guiou até a praia.

Quando eu atraquei, o acampamento parecia deserto. Era fim de tarde, mas a aula de arco e flecha estava vazia. A parede de escalada soltava lava e balançava por conta própria. Pavilhão: nada. Chalés: todos desocupados. Então eu vi fumaça subindo do anfiteatro. Era muito cedo para a fogueira, e não achei que eles estavam assando marshmallows. Corri para lá.

Antes mesmo de chegar lá ouvi Quíron fazendo um anúncio. Quando entendi o que ele estava dizendo, eu congelei no lugar.

— ... assumimos que ele está morto — disse Quíron. — Depois de um silêncio tão longo, é improvável que nossas preces serão atendidas. Eu pedi à sua melhor amiga sobrevivente que fizesse as honras finais.

Eu fui para a parte de trás do anfiteatro. Ninguém me notou. Todos eles estavam olhando adiante, assistindo Annabeth pegar um longo pano de sepultamento de seda verde, com um tridente bordado, e jogar nas chamas. Eles estavam queimando minha mortalha.

Annabeth voltou a olhar para a plateia. Ela parecia horrível. Seus olhos estavam inchados de tanto chorar, mas ela conseguiu dizer:

— Ele foi provavelmente o amigo mais valente que eu já tive. Ele... — Então ela me viu. Seu rosto ficou vermelho sangue. — Ele está bem ali!

Cabeças se viraram. Pessoas ofegaram.

— Percy! — disse Beckendorf, sorrindo.

Um grupo de outras crianças se aglomerou ao meu redor e me deram tapinhas nas costas. Ouvi algumas maldições do chalé de Ares, mas Clarisse só rolou os olhos, como se ela não acreditasse que eu tive a cara de pau de sobreviver. Quíron se aproximou e todos abriram caminho para ele.

— Bem — ele suspirou com um óbvio alívio. — Eu não acredito que já tenha ficado tão feliz em ver um campista retornar. Mas você precisa me contar...

— ONDE VOCÊ ESTAVA? — interrompeu Annabeth, empurrando os outros campistas para o lado.

Eu pensei que ela ia me esmurrar, mas ao invés disso ela me deu um abraço tão forte que quase quebrou minhas costelas. Os outros campistas ficaram em silêncio.

Annabeth pareceu perceber que estava fazendo uma cena e se afastou.

— Eu... nós pensamos que você estava morto, Cabeça de Alga!

— Sinto muito — falei. — Eu me perdi.

— SE PERDEU? — gritou ela. — Por duas semanas, Percy? Onde no mundo...

— Annabeth — interrompeu Quíron. — Talvez devêssemos discutir isto em algum lugar mais reservado, não acha? O resto de vocês, voltem para suas atividades normais!

Sem nos esperar protestar, ele apanhou facilmente Annabeth e a mim como se fôssemos gatinhos, nos atirou em cima de suas costas, e galopou para a Casa Grande.

Eu não contei a eles a história inteira. Não conseguia me forçar a falar sobre Calipso. Eu expliquei como causei a explosão no Monte Santa Helena e fui jogado para fora do vulcão. Contei como fui abandonado em uma ilha. Então Hefesto me achou e me disse que eu poderia sair dali. Uma jangada mágica me trouxera de volta para o acampamento.

Isso tudo era verdade, mas enquanto falava eu sentia minhas palmas suando.

— Você se foi por duas semanas. — A voz de Annabeth agora estava estabilizada, mas ela ainda parecia abalada. — Quando ouvi a explosão pensei...

— Eu sei — falei. — Me desculpe. Mas eu descobri como se mover através do Labirinto. Eu falei com Hefesto.

— Ele lhe disse a resposta?

— Bem, ele meio que falou que eu já sabia. E eu sei. Agora eu entendo.

Eu lhes falei minha ideia.

O queixo de Annabeth caiu.

— Percy, isso é loucura!

Quíron se ajeitou em sua cadeira de rodas e acariciou sua barba.

— Há precedentes, de qualquer modo. Teseu teve a ajuda de Ariadne. Harriet Tubman, filha de Hermes, usou vários mortais só por essa razão.

— Mas essa é a *minha* missão — disse Annabeth. — *Eu* preciso liderar isto.

Quíron parecia desconfortável.

— Minha querida, esta é a sua missão. Mas você precisa de ajuda.

— E *isso* é para ajudar? Fala sério! É errado. É covardia. É...

— É difícil admitir que precisamos da ajuda de uma mortal — falei. — Mas é verdade.

Annabeth me fuzilou com os olhos.

— Você é a pessoa *mais irritante* que eu já encontrei!

Ela saiu raivosamente da sala.

Eu fiquei olhando para a porta. Senti vontade de bater em algo.

— Isso é por ser o amigo mais valente que ela já teve.

— Ela se acalmará — prometeu Quíron. — Ela é ciumenta, meu garoto.

— Isso é estúpido. Ela não é... não é como...

Quíron riu.

— Dificilmente importa. Caso você não tenha notado Annabeth é muito possessiva quando se trata de seus amigos. Ela estava bem preocupada com você. E agora que você está de volta, acho que ela suspeita onde você estava isolado.

Encontrei seus olhos, e soube que Quíron tinha adivinhado sobre Calipso. Era difícil esconder qualquer coisa de um cara que vinha treinando heróis por três mil anos. Ele já viu de tudo.

— Nós não questionaremos suas escolhas — disse Quíron. — Você voltou. Isto é o que importa.

— Diga isso para Annabeth.

Quíron sorriu.

— Pela manhã Argos levará vocês dois para Manhattan. Você deve ver a sua mãe, Percy. Ela está... compreensivamente perturbada.

Meu coração perdeu uma batida. Durante todo o tempo na ilha de Calipso, eu nunca pensei como minha mãe estaria se sentindo. Ela pensaria que eu estava morto.

Ela ficaria devastada. O que havia de errado comigo por nunca ter considerado aquilo?

— Quíron — falei — e quanto a Grover e Tyson? Você acha...

— Eu não sei, meu garoto. — disse Quíron, olhando para lareira vazia. — Juníper está muito aflita. Todos os seus ramos estão ficando amarelos. O Conselho dos Anciões de Casco Fendido anulou a licença de Grover. Assumindo que ele volte vivo, eles o forçarão a um exilo vergonhoso. — Ele suspirou. — Porém Grover e Tyson são cheios de recursos. Nós ainda temos esperança.

— Eu não devia ter deixado os dois irem.

— Grover tem seu próprio destino, e Tyson foi bravo em segui-lo. Você saberia se Grover estivesse em perigo mortal, não acha?

— Eu acho que sim. A conexão empática. Mas...

— Tem mais uma coisa que eu deveria contar a você, Percy — disse ele. — Na verdade, duas coisas desagradáveis.

— Ótimo.

— Chris Rodriguez, nosso convidado...

Eu lembrei o que tinha visto no porão, Clarisse tentando falar com ele enquanto ele balbuciava sobre o Labirinto.

— Ele está morto?

— Ainda não — disse Quíron severamente. — Mas ele piorou muito. Ele está na enfermaria agora, muito fraco para se mover. Eu tive que ordenar à Clarisse que voltasse a sua rotina regular, pois ela estava ao lado de sua cama constantemente. Ele não responde a nada. Não come nem bebe. Nenhum dos meus remédios ajuda. Ele simplesmente perdeu a vontade de viver.

Eu estremeci. Apesar de todos os desentendimentos que tivera com Clarisse, eu me senti péssimo por ela. Ela tentou tanto ajudá-lo. E agora que eu estivera no Labirinto, pude entender porque foi tão fácil para o fantasma de Minos levar Chris a loucura. Se eu estivesse vagando por lá sozinho, sem meus amigos para ajudar, eu nunca conseguiria sair.

— Eu sinto muito em te dizer — continuou Quíron — a outra novidade é ainda menos agradável. Quintus desapareceu.

— Desapareceu? Como?

— Três noites atrás ele deslizou para dentro do Labirinto. Juníper o viu indo. Parece que você estava certo sobre ele.

— Ele é um espião do Luke.

Eu contei a Quíron sobre o Rancho Triplo G, como Quintus havia comprado os escorpiões lá e Gerião estava abastecendo o exército de Cronos.

— Não pode ser coincidência. — falei.

Quíron suspirou fortemente.

— Tantas traições. Eu esperava que Quintus se provasse um amigo. Isso significa que meu julgamento foi ruim.

— E quanto a Sra. O'Leary? — perguntei.

— O cão infernal ainda está na arena. Não deixa ninguém se aproximar. Eu não tive coração para colocá-la em uma jaula... ou destruí-la.

— Quintus não iria deixá-la assim.

— Como eu disse, Percy, nós estávamos errados sobre ele. Agora, você deve se preparar para a manhã. Você e Annabeth ainda tem muito que fazer.

Eu o deixei em sua cadeira de rodas, olhando tristemente para lareira. Eu imaginei quantas vezes ele ficou sentou ali, esperando por heróis que nunca voltaram.

Antes do jantar eu parei na arena de esgrima. Sem dúvida, a Sra. O'Leary estava enrolada como um enorme monte preto e peludo no meio da arena, mascando as orelhas da cabeça de um boneco guerreiro.

Quando ela me viu, latiu e veio saltando na minha direção. Achei que fosse virar refeição. Eu mal tive tempo pra dizer algo antes que ela me fizesse rolar e começasse a lamber minha cara. Normalmente, sendo filho de Poseidon, só fico molhado quando quero, mas aparentemente meus poderes não se estendem a saliva de cachorro, pois eu levei um belo de um banho.

— Calma, garota! — gritei. — Não consigo respirar! Saia de cima!

Em algum momento consegui tirá-la de cima de mim. Cocei suas orelhas e achei para ela um biscoito canino extra gigante.

— Onde está seu dono? — perguntei a ela. — Como ele pôde simplesmente te deixar aqui?

Ela choramingou como se quisesse saber disso também. Eu estava pronto para acreditar que Quintus era um inimigo, mas ainda não conseguia entender porque ele deixou a Sra. O'Leary para trás. Se havia alguma coisa que eu tinha certeza, era que ele realmente se importava com o seu megacão.

Eu estava pensando sobre isso e tirando a baba de cachorro da minha cara quando uma voz de garota disse:

— Você tem sorte que ela não arrancou a sua cabeça.

Clarisse estava do outro lado da arena com sua espada e escudo.

— Vim aqui para praticar ontem — resmungou Clarisse. — O cão tentou me mastigar.

— Ela é inteligente — falei.

— Engraçadinho.

Ela veio para perto de nós. Sra. O'Leary rosnou, mas eu dei um tapinha em sua cabeça e a tranquilizei.

— Cão infernal estúpido — disse Clarisse. — Não vai me impedir de treinar.

— Eu ouvi sobre o Chris — falei. — Sinto muito.

Clarisse fez um círculo em volta da arena. Quando ela foi pra cima do boneco mais próximo, ela atacou cruelmente, cortando sua cabeça em um único golpe e perfurando o estômago com a espada. Ela retirou a espada e continuou andando.

— É, bem. Às vezes as coisas dão errado. — disse ela, com a voz. — Heróis se machucam. Eles... eles morrem e os monstros simplesmente continuam voltando.

Ela apanhou uma lança e a jogou através da arena. Ela entrou bem entre os olhos do capacete de um boneco.

Ela chamou Chris de herói, como se ele nunca tivesse ido para o lado dos titãs. Isso me lembrou como Annabeth às vezes falava de Luke. Decidi não falar sobre isso.

— Chris foi corajoso — falei. — Espero que ele fique melhor.

Ela olhou para mim como se eu fosse seu próximo alvo. A Sra. O'Leary rosnou.

— Me faça um favor — disse Clarisse.

— Sim, claro.

— Se você achar Dédalo, não confie nele. Não peça ajuda a ele. Só o mate.

— Clarisse...

— Porque alguém faria algo como o Labirinto, Percy? Essa pessoa é má. Completamente má.

Por um segundo ela me lembrou Euritião, o vaqueiro, seu muito mais velho meio irmão. Ela tinha o mesmo olhar duro em seus olhos, como se tivesse sido usada nos últimos dois mil anos e estivesse ficando cansada disso. Ela embainhou sua espada.

— O tempo de praticar acabou. A partir de agora, vai ser de verdade.

Naquela noite eu dormi em meu próprio beliche, e pela primeira vez desde a ilha de Calipso, os sonhos me encontraram.

Eu estava no tribunal de um rei – uma grande câmara branca com colunas de mármore e um trono de madeira. Sentado nele havia um cara rechonchudo com cabelo ruivo encaracolado e uma coroa de louros. Ao seu lado estavam de pé três garotas que pareciam serem suas filhas. Todas tinham o mesmo cabelo ruivo e usavam túnicas azuis.

As portas rangeram ao abrir e um arauto anunciou:

— Minos, rei de Creta!

Eu congelei, mas o homem no trono simplesmente sorriu para suas filhas.

— Mal posso esperar para ver a expressão em seu rosto.

Minos, a própria assombração real, entrou na sala. Ele era tão alto e sério que fazia o outro rei parecer tolo. A barba pontuda de Minos tinha ficado cinza. Ele parecia mais magro desde a última vez que eu sonhara com ele, e suas sandálias tinham respingos de lama, mas o mesmo brilho cruel estava em seus olhos.

Ele se curvou duramente para o homem no trono.

— Rei Cócalo. Soube que você resolveu meu pequeno enigma?

Cócalo sorriu.

— Nem um pouco *pequeno*, Minos. Especialmente quando você anunciou pelo mundo que estava disposto a pagar mil talentos de ouro para a pessoa que pudesse resolvê-lo. A oferta é verdadeira?

Minos bateu palmas. Dois guardas enormes entraram, carregando com dificuldade uma grande arca de madeira. Eles a colocaram aos pés de Cócalo e a abriram. Pilhas de barras de ouro brilharam. Aquilo devia valer um zilhão de dólares.

Cócalo assobiou apreciativamente.

— Você deve ter falido seu reino para dar tal recompensa, meu amigo.

— Isso não lhe diz respeito.

Cócalo deu de ombros.

— O enigma é muito simples, na verdade. Um de meus conselheiros o resolveu.

— Pai — alertou uma das garotas.

Ela parecia ser a mais velha, um pouco mais alta do que suas irmãs.

Cócalo a ignorou. Ele pegou uma concha marinha em espiral das dobras de sua túnica. Um fio prateado havia sido passado por ela, de forma que ela estava pendurada como um pingente gigante em um colar.

Minos deu um passo à frente e pegou a concha.

— Um de seus conselheiros, você disse? Como ele passou o fio sem quebrar a concha?

— Ele usou uma formiga, se você consegue imaginar isto. Amarrou um fio de seda à pequena criatura e a persuadiu a atravessar a concha colocando mel do outro lado.

— Homem engenhoso — disse Minos.

— Ah, realmente. É o tutor de minhas filhas. Elas o adoram.

Os olhos de Minos ficaram frios.

— Eu teria cuidado no seu lugar.

Eu quis avisar Cócalo: *Não confie nesse cara! Coloque-o no calabouço junto com alguns leões ou algo assim!* Mas o rei ruivo só riu.

— Não se preocupe, Minos. Minhas filhas são sábias para suas idades. Agora, sobre o meu ouro...

— Sim — disse Minos. — Mas veja bem, o ouro é para o homem que resolveu o enigma. E só pode haver um homem capaz disso. Você está abrigando Dédalo.

Cócalo se mexeu desconfortavelmente em seu trono.

— Como você sabe o nome dele?

— Ele é um ladrão — disse Minos. — Ele já trabalhou em minha corte, Cócalo. Ele virou minha própria filha contra mim. Ele ajudou um usurpador a me fazer de bobo em meu próprio palácio. E então ele escapou da justiça. Eu venho procurando por ele há dez anos.

— Eu nunca soube de nada disto. Mas eu ofereci ao homem minha proteção. Ele tem sido o mais útil...

— Eu ofereço a você uma escolha — disse Minos. — Entregue o fugitivo a mim, e este ouro é seu. Ou arrisque-se fazendo de mim seu inimigo. Você não quer Creta como sua inimiga.

Cócalo empalideceu. Achei estúpido ele parecer tão assustado no meio de sua própria sala do trono. Ele devia ter chamado seu exército ou algo assim. Minos só tinha dois guardas. Mas Cócalo simplesmente ficou sentado lá suando em seu trono.

— Pai — sua filha mais velha disse — você não pode...

— Silêncio, Aelia. — Cócalo enrolou sua barba. Ele olhou de novo para o ouro brilhante. — Isso me incomoda, Minos. Os deuses não amam um homem que quebra seu juramento de hospitalidade.

— Os deuses também não amam os que abrigam criminosos.

Cócalo assentiu.

— Muito bem. Você terá seu homem atrás das grades.

— Pai! — disse Aelia novamente. Então ela se recuperou e mudou sua voz para um tom doce. — A-ao menos nos deixe divertir nosso visitante primeiro. Após sua longa viagem, ele deve ser tratado com um banho quente, roupas novas e uma refeição decente. Eu ficaria honrada em preparar o banho pessoalmente.

Ela sorriu lindamente para Minos, e o velho rei grunhiu.

— Suponho que um banho não seria ruim. — Ele olhou para Cócalo. — Eu o verei no jantar, meu senhor. Com o prisioneiro.

— Por aqui, Vossa Majestade — disse Aelia.

Ela e suas irmãs conduziram Minos para fora da câmara.

Eu os segui para dentro de uma câmara de banho decorada com azulejos em mosaico. Vapor enchia o ar. Uma torneira enchia a banheira de água quente. Aelia e suas irmãs encheram-na com pétalas de rosa e algo que deveria ser o espumante para banho da Grécia Antiga, pois logo a água ficou coberta de espuma multicolorida. As garotas se viraram quando Minos largou sua túnica e entrou no banho.

— Ahh. — Ele sorriu. — Um banho excelente. Obrigado, minhas queridas. A viagem foi realmente longa.

— Você tem perseguido sua presa por dez anos, meu senhor? — perguntou Aelia, batendo seus cílios. — Você deve ser muito persistente.

— Eu nunca esqueço uma dívida. — Minos sorriu. — Seu pai foi sábio em concordar com as minhas exigências.

— Ah, certamente, meu senhor. — disse Aelia.

Eu achei que ela estava exagerando na bajulação, mas o velho estava engolindo tudo. As irmãs de Aelia gotejaram óleo aromático em cima da cabeça do rei.

— Meu senhor — disse Aelia, — Dédalo achou que você viria. Ele achou que o enigma era uma armadilha, mas não resistiu em resolvê-lo.

Minos franziu a testa.

— Dédalo falou de mim para vocês?

— Sim, meu senhor.

— Ele é um homem mau, princesa. Minha própria filha caiu em seu feitiço. Não dê ouvidos a ele.

— Ele é um gênio — disse Aelia. — E ele acredita que uma mulher é tão inteligente quanto um homem. Ele foi o primeiro a nos ensinar como se tivéssemos mente própria. Talvez sua filha pensasse da mesma maneira.

Minos tentou se sentar, mas as irmãs de Aelia o empurraram de volta para dentro da água. Aelia foi para trás dele. Ela segurava três minúsculas orbes em sua palma. Primeiro achei que fossem sais de banho. Mas ela as lançou dentro da água e os orbes espalharam linhas de bronze que começaram a se enrolar em torno do rei, atando seus tornozelos, colocando seus pulsos um de cada lado, circulando seu pescoço. Embora eu odiasse Minos, aquilo era horrível de se ver. Ele bateu e gritou, mas as garotas eram muito mais fortes. Logo ele estava desesperado, deitado na banheira com seu queixo encostando-se na água. As linhas de bronze ainda estavam tecendo em volta dele como um casulo, apertando seu corpo.

— O que vocês querem? — perguntei Minos. — Por que estão fazendo isso?

Aelia sorriu.

— Dédalo tem sido gentil conosco, Vossa Majestade. E eu não gosto de você ameaçando nosso pai.

— Fale para Dédalo — rosnou Minos. — Fale para ele que eu o caçarei até depois da morte! Se houver justiça no Mundo Inferior, minha alma o assombrará pela eternidade!

— Palavras valentes, Vossa Majestade — disse Aelia. — Eu lhe desejo sorte buscando sua justiça no Mundo Inferior.

E com isso, os fios de bronze se enrolaram em volta do rosto de Minos, fazendo dele uma múmia de bronze.

A porta do banho foi aberta. Dédalo entrou, carregando uma mala de viagem.

Ele havia aparado seu cabelo. Sua barba era de um branco puro. Ele parecia frágil e triste, mas ele se abaixou e tocou a testa da múmia. Os fios se desenrolaram e caíram no fundo da banheira. Não havia nada dentro deles. Era como se o rei Minos simplesmente tivesse sido dissolvido.

— Uma morte indolor — disse Dédalo. — Mais do que ele merecia. Obrigado, minhas princesas.

Aelia o abraçou.

— Você não pode ficar aqui, professor. Quando nosso pai descobrir...

— Sim — disse Dédalo. — Receio ter trazido problemas para vocês.

— Ah, não se preocupe conosco. Papai ficará feliz o suficiente pegando o ouro daquele velho. E Creta é bem longe daqui. Mas ele o culpará pela morte de Minos. Você precisa fugir para um lugar seguro.

— Um lugar seguro — repetiu o velho. — Durante anos eu fugi de reino em reino, procurando por um lugar seguro. Temo que Minos tenha dito a verdade. A morte não o impedirá de procurar por mim. Quando este crime se tornar público, não há lugar abaixo do sol que poderá me abrigar.

— Então para onde você irá? — disse Aelia.

— Um lugar que jurei nunca mais entrar — disse Dédalo. — Minha prisão será meu único santuário.

— Eu não entendo — disse Aelia.

— É melhor que você não entenda.

— Mas e o Mundo Inferior? — perguntou uma das irmãs. — Um terrível julgamento espera por você! Todo homem tem que morrer.

— Talvez — disse Dédalo.

Então ele tirou um pergaminho de sua bolsa de viagem, o mesmo pergaminho que eu vira em meu último sonho, com as anotações de seu sobrinho.

— Ou talvez não.

Ele deu um tapinha no ombro de Aelia, então abençoou ela e a suas irmãs. Ele olhou mais uma vez para os fios acobreados refletindo no fundo da banheira.

— Ache-me se puder, rei espectral.

Ele se virou para a parede de mosaicos e tocou um azulejo. Uma marca brilhante apareceu, um Δ, e a parede deslizou para o lado. As princesas ofegaram.

— Você nunca nos contou sobre passagens secretas! — disse Aelia. — Você tem estado ocupado.

— O *Labirinto* tem estado ocupado — corrigiu Dédalo. — Minhas queridas se vocês dão valor às suas sanidades, não tentem me seguir.

Meu sonho mudou. Eu estava em uma câmara de pedra no subterrâneo. Luke e outro guerreiro meio-sangue estavam estudando um mapa com uma lanterna.

Luke amaldiçoou.

— Isso deveria ter sido a última volta.

Ele amassou o mapa e o lançou para trás.

— Senhor! — protestou seu companheiro.

— Mapas são inúteis aqui — disse Luke. — Não se preocupe, eu o acharei.

— Senhor, é verdade que quanto maior o grupo...

— É maior a chance de se perder? Sim, é verdade. Por que acha que só mandamos exploradores sozinhos para começar? Mas não se preocupe. Assim que tivermos o fio poderemos conduzir o exército por aqui.

— Mas como *conseguiremos* o fio?

Luke ficou de pé, flexionando os dedos.

— Ah, Quintus virá nos ajudar. Tudo o que temos de fazer é alcançar a arena. É impossível ir para qualquer lugar sem passar por lá. É por isso que precisamos ter uma trégua com o seu chefe. Nós só temos que ficar vivos até...

— Senhor! — disse uma nova voz veio pelo corredor. Outro garoto em armadura grega correu adiante, carregando uma tocha. — A *dracaena* achou um meio-sangue!

Luke franziu as sobrancelhas.

— Sozinho? Viajando pelo Labirinto?

— Sim, senhor! É melhor você vir rápido. Eles estão na câmara ao lado. Eles o encurralaram.

— Quem é ele?

— Ninguém que eu tenha visto antes, senhor.

Luke assentiu.

— Uma bênção de Cronos. Este meio-sangue pode ser de grande ajuda. Venham!

Eles correram pelo corredor abaixo, e eu acordei assustado, encarando a escuridão.

Um meio-sangue sozinho, viajando pelo Labirinto. Demorei um longo tempo para pegar no sono de novo.

Na manhã seguinte me assegurei de que Sra. O'Leary tinha biscoitos caninos suficientes. Eu pedi a Beckendorf que ficasse de olho nela, e ele não pareceu muito feliz com isso. Então eu caminhei até a Colina Meio-Sangue e encontrei Annabeth e Argos na estrada.

Annabeth e eu não falamos muito na van. Argos nunca falava, provavelmente porque ele tinha olhos por todo o seu corpo, incluindo, assim eu tinha ouvido, na

ponta de sua língua, e ele não gostava de mostrar aquilo.

Annabeth parecia enjoada, como se tivesse dormido ainda pior do que eu.

— Pesadelos? — perguntei por fim.

Ela balançou a cabeça.

— Uma mensagem de Íris de Euritião.

— Euritião! Tem algo de errado com Nico?

— Ele deixou o rancho na noite passada, voltou para o Labirinto. Nico tinha ido embora antes dele acordar. Órtros seguiu seu rastro até a guarda de gado. Euritião disse que ouviu Nico falando sozinho nas últimas noites. Só que agora ele acha que Nico estava falando com o fantasma de novo, Minos.

— Ele está em perigo — falei.

— Não me diga. Minos é um dos juízes dos mortos, mas ele é incrivelmente rancoroso. Eu não sei o que ele quer com Nico, mas...

— Isso não é o que eu quis dizer — falei. — Eu tive um sonho esta noite...

Eu contei para ela sobre Luke, como ele havia mencionado Quintus e como seus homens haviam achado um meio-sangue sozinho no Labirinto.

Annabeth apertou a mandíbula.

— Isso é muito, muito ruim.

— Então o que faremos?

Ela ergueu uma sobrancelha.

— Bem, é uma coisa boa você ter um plano para nos guiar, certo?

Era sábado, e o trânsito em direção à cidade estava pesado. Chegamos ao apartamento de minha mãe por volta de meio-dia. Quando atendeu a porta, ela me deu um abraço que era só um pouco menos forte do que um cão infernal pulando em cima de você.

— Eu *falei* para eles que você estava bem — disse minha mãe, mas ela soou como se o peso do céu tive sido tirado de seus ombros, e acredite em mim, eu sei por experiencia própria como é a sensação.

Ela nos sentou à mesa da cozinha e insistiu em nos alimentar com seus especiais biscoitos azuis com pedacinhos de chocolate enquanto nós contávamos sobre a missão. Como sempre, eu tentei amaciar as partes assustadoras (que eram quase todas), mas de alguma forma isso só fazia com que parecessem ainda mais perigosas.

Quando cheguei na parte de Gerião e dos estábulos, minha mãe fingiu que estava indo me estrangular.

— Eu não consigo fazê-lo limpar seu quarto, mas ele limpa toneladas de esterco de cavalo dos estábulos de um monstro qualquer?

Annabeth riu. Era a primeira vez que eu ouvia sua risada em um longo tempo, e aquilo foi legal de se ouvir.

— Então — disse minha mãe quando eu acabei de contar a história — você destruiu a Ilha de Alcatraz, fez o Monte Santa Helena explodir, e desabrigou meio milhão de pessoas, mas pelo menos você está seguro.

Esta é minha mãe, sempre olhando pelo lado bom das coisas.

— É — concordei. — É basicamente isso.

— Eu queria que Paul estivesse aqui — disse ela, um pouco para si mesma. — Ele queria falar com você.

— Ah, certo. A escola.

Tanta coisa havia acontecido que eu quase esquecera sobre a orientação na Goode, o fato de que eu tinha deixado a sala da banda em chamas e que a última vez que o namorado de minha mãe me vira foi pulando uma janela como um fugitivo.

— O que você disse a ele? — perguntei.

Minha mãe balançou a cabeça.

— O que eu poderia dizer? Ele sabe que há algo diferente com você, Percy. Ele é um homem esperto. Ele acredita que você não é uma pessoa ruim. Ele não sabe o que está acontecendo, mas a escola está pressionando. Afinal, ele te admitiu lá. Ele precisa convencê-los de que o fogo não foi sua culpa. E como você fugiu, as coisas parecem ruins.

Annabeth estava me estudando. Ela parecia bem compreensiva. Eu sabia que ela estivera em situações semelhantes. A vida no mundo mortal nunca é fácil para um meio-sangue.

— Eu vou falar com ele — prometi. — Depois que acabarmos a missão. Eu até contarei a ele a verdade se você quiser.

Minha mãe pôs a mão em meu ombro.

— Você faria isso?

— Bem, sim. Quer dizer, ele vai pensar que somos malucos.

— Ele já pensa isso.

— Então não há nada a perder.

— Obrigada, Percy. Eu falarei pra ele que você estará em casa... — Ela franziu as sobrancelhas. — Quando? O que vai acontecer agora?

Annabeth quebrou seu biscoito ao meio.

— Percy tem esse *plano.*

Relutantemente contei a minha mãe.

Ela assentiu devagar.

— Isso parece muito perigoso. Mas pode funcionar.

— Você tem as mesmas habilidades, não tem? — perguntei. — Você pode ver através da Névoa.

Minha mãe suspirou.

— Não tanto agora. Quando eu era mais nova era fácil. Mas sim, eu sempre fui capaz de ver mais do que era bom pra mim. Essa foi uma das coisas que despertou a atenção do seu pai, quando nos encontramos pela primeira vez. Só tomem cuidado. Prometam que ficarão a salvo.

— Nós tentaremos, senhora Jackson — disse Annabeth. — Mas manter seu filho seguro é uma grande responsabilidade.

Ela cruzou seus braços e olhou para fora da janela da cozinha. Eu peguei meu guardanapo e tentei não dizer nada.

Minha mãe franziu a testa.

— O que está acontecendo com vocês dois? Vocês estiveram brigando?

Nenhum de nós falou nada.

— Entendo — disse minha mãe.

Eu imaginei se ela poderia ver mais do que apenas através da Névoa. Parecia que ela entendia o que estava acontecendo entre mim e Annabeth, mas *eu* tinha certeza que não entendia.

— Bem, lembrem-se — disse ela, — Grover e Tyson estão contando com vocês dois.

— Eu sei — dissemos Annabeth e eu ao mesmo tempo, o que me deixou ainda mais envergonhado.

Minha mãe sorriu.

— Percy, o telefone funcionará melhor no corredor. Boa sorte.

Eu fiquei aliviado em sair da cozinha, embora estivesse nervoso sobre o que eu estava prestes a fazer. Fui ao telefone para fazer a chamada. O número tinha

desaparecido de minha mão há muito tempo atrás, mas sem problema. Sem querer, eu tinha decorado.

Nós marcamos um encontro na Times Square. Nós achamos Rachel Elizabeth Dare na frente de um hotel, e ela estava completamente pintada de ouro.

Quero dizer, seu rosto, seu cabelo, suas roupas – tudo. Ela parecia que fora tocada pelo rei Midas. Ela estava parada como uma estátua junto com outros cinco garotos pintados em tons metálicos. Eles estavam congelados em diferentes poses enquanto os turistas passavam apressados ou paravam para olhá-las. Alguns pedestres jogavam dinheiro no tapete que estava na calçada.

O letreiro aos pés de Rachel dizia: ARTE URBANA PARA CRIANÇAS, DOAÇÕES SÃO APRECIADAS.

Annabeth e eu ficamos em pé ali pelo que pareceram cinco minutos, olhando para Rachel, mas se ela nos notou, não demonstrou. Pelo que eu podia ver ela não se mexia ou mesmo piscava. Por causa do TDAH e tudo o mais, eu não conseguiria fazer aquilo. Ficar imóvel por tanto tempo me deixaria louco. Era estranho ver Rachel em ouro também. Ela parecia a estátua de alguém famoso, uma atriz ou algo assim. Só seus olhos estavam no costumeiro verde.

— Talvez se nós a empurrarmos... — sugeriu Annabeth.

Eu achei que isso era um pouco maldoso, mas Rachel não respondeu. Depois de alguns minutos, um garoto pintado de prata caminhou do estande de táxi do hotel, onde estivera fazendo uma pausa. Ele parou em uma pose como se estivesse palestrando para a multidão, bem ao lado de Rachel. Rachel descongelou e saiu do tablado.

— Oi, Percy. — Ela sorriu. — Bem na hora! Vamos tomar um café.

Nós andamos até uma cafeteria na Rua 43 Leste. Rachel pediu um Café Supremo, o tipo de coisa que Grover gostaria. Annabeth e eu pegamos milk-shakes e sentamos em uma mesa bem embaixo do alce empalhado. Ninguém sequer olhou duas vezes para Rachel em seu vestido dourado.

— Então — disse ela — é Annabell, certo?

— Annabeth — corrigiu Annabeth. — Você sempre se veste de dourado?

— Nem sempre — disse Rachel. — Nós estamos arrecadando dinheiro para o nosso grupo. Somos voluntários de projetos de arte para crianças do primário, pois eles estão cortando as artes das escolas, você sabia disso? Nós fazemos isso uma vez

por mês, ganhamos mais ou menos quinhentos dólares em uma semana boa. Mas eu acho que vocês não querem falar sobre isso. Você também é uma meio-sangue?

— Shhh! — disse Annabeth olhando em volta. — Que tal anunciar isso para o mundo?

— Ok. — Rachel levantou e disse realmente alto — Ei, todo mundo! Estes dois não são humanos! Eles são meio deuses gregos!

Ninguém sequer olhou em volta. Rachel deu de ombros e sentou.

— Eles não parecem se preocupar.

— Isso não é engraçado — disse Annabeth. — Isso não é uma piada, garota mortal.

— Parem, vocês duas — falei. — Só fiquem calmas.

— Eu estou calma — insistiu Rachel. — Toda vez que estou perto de você, algum monstro nos ataca. Porque eu ficaria nervosa?

— Olhe — falei. — Eu realmente sinto muito sobre a sala de música. Eu espero que eles não tenham te expulsado ou algo parecido.

— Que nada. Eles me perguntaram um monte de coisas sobre você. Eu me fiz de boba.

— Foi difícil? — perguntou Annabeth.

— Ok, parem! — interrompi. — Rachel, nós temos um problema. E precisamos da sua ajuda.

Rachel estreitou seus olhos para Annabeth.

— *Você* precisa da minha ajuda?

Annabeth mexeu o canudo de seu milk-shake.

— Sim — disse ela de repente. — Talvez.

Eu falei para Rachel sobre o Labirinto, e como precisávamos encontrar Dédalo. Eu contei a ela o que tinha acontecido nas últimas vezes que havíamos estado lá.

— Então vocês querem que eu guie vocês — disse ela. — Por um lugar onde eu nunca estive.

— Você pode ver através da Névoa — falei. — Como Ariadne. Aposto que você consegue ver o caminho certo. O Labirinto não conseguirá enganar você tão facilmente.

— E se você estiver errado?

— Então vamos nos perder. De qualquer jeito, será perigoso. Muito, muito perigoso.

— Eu posso morrer?

— Sim.

— Achei que monstros não se importavam com mortais. Aquela sua espada...

— É — falei. — Bronze celestial não machuca mortais. Muitos monstros vão ignorá-la. Mas Luke... ele não se importa. Ele usará mortais, semideuses, monstros, qualquer coisa. E matará qualquer um que ficar no seu caminho.

— Que cara legal — disse Rachel.

— Ele está sob a influência de um titã — disse Annabeth defensivamente. — Ele tem sido enganado.

Rachel correu o olhar entre mim e Annabeth algumas vezes.

— Ok — disse ela. — Estou dentro.

Eu pisquei. Não havia imaginado que seria tão fácil.

— Você tem certeza?

— Ei, meu verão tem sido chato. Essa é a melhor oferta que recebi até agora. Então o que eu devo procurar?

— Nós temos que achar uma entrada para o Labirinto — disse Annabeth. — Há uma entrada no Acampamento Meio-Sangue, mas você não pode ir lá. É proibido para os mortais.

Ela disse *mortais* como se fosse uma terrível condição, mas Rachel simplesmente assentiu.

— Ok. Com o que uma entrada do Labirinto se parece?

— Pode ser qualquer coisa — disse Annabeth. — Um pedaço de parede. Um pedregulho. Uma porta. Um bueiro. Mas teria a marca de Dédalo nele. Um Delta Grego, brilhando em azul.

— Como isto?

Rachel desenhou o símbolo do Delta com água na nossa mesa.

— É isto — disse Annabeth. — Você sabe grego?

— Não — disse Rachel.

Ela tirou uma grande escova de cabelo de plástico azul de seu bolso e começou a escovar o dourado de seu cabelo.

— Me deixe trocar de roupa. É melhor virem comigo até o hotel.

— Por quê? — disse Annabeth.

— Porque há uma entrada no porão do hotel, onde guardamos nossas fantasias. Ela tem a marca de Dédalo.

CATORZE

MEU IRMÃO DUELA COMIGO ATÉ A MORTE

A porta de metal estava meio escondida atrás de uma cesta da lavanderia cheia de toalhas sujas do hotel. Eu não vi nada de estranho nisso, mas Rachel me mostrou onde olhar, e reconheci o símbolo apagado cravado no metal.

— Não tem sido usada há um bom tempo — disse Annabeth.

— Eu tentei abrir a porta uma vez — disse Rachel — só por curiosidade. Só que a ferrugem a emperrou.

— Não. — disse Annabeth, dando um passo para frente. — Só precisa do toque de um meio sangue.

Como dito, no momento em que Annabeth pôs sua mão na marca, ela brilhou com um tom azulado. A porta de metal abriu rangendo, revelando uma escada escura que descia.

— Uau.

Rachel parecia calma, mas eu não consegui dizer se ela estava fingindo ou não. Ela tinha trocado para uma camiseta velha do Museu de Arte Moderna e seu usual jeans colorido com canetinhas, com sua escova de cabelo de plástico azul saindo do seu bolso. Seu cabelo vermelho estava preso pra trás, mas ainda tinha manchas de ouro nele e traços de purpurina dourada no rosto.

— Então... depois de você?

— Você é a guia — disse Annabeth com uma educação fingida. — Guie.

A escada levava a um largo túnel de tijolos. Estava tão escuro que eu não conseguia ver dois passos à frente, mas Annabeth e eu tínhamos pegado lanternas. Logo que as ligamos, Rachel gritou.

Um esqueleto sorria pra nós. Não era humano. Para começar, era enorme, tinha no mínimo três metros de altura. Ele tinha sido esticado, acorrentado pelos pulsos e

tornozelos formando um tipo de X gigante no meio do túnel. Mas o que realmente me deu arrepios foi a grande órbita vazia no centro de seu crânio.

— Um ciclope — disse Annabeth. — É muito velho. Não é... ninguém que a gente conheça.

Não era Tyson, foi o que ela quis dizer. Mas isso não fez com que eu me sentisse muito melhor. Ainda sentia como se ele tivesse sido colocado aqui como um aviso. O que quer que pudesse matar um ciclope adulto, eu não queria conhecer.

Rachel engoliu em seco.

— Você tem um amigo que é um ciclope?

— Tyson — falei. — Meu meio irmão.

— Seu *meio irmão.*

— Esperamos encontrá-lo aqui — falei. — E Grover. Ele é um sátiro.

— Ah. — Sua voz era baixa. — Então é melhor continuarmos andando.

Ela passou por baixo do braço esquerdo do esqueleto, e continuou caminhando. Annabeth e eu trocamos olhares. Ela deu de ombros. Seguimos Rachel para o Labirinto.

Depois de quinze metros chegamos num cruzamento. À frente o túnel de tijolo continuava. À direita, as paredes eram feitas de placas de mármore antigo. À esquerda, o túnel estava sujo e havia raízes de árvores.

Apontei para esquerda.

— Esse meio que parece com o túnel que Grover e Tyson pegaram.

Annabeth franziu as sobrancelhas.

— É, mas a arquitetura do que está à direita, estas pedras gastas, é mais provável que leve a uma parte antiga do Labirinto, na direção da oficina de Dédalo.

— Precisamos seguir reto — disse Rachel.

Annabeth e eu olhamos pra ela.

— Essa é escolha menos provável — disse Annabeth.

— Vocês não veem? — perguntou Rachel. — Olhem para o chão.

Eu não vi nada além de tijolos bem desgastados e lama.

— Tem uma claridade lá — insistiu Rachel. — Bem fraca. Mas adiante é o caminho certo. Para a esquerda, mais à frente no túnel, as raízes daquela árvore se movem como antenas. Não gosto disso. Para a direita, há uma armadilha a seis metros abaixo. Buracos nas paredes, talvez para lanças. Não acho que deveríamos arriscar.

Eu não vi nada do que ela estava descrevendo, mas assenti.

— Ok, adiante.

— Você acredita nela? — perguntou Annabeth.

— Sim — falei. — Você não?

Annabeth me olhou como se quisesse discutir, mas ela acenou para Rachel seguir em frente. Juntos seguimos pelo corredor de tijolos. Ele girou e mudou, mas não havia mais túneis laterais. Parecíamos estar descendo, aprofundando cada vez mais no subsolo.

— Sem armadilhas? — perguntei, preocupado.

— Nenhuma. — Rachel franziu as sobrancelhas. — Deveria ser tão fácil assim?

— Não sei — falei. — Não era antes.

— Então, Rachel — disse Annabeth — de onde você é, exatamente?

Soou como se ela perguntasse: *De que planeta você é?* Mas Rachel não pareceu ofendida.

— Brooklyn — disse ela.

— Seus pais não vão ficar preocupados por você estar fora tão tarde?

Rachel suspirou.

— Não muito. Eu poderia ficar fora por uma semana, e eles nem notariam.

— Por que não? — Dessa vez Annabeth não pareceu sarcástica. Ter problemas com os pais era algo que ela entendia.

Antes que Rachel pudesse responder, houve um barulho de algo rangendo a nossa frente, como grandes portas se abrindo.

— O que foi isso? — perguntou Annabeth.

— Não sei — respondeu Rachel. — Dobradiças de metal.

— Ah, ajudou muito. Quero dizer, *o que é isso?*

Então ouvi passos pesados fazendo o corredor tremer, vindo em nossa direção.

— Correr? — perguntei.

— Correr — concordou Rachel.

Viramos e fugimos pelo caminho que viemos, mas não percorremos seis metros antes de nos deparamos com velhas amigas. Duas *dracaenae*, mulheres cobras em armaduras gregas, ergueram seus dardos na altura dos nossos peitos. Parada entre elas estava Kelli, a *empusa* líder de torcida.

— Ora, ora — disse Kelli.

Eu destampei Contracorrente e Annabeth puxou sua faca; mas antes que minha espada mudasse da forma de caneta, Kelli atacou Rachel. Sua mão transformou-se numa garra e derrubou Rachel, segurando-a firme com suas garras em seu pescoço.

— Levando sua mortalzinha de estimação para uma caminhada? — perguntou-me Kelli. — São coisinhas tão frágeis. Tão fáceis de quebrar!

Atrás de nós, os passos ficavam mais próximos. Uma grande forma apareceu na luz, um lestrigão de dois metros e meio com olhos vermelhos e presas.

O gigante lambeu os lábios quando nos viu.

— Posso comê-los?

— Não — disse Kelli. — Seu mestre vai querer estes. Eles irão fornecer um grande duelo para diversão. — Ela sorriu pra mim. — Agora marchando, meio-sangues. Ou todos morrerão aqui, começando pela garota mortal.

Era bem o meu pior pesadelo. E acredite em mim, eu já tive muitos pesadelos. Estávamos marchando túnel abaixo, escoltados pelas *dracaenae*, com Kelli e o gigante logo atrás, para o caso de tentarmos fugir por ali. Ninguém pareceu se preocupar com a ideia de fugirmos pela frente. Aquela era a direção que eles queriam que nós fôssemos.

Um pouco à frente eu podia ver portas de bronze. Elas tinham uns três metros de altura, atravessadas por um par de espadas cruzadas. Detrás delas, vinha um rugido abafado, como o de uma multidão.

— Ah, ssssssim — disse a mulher cobra à minha esquerda. — Com o nosssso anfitrião, vocêsss sssserão muito popularesssssss.

Eu nunca tive a chance de olhar uma *dracaena* muito de perto antes, e não estava muito animado por ter a oportunidade. Ela teria um rosto bonito, exceto pela língua bifurcada e os olhos amarelos, com pupilas no formato de fendas negras. Ela vestia uma armadura de bronze que terminava na cintura. Abaixo, onde suas pernas deveriam estar, havia dois troncos enormes de cobra, listrados de verde e bronze. Ela se movia com uma combinação de andar e rastejar, como se ela estivesse em esquis vivos.

— Quem é o seu anfitrião? — perguntei.

Ela sibilou, o que deve ter sido uma risada.

— Ah. Você vai dessssscobrir. Você ficará furiosssssssssso. Afinal ele é sssssseu irmão.

— Meu o quê? — Imediatamente pensei em Tyson, mas isso era impossível. Do que ela estava falando?

O gigante nos empurrou passando por nós e abriu a porta. Ele pegou Annabeth pela blusa e disse:

— Você fica aqui.

— Ei! — ela protestou, mas o cara era duas vezes maior do que ela e já tinha confiscado sua faca e minha espada.

Kelli riu. Ela ainda estava com as garras no pescoço de Rachel.

— Vá, Percy. Divirta-nos. Ficaremos aqui com seus amigos para garantir que você se comporte.

Olhei para Rachel.

— Sinto muito. Eu vou tirar você dessa.

Ela assentiu o máximo que pôde com um demônio na sua garganta.

— Isso seria bom.

A *dracaena* me empurrou porta à dentro com a ponta do dardo, e eu pisei no chão de uma arena.

Acho que essa não era a maior arena em que já estive, mas parecia bem espaçosa considerando que o lugar todo era no subterrâneo. O chão sujo era circular, grande o suficiente para você dirigir um carro pela beira, se o mantivesse bem próximo. No centro da arena, uma luta estava acontecendo entre um gigante e um centauro. O centauro parecia estar em pânico. Ele galopava ao redor de seu inimigo, usando espada e escudo, enquanto o gigante segurava um dardo do tamanho de um poste de telefone e a multidão aplaudia.

A primeira fileira de cadeiras ficava a três metros e meio acima do chão. Bancos de rochas planas envolviam todo o lugar e todos os assentos estavam ocupados. Tinha gigantes, *dracaenae*, semideuses, telquines e coisas mais esquisitas: demônios com asas de morcego e criaturas que pareciam metade humana e a outra metade você nomeava, pássaro, réptil, inseto, mamífero.

Mas as coisas mais arrepiantes eram as caveiras. A arena estava cheia delas. Elas rodeavam a borda da grade. Pilhas de um metro delas decoravam os espaços entre os bancos. Elas sorriam dos picos atrás da arquibancada e estavam penduradas em correntes do teto, como candelabros horríveis. Algumas delas pareciam muito velhas, não eram nada além de ossos velhos esbranquiçados. Outras pareciam mais

novas. Eu não vou descrevê-las. Acredite em mim, você não ia querer que eu descrevesse.

No meio de tudo isso, exposto orgulhosamente no lado da parede do espectador, havia algo que não fez sentido pra mim, um estandarte verde com um tridente de Poseidon no centro. O que *aquilo* estava fazendo num lugar horrível como esse?

Sobre o estandarte, sentado num lugar de honra, estava um velho inimigo.

— Luke — falei.

Eu não tinha certeza se ele podia me escutar com todo o barulho da multidão, mas ele sorriu friamente. Ele estava de calça camuflada, uma camiseta branca, com uma couraça de bronze no peito, igual ao que eu vira no meu sonho. Mas ele ainda não estava com sua espada, o que eu achei estranho. Ao seu lado estava o maior gigante que eu já tinha visto, muito maior do que o que estava lutando na arena com o centauro. O gigante perto de Luke devia ter uns quatro metros e meio de altura, facilmente, e era tão grande que ocupava três lugares. Ele vestia só uma sunga de linho, como o traje de sumô. Sua pele era vermelha escura e tatuada com desenhos de ondas azuis. Achei que ele devia ser o novo guarda-costas de Luke ou algo assim.

Houve um grito no chão da arena, e eu pulei pra trás assim que o centauro caiu na terra ao meu lado.

Ele encontrou meus olhos implorando.

— Me ajude!

Eu procurei por minha espada, mas fora tomada de mim e ainda não tinha reaparecido em meu bolso.

O centauro lutou para se levantar, enquanto o gigante se aproximava, com seu dardo preparado.

Uma grande garra agarrou meu ombro.

— Ssse você valoriza asss vidasss de seusss amigosss — disse minha guarda *dracaena* — você não interferirá. Essssa não é a ssssua luta. Essspere a ssssua vez.

O centauro não conseguia levantar. Uma de suas pernas estava quebrada. O gigante colocou seu pé enorme no peito do centauro e ergueu seu dardo. Ele olhava para Luke.

A plateia gritava:

— MORTE! MORTE!

Luke não fez nada, mas o cara tatuado do sumô sentado ao seu lado se levantou. Ele sorria para o centauro que choramingava:

— Por favor! Não!

Então o cara do sumô fechou a mão, e fez o sinal *polegar para baixo*.

Fechei meus olhos enquanto o gigante gladiador estocava com o seu dardo. Quando olhei de novo, o centauro se fora, desintegrado em cinzas. Tudo o que sobrou foi um único casco, que o gigante pegou como um troféu e mostrou à plateia. Ela rugia aprovando.

Um portão abriu no lado oposto do estádio, por onde o gigante saiu marchando em triunfo.

Na arquibancada, o cara do sumô ergueu as mãos por silêncio.

— Boa diversão — berrou ele. — Mas nada que eu já não tenha visto antes. O que mais você tem, Luke, filho de Hermes?

Luke apertou a mandíbula. Eu podia apostar que ele não gostou de ser chamado de *filho de Hermes*. Ele odiava seu pai. Mas ele se levantou calmamente. Seus olhos brilhavam. Aliás, ele parecia estar de muito bom humor.

— Lorde Anteu — disse Luke, alto o suficiente para a multidão ouvir. — Você tem sido um excelente anfitrião! Ficaremos felizes de entretê-lo, para agradecer o favor de poder passar pelo seu território.

— Um favor que eu ainda não concedi — grunhiu Anteu. — Eu quero diversão!

Luke fez uma reverência.

— Acredito que tenho algo mais interessante do que centauros para lutar em sua arena agora. Tenho um irmão seu. — Ele apontou para mim. — Percy Jackson, filho de Poseidon.

A plateia começou a me vaiar e a jogar pedras em mim, a maioria eu consegui desviar, mas uma me acertou na bochecha e fez um grande corte.

Os olhos de Anteu brilharam.

— Um filho de Poseidon? Então ele deve lutar bem! Ou morrer bem!

— Se a morte dele lhe agradar — disse Luke — você deixará nossos exércitos cruzarem seu território?

— Talvez! — disse Anteu.

Luke não pareceu satisfeito com o "talvez". Ele me olhou, como se estivesse me avisando que era bom eu morrer de forma espetacular, ou eu teria sérios problemas.

— Luke! — gritou Annabeth. — Pare com isso. Deixe-nos ir!

Ele pareceu notá-la pela primeira vez. Pareceu ficar atordoado por um momento.

— Annabeth?

— Tem tempo suficiente para as lutas femininas depois — interrompeu Anteu. — Primeiro, Percy Jackson, que armas você irá escolher?

A *dracaena* me empurrou para o meio da arena.

Eu encarei Anteu.

— Como você pode ser filho de Poseidon?

— Eu sou seu filho favorito! — gritou Anteu. — Contemple, meu templo para o Senhor dos Terremotos, foi construído com os esqueletos de todos aqueles que eu matei em seu nome! Em breve você se juntará a eles!

Eu olhei horrorizado para todas as caveiras, para as centenas delas, e o estandarte de Poseidon. Como esse podia ser um templo para o meu pai? Meu pai era um cara legal. Ele nunca me pediu um cartão de Dia dos Pais, muito menos a caveira de alguém.

— Percy! — gritou Annabeth. — A mãe dele é Gaia! Gai...

Seu guarda lestrigão colocou a mão sobre a boca dela. *Sua mãe é Gaia*. A deusa da terra. Annabeth estava tentando me dizer que aquilo era importante, mas eu não sabia o porquê. Talvez seja só porque o cara tinha dois deuses como pais. Isso devia torná-lo mais difícil de matar.

— Você é louco, Anteu — falei. — Se você acha que isso é um bom tributo, você não sabe nada sobre Poseidon.

A multidão gritava insultando-me, mas Anteu ergueu a mão por silêncio.

— Armas — insistiu ele. — E então veremos como você morre. Você tem machados? Escudos? Redes? Lança-chamas?

— Apenas minha espada — falei.

Risadas surgiram dos monstros, mas imediatamente Contracorrente apareceu em minhas mãos, e algumas das vozes na multidão ficaram nervosas. A lâmina de bronze brilhava com uma luz fraca.

— Primeiro Round! — anunciou Anteu.

Os portões se abriram e uma *dracaena* rastejou para fora. Ela tinha um tridente em uma das mãos e uma rede pesada na outra, tipo clássico de gladiador. Treinei contra essas armas no acampamento por anos.

Ela tentou me golpear. Desviei para o lado. Ela jogou sua rede, esperando prender a mão que eu segurava a espada, mas eu saí de lado facilmente, cortei seu tridente ao meio, e deferi um golpe com Contracorrente numa fenda em sua

armadura. Com um gemido doloroso, ela vaporizou e os gritos da multidão cessaram.

— Não! — gritou Anteu. — Foi muito rápido! Você deve esperar para matar. Só quando eu der a ordem!

Eu olhei para Annabeth e Rachel. Eu tinha que achar um jeito de libertá-las, talvez distrair seus guardas.

— Bom trabalho, Percy. — disse Luke, sorrindo. — Você melhorou o uso da espada. Eu admito isso.

— Segundo Round! — rugiu Anteu. — E mais devagar desta vez! Mais diversão! Espere pela minha ordem para poder matar alguém. OU ENTÃO!

Os portões abriram novamente e desta vez um jovem guerreiro saiu. Ele era um pouco mais velho do que eu, por volta dos dezesseis. Ele tinha um cabelo preto brilhante e seu olho esquerdo era coberto por um tapa-olho. Ele era magro de forma que sua armadura ficava grande nele. Ele apoiou sua espada no chão, ajustou seu escudo e pôs seu capacete de crina de cavalo.

— Quem é você? — perguntei.

— Ethan Nakamura — respondeu ele. — Eu tenho que matar você.

— Por que você está fazendo isso?

— Ei! — gritou um monstro das arquibancadas. — Parem de falar e lutem!

Os outros concordaram.

— Eu tenho que provar — disse-me Ethan. — É o único jeito de ser aceito.

E com isso ele atacou. Nossas espadas se encontraram no ar e a plateia gritou. Aquilo não parecia certo. Eu não queria lutar para divertir um monte de monstros, mas Ethan Nakamura não estava me dando muita escolha.

Ele avançou rapidamente. Ele era bom. Que eu saiba ele nunca esteve no Acampamento Meio-Sangue, mas ele fora treinado. Ele desviou meu golpe e quase me derrubou com seu escudo, mas eu pulei pra trás. Ele atacou, eu rolei para um lado. Nós trocamos estocadas e desvios, um estudando o estilo de luta do outro. Tentei me manter no lado cego de Ethan, mas não ajudou muito. Ele parecia estar lutando com um olho só há bastante tempo, porque ele era excelente guardando seu lado esquerdo.

— Sangue! — gritavam os monstros.

Meu oponente olhou para a plateia. Essa era sua fraqueza, percebi. Ele precisava impressionar a plateia, eu não.

Ele soltou um grito raivoso de batalha e me atacou, mas eu desviei sua lâmina e me afastei, deixando-o vir atrás de mim.

— Boo! — vaiou Anteu. — Fique e lute.

Ethan me pressionou, mas eu não tinha problema em me defender, mesmo sem um escudo. Ele estava vestido para se defender, armadura pesada e escudo, o que tornava cansativo atacar. Eu era um alvo mais fácil, mas também era mais leve e mais rápido. A multidão foi a loucura, gritando reclamações e jogando pedras. Estávamos lutando há quase cinco minutos e não havia nenhuma gota de sangue.

Finalmente Ethan cometeu seu erro. Ele tentou me acertar na barriga, e eu prendi o punho de sua espada com o meu e torci. Sua espada caiu no chão. Antes que ele pudesse se recuperar, eu bati com a base da minha espada em seu capacete e o derrubei. Sua armadura pesada me ajudou mais que ele. Ele caiu de costas, atordoado e cansado. Coloquei a ponta da minha espada em seu peito.

— Termine com isso — grunhiu Ethan.

Eu olhei para Anteu. Seu rosto vermelho estava rígido de desgosto, mas ele ergueu sua mão e fez o *polegar para baixo*.

— Esquece.

Eu abaixei minha espada.

— Não seja idiota — grunhiu Ethan. — Eles vão matar nós dois.

Eu estendi minha mão. Relutantemente, ele a segurou. Eu o ajudei a levantar.

— Ninguém desonra os jogos! — rugiu Anteu. — Suas cabeças servirão como tributo a Poseidon!

Olhei para Ethan.

— Quando você tiver chance, corra. — Depois me virei para Anteu. — Por que você mesmo não luta comigo? Se você tem a proteção do pai, venha aqui embaixo e prove!

Os monstros murmuraram nas arquibancadas. Anteu deu uma olhada em volta, e aparentemente viu que não tinha escolha. Ele não podia dizer não sem parecer um covarde.

— Eu sou o melhor lutador do mundo, rapaz — avisou ele. — Venho lutando desde o primeiro *pancrácio!*

— *Pancrácio*? — perguntei.

— Ele quer dizer as lutas até a morte — disse Ethan. — Sem regras. Costumava ser um esporte olímpico.

— Valeu pela dica — falei.

— De nada.

Rachel me olhava com olhos bem abertos. Annabeth mexia sua cabeça loucamente, a mão do lestrigão continuava tampando sua boca.

Apontei minha espada para Anteu.

— O vencedor leva tudo! Se eu vencer, somos todos libertados. Se você ganhar, morremos. Jure pelo Rio Estige!

Anteu gargalhou.

— Isso não vai demorar muito. Eu juro de acordo com as suas condições!

Ele saltou por sobre a grade para dentro da arena.

— Boa sorte — disse-me Ethan. — Você vai precisar.

Depois ele se afastou rapidamente. Anteu estalou seus dedos. Ele sorriu ironicamente, e eu vi que até mesmo seus dentes tinham tatuagens de ondas, o que devia tornar a escovação após as refeições bem dolorosa.

— Armas? — perguntou ele.

— Ficarei com minha espada. E você?

Ele mostrou suas mãos enormes e mexeu os dedos.

— Eu não preciso de mais nada! Mestre Luke, você será o juiz desta vez.

Luke sorriu para mim.

— Com prazer.

Anteu atacou. Eu rolei por debaixo de suas pernas e apunhalei sua coxa por trás.

— Arghhhhhh! — gritou ele.

Mas onde deveria estar sangrando, havia um jorro de areia, como se eu tivesse quebrado o lado de uma ampulheta. Ela caiu no chão de terra e a terra começou a rodear suas pernas, quase como um molde. Quando a terra caiu, a ferida havia desaparecido.

Ele atacou de novo. Por sorte eu tinha alguma experiência em lutar com gigantes. Desviei para o lado desta vez e golpeei embaixo de seu braço. A lâmina de Contracorrente estava enterrada até o punho em suas costelas. Essa era a boa notícia. A má notícia foi que Contracorrente foi puxada de minha mão quando o gigante se virou e eu fui jogado para o outro lado da arena, desarmado.

Anteu gritou de dor. Esperei que ele se desintegrasse. Nenhum monstro jamais sobreviveu a um ataque direto da minha espada assim. A lâmina de bronze celestial tinha que ter destruído sua essência. Mas Anteu apalpou suas costelas, puxou a

espada e jogou-a para trás. Mais areia jorrou da ferida, mas de novo a terra veio e a cobriu. Areia envolvia seu corpo todo até os ombros. Assim que a terra caiu, Anteu estava bem.

— Agora você vê porque eu nunca perco, semideus! — grunhiu Anteu. — Venha cá e me deixe esmagá-lo. Prometo que será rápido!

Anteu estava entre mim e minha espada. Desesperado, olhei para ambos os lados, e notei os olhos de Annabeth.

A terra, pensei. O que Annabeth tinha tentado me dizer? A mãe de Anteu era Gaia, a mãe terra, a deusa mais antiga de todas. O pai de Anteu podia ser Poseidon, mas Gaia o mantinha vivo. Eu não poderia feri-lo enquanto ele estivesse tocando a terra.

Eu tentei rodeá-lo, mas Anteu antecipou meus movimentos. Ele bloqueou meu caminho, rindo. Ele estava só brincando comigo agora. Ele tinha me encurralado.

Eu olhei para as correntes que pendiam do teto, suspendendo as caveiras de seus oponentes. De repente tive uma ideia.

Eu corri para o outro lado. Anteu me bloqueou. A multidão zombou e gritou para Anteu acabar comigo, mas ele estava se divertindo muito.

— Garoto insignificante — disse ele. — Não é digno de ser filho do deus do mar!

Senti minha caneta retornar ao meu bolso, mas Anteu não sabia disso. Ele ainda achava que Contracorrente estava na terra atrás dele. Ele acharia que minha intenção era conseguir a espada. Não era muita vantagem, mas era tudo o que eu tinha.

Eu investi para frente, abaixando-me para que ele pensasse que eu ia rolar por debaixo de suas pernas de novo. Enquanto ele estava parado, preparado para me pegar como uma bola, eu pulei o máximo que consegui, chutando seu antebraço, subindo por seu ombro como se fosse uma rampa, pisando em sua cabeça. Ele fez o que se esperava.

Ele se endireitou indignado e gritou:

— Ei!

Eu pulei, usando a sua força para me catapultar na direção do teto. Eu segurei o topo de uma corrente e os crânios e os ganchos balançara abaixo de mim. Enrosquei minhas pernas nas correntes, do jeito como costumava fazer com as cordas na aula de Educação Física. Puxei Contracorrente e cortei a corrente do lado.

— Desça aqui, covarde! — xingou Anteu.

Ele tentou me agarrar, mas eu já estava fora de alcance. Segurando pela minha linda vida.

— Venha aqui me pegar! — gritei. — Ou você é muito gordo e lento?

Ele pegou impulso e tentou me pegar de novo. Ele segurou uma corrente e tentou subir. Enquanto ele se esforçava, eu desci minha corrente cortada, o gancho primeiro. Precisei de duas tentativas, mas finalmente eu o prendi na tanga de Anteu.

— WAAA! — gritou ele.

Rapidamente eu escorreguei a corrente livre pela argola da minha própria corrente, puxei, e firmei o máximo que podia. Anteu tentou voltar para o chão, mas seu corpo estava suspenso pela sua tanga. Ele teve que se segurar em outras correntes com ambas as mãos para evitar ficar de cabeça pra baixo. Rezei para que as correntes e a tanga aguentassem por mais alguns segundos. Enquanto Anteu xingava e se segurava, eu me mexi pelas correntes, balançando como se fosse algum tipo de macaco maluco. Eu dava giros com os ganchos das correntes. Eu não sei como eu fiz aquilo. Minha mãe sempre disse que eu tenho um dom para emaranhar as coisas. Além disso, eu estava desesperado para salvar meus amigos. De qualquer forma, em poucos minutos o gigante estava suspenso sobre o chão, grunhindo entre correntes e ganchos, indefeso. Eu pulei no chão, ofegante e suado. Minhas mãos estavam machucadas pela escalada.

— Me tire daqui! — exigiu Anteu.

— Solte-o! — ordenou Luke. — Ele é o nosso anfitrião!

Eu destampei Contracorrente.

— Eu vou soltá-lo.

Eu acertei o gigante no estômago. Ele rugiu, e areia derramou, mas ele estava muito longe para tocar o chão, e a terra não se ergueu para ajudá-lo. Anteu simplesmente se dissolveu, esvaindo-se pouco a pouco, até não sobrar mais nada além de correntes vazias, uma grande tanga de linho em um gancho, e um monte de caveiras sorridentes dançando sobre mim como se elas finalmente tivessem um motivo pra sorrir.

— Jackson! — gritou Luke. — Eu já devia ter te matado há muito tempo!

— Você tentou — lembrei a ele. — Agora nos deixe ir, Luke. Tivemos um acordo juramentado com Anteu. Eu sou o vencedor.

Ele fez o que eu esperava.

— Anteu está morto. Seu juramento morre com ele. Mas como eu estou me sentindo piedoso hoje, eu o matarei bem rápido. — disse ele.

Ele apontou para Annabeth.

— Poupe a garota. — Sua voz falhou um pouco. — Eu quero falar com ela antes... antes de nossa grande vitória.

Cada monstro na multidão puxou sua arma ou mostrou suas garras. Nós estávamos encurralados. Desesperadamente em desvantagem.

Foi quando senti uma coisa em meu bolso, uma sensação gelada, um frio crescendo mais e mais. O *apito canino*. Meus dedos se fecharam em volta dele. Por dias eu evitei usar o presente de Quintus. Tinha que ser uma armadilha. Mas agora... Eu não tinha escolha. Eu o tirei de meu bolso e assoprei. Não fez nenhum som enquanto estilhaçava-se em pedaços de gelo, derretendo na minha mão.

Luke riu.

— O que isso deveria fazer?

Atrás de mim surgiu um grito de surpresa. O gigante lestrigão que segurava Annabeth voou por mim e chocou-se contra parede.

AROOOOF.

Kelli, a *empusa*, gritou quando um mastim negro de mais de duzentos quilos a pegou como um brinquedo para mastigar e a lançou pelo ar, direto no colo de Luke. A Sra. O'Leary rosnou, e as duas guardas *dracaenae* se afastaram. Por um momento os monstros na plateia foram pegos de surpresa.

— Vamos lá! — gritei para meus amigos. — Vamos, Sra. O'Leary!

— A saída mais longe! — gritou Rachel. — Aquele é o caminho certo!

Ethan Nakamura nos seguiu. Juntos corremos pela arena e pela saída mais distante, com a Sra. O'Leary logo atrás de nós. Enquanto corríamos, eu podia ouvir os sons desorganizados de um exército inteiro tentando pular das arquibancadas e nos seguir.

QUINZE

ROUBAMOS ALGUMAS ASAS SEMINOVAS

— Por aqui! — gritou Rachel.

— Por que deveríamos seguir você? — perguntou Annabeth. — Você nos levou direto para aquela armadilha mortal!

— Aquele era o caminho que vocês precisavam seguir. — disse Rachel. — Agora é este. Venham!

Annabeth não pareceu contente com isso, mas ela correu conosco. Rachel parecia saber exatamente para onde estava indo. Ela passava pelos corredores e sequer hesitava nas encruzilhadas.

Uma vez ela gritou para nos abaixarmos e todos nós nos abaixamos quando um grande machado passou por cima de nossas cabeças. Então continuamos como se nada tivesse acontecido.

Perdi a conta de quantas voltas fizemos. Não paramos para descansar até que chegamos a uma sala do tamanho de um ginásio, com velhas colunas de mármore segurando o teto. Eu parei na porta, tentando ouvir sons de perseguição, mas não havia nada. Aparentemente tínhamos despistado Luke e seus seguidores no Labirinto.

Foi aí que percebi mais uma coisa: a Sra. O'Leary tinha sumido. Eu não sabia quando ela tinha desaparecido. Eu não sabia se ela tinha se perdido, ou se fora capturada por monstros ou algo assim. Meu coração virou chumbo. Ela havia salvo nossas vidas, e eu nem ao menos esperei pra ter certeza se ela estava nos seguindo.

Ethan despencou no chão.

— Vocês são loucos.

Ele tirou seu capacete. Seu rosto brilhava por causa do suor.

Annabeth ofegou.

— Eu me lembro de você! Você era um dos garotos indeterminados no chalé de Hermes, há anos atrás.

Ele olhou para ela.

— É, e você é Annabeth. Eu me lembro.

— O que... o que aconteceu com seu olho?

Ethan desviou o olhar, e tive a sensação que aquele era um assunto que ele *não* discutiria.

— Você deve ser o meio-sangue do meu sonho — falei. — O que os amigos de Luke encurralaram. Não era o Nico.

— Quem é Nico?

— Não importa — disse Annabeth rapidamente. — Por que você estava tentando se unir ao lado errado?

Ethan sorriu desdenhosamente.

— Não há lado certo. Os deuses nunca se importaram conosco. Por que eu não deveria...?

— Se juntar a um exército que te obriga a lutar até a morte por diversão? — disse Annabeth. — Puxa, eu gostaria de saber o porquê.

Ethan lutou para ficar de pé.

— Não vou discutir com você. Valeu pela ajuda, mas eu estou fora dessa.

— Vamos procurar Dédalo — falei. — Venha conosco. Quando conseguirmos chegar lá, você será bem-vindo de volta ao acampamento.

— Vocês realmente *são* loucos se pensam que Dédalo vai ajudar vocês.

— Ele tem que ajudar — disse Annabeth. — Nós o faremos ouvir.

Ethan bufou.

— É, bem. Boa sorte com isso.

Eu agarrei seu braço.

— Você vai andar pelo Labirinto sozinho? Isso é suicídio.

Ele olhou para mim mal controlando a raiva. Seu tapa-olho estava desgastado nas bordas e sua roupa preta desbotada, como se ele a estivesse usando há muito, muito tempo.

— Você não deveria ter me poupado, Jackson. Piedade não tem lugar nesta guerra.

Então ele correu para escuridão, pelo caminho por onde tínhamos vindo.

Annabeth, Rachel e eu estávamos tão exaustos que montamos acampamento ali mesmo, na enorme sala. Encontrei uns gravetos secos e fizemos uma fogueira. Sombras dançavam nas colunas erguendo-se em volta de nós como árvores.

— Algo estava errado com o Luke — murmurou Annabeth, cutucando o fogo com sua faca. — Você notou como ele estava agindo?

— Ele parecia muito satisfeito pra mim — falei. — Como se ele tivesse passado um ótimo dia torturando heróis.

— Isso não é verdade! Havia algo de errado com ele. Ele parecia... nervoso. Ele disse a seus monstros para me pouparem. Ele queria me dizer algo.

— Provavelmente, "Oi Annabeth! Sente aqui comigo e assista enquanto eu dilacero os seus amigos. Será divertido!"

— Você é insuportável — resmungou Annabeth. Ela embainhou sua faca e olhou para Rachel. — Então, para qual direção agora, Sacagawea?

Rachel não respondeu imediatamente. Ela ficara mais quieta desde a arena. Agora, sempre que Annabeth fazia um comentário sarcástico, Rachel nem se incomodava em responder. Ela havia queimado a ponta de um graveto no fogo e o estava usando para desenhar figuras de cinzas no chão, desenhos dos monstros que vimos. Com poucos riscos, ela desenhou uma *dracaena* perfeitamente.

— Seguiremos o caminho — disse ela. — A claridade no chão.

— A claridade que nos levou direto para uma armadilha? — perguntou Annabeth.

— Deixe-a em paz Annabeth — falei. — Ela está fazendo o melhor que pode.

Annabeth se levantou.

— A fogueira está apagando. Vou procurar mais gravetos enquanto *vocês* combinam estratégias.

Ela marchou para as sombras.

Rachel desenhou outra figura com seu graveto – um Anteu em cinzas pendurado por suas correntes.

— Annabeth normalmente não é assim — falei a ela. — Não sei qual é o problema dela.

Rachel ergueu suas sobrancelhas.

— Você tem certeza que não sabe?

— O que você quer dizer?

— Garotos — murmurou ela. — Totalmente cegos.

— Ei, não venha pegar no meu pé também! Olha, eu sinto muito por tê-la envolvido nisso.

— Não, você estava certo — disse ela. — Eu posso ver o caminho. Não consigo explicar, mas eu vejo claramente. — Ela apontou para a outra saída da sala, para a escuridão. — A oficina é para aquele lado. O coração do Labirinto. Estamos bem perto agora. Não sei por que o caminho nos levou por aquela arena. Eu... eu sinto muito por aquilo. Pensei que você fosse morrer.

Parecia que ela estava prestes a chorar.

— Ei, eu normalmente estou sempre prestes a morrer — prometi. — Não se sinta mal.

Ela estudou meu rosto.

— Então você faz isso todo verão? Luta com monstros? Salva o mundo? Você nunca faz, sei lá, coisas normais?

Eu nunca havia pensando nisso por esse ângulo. A última vez que eu tive algo parecido com uma vida normal foi... bem, nunca.

— Meio-sangues se acostumam com isso, eu acho. Talvez não com *isso*, mas... — mudei de posição desconfortavelmente. — E quanto a você? O que você faz normalmente?

Rachel deu de ombros.

— Eu pinto. Leio muito.

Ok, pensei. *Até aqui o placar era zero em coisas em comum.*

— E quanto a sua família?

Eu pude sentir sua blindagem mental se erguendo, como se esse não fosse um assunto seguro.

— Ah... eles são apenas família.

— Você disse que eles não notariam se você fosse embora.

Ela abaixou seu graveto de desenhar.

— Uau, eu estou muito cansada. Eu vou dormir um pouco, tudo bem?

— Ah, claro. Desculpe se eu...

Mas Rachel já estava se aninhando, fazendo de sua mochila seu travesseiro. Ela fechou seus olhos e deitou bem quieta, mas eu tinha a sensação de que ela não estava realmente dormindo.

Poucos minutos depois, Annabeth voltou. Ela jogou mais alguns gravetos na fogueira. Ela olhou para Rachel, e depois para mim.

— Eu fico com a primeira vigia — disse ela. — Você deveria dormir também.

— Você não precisa agir assim.

— Assim como?

— Como... deixa pra lá.

Eu me deitei, sentindo-me miserável. Estava tão cansado que assim que fechei os olhos e peguei no sono.

Em meus sonhos eu ouvia risadas. Frias, ásperas risadas, como facas sendo afiadas.

Eu estava parado na ponta de um penhasco nas profundezas do Tártaro. Abaixo de mim a escuridão fervia como uma sopa de tinta.

— Tão perto da sua destruição, heroizinho — disse a voz de Cronos. — E ainda não consegue ver.

A voz estava diferente de antes. Parecia quase física agora, como se ele estivesse falando de um corpo sólido ao invés de... o que quer que ele fosse na sua condição fatiada.

— Eu tenho muito a agradecer a você — disse Cronos. — Você assegurou minha volta.

As sombras na caverna ficaram mais escuras e pesadas. Eu tentei me afastar da borda do penhasco, mas era como nadar em óleo. O tempo desacelerou. Minha respiração quase parou.

— Um favor — disse Cronos. — O Senhor dos Titãs sempre cumpre seus débitos. Quem sabe uma olhada nos amigos que você abandonou...

A escuridão me envolveu, e eu estava em uma caverna diferente.

— Corra! — disse Tyson.

Ele vinha correndo pela sala. Grover vinha logo atrás dele. Havia um chiado no corredor de onde eles vieram e a cabeça de uma enorme cobra apareceu na caverna. Essa coisa era tão grande que seu corpo mal cabia no túnel. Suas escamas eram cônicas. Sua cabeça era retangular como um diamante e seus olhos amarelos brilhavam de ódio. Quando ela abriu sua boca, suas presas eram tão grandes quanto Tyson.

Ela tentou acertar Grover, mas ele saiu do caminho. A cobra abocanhou um punhado de terra, enchendo a boca. Tyson pegou uma rocha e jogou no monstro, acertando entre seus olhos, mas ela só recuou e sibilou.

— Ela vai comer você! — gritou Grover para Tyson.

— Como você sabe?

— Ela acabou de me dizer! Corra!

Tyson se atirou para um lado, mas a cobra usou sua cabeça como um bastão e o derrubou.

— Não! — gritou Grover.

Mas antes que Tyson pudesse recuperar seu equilíbrio, a cobra o envolveu e começou a apertá-lo.

Tyson resistiu, empurrando com toda a sua imensa força, mas a cobra apertava mais. Grover batia freneticamente com sua flauta na cobra, mas era como bater em uma parede de pedra.

A caverna inteira tremeu quando a cobra flexionou seus músculos, estremecendo para superar a força de Tyson.

Grover começou a tocar sua flauta, e estalactites começaram a cair do teto. A caverna inteira parecia prestes a desmoronar...

Eu acordei com Annabeth balançando meu ombro.

— Percy, acorde!

— Tyson... Tyson está com problemas! — falei. — Temos que ajudá-lo!

— Prioridades primeiro — disse ela. — Terremoto!

Sem dúvida alguma, o quarto estava tremendo.

— Rachel! — gritei.

Seus olhos abriram imediatamente. Ela pegou sua mochila, e nós três corremos. Estávamos quase chegando ao túnel mais distante, quando uma coluna tremeu e caiu. Continuamos correndo enquanto toneladas de mármore despencavam atrás de nós.

Corremos para o corredor e entramos a tempo de ver outras colunas desabarem. Uma nuvem de poeira branca nos rodeou, e continuamos correndo.

— Quer saber? — disse Annabeth. — Eu gosto deste caminho.

Não demorou muito para vermos luz à frente, como uma luz elétrica normal.

— Lá — disse Rachel.

Nós a seguimos por um grande corredor de aço, como eu imaginei que eles tivessem numa estação espacial ou algo assim. Luzes fluorescentes brilhavam no teto. O chão era de um metal retalhado.

Estava tão acostumado com a escuridão que tive que apertar meus olhos. Annabeth e Rachel pareciam pálidas na iluminação ofuscante.

— Por aqui — disse Rachel, começando a correr. — Estamos perto!

— Está errado! — disse Annabeth. — A oficina deveria estar na seção mais antiga do Labirinto. Aqui não pode ser...

Ela hesitou, porque tínhamos chegado a portas duplas de metal. Escrito no aço, no nível dos olhos, havia um Δ grande e azul.

— Chegamos — anunciou Rachel. — A oficina de Dédalo.

Annabeth apertou o símbolo nas portas e elas se abriram com um rangido.

— A arquitetura antiga já era — falei.

Annabeth fez uma careta. Entramos juntos.

A primeira coisa que me atingiu foi a luz do dia, um sol resplandecente atravessava janelas imensas. Não é muito bem o que você espera no coração de uma masmorra. A oficina era como o estúdio de um artista, com nove metros de altura e luzes industriais, chão de pedras polidas e bancadas ao longo das janelas. Uma escada em espiral dava para o segundo andar do apartamento. Meia dúzia de cavaletes mostrava diagramas feitos a mão de prédios e máquinas que pareciam esboços de Leonardo da Vinci. Vários laptops estavam espalhados sobre as mesas. Jarras de vidro com um óleo verde, fogo grego, impregnavam uma prateleira. Entre as invenções também haviam máquinas de metal estranhas que eu não conseguia entender. Uma era uma cadeira de bronze com fios elétricos presos a ela, como algum tipo de dispositivo de tortura. No outro canto havia um enorme ovo de metal, aproximadamente do tamanho de um homem. Tinha um relógio de pêndulo que parecia ser feito totalmente de vidro, assim você podia ver todas as engrenagens funcionando. E pendurados na parede havia vários pares de asas de bronze e prata.

— *Di immortales* — murmurou Annabeth. Ela correu para o cavalete mais próximo e olhou os esboços. — Ele é um gênio. Olhe as curvas deste prédio!

— E um artista — disse Rachel com admiração. — Essas asas são incríveis!

As asas pareciam mais avançadas do que as que eu vira em meus sonhos. As penas eram mais fortemente entrelaçadas. Ao invés dos lacres de cera, faixas autoadesivas desciam dos lados.

Mantive minha mão em Contracorrente. Aparentemente Dédalo não estava em casa, mas a oficina parecia como se tivesse sido usada recentemente. Os laptops

estavam com seus protetores de tela. Um muffin de mirtilo pela metade e uma xícara de café estavam em cima de uma escrivaninha.

Eu fui até a janela. A vista era incrível. Eu reconheci as Montanhas Rochosas à distância. Estávamos alto sobre as colinas, no mínimo uns cento e cinquenta metros e abaixo um vale surgia, coberto por uma porção de planaltos e rochas e agulhas de pedra. Parecia que uma criança enorme estivera construindo uma cidade de brinquedo com blocos do tamanho de arranha-céus, e depois decidiu derrubar com tudo.

— Onde estamos? — perguntei.

— Colorado Springs — disse uma voz atrás de nós. — O Jardim dos Deuses.

Parado na escada em espiral acima de nós, com sua arma desembainhada, estava nosso professor de esgrima desaparecido, Quintus.

— Você — disse Annabeth. — O que você fez com Dédalo?

Quintus sorriu vagamente.

— Acredite em mim, minha querida. Você não vai querer conhecê-lo.

— Olhe aqui, Senhor Traidor — grunhiu Annabeth. — Eu não lutei com uma mulher dragão, um homem com três corpos e uma esfinge psicótica para ver *você*. Agora, onde está DÉDALO?

Quintus desceu as escadas, segurando sua espada de lado. Ele estava vestindo jeans, botas e sua camiseta de conselheiro-chefe do Acampamento Meio-Sangue, o que parecia um insulto agora que sabíamos que ele era um espião. Eu não sabia se eu era capaz de vencê-lo numa luta. Ele era muito bom. Mas achei que deveria tentar.

— Você acha que eu sou um agente de Cronos — disse ele. — E que trabalho pra Luke.

— Dã — disse Annabeth.

— Você é uma garota inteligente — disse ele. — Mas você está errada. Eu trabalho apenas para mim mesmo.

— Luke mencionou você — falei. — Gerião sabia sobre você também. Você esteve em seu rancho.

— Claro — respondeu ele. — Eu já estive em quase todos os lugares. Inclusive aqui.

Ele passou por mim como se eu não representasse perigo algum e parou de frente a janela.

— A vista muda todos os dias — disse ele. — É sempre algum lugar elevado. Ontem foi um arranha-céu com vista para Manhattan. Um dia antes, tinha uma linda visão do Lago Michigan. Mas continua voltando para o Jardim dos Deuses. Acho que o Labirinto gosta daqui. Um nome adequado, suponho.

— Você já esteve aqui antes — falei.

— Ah, sim.

— É uma ilusão lá fora? — perguntei. — Uma projeção ou algo assim?

— Não — murmurou Rachel. — É real. Estamos mesmo no Colorado.

Quintus a estudou.

— Você tem clarividência, não tem? Você me lembra de uma outra garota mortal que eu conheci uma vez. Outra princesa que veio a sofrer.

— Chega de jogos — falei. — O que você fez com Dédalo?

Quintus olhou para mim.

— Meu rapaz, você precisa de aulas de visão com sua amiga. Eu *sou* Dédalo.

Eu poderia ter dado um monte de respostas, de "Eu já sabia" a "MENTIROSO!" ou "É, claro, e eu sou Zeus".

Mas a única coisa que eu consegui pensar em dizer foi:

— Mas você não é um inventor! É um espadachim!

— Sou ambos — disse Quintus. — E um arquiteto. E um estudioso. E também jogo basquete muito bem para um cara que só começou com dois mil anos de idade. Um artista de verdade tem que ser bom em muitas coisas.

— Isso é verdade — disse Rachel. — Como eu que posso pintar com meus pés tão bem quanto com as mãos.

— Viu? — disse Quintus. — Uma garota com vários talentos.

— Mas você não se parece com Dédalo — protestei. — Eu o vi em um sonho e...

De repente um horrível pensamento me atingiu.

— Sim — disse Quintus. — Você finalmente adivinhou a verdade.

— Você é um autômato. Você se fez um novo corpo.

— Percy — disse Annabeth desconfortavelmente — isso não é possível. Aquilo... aquilo não pode ser um autômato.

Quintus riu.

— Você sabe o que Quintus quer dizer, minha querida?

— O quinto, em latim. Mas...

— Este é o meu quinto corpo. — disse o espadachim.

Ele ergueu seu antebraço, pressionou seu cotovelo e parte de seu pulso se abriu com um estalo, um painel retangular surgiu em sua pele. Debaixo dela, engrenagens de bronze zuniam. Fios brilhavam.

— Isso é incrível! — disse Rachel.

— Isso é estranho — falei.

— Você achou um jeito de transferir seu *animus* para uma máquina? — disse Annabeth. — Isso... não é natural.

— Ah, eu asseguro a você, minha querida, ainda sou eu. Ainda sou o Dédalo. Nossa mãe, Atena, faz questão de que eu nunca me esqueça disso.

Ele puxou a gola da sua camiseta. Na base de seu pescoço havia a marca que eu já tinha visto antes, o desenho de um pássaro negro tatuado em sua pele.

— A marca do assassino — disse Annabeth.

— Por seu sobrinho, Perdiz — falei. — O garoto que você empurrou da torre.

O rosto de Quintus escureceu.

— Eu não o empurrei. Eu só...

— Fez com que ele perdesse o equilíbrio — falei. — Você o deixou morrer.

Quintus contemplou as montanhas púrpuras pela janela.

— Eu me arrependo do que eu fiz, Percy. Eu estava com raiva e amargo. Mas eu não posso desfazer isso e Atena nunca me deixa esquecer. Assim que Perdiz morreu, ela o transformou em um pequeno pássaro, uma perdiz. Ela tatuou o formato do pássaro no meu pescoço como um lembrete. Não importa qual corpo eu uso, a marca surge em minha pele.

Eu olhei para seus olhos, e percebi que ele era o mesmo homem que eu vira em meus sonhos. Seu rosto estava completamente diferente, mas a mesma alma estava lá – a mesma inteligência e toda a tristeza.

— Você é mesmo Dédalo — decidi. — Mas por que você foi para o acampamento? Por que nos espionar?

— Para ver se o seu acampamento valia a pena ser salvo. Luke me contou uma versão da história. Preferi tirar minhas próprias conclusões.

— Então você *conversou* com Luke.

— Ah, sim. Várias vezes. Ele é bastante persuasivo.

— Mas agora você viu o acampamento! — disse Annabeth. — E você sabe que nós precisamos da sua ajuda. Você não pode deixar Luke navegar pelo Labirinto!

Dédalo apoiou sua espada sobre a bancada.

— O Labirinto não está mais sob o meu controle, Annabeth. Sim eu o criei. Na verdade, ele está ligado à minha força vital. Mas eu permiti que ele vivesse e crescesse por si mesmo. Esse é o preço que pago por privacidade.

— Privacidade de quê?

— Dos deuses — disse ele. — E da morte. Eu tenho vivido por dois milênios, minha querida, me escondendo da morte.

— Mas como você consegue se esconder de Hades? — perguntei. — Quero dizer... Hades tem as Fúrias.

— Elas não sabem tudo — disse ele. — Ou veem tudo. Você as enfrentou, Percy. Você sabe que é verdade. Um homem esperto pode se esconder por muito tempo e eu me escondi muito bem. Só o meu maior inimigo ainda me persegue e mesmo ele eu impedi.

— Você quer dizer Minos — falei.

Dédalo assentiu.

— Ele me caçou incansavelmente. Agora que ele é um juiz dos mortos, ele adoraria mais do que tudo ter a mim na sua frente, para poder me punir por meus crimes. Depois que as filhas de Cócalo o mataram, o fantasma de Minos começou a me torturar em meus sonhos. Ele prometeu que me caçaria. Fiz a única coisa que podia. Eu me retirei do mundo completamente. Eu desci para o meu Labirinto. Eu decidi que essa seria minha última realização: eu enganaria a morte.

— E você enganou — disse Annabeth, maravilhada — por dois mil anos.

Ela parecia meio impressionada, apesar das coisas horríveis que Dédalo tinha feito.

Foi aí que um latido alto ecoou do corredor. Eu ouvia os *ba-BUMP, ba-BUMP, ba-BUMP* de grandes patas, e a Sra. O'Leary entrou na oficina. Ela lambeu meu rosto uma vez, e depois quase nocauteou Dédalo com um salto entusiasmado.

— Aí está minha velha amiga! — disse Dédalo, acariciando a Sra. O'Leary atrás das orelhas. — Minha única companhia por esses longos e solitários anos.

— Você a deixou me salvar — falei. — Aquele apito realmente funcionou.

Dédalo assentiu.

— Claro que funcionou, Percy. Você tem um bom coração. E eu sabia que a Sra. O'Leary gostava de você. Eu queria te ajudar. Talvez eu... eu também me sentisse culpado.

— Culpado pelo quê?

— Essa sua missão foi em vão.

— O quê? — disse Annabeth. — Mas você ainda pode nos ajudar. Você tem que nos ajudar! Dê para nós o Fio de Ariadne, então Luke não o pegará.

— Sim... o fio. Eu disse ao Luke que os olhos de uma mortal vidente são os melhores guias, mas ele não acreditou em mim. Ele estava tão focado na ideia de um item mágico. E o fio funciona. Talvez não seja tão preciso quanto a sua amiga. Mas é bom o suficiente.

— Onde ele está? — disse Annabeth.

— Com Luke — disse Dédalo tristemente. — Me desculpe, minha querida. Mas vocês estão atrasados várias horas.

Com um calafrio percebi que Luke estava de muito bom humor na arena. Ele já havia pegado o fio com Dédalo. Seu único obstáculo fora a arena principal e eu tinha dado conta dele por ele matando Anteu.

— Cronos me prometeu liberdade — disse Quintus. — Quando Hades for derrubado, ele me entregaria o Mundo Inferior. Eu reclamarei meu filho Ícaro. Eu consertarei as coisas com o pobre jovem Perdiz. Eu verei a alma de Minos atirada no Tártaro, onde não poderá mais me incomodar. E eu não terei mais que fugir da morte.

— Essa é sua ideia brilhante? — gritou Annabeth. — Você deixará Luke destruir o acampamento, matar centenas de semideuses e depois atacar o Olimpo? Você derrubará o mundo todo só pra conseguir o que quer?

— Sua causa está perdida, minha querida. Eu vi isso assim que comecei a trabalhar no seu acampamento. Não tem como você deter a força de Cronos.

— Isso não é verdade! — disse Annabeth, chorando.

— Estou fazendo o que devo fazer, minha querida. A oferta era muito boa para recusar. Me desculpe.

Annabeth empurrou um dos cavaletes. Desenhos arquitetônicos se espalharam pelo chão.

— Eu costumava admirar você. Você era o meu herói! Você... você construiu coisas incríveis. Você resolveu problemas. Agora... eu não sei o que você é. Filhos de

Atena deveriam ser *sensatos*, não somente inteligentes. Talvez você *seja* só uma máquina. Você deveria ter morrido há dois mil anos atrás.

Ao invés de se irritar, Dédalo inclinou sua cabeça.

— Você deveria avisar seu acampamento. Agora que Luke tem o fio...

De repente a Sra. O'Leary ergueu suas orelhas.

— Tem alguém vindo! — avisou Rachel.

As portas da oficina foram abertas, e Nico foi jogado para frente, com suas mãos acorrentadas. Então Kelli e dois lestrigões marcharam logo atrás dele, seguidos pelo fantasma de Minos. Ele parecia quase sólido agora, um pálido rei barbado com olhos frios e filamentos de névoa em volta de suas roupas.

Ele fixou seu olhar em Dédalo.

— Aí está você, meu velho amigo.

Dédalo cerrou a mandíbula. Ele olhou para Kelli.

— O que significa isso?

— Luke mandou seus cumprimentos — disse Kelli. — Ele achou que você gostaria de ver seu antigo empregador Minos.

— Isto não fazia parte do nosso acordo — disse Dédalo.

— Isso não importa — disse Kelli. — Mas nós já conseguimos o que queríamos de você e agora temos outros acordos para honrar. Minos pediu algo mais de nós, em troca de entregar este jovem semideus. — Ela correu um dedo sob o queixo de Nico. — Ele será bem útil. E tudo o que Minos pediu em troca foi a sua cabeça, velho.

Dédalo empalideceu.

— Traição.

— Acostume-se com isso — disse Kelli.

— Nico — falei. — Você está bem?

Nico assentiu sombriamente.

— Eu... eu sinto muito, Percy. Minos me disse que você estava em perigo. Ele me convenceu a voltar para o Labirinto.

— Você estava tentando nos *ajudar?*

— Eu fui enganado — disse ele. — Ele enganou a todos nós.

Eu olhei para Kelli.

— Cadê o Luke? Por que ele não está aqui?

A demônio sorriu para mim como se estivesse dividindo uma piada particular.

— Luke está... ocupado. Está se preparando para o ataque. Mas não se preocupe. Temos mais amigos a caminho. E enquanto isso, acho que terei um lanche maravilhoso!

Suas mãos se tornaram garras. Seu cabelo ficou em chamas e suas pernas transformaram-se na sua forma real, uma perna de burro e outra de bronze.

— Percy — sussurrou Rachel — as asas. Você acha que...

— Pegue-as — falei. — Tentarei te arrumar um tempo.

E com isso, o inferno veio à tona. Annabeth e eu atacamos Kelli. Os gigantes foram direto na direção de Dédalo, mas a Sra. O'Leary pulou para defendê-lo.

Nico foi empurrado para o chão e lutou com suas correntes enquanto o espírito de Minos se lamentava.

— Mate o inventor! Mate-o!

Rachel pegou as asas da parede. Ninguém prestou qualquer atenção nela. Kelli golpeou Annabeth. Eu tentei alcançá-la, mas o demônio era rápido e mortal. Ela derrubou mesas, quebrou invenções e não nos deixava nos aproximar. Pelo canto do olho, eu vi a Sra. O'Leary cravar suas presas no braço de um gigante. Ele gritou de dor e a girou, tentando sacudi-la. Dédalo pegou sua espada, mas o segundo gigante esmagou a escrivaninha com um soco e a espada saiu voando. Uma jarra de fogo grego caiu no chão, chamas verdes se espalharam rapidamente.

— Venham até mim! — gritou Minos. — Espíritos da morte! — Ele ergueu suas mãos fantasmagóricas e o ar começou a zunir.

— Não! — gritou Nico.

Ele estava em pé agora. Ele de algum jeito conseguiu retirar suas algemas.

— Você não me controla, jovem tolo — disse Minos. — Eu tenho controlado você por todo este tempo! Uma alma por outra alma. Mas não será sua irmã que voltará dos mortos. Serei eu, assim que eu matar o inventor!

Espíritos começaram a aparecer ao redor de Minos, formas tremulantes que lentamente se multiplicaram, solidificando-se em soldados de Creta.

— Eu sou o filho de Hades — insistiu Nico. — Vá embora!

Minos riu.

— Você não tem nenhum poder sobre mim. Eu sou o senhor dos espíritos! O rei espectral!

— Não. — Nico sacou sua espada. — *Eu* sou.

Ele cravou sua lâmina negra no chão, e ela deslizou pela rocha como manteiga.

— Nunca! — Minos começou a sumir. — Eu não vou...

O chão tremeu. As janelas bateram e se partiram em pedaços, deixando uma explosão de ar fresco. Uma fissura se abriu no chão da oficina, e Minos e todos os seus espíritos foram sugados para o vácuo com um lamento horrível.

As más notícias: a luta continuava ao nosso redor, e eu me deixei distrair. Kelli me atacou tão rápido que não tive tempo de me defender. Minha espada escorregou para longe e eu bati minha cabeça com força em uma bancada quando caí. Minha visão embaçou. Eu não conseguia levantar os braços.

Kelli gargalhou.

— Seu gosto deve ser incrível!

Ela mostrou suas presas. Então de repente seu corpo enrijeceu. Ela arregalou seus olhos vermelhos. Ela ofegou.

— Nenhum... Espírito... Esportivo...

Annabeth tirou sua faca das costas da *empusa*. Com um grito horrível, Kelli se dissolveu em vapor dourado.

Annabeth me ajudou a levantar. Ainda me sentia tonto, mas não tínhamos tempo a perder. A Sra. O'Leary e Dédalo ainda estavam lutando com os gigantes, e eu podia ouvir gritos nos túneis. Mais monstros estavam chegando na oficina.

— Temos que ajudar Dédalo! — falei.

— Não temos tempo — disse Rachel. — Muitos estão vindo!

Ela já tinha ajustado as asas em si mesma e estava fazendo o mesmo com Nico, que parecia pálido e suado por causa de sua luta com Minos. As asas se prenderam imediatamente às suas costas e braços.

— Agora você! — disse ela para mim.

Em segundos, Rachel, Annabeth, Nico e eu tínhamos ajustado em nós asas acobreadas. Eu já podia sentir meu corpo sendo levado pelo vento através das janelas. O Fogo Grego estava queimando as mesas e os móveis, subindo pela escada em espiral.

— Dédalo! — gritei. — Venha!

Ele estava ferido em centenas de lugares, mas ele estava sangrando óleo dourado ao invés de sangue. Ele tinha encontrado sua espada e estava usando parte de uma mesa esmagada como escudo contra os gigantes.

— Eu não vou deixar a Sra. O'Leary! — disse ele. — Vão!

Não havia tempo para discutir. Mesmo que ficássemos, eu não tinha certeza se poderíamos ajudar.

— Nenhum de nós sabe como voar! — protestou Nico.

— Ótima hora para se aprender — falei.

Juntos, nós quatro pulamos pela janela direto para o céu aberto.

DEZESSEIS

EU ABRO UM CAIXÃO

Pular de uma janela a mais de trinta metros acima do chão normalmente não é minha ideia de diversão. Especialmente quando estou usando asas de bronze e batendo meus braços como um pato.

Eu mergulhei em direção ao vale e às pedras vermelhas abaixo. Eu tinha certeza que iria virar uma mancha de graxa no Jardim dos Deuses, quando Annabeth gritou de algum lugar acima de mim:

— Estique seus braços! Mantenha-os estendidos.

A pequena parte do meu cérebro que não estava engolida pelo pânico a escutou e meus braços responderam. Assim que eu os estiquei, as asas endureceram, pegaram o vento, e minha descida desacelerou. Eu planei para baixo, mas num ângulo controlado, como uma pipa mergulhando.

Experimentalmente, bati minhas asas uma vez. Fiz arcos no céu, o vento assoviando no meu ouvido.

— Uhuuuuuu! — gritei.

A sensação era inacreditável. Depois de pegar o jeito delas, eu senti como se as asas fossem parte do meu corpo. Eu podia planar, girar e mergulhar do jeito que eu quisesse.

Eu virei e vi meus amigos – Rachel, Annabeth e Nico – espiralando acima de mim, brilhando na luz do sol. Atrás deles, a fumaça ondeava pela janela da oficina de Dédalo.

— Aterrissem! — gritou Annabeth. — Essas asas não vão durar para sempre.

— Quanto tempo? — perguntou Rachel.

— Eu não quero descobrir! — disse Annabeth.

Nós planamos para baixo em direção ao Jardim dos Deuses. Eu fiz um círculo completo em volta de uma das agulhas rochosas e assustei um casal de alpinistas. Então nós quatro planamos ao longo do vale, sobre a estrada, e aterrissamos sobre o terraço do centro de visitantes. Estava no fim da tarde, e o lugar parecia bem vazio, mas nós desatamos nossas asas o mais rápido que pudemos. Olhando para elas pude ver que Annabeth estava certa. As faixas autoadesivas que prendiam as asas nas nossas costas já estavam derretendo, e nós estávamos perdendo penas de bronze. Parecia um desperdício, mas não podíamos consertá-las e não podíamos deixá-la por ali perto dos mortais, então nós enfiamos as asas nos cestos de lixo fora da cafeteria.

Eu usei o binóculo de turista para olhar para a colina onde a oficina de Dédalo estivera, mas ela tinha desaparecido. Sem mais fumaça. Sem janelas quebradas. Apenas um lado de uma colina.

— A oficina mudou de lugar — disse Annabeth. — E não temos como saber pra onde.

— Então, o que vamos fazer agora? — perguntei. — Como voltamos para o Labirinto?

Annabeth olhou fixamente para o Pico Pikes à distância.

— Talvez não possamos. Se Dédalo morreu... ele disse que sua força vital estava ligada ao Labirinto. A coisa toda pode ter sido destruída. Talvez isso pare a invasão de Luke.

Eu pensei em Grover e Tyson, ainda lá em baixo em algum lugar. E Dédalo... mesmo ele tendo feito algumas coisas terríveis e colocado todo mundo que eu gosto em risco, parecia uma terrível maneira de morrer.

— Não — disse Nico. — Ele não morreu.

— Como você pode ter certeza? — perguntei.

— Eu *sei* quando as pessoas morrem. É uma sensação que tenho, como um zumbido no meu ouvido.

— E quanto a Tyson e Grover?

Nico balançou a cabeça.

— Isso é mais difícil. Eles não são humanos ou meio-sangues. Eles não têm almas mortais.

— Nós temos que ir para a cidade — decidiu Annabeth. — Nossas chances de encontrar uma entrada para o Labirinto serão maiores. Temos que voltar para o acampamento antes de Luke e seu exército.

— Nós poderíamos apenas pegar um avião — disse Rachel.

Estremeci.

— Eu não voo.

— Mas você acabou de voar.

— Aquilo foi um voo baixo — falei — e mesmo assim foi arriscado. Voar realmente alto, esse é o território de Zeus. Eu não posso fazer isso. Além disso, nós não temos tempo para um voo. O Labirinto é o jeito mais rápido de voltar.

Eu não queria dizer, mas eu estava esperando que talvez, apenas talvez, nos encontrássemos Grover e Tyson ao longo do caminho.

— Então nós precisamos de um carro para nos levar de volta a cidade — disse Annabeth.

Rachel olhou para o estacionamento. Fez uma careta, como se ela estivesse a ponto de fazer algo de que se arrependeria.

— Eu vou cuidar disso.

— Como? — perguntou Annabeth.

— Apenas confie em mim.

Annabeth parecia inquieta, mas assentiu.

— Ok, eu vou comprar um prisma na loja de presente, tentar fazer um arco-íris, e enviar uma mensagem de Íris para o acampamento.

— Eu vou com você — disse Nico. — Estou faminto.

— Eu vou ficar com Rachel então — falei. — Encontro vocês no estacionamento.

Rachel franziu as sobrancelhas como se não me quisesse com ela. Isso me fez sentir um pouco mal, mas eu a segui para o estacionamento mesmo assim.

Ela se dirigiu para um carro preto grande estacionado no canto do estacionamento. Era um Lexus com motorista, como o tipo que eu sempre via andando ao redor de Manhattan. O motorista estava na frente, lendo um jornal. Ele usava um terno preto e gravata.

— O que você vai fazer? — perguntei a Rachel.

— Apenas espere aqui — disse ela miseravelmente. — Por favor.

Rachel marchou direto para o motorista e falou com ele. Ele franziu a testa. Rachel disse mais alguma coisa. Ele ficou pálido e apressadamente dobrou seu jornal. Ele assentiu e procurou por seu celular. Depois de uma breve chamada, ele abriu a porta traseira do carro para Rachel entrar. Ela apontou na minha direção, e o

motorista balançou sua cabeça um pouco mais, como *Sim, senhorita. Qualquer coisa que quiser.*

Eu não podia imaginar porque ele estava agindo tão perturbado.

Rachel voltou para me pegar bem quando Annabeth e Nico apareceram de volta da loja de presentes.

— Eu falei com Quíron — disse Annabeth. — Eles estão fazendo o seu melhor para se preparar para a batalha, mas ele ainda nos quer de volta. Eles vão precisar de todos os heróis que possam ter. Nós encontramos uma carona?

— O motorista estará pronto quando nós estivermos — disse Rachel.

O motorista estava agora falando com outro cara em calça caqui e camisa polo, provavelmente o cliente que tinha alugado o carro. O cliente estava reclamando, mas eu podia ouvir o motorista dizer:

— Sinto muito, senhor. Emergência. Eu requisitei outro carro para o senhor.

— Vamos — disse Rachel.

Ela nos conduziu para o carro e entrou sem nem mesmo olhar o homem perturbado que o alugara. Um minuto depois nós estávamos cruzando a estrada. Os assentos eram de couro. Tinham espaço de sobra para as pernas. O banco traseiro tinha TVs de tela plana acopladas ao encosto de cabeça e um frigobar, estocado com garrafas de água, refrigerantes e lanches. Nós começamos a escolher.

— Para onde, senhorita Dare? — perguntou o motorista.

— Não tenho certeza ainda, Robert — disse ela. — Nós só precisamos dirigir pela cidade e, hã, olhar ao redor.

— Qualquer coisa que você disser, senhorita.

Eu olhei para Rachel.

— Você conhece esse cara?

— Não.

— Mas ele largou tudo para ajudá-la. Por quê?

— Apenas mantenha seus olhos abertos — disse ela. — Me ajude a olhar.

Isso não respondeu exatamente a minha pergunta.

Nós dirigimos através do Colorado Springs por uma meia hora e não vimos nada que Rachel considerasse uma possível entrada do Labirinto. Eu estava muito ciente do ombro de Rachel pressionado contra o meu. Eu continuei me perguntando quem ela era exatamente, e como ela podia ir até um chofer ao acaso e imediatamente conseguir uma carona.

Após aproximadamente uma hora nós decidimos dirigir para o norte através de Denver, pensando que talvez uma cidade maior tivesse mais chance de ter uma entrada do Labirinto, mas estávamos todos ficando nervosos. Estávamos perdendo tempo.

Então, bem quando estávamos saindo do Colorado Springs, Rachel deu um pulo.

— Saia da estrada!

O motorista olhou de relance para trás.

— Senhorita?

— Eu acho que vi algo. Saia daqui.

O motorista desviou pelo trânsito e pegou a saída.

— O que você viu? — perguntei.

Estávamos bem fora da cidade agora. Não havia nada ao redor exceto colinas, pastagens, e algumas propriedades agrícolas dispersas.

Rachel disse para o motorista virar nesta estrada de terra pouco promissora. Nós passamos por uma placa rápido demais para que eu conseguisse ler, mas Rachel disse:

— Museu Ocidental de Mineração & Indústria.

Para um museu, aquilo não parecia grande coisa, era uma pequena casa como uma antiga estação rodoviária, com algumas brocas, bombas e pás velhas em exposição do lado de fora.

— Lá. — Rachel apontou para um buraco ao lado de uma colina próxima, um túnel tapado e com correntes. — Uma antiga entrada de mina.

— Uma entrada para o Labirinto? — perguntou Annabeth. — Como você pode ter certeza?

— Bem, olhe para isso! — disse Rachel. — Quero dizer... *eu* posso ver que é, ok?

Ela agradeceu ao motorista e nós todos saímos. Ele não pediu por dinheiro nem nada.

— Você tem certeza que ficará bem, senhorita Dare? Eu ficaria feliz em ligar para o seu...

— Não! — disse Rachel. — Não, sério. Obrigada, Robert. Mas nós estamos bem.

O museu parecia estar fechado, então ninguém nos incomodou enquanto nós escalávamos a colina até o eixo da mina. Quando nós chegamos à entrada, eu vi a marca de Dédalo gravada no cadeado, mas como Rachel pode ter visto algo tão minúsculo lá da estrada, eu não fazia ideia. Eu toquei o cadeado e as correntes caíram. Nós chutamos algumas tábuas e entramos. Para melhor ou pior, nós estávamos de volta ao Labirinto.

Os túneis de terra viraram pedra. Eles fizeram curva e se bifurcaram, basicamente tentando nos confundir, mas Rachel não tinha problema em nos guiar. Nós falamos pra ela que precisávamos voltar para Nova York, e ela sequer parou quando os túneis ofereceram escolha.

Para minha surpresa, Annabeth e Rachel começaram uma conversa enquanto andávamos. Annabeth perguntou a ela mais sobre sua vida, mas Rachel foi evasiva, então elas começaram a conversar sobre arquitetura. Acontece que Rachel sabia alguma coisa sobre isso por estudar artes. Elas falaram sobre diferentes tipos de fachadas em edifícios de Nova York: "Você viu esse," e blá, blá, blá, então eu fui para trás e andei ao lado de Nico em um silêncio desconfortável.

— Obrigado por vir atrás de nós — falei para ele enfim.

Os olhos de Nico se estreitaram. Ele não pareceu irritado como ele costumava, apenas desconfiado, cuidadoso.

— Eu devia a você pelo rancho, Percy. Além do que... eu queria ver Dédalo por mim mesmo. Minos estava certo por um lado. Dédalo *devia* morrer. Ninguém deveria ser capaz de evitar a morte por tanto tempo. Não é natural.

— Era disso que você estava atrás o tempo todo — falei. — Negociar a alma de Dédalo pela da sua irmã.

Nico andou mais uns cinquenta metros antes de responder.

— Não tem sido fácil. Tendo apenas os mortos como companhia. Saber que eu nunca serei aceito pelos vivos. Apenas os mortos me respeitam e eles só fazem isso por medo.

— Você poderia ser aceito — falei. — Você poderia ter amigos no acampamento.

Ele me olhou.

— Você realmente acredita nisso, Percy?

Eu não respondi. A verdade era que eu não sabia. Nico sempre foi um pouco diferente, mas desde a morte de Bianca, ele se tornou quase... assustador. Ele tinha os olhos de seu pai, aquele fogo intenso e maníaco que fazia você suspeitar que ele era um gênio ou um louco. E o jeito como ele banira Minos, e chamara a *si mesmo* de rei dos fantasmas, foi meio que impressionante, mas também me deixou desconfortável.

Antes que eu pudesse imaginar o que falar pra ele, eu esbarrei com Rachel, que tinha parado na minha frente. Nós tínhamos chegado a uma encruzilhada. O túnel continuava a frente, mas tinha um túnel lateral virando para a direita, um eixo circular esculpido em rocha vulcânica.

— O que é isso? — perguntei.

Rachel olhou fixamente para o túnel escuro abaixo. No opaco feixe da lanterna, seu rosto parecia com o de um dos espectros de Nico.

— É esse o caminho? — perguntou Annabeth.

— Não — disse Rachel nervosamente. — Nem um pouco.

— Por que nós paramos então? — perguntei.

— Escutem — disse Nico.

Eu ouvi o vento vindo pelo túnel, como se a saída estivesse próxima. E eu senti um cheiro de algo vagamente familiar, algo que me trouxe más lembranças.

— Eucaliptos — falei. — Como na Califórnia.

No último inverno, quando enfrentamos Luke e o titã Atlas no topo do Monte Tamalpais, o ar tinha esse cheiro.

— Tem algo mau nesse túnel — disse Rachel. — Algo muito poderoso.

— E o cheiro da morte — adicionou Nico.

Isso me fez sentir *bem* melhor.

Annabeth e eu trocamos olhares.

— A entrada de Luke — disse ela. — Para o Monte Ótris... o palácio dos titãs.

— Eu tenho que conferir — falei.

— Percy, não.

— Luke pode estar bem ali — falei. — Ou... ou Cronos. Eu tenho que descobrir o que está acontecendo.

Annabeth hesitou.

— Então nós todos iremos.

— Não — falei. — É muito perigoso. Se eles descobrirem sobre Nico, ou Rachel, seria um problema. Cronos poderia usá-los. Você fica aqui e cuida deles.

O que eu não disse: eu também estava preocupado com Annabeth. Eu não confiava no que ela faria se visse Luke de novo. Ele já a enganara e manipulara vezes demais.

— Percy, não — disse Rachel. — Não vá lá sozinho.

— Serei rápido — prometi. — Não farei nada estúpido.

Annabeth tirou seu boné dos Yankees do seu bolso.

— Pelo menos leve isto. E tenha cuidado.

— Obrigado.

Eu me lembrei da última vez que Annabeth e eu nos separamos, quando ela me dera um beijo de boa sorte no Monte Santa Helena. Desta vez, tudo o que eu ganhei foi o boné.

Eu o coloquei.

— Aqui vou eu.

Me esgueirei pelo escuro túnel de pedra.

Antes mesmo de chegar à saída escutei vozes: o rosnado, o som de latidos dos demônios aquáticos, os telquines.

— Pelo menos nós recuperamos a lâmina — disse um. — O mestre ainda irá nos recompensar.

— Sim! Sim! — gritou o segundo. — Recompensas inimagináveis!

— Hã, sim, bem, isso é ótimo. Agora se vocês já terminaram comigo... — disse uma voz humana.

— Não, meio-sangue! — disse o telquine. — Você deve nos ajudar a fazer a apresentação. É uma grande honra!

— Nossa, obrigado — disse o meio-sangue.

Eu percebi que era Ethan Nakamura, o garoto que fugira depois de eu ter salvado sua vida patética na arena.

Eu aproximei do fim do túnel. Eu tinha que lembrar a mim mesmo que estava invisível. Eles não deviam ser capazes de me ver.

Uma corrente de ar frio me atingiu quando emergi. Eu estava parado próximo ao topo do Monte Tam. O Oceano Pacífico se espalhava abaixo, de uma cor cinza sob um céu nebuloso. Aproximadamente seis metros colina abaixo, dois telquines

estavam colocando algo sobre uma grande rocha, algo longo e fino embrulhado em um pano preto. Ethan os ajudava a abrir.

— Cuidado, tolo — repreendeu o telquine. — Um toque e a lâmina vai separar sua alma do seu corpo.

Ethan engoliu em seco nervosamente.

— Então talvez eu deixe você desembrulhar isso.

Eu olhei de relance para o pico de montanha, onde uma fortaleza de mármore preto situava-se, justamente como eu vira em meus sonhos. Ela me lembrava um mausoléu gigante, com paredes com mais de quinze metros de altura. Eu não tinha ideia de como os mortais não percebiam que ela estava aqui. Mas por outro lado, tudo abaixo do cume parecia distorcido pra mim, como se houvesse um véu grosso entre mim e a metade de baixo da montanha. Havia mágica acontecendo aqui, Névoa realmente poderosa. Acima de mim, o céu rodopiava em uma nuvem enorme em forma de funil. Eu não podia ver Atlas, mas eu podia ouvi-lo gemer na distância, ainda lutando sob o peso do céu, pouco além da fortaleza.

— Pronto! — disse o telquine.

Reverentemente, ele ergueu a arma, e meu sangue virou gelo.

Era uma foice, uma lâmina de dois metros de comprimento curva como uma lua crescente, com um punho de madeira envolvido em couro. A lâmina tremeluzia em duas cores diferentes, aço e bronze. Era a arma de Cronos, a que ele usara para fatiar seu pai, Urano, antes dos deuses a tirarem dele e cortarem *Cronos* em pedaços, atirando-o no Tártaro. Agora a arma tinha sido forjada novamente.

— Nós devemos consagrá-la em sangue — disse o telquine. — Então você, meio-sangue, ajudará a apresentá-la quando nosso senhor acordar.

Eu corri para a fortaleza, minha pulsação martelava nas minhas orelhas. Eu não queria chegar em qualquer lugar perto daquele horrível mausoléu preto, mas eu sabia o que eu tinha que fazer. Eu tinha que impedir Cronos de se erguer. Essa poderia ser minha única chance.

Eu corri por um pátio escuro para dentro do salão principal. O piso brilhava como um mogno suave, preto puro e mesmo assim cheio de luz. Estátuas de mármore pretas se alinhavam na parede. Eu não reconheci os rostos, mas eu sabia que estava olhando para as imagens dos titãs que comandaram antes dos deuses. No final da sala, entre dois braseiros de bronze, havia um estrado. E sobre o estrado, o sarcófago dourado.

O cômodo estava silencioso exceto pelo crepitar do fogo. Luke não estava aqui. Nenhum guarda. Nada.

Estava muito fácil, mas eu me aproximei do estrado.

O sarcófago era exatamente como eu me lembrava, com mais ou menos três metros de comprimento, muito grande para um humano. Fora esculpido com cenas elaboradas de morte e destruição, retratos dos deuses sendo atropelados por bigas, templos e os famosos pontos de referência do mundo sendo esmagados e queimados. O caixão inteiro emanava uma áurea extremamente fria, como se eu estivesse andando dentro de um freezer. Minha respiração começou a fumegar.

Eu saquei Contracorrente e senti conforto com o peso familiar da espada em minha mão.

Todas as vezes em que eu me aproximara de Cronos antes, sua voz maligna havia falado em minha mente. Por que ele estava silencioso agora? Ele tinha sido retalhado em mil pedaços, cortado com sua própria foice. O que eu encontraria se abrisse essa tampa? Como eles podiam fazer um corpo novo para ele?

Eu não tinha respostas. Eu apenas sabia que, se ele estava a ponto de se erguer, eu tinha que atacá-lo antes que ele pegasse sua foice. Eu tinha que pensar numa maneira de impedi-lo.

Eu parei ao lado do caixão. A tampa era decorada mais minuciosamente do que as laterais, com cenas de carnificina e poder. No meio estava uma inscrição entalhada em letras mais antigas que o grego, uma língua de magia. Eu não pude ler exatamente o que tinha escrito, mas eu sabia o que era: CRONOS, O SENHOR DO TEMPO.

Minha mão tocou a tampa. As pontas dos meus dedos ficaram azuis. Gelo envolveu a minha espada.

Então eu ouvi barulhos atrás de mim, vozes se aproximando. Era agora ou nunca. Eu empurrei a tampa dourada e ela caiu no chão com um enorme *WHOOOOM!*

Ergui minha espada, pronto para golpear. Mas quando eu olhei para dentro, não compreendi o que eu estava vendo. Pernas mortais, vestidas em uma calça cinza. Uma camiseta branca, mãos dobradas sobre seu estômago. Faltava um pedaço do seu peito, um buraco completamente negro do tamanho de uma ferida de bala, bem onde seu coração devia estar. Seus olhos estavam fechados. Sua pele estava pálida. Cabelo louro... e uma cicatriz que atravessava o lado esquerdo de seu rosto.

O corpo no caixão era o de Luke.

Eu devia tê-lo apunhalado bem ali. Eu devia ter baixado a ponta de Contracorrente com toda minha força.

Mas eu estava muito chocado. Eu não entendia. Por mais que eu odiasse Luke, por mais que ele tivesse me traído, eu não entendia porque ele estava no sarcófago e porque ele parecia muito, muito morto.

Então as vozes dos telquines soaram bem atrás de mim.

— O que aconteceu? — gritou um dos demônios quando viu a tampa.

Eu tropecei para longe do estrado, esquecendo que estava invisível e me escondi atrás de uma coluna quando eles se aproximaram.

— Cuidado! — o outro demônio advertiu. — Talvez ele se mexa. Nós devemos apresentar os presentes agora. Imediatamente!

Os dois telquines se arrastaram para frente e se ajoelharam, levantando a foice em seu embrulho.

— Meu senhor — disse um. — Seu símbolo de poder foi refeito.

Silêncio. Nada aconteceu no caixão.

— Seu idiota — murmurou o outro telquine. — Ele exige o meio-sangue primeiro.

Ethan deu um passo pra trás.

— Espera, o que vocês querem dizer com ele me exige?

— Não seja um covarde! — disse o primeiro telquine. — Ele não exige a sua morte. Apenas sua submissão. Prometa a ele o seu serviço. Renuncie aos deuses. Isso é tudo.

— Não! — gritei. Isso era uma coisa estúpida de se fazer, mas eu entrei no cômodo e tirei o boné. — Ethan, não!

— Invasor! — Os telquines revelaram seus dentes de foca. — O mestre irá lidar com você logo. Depressa, menino!

— Ethan — pedi — não os escute. Me ajude a destruí-lo.

Ethan se virou para mim, seu tapa-olho se misturava com as sombras em seu rosto. Sua expressão era algo como piedade.

— Eu disse para não me poupar, Percy. "Olho por olho", você já ouviu esse ditado? Eu aprendi do jeito difícil o que isso quer dizer... quando eu descobri meu parente divino. Eu sou filho de Nêmesis, a deusa da vingança. E foi para isso que eu nasci.

Ele se virou para o estrado.

— Eu renuncio aos deuses! O que eles já fizeram por mim? Eu os verei serem destruídos. Eu servirei Cronos.

O prédio tremeu. Uma faixa de luz azul surgiu do piso aos pés de Ethan Nakamura. Ela vagou para o caixão e começou a tremeluzir, como uma nuvem de energia pura. Então ele desceu até o sarcófago.

Luke se sentou reto. Seus olhos se abriram e eles não eram mais azuis. Eram dourados, da mesma cor que o caixão. O furo em seu peito não estava mais lá. Ele estava completo. Ele pulou para fora do caixão facilmente e onde seus pés tocaram o chão, o mármore congelou como crateras de gelo.

Ele olhou para Ethan e os telquines com aqueles horríveis olhos dourados, como se ele fosse um bebê recém-nascido, incerto do que via. Então olhou para mim e um sorriso de reconhecimento se espalhou pela sua boca.

— Esse corpo foi bem preparado.

Sua voz era como uma navalha passando sobre minha pele. Era Luke, mas não Luke. Debaixo de sua voz estava um outro som mais horrível, um som antigo e frio como metal raspando contra rocha.

— Você não acha, Percy Jackson?

Eu não podia me mover. Eu não podia responder.

Cronos jogou sua cabeça para trás e gargalhou. A cicatriz em seu rosto ondulou.

— Luke o temia — disse o titã. — Seu orgulho e ódio foram ferramentas poderosas. Mantiveram-no obediente. Eu lhe agradeço por isso.

Ethan desmoronou aterrorizado. Ele cobriu seu rosto com as mãos. Os telquines tremeram, levantando a foice.

Finalmente eu encontrei coragem. Eu investi contra a coisa que costumava ser Luke, mirando minha lâmina direto em seu peito, mas sua pele desviou o golpe como se fosse feita de aço puro. Ele me olhou com divertimento. Então ele agitou sua mão, e eu voei através do cômodo, batendo de encontro a uma coluna.

Eu me esforcei para ficar em pé, piscando as estrelas para fora dos meus olhos, mas Cronos já tinha agarrado o punho da sua foice.

— Ah... muito melhor — disse ele. — Mordecostas, foi como Luke a chamou. Um nome apropriado. Agora que ela foi forjada novamente, ela de fato irá *morder de novo*.

— O que você fez com Luke? — gritei.

Cronos ergueu sua foice.

— Ele me serve com todo o seu ser, como eu exigi. A diferença é, ele temia você, Percy Jackson. Eu não.

Então foi quando eu corri. Não houve nenhum pensamento sobre isso. Nenhum debate em minha mente sobre: *Nossa, será que eu devo ficar e lutar de novo?* Não, eu só corri.

Mas meus pés pareciam chumbo. O tempo desacelerou em torno de mim, como se o mundo estivesse virando gelatina. Eu já tinha sentido isso uma vez e eu sabia que era o poder de Cronos. Sua presença era tão forte que podia dobrar o próprio tempo.

— Corra, heroizinho — ele gargalhou. — Corra!

Eu olhei de relance para trás e o vi se aproximar bem devagar, balançando sua foice como se estivesse adorando senti-la em suas mãos novamente. Nenhuma arma no mundo poderia pará-lo. Nenhuma quantidade de bronze celestial.

Ele estava a três metros de distância quando ouvi.

— PERCY!

Era a voz de Rachel.

Algo voou por mim, e uma escova de plástico azul atingiu Cronos no olho.

— Ai! — gritou ele.

Por um momento foi somente a voz de Luke, cheia de surpresa e dor.

Meus membros ficaram livres e eu corri direto para Rachel, Nico e Annabeth, que estavam parados no salão de entrada, seus olhos estavam cheios de espanto.

— Luke? — chamou Annabeth. — O que...

Eu a agarrei pela camisa e a arrastei. Eu corri como eu nunca havia corrido antes, direto para fora da fortaleza. Nós estávamos quase de volta à entrada do Labirinto quando ouvi o berro da mais alta voz do mundo, a voz de Cronos, voltando ao controle.

— ATRÁS DELES!

— Não! — gritou Nico.

Ele juntou suas mãos com força e um pedaço denteado de rocha do tamanho de um caminhão surgiu do chão bem na frente da fortaleza. O tremor que isso causou foi tão poderoso que as colunas dianteiras do edifício desabaram. Eu ouvi gritos abafados dos telquines lá dentro. Poeira ondeava por toda parte.

Nós mergulhamos no Labirinto e continuamos correndo, o uivo do senhor titã sacudia o mundo inteiro atrás de nós.

DEZESSETE

O DEUS PERDIDO FALA

Nós corremos até ficarmos exaustos. Rachel nos desviou de armadilhas, mas não tínhamos um destino em mente, queríamos apenas ir para longe daquela montanha negra e do rugido de Cronos.

Nós paramos em um túnel de rocha branca úmida, como se fosse parte de uma caverna natural. Eu não ouvia nada atrás de nós, mas eu não me senti nem um pouco mais seguro. Eu ainda podia me lembrar daqueles anormais olhos dourados me encarando no rosto de Luke, e da sensação de que meus membros estavam lentamente se transformando em pedra.

— Eu não posso ir mais longe — disse Rachel, ofegando e apertando seu peito.

Annabeth chorou o tempo todo enquanto estivemos correndo. Agora ela desmoronou e pôs a cabeça entre os joelhos. Seus soluços ecoavam no túnel. Nico e eu sentamos perto um do outro. Ele soltou sua espada perto da minha e respirou vacilante.

— Que droga — disse ele, o que eu achei que resumia as coisas muito bem.

— Você salvou nossas vidas — falei.

Nico limpou a sujeira do rosto.

— Culpe as garotas por me arrastarem. Foi a única coisa em que elas concordaram. Nós tínhamos que ajudar ou você ia estragar tudo.

— Que bom que elas cofiam tanto em mim.

Eu iluminei a caverna com a minha lanterna. Água escorria das estalactites como uma chuva em câmera lenta.

— Nico... você, hã, meio que se entregou.

— O que você quer dizer?

— Aquela parede de pedra negra? Foi realmente impressionante. Se Cronos não sabia quem você era antes, agora ele sabe... um filho do Mundo Inferior.

Nico franziu as sobrancelhas.

— Grande coisa.

Deixei cair a lanterna. Imaginei que ele estava apenas tentando esconder o quanto ele estava assustado, e eu não podia culpá-lo.

Annabeth levantou a cabeça. Seus olhos estavam vermelhos de chorar.

— O que... o que havia de errado com Luke? O que fizeram com ele?

Contei a ela o que eu vira no caixão, o modo como o último pedaço do espírito de Cronos entrou no corpo de Luke quando Ethan Nakamura se comprometeu em servi-lo.

— Não — disse Annabeth. — Isso não pode ser verdade. Ele não poderia...

— Ele se entregou a Cronos — falei. — Sinto muito, Annabeth. Mas Luke se foi.

— Não! — insistiu ela. — Você viu quando Rachel o acertou.

Assenti, olhando Rachel com respeito.

— Você acertou o Senhor dos Titãs no olho com uma escova de cabelo de plástico azul.

Rachel parecia constrangida.

— Era a única coisa que eu tinha.

— Mas vocês *viram* — insistiu Annabeth. — Quando a escova o acertou, por apenas um segundo, ele ficou atordoado. Ele recuperou os sentidos.

— Então Cronos não havia se estabelecido no corpo ou algo do tipo — falei. — Isso não significa que Luke estava no controle.

— Você *quer* que ele seja mau, é isso? — gritou Annabeth. — Você não o conheceu antes, Percy. Eu conheci!

— Qual é o seu problema? — falei, com raiva. — Por que você ainda o defende?

— Se acalmem — disse Rachel. — Parem com isso!

Annabeth se virou para ela.

— Fique fora disso, garota mortal! Se não fosse por você...

O que quer que ela fosse dizer, sua voz quebrou. Ela abaixou a cabeça e soluçou miseravelmente. Eu queria confortá-la, mas não sabia como. Eu ainda me sentia atordoado, como se o efeito câmera lenta de Cronos tivesse afetado meu cérebro. Eu

apenas não conseguia compreender o que eu vira. Cronos estava vivo. E o fim do mundo provavelmente estava bem próximo.

— Temos que ir andando — disse Nico. — Ele vai mandar monstros atrás de nós.

Ninguém estava em condições para correr, mas Nico estava certo. Eu me ergui com dificuldade e ajudei Rachel a se levantar.

— Você fez bem lá atrás — falei a ela.

Ela conseguiu sorrir fracamente.

— É, bem. Eu não queria que você morresse. — Ela corou. — Quero dizer... só por que você me deve um monte de favores. Como eu vou cobrar se você morrer?

Eu me ajoelhei perto de Annabeth.

— Ei, sinto muito. Temos que ir.

— Eu sei — disse ela. — Eu estou... eu estou bem.

Ela claramente *não* estava bem. Mas ela ficou de pé e começamos a andar pelo Labirinto de novo.

— De volta a Nova York — falei. — Rachel, você pode...

Eu congelei. Alguns metros a nossa frente, minha lanterna encontrou um pedaço de tecido vermelho pisoteado e deixado no chão. Era um boné rasta: o que Grover sempre usava.

Minhas mãos tremiam quando peguei o boné. Parecia ter sido pisoteado por uma bota enlameada gigantesca. Depois de tudo que tinha acontecido hoje, eu não podia suportar a ideia de que algo também pudesse ter acontecido com Grover.

Então eu notei outra coisa. O chão da caverna estava lamacento e úmido por causa da água que caía das estalactites. Havia pegadas enormes como as de Tyson e outras menores, cascos de bode, indo pela esquerda.

— Nós temos que segui-los — falei. — Eles foram por aquele caminho. Isto deve ser recente.

— E quanto ao Acampamento Meio-Sangue? — disse Nico. — Não temos tempo.

— Nós temos que achá-los — insistiu Annabeth. — Eles são nossos amigos.

Ela pegou o boné pisoteado de Grover e seguiu adiante.

Eu segui preparado para o pior. O túnel era traiçoeiro. Ele inclinava em ângulos esquisitos, e estava viscoso pela umidade. Metade do tempo estávamos escorregando

e derrapando ao invés de andar.

Finalmente chegamos à base de uma encosta e nos encontramos em uma grande caverna com enormes colunas de estalagmite. Pelo centro do lugar corria um rio subterrâneo, e Tyson estava sentado na beirada, embalando Grover em seu colo. Os olhos de Grover estavam fechados. Ele não se mexia.

— Tyson! — gritei.

— Percy! Venha rápido!

Nós corremos até ele. Grover não estava morto, graças aos deuses, mas seu corpo todo tremia como se ele estivesse congelando até a morte.

— O que aconteceu? — perguntei.

— Muitas coisas — murmurou Tyson. — Cobra grande. Cachorros grandes. Homens com espadas. Mas então... nós chegamos perto daqui. Grover estava agitado. Ele correu. Aí chegamos a este lugar e ele caiu. Desse jeito.

— Ele disse alguma coisa? — perguntei.

— Ele disse, "Estamos perto." Então ele bateu a cabeça nas rochas.

Eu me ajoelhei perto dele. A única vez que eu vira Grover desmaiar foi no Novo México, quando ele tinha sentido a presença de Pã.

Eu iluminei as paredes da caverna com minha lanterna. As rochas brilharam. Na outra extremidade havia uma entrada para outra caverna, cercada por colunas gigantescas de cristal, que pareciam diamantes. E além da entrada...

— Grover — falei. — Acorde.

— Uhhhhhhhh.

Annabeth se ajoelhou perto dele e jogou água gelada do rio em seu rosto.

— Caramba! — Suas pálpebras tremeram. — Percy? Annabeth? Onde...

— Está tudo bem — falei. — Você desmaiou. A presença foi demais para você.

— E-eu me lembro. Pã.

— É — falei. — Algo poderoso está bem atrás daquela entrada.

Eu fiz umas apresentações rápidas, já que Tyson e Grover ainda não conheciam Rachel. Tyson disse a Rachel que ela era bonita, o que fez as narinas de Annabeth dilatarem como se ela fosse soprar fogo.

— De qualquer forma — falei. — Vamos, Grover. Se apoie em mim.

Annabeth e eu o ajudamos a se levantar, e juntos atravessamos o rio subterrâneo. A correnteza era forte. A água chegava às nossas cinturas. Eu desejei ficar seco, o que

é uma habilidade bem útil, mas isso não ajudava os outros, e eu ainda podia sentir o frio, como se estivéssemos avançando por um monte de neve.

— Eu acho que estamos nas Cavernas Carlsbad — disse Annabeth, com dentes batendo. — Talvez uma parte inexplorada.

— Como você sabe?

— Carlsbad é no Novo México — disse ela. — Isso explicaria o inverno passado.

Eu assenti. O episódio do desmaio de Grover ocorreu quando passamos pelo Novo México. Foi onde ele se sentira mais perto do poder de Pã.

Saímos da água e continuamos andando. Conforme as colunas de cristal ficavam maiores, eu comecei a sentir o poder emanando do cômodo adiante. Eu já tinha ficado na presença de deuses antes, mas isto era diferente. Minha pele formigou com energia viva. Meu cansaço sumiu, como se eu tivesse tido uma ótima noite de sono. Eu podia sentir que estava ficando mais forte, como uma daquelas plantas em vídeo acelerado. E o aroma vindo de dentro da caverna não era nada parecido com o de um subterrâneo frio e úmido. Cheirava a árvores, flores e um dia morno de verão.

Grover choramingou de emoção. Eu estava atordoado demais pra andar. Mesmo Nico parecia sem palavras. Nós entramos na caverna.

— Ah, uau. — disse Rachel.

As paredes brilhavam com cristais vermelhos, verdes e azuis. Em luzes curiosas, lindas plantas cresciam orquídeas gigantes, plantas em formato de estrela, vinhas estourando com frutas laranjas e roxas que penetravam entre os cristais. O chão da caverna estava coberto de musgo. Acima, o teto era mais alto que uma catedral, brilhando como uma galáxia de estrelas. No centro da caverna havia uma cama no estilo romano, a madeira banhada em ouro com o contorno de um U curvado, com almofadas de veludo. Animais descansavam em volta dela, mas eram animais que não deveriam estar vivos. Havia um pássaro Dodô, algo que parecia o resultado de um cruzamento entre um tigre e um lobo, um roedor gigante que parecia a mãe de todos os porquinhos da índia e perambulando atrás da cama, pegando frutas com sua tromba, havia um mamute coberto de lã.

Na cama estava um velho sátiro. Ele nos observou conforme nos aproximávamos, seus olhos eram tão azuis quanto o céu. Seu cabelo enrolado era branco assim como a sua barba pontuda. Até o pelo de bode em suas pernas eram cinzas. Seus chifres eram enormes, marrons polidos e curvados. De jeito nenhum ele conseguiria

escondê-los sob um boné como Grover fazia. Em volta de seu pescoço havia um conjunto de flautas.

Grover caiu de joelhos diante da cama.

— Lorde Pã!

O deus sorriu gentilmente, mas havia tristeza em seus olhos.

— Grover, meu querido, bravo sátiro. Eu esperei um tempo muito longo por você.

— Eu... me perdi — Grover se desculpou.

Pã riu. Era um som maravilhoso, como a primeira brisa da primavera, enchendo toda a caverna com esperança. O lobo-tigre suspirou e descansou sua cabeça no joelho do deus. O pássaro Dodô bicou a pata do deus carinhosamente, fazendo um barulho estranho no fundo do seu bico. Eu podia jurar que ele estava cantarolando "It´s a Small World."

Mesmo assim, Pã parecia cansado. Toda a sua imagem tremeluzia como se ele fosse feito de Névoa.

Percebi que meus amigos estavam se ajoelhando. Eles tinham olhares impressionados em seus rostos. Também me ajoelhei.

— Você tem um pássaro Dodô cantante — falei estupidamente.

Os olhos do deus cintilaram.

— Sim, esta é Dedê. Minha pequena atriz.

Dedê, a Dodô, pareceu ofendida. Ela bicou o joelho de Pã e cantarolou algo que parecia uma marcha fúnebre.

— Este é o lugar mais lindo de todos! — disse Annabeth. — É melhor do que qualquer prédio já planejado.

— Estou feliz que tenha gostado, minha querida — disse Pã. — É um dos últimos lugares selvagens. Receio que meu domínio acima tenha se encerrado. Apenas alguns pedaços remanescem. Minúsculos pedaços de vida. Este deve permanecer intocado... por mais um tempo.

— Meu senhor — disse Grover — por favor, o senhor deve retornar comigo! Os anciões jamais acreditarão em mim! Eles ficarão radiantes! Você pode salvar a natureza!

Pã pôs a mão na cabeça de Grover e bagunçou seu cabelo enrolado.

— Você é tão jovem, Grover. Tão bom e verdadeiro. Acho que escolhi bem.

— Escolheu? — disse Grover. — Eu... eu não entendo.

A imagem de Pã tremeu, momentaneamente transformando-se em fumaça. O porquinho da índia gigante foi pra debaixo da cama com um guincho terrível. O mamute peludo grunhiu nervosamente. Dedê escondeu a cabeça sob a sua asa. Então Pã se formou novamente.

— Eu dormi por várias eras — disse o deus miseravelmente. — Meus sonhos têm sido sombrios. Eu acordo de forma intermitente e a cada vez fico acordado por menos tempo. Agora estamos próximos do fim.

— O quê? — gritou Grover. — Não! O senhor está bem aqui!

— Meu querido sátiro — disse Pã. — Eu tentei dizer ao mundo, dois mil anos atrás. Eu anunciei para Lysas, um sátiro muito parecido com você. Ele morava em Éfeso e tentou espalhar a notícia.

Annabeth arregalou os olhos.

— A velha história. Um marinheiro passando pela costa de Éfeso ouviu uma voz gritando da margem, "Diga a eles que o grande deus Pã está morto."

— Mas não era verdade! — disse Grover.

— Sua espécie nunca acreditou — disse Pã. — Vocês gentis e teimosos sátiros se recusaram a aceitar minha morte. E eu os amo por isso, mas vocês apenas adiaram o inevitável. Vocês apenas prolongaram minha longa e dolorosa passagem, meu obscuro sono profundo. Isso deve acabar.

— Não! — a voz de Grover tremeu.

— Querido Grover — disse Pã. — Você deve aceitar a verdade. Seu companheiro, Nico entende.

Nico assentiu devagar.

— Ele está morrendo. Ele deveria ter morrido há muito tempo. Isto... isto é mais como uma memória.

— Mas deuses não podem morrer — disse Grover.

— Eles podem desaparecer — disse Pã — quando tudo que eles defendem se foi. Quando eles param de ter poder e seus lugares sagrados desaparecem. A natureza, meu querido Grover, é tão pequena agora, tão despedaçada, que nenhum deus pode salvá-la. Meu domínio acabou. É por isso que preciso que você leve uma mensagem. Você deve voltar ao conselho. Você deve contar aos sátiros, às dríades e aos outros espíritos da natureza, que o grande deus Pã está morto. Conte sobre a minha partida. Pois eles têm que parar de esperar que eu os salve. Eu não posso. Somente vocês mesmos podem se salvar. Cada um de vocês deve...

Ele parou e franziu a testa para o pássaro dodô, que começara a cantarolar de novo.

— Dedê, o que você está fazendo? — perguntou Pã. — Você está cantando Kumbaya de novo?

Dedê olhou para cima inocentemente e piscou seus olhos amarelos.

Pã suspirou.

— Todo mundo é um cínico. Mas como eu dizia, meu querido Grover, cada um de vocês deve se dedicar ao meu chamado.

— Não... não! — choramingou Grover.

— Seja forte — disse Pã. — Você me achou. E agora deve me libertar. Você deve carregar meu espírito. Ele não pode ser mais carregado por um deus. Ele deve ser tomado por todos vocês.

Pã olhou diretamente para mim com seus claros olhos azuis e eu percebi que ele não estava falando apenas de sátiros. Ele também se referia a meio-sangues e humanos. Todo mundo.

— Percy Jackson — o disse deus. — Eu sei o que você viu hoje. Eu conheço suas dúvidas. Mas eu lhe dou esta notícia: quando a hora chegar, você não será dominado pelo medo.

Ele se virou para Annabeth.

— Filha de Atena, sua hora está chegando. Você desempenhará um grande papel, porém pode não ser o papel que você espera.

Então ele olhou para Tyson.

— Mestre ciclope, não desanime. Os heróis raramente estão à altura das nossas expectativas. Mas você, Tyson... seu nome viverá entre os ciclopes por gerações. E senhorita Rachel Dare...

Rachel hesitou quando ele disse seu nome. Ela virou o rosto, como se fosse culpada de alguma coisa, mas Pã apenas sorriu. Ele estendeu a mão numa bênção.

— Eu sei que você acredita que não pode corrigir as coisas — disse ele. — Mas você é tão importante quanto seu pai.

— Eu... — Rachel vacilou. Uma lágrima escorreu por sua bochecha.

— Eu sei que você não crê nisso agora — disse Pã. — Mas procure por oportunidades. Elas virão.

Finalmente ele se virou novamente para Grover.

— Meu querido sátiro — disse Pã gentilmente — você carregará minha mensagem?

— Eu... eu não posso.

— Você pode — disse Pã. — Você é o mais forte e o mais corajoso. Seu coração é verdadeiro. Você acreditou em mim mais do que qualquer um já acreditou, por isso é você que deve levar a mensagem e deve ser o primeiro a me libertar.

— Eu não quero.

— Eu sei — disse o deus. — Mas meu nome, *Pã*... originalmente significava *rústico*. Você sabia disso? Mas com os anos ele passou a significar tudo. O espírito da natureza deve passar para todos vocês agora. Você deve dizer a todos que conhece: se você quer encontrar Pã, leve o espírito de Pã. Refaça a natureza, um pouco de cada vez, cada um no seu canto do mundo. Você não pode esperar que ninguém, nem mesmo um deus, faça isso por você.

Grover limpou os olhos. Então ele se levantou lentamente.

— Eu passei minha vida toda procurando por você. Agora... eu o liberto.

Pã sorriu.

— Obrigado, querido sátiro. Minha bênção final.

Ele fechou os olhos e o deus se dissolveu. Névoa branca se dividiu em punhados de energia, mas esse tipo de energia não era assustadora como o poder azul que eu vira em Cronos. Ela encheu o lugar. Um anel de fumaça veio direto para a minha boca, para a de Grover e para a dos outros. Mas acho que um pouco mais foi para a de Grover. Os cristais escureceram. Os animais nos deram um olhar triste. Dedê, o Dodô, suspirou. Então todos eles ficaram cinza e se desintegraram em poeira. As vinhas murcharam. E nós ficamos sozinhos numa caverna escura com uma cama vazia.

Eu liguei minha lanterna.

Grover respirou fundo.

— Você... você está bem? — perguntei a ele.

Ele parecia mais velho e mais triste. Ele pegou seu boné com Annabeth, limpou a lama, e o firmou em sua cabeça encaracolada.

— Nós devemos ir agora — disse ele — e contar a eles. O grande deus Pã está morto.

DEZOITO

GROVER PROVOCA UMA DEBANDADA

A distância era mais curta no Labirinto. Ainda assim, quando Rachel nos trouxe de volta a Times Square, eu me sentia como se tivéssemos corrido o caminho todo desde o Novo México. Nós saímos pelo porão do hotel e paramos na calçada sob a brilhante luz do dia de verão, cerrando os olhos para o trânsito e a multidão.

Eu não conseguia escolher o que parecia mais surreal, Nova York ou a caverna de cristal onde eu vira um deus morrer.

Guiei nosso grupo até um beco, onde eu pudesse conseguir um bom eco. Então assoviei o mais alto que pude, cinco vezes.

Um minuto depois, Rachel ofegou.

— Eles são lindos!

Um bando de pégasos desceu do céu, mergulhando entre os arranha céus. Blackjack estava na liderança, seguido por quatro de seus amigos brancos.

Oi chefe! disse ele em minha cabeça. *Você sobreviveu!*

— É — falei a ele. — Tenho sorte nisso. Escuta, precisamos de uma carona para o acampamento, *rápido.*

Essa é a minha especialidade! Ah cara, você trouxe aquele ciclope com você? Guido! Como estão suas costas hoje?

O pégaso Guido gemeu e se queixou, mas acabou concordando em levar Tyson. Todos, exceto Rachel, começaram a montar.

— Bem — disse-me ela. — Acho que é isso então.

Eu assenti desconfortavelmente. Ambos sabíamos que ela não poderia ir para o acampamento. Eu olhei para Annabeth, que fingia estar bastante ocupada com seu pégaso.

— Obrigado, Rachel — falei. — Não teríamos conseguido sem você.

— Eu não teria deixado essa passar. Quero dizer, exceto por quase ter morrido, e por Pã... — Sua voz vacilou.

— Ele disse alguma coisa sobre o seu pai — lembrei-me. — O que ele quis dizer?

Rachel mexia nas alças de sua mochila.

— Meu pai... O trabalho do meu pai. Ele é meio que um empresário famoso.

— Você quer dizer que... você é *rica?*

— Bem, sou.

— Então foi assim que você conseguiu o motorista pra nos ajudar? Você só disse o nome do seu pai e...

— Sim — interrompeu Rachel. — Percy... a área do meu pai é o urbanismo. Ele viaja o mundo todo, procurando por pedaços de áreas não urbanizadas. — Ela respirou instavelmente. — A natureza. Ele... ele a compra. Eu odeio isso, mas ele a derruba e constrói prédios horríveis e shoppings. E agora que eu vi Pã... a morte de Pã...

— Ei, você não pode se culpar por aquilo.

— Você não sabe o pior de tudo. E-eu não gosto de falar da minha família. Eu não queria que você soubesse. Me desculpe. Eu não devia ter dito nada.

— Não — falei. — Tudo bem. Olhe, Rachel, você foi incrível. Você nos guiou pelo Labirinto. Você foi muito corajosa. Essa é a única coisa que eu vou julgar em você. Eu não me importo com o que seu pai faz.

Rachel me olhou grata.

— Bem... se você sentir vontade de dar umas voltas com uma mortal de novo... você pode me ligar ou algo assim.

— Hã, é. Claro.

Suas sobrancelhas se encontraram. Eu acho que pareci desanimado ou algo assim, mas não era o que eu pretendia. Eu só não sabia o que dizer com todos os meus amigos a minha volta. E eu acho que meus sentimentos ficaram bem bagunçados nos últimos dias.

— Quero dizer... eu gostaria disso — falei.

— Meu número não está na lista — disse ela.

— Eu tenho.

— Ainda na sua mão? De jeito nenhum.

— Não. Eu meio que... decorei.

Seu sorriso voltou lentamente, mas bem mais feliz.

— Até mais, Percy Jackson. Vá salvar o mundo por mim, ok?

Ela voltou pela Sétima Avenida e desapareceu na multidão.

Quando me virei para os cavalos, Nico estava tendo problemas. Seu pégaso ficava recuando, relutante em deixá-lo montar.

Ele cheira que nem gente morta! reclamou o pégaso.

Ei, cara. disse Blackjack. *Vamos, Porkpie. Um monte de semideuses cheira mal. Não é culpa deles. Oh-uh, eu não estou falando de você, chefe.*

— Vão sem mim! — disse Nico. — Eu não quero voltar para aquele acampamento de qualquer forma.

— Nico — falei — precisamos da sua ajuda.

Ele cruzou os braços e franziu a testa. Então Annabeth pôs a mão em seu ombro.

— Nico — disse ela. — Por favor.

Lentamente, sua expressão se suavizou.

— Tudo bem — disse ele relutante. — Por *você.* Mas eu não vou ficar.

Eu levantei uma sobrancelha para Annabeth, tipo: *Desde quando Nico te escuta?* Ela mostrou a língua pra mim.

Pelo menos tínhamos todos em cima dos pégasos. Disparamos para o ar e logo estávamos sobrevoando o Rio East com Long Island se espalhando a nossa frente.

Nós descemos no meio da área dos chalés e imediatamente fomos encontrados por Quíron, pelo barrigudo sátiro Sileno, e um grupo de arqueiros do chalé de Apolo. Quíron levantou uma sobrancelha quando viu Nico, mas se eu esperava que ele ficasse surpreso com nossas últimas notícias, sobre Quintus ser Dédalo e a volta de Cronos, eu estava enganado.

— Eu temia isso — disse Quíron. — Devemos nos apressar. Espero que vocês tenham atrasado o Senhor dos Titãs, mas seu exército ainda continuará avançando. Eles estarão ansiosos por sangue. A maioria de nossas defesas já está posicionada. Venham!

— Espere um momento — exigiu Sileno. — E quanto à procura por Pã? Você está quase duas semanas atrasado, Grover Underwood! Sua licença de buscador está anulada!

Grover respirou fundo. Ele olhou diretamente nos olhos de Sileno.

— Licenças de buscador não importam mais. O grande deus Pã está morto. Ele se foi e nos deixou seu espírito.

— *O quê?* — O rosto de Sileno ficou vermelho vivo. — Profanações e mentiras! Grover Underwood, terei que exilar você por falar isso!

— É a verdade — falei. — Estávamos lá quando ele morreu. Todos nós.

— Impossível! Vocês são todos mentirosos! Destruidores da natureza!

Quíron estudou o rosto de Grover.

— Falaremos disso mais tarde.

— Falaremos disso agora! — disse Sileno. — Devemos lidar com isso...

— Sileno — interrompeu Quíron. — Meu acampamento está sob ataque. A questão Pã tem esperado por dois mil anos. Temo que tenha que esperar mais um pouco. Presumindo que estaremos aqui esta noite.

E com essa observação feliz, ele se curvou e galopou na direção do bosque, deixando-nos para segui-lo o melhor que pudéssemos.

Era a maior operação militar que eu já tinha visto no acampamento. Todos estavam na clareira, vestidos com armaduras de combate completas, mas desta vez não era para capturar a bandeira. O chalé de Hefesto tinha colocado armadilhas em volta da entrada do Labirinto, arame farpado, fossos preenchidos com potes de fogo grego, fileiras de estacas afiadas para desviar golpes. Beckendorf estava manejando duas grandes catapultas do tamanho de caminhões, já armadas e apontadas para o Punho de Zeus. O chalé de Ares estava na linha de frente, organizados em falanges com Clarisse dando ordens. Os chalés de Hermes e Apolo estavam espalhados pela floresta com arcos preparados. Muitos se posicionaram nas árvores. Até as dríades estavam armadas com arcos e os sátiros trotavam em volta com bastões de madeira e escudos feitos de cascas de árvores resistentes.

Annabeth foi juntar-se aos seus irmãos do chalé de Atena, que tinha montado uma tenda de comando e estava dirigindo as operações. Uma bandeira cinza com uma coruja rodopiava do lado de fora da tenda. Nosso chefe de segurança, Argos, estava de guarda na entrada. As crianças de Afrodite estavam correndo endireitando as armaduras de todos à volta e oferecendo-se para pentear a crina bagunçada dos cavalos. Até as crianças de Dioniso tinham arrumado o que fazer. O próprio deus

ainda não estava à vista, mas seus filhos, os gêmeos loiros, estavam correndo, providenciando garrafas de água e caixas de suco para os guerreiros suados.

Parecia um bom começo, mas Quíron murmurou perto de mim:

— Não é o suficiente.

Pensei no que tinha visto no Labirinto, todos os monstros na arena de Anteu, e o poder de Cronos que senti no Monte Tam. Meu coração afundou. Quíron tinha razão, mas esse era o máximo que podíamos reunir. Pela primeira vez desejei que Dioniso estivesse aqui, mas mesmo que ele estivesse, eu não sabia se ele poderia fazer muita coisa. Quando se tratava de guerra, os deuses eram proibidos de interferir diretamente. Aparentemente os titãs não ligavam muito para restrições como essa.

Mais pra extremidade da clareira, Grover estava falando com Juníper. Ele segurava suas mãos enquanto ele contava nossa história. Lágrimas esverdeadas formaram-se em seus olhos quando ela ouviu as notícias sobre Pã.

Tyson ajudou as crianças de Hefesto a preparar as defesas. Ele pegou rochas e as empilhou perto das catapultas como munição.

— Fique comigo, Percy — disse Quíron. — Quando a luta começar, eu quero que você espere até sabermos com o que estamos lidando. Você deve ir para onde precisarmos de mais reforços.

— Eu vi Cronos — falei, ainda atordoado pelo fato. — Eu olhei direto nos olhos dele. Era Luke... mas também não era.

Quíron correu seu dedo ao longo da corda do seu arco.

— Ele tinha olhos dourados, imagino. E na sua presença, o tempo parecia tornar-se líquido.

Assenti.

— Como ele conseguiu tomar um corpo mortal?

— Eu não sei, Percy. Deuses têm assumido a forma de mortais por eras, mas realmente se tornar um... fundir a forma divina com a mortal. Não sei como isso pôde ser feito sem que Luke virasse cinzas.

— Cronos disse que seu corpo havia sido preparado.

— Eu sinto calafrios só de pensar o que isso quer dizer. Mas talvez isso vá limitar o poder de Cronos. Pelo menos por um tempo, ele está confinado à forma humana. Ela os mantém juntos. Com sorte ela também irá restringi-lo.

— Quíron, se ele liderar o ataque...

— Eu acho que não, meu rapaz. Eu sentiria se ele estivesse por perto. Não tenho dúvidas que é isso que ele planejava, mas acredito que você criou inconveniências para ele, quando você pôs abaixo sua sala do trono em cima dele. — Ele olhou para mim reprovadoramente. — Você e seu amigo Nico, filho de Hades.

Um bolo se formou na minha garganta.

— Sinto muito, Quíron. Eu sei que devia contado. É só que...

Quíron levantou sua mão.

— Eu entendo porque você não contou, Percy. Você se sentiu responsável. Tentou protegê-lo. Mas, meu rapaz, para sobrevivermos a esta guerra, devemos confiar uns nos outros. Devemos...

Sua voz vacilou. O chão abaixo de nós estava tremendo.

Todos na clareira pararam o que estavam fazendo. Clarisse gritou uma única ordem.

— Juntar escudos!

Então o exército do Senhor dos Titãs explodiu do Labirinto.

Eu já estive em lutas antes, mas essa era uma batalha em escala completa. A primeira coisa que vi foi uma dúzia de lestrigões saindo do chão, gritando tão alto que minhas orelhas pareciam que iam explodir. Eles carregavam escudos que eram carros achatados, e bastões que eram troncos de árvores com espinhos na ponta. Um dos gigantes berrou para a falange de Ares, esmagando-a pelo lado com seu bastão, e o chalé inteiro foi arremessado, uma dúzia de guerreiros jogados para o ar como bonecas de trapo.

— Fogo! — gritou Beckendorf.

As catapultas entraram em ação. Duas pedras foram arremessadas na direção dos gigantes. Uma foi desviada por um escudo deixando apenas um amassado, já a outra pegou um lestrigão no peito, e o gigante caiu. Os arqueiros de Apolo atiraram uma saraivada, dúzias de flechas que ficaram espetadas nas armaduras dos gigantes como porcos-espinhos. Várias encontraram frestas nas armaduras, e alguns gigantes vaporizaram com o toque do bronze celestial.

Mas quando parecia que os lestrigões estavam para ser derrotados, um novo grupo surgiu do Labirinto: trinta, talvez quarenta *dracaenae* em armaduras de combate completas, segurando lanças e redes. Elas se dispersaram em todas as direções. Algumas atingiram as armadilhas que o chalé de Hefesto havia deixado.

Uma ficou presa nas estacas, tornando-se um alvo fácil para os arqueiros. Outras caíram na armadilha de arame e potes de fogo grego explodiram em chamas verdes, engolindo várias das mulheres cobra. Mas muitas continuavam se aproximando. Os guerreiros de Atena e Argos correram ao seu encontro. Eu vi Annabeth sacar uma espada e atacar uma delas. Perto dali, Tyson estava montado em um gigante. De algum jeito ele conseguira subir nas costas do gigante e estava batendo em sua cabeça com um escudo de bronze, *BONG! BONG! BONG!*

Quíron atirava flecha após flecha calmamente, derrubando um monstro a cada tiro. Mas mais inimigos continuavam a vir do Labirinto. Finalmente um cão infernal, que não era a Sra. O'Leary, saltou do túnel e seguiu direto para os sátiros.

— VÁ! — gritou Quíron para mim.

Eu destampei Contracorrente e ataquei.

Enquanto eu corria pelo campo de batalha, eu vi coisas horríveis. Um meio-sangue inimigo lutava contra um filho de Dioniso, mas não era bem uma disputa. O inimigo o apunhalou no braço e bateu no topo de sua cabeça com o punho da espada e o filho de Dioniso caiu. Outro guerreiro inimigo atirava flechas flamejantes nas árvores, deixando nossos arqueiros e as dríades em pânico.

Uma dúzia de *dracaenae* saiu da briga principal de repente e rastejaram pelo caminho que levava para o acampamento, como se elas soubessem aonde estavam indo. Se elas conseguissem, iriam pôr fogo no acampamento inteiro, completamente sem oposição.

A pessoa mais próxima era Nico di Angelo. Ele apunhalou um telquine, e sua lâmina preta estígiana absorveu a essência do monstro, sugando sua energia até não sobrar nada além de poeira.

— Nico! — gritei.

Ele olhou para onde eu estava apontando, viu as mulheres serpentes, e entendeu imediatamente.

Ele respirou fundo e ergueu sua espada preta.

— Sirvam-me — chamou ele.

A terra tremeu. Uma fissura abriu na frente das *dracaenae* e uma dúzia de guerreiros zumbis saiu da terra, cadáveres horríveis em roupas militares de todas as épocas: revolucionários americanos, centuriões romanos, cavalaria napoleônica em cavalos esqueleto. Como se fossem um, eles sacaram suas espadas e atacaram as

dracaenae. Nico caiu de joelhos, mas eu não tinha tempo para me assegurar se ele estava bem.

Eu me aproximei do cão infernal, que estava empurrando os sátiros para dentro da floresta. A fera atacou um sátiro, que saiu de seu caminho, mas acertou outro que era muito lento. O escudo de madeira do sátiro se partiu quando ele caiu.

— Ei! — gritei.

O cão infernal se virou. Ele grunhiu e saltou. Ele teria me rasgado em pedaços, mas enquanto eu caia, meus dedos se fecharam em uma jarra de argila, um dos potes de fogo grego de Beckendorf. Eu joguei a jarra no estômago do cão infernal e a criatura se foi em chamas. Eu me afastei, ofegando.

O sátiro que tinha sido atacado não estava se mexendo. Eu fui até ele para checar, mas então ouvi a voz de Grover:

— Percy!

A floresta tinha começado a pegar fogo. Chamas rugiam a três metros da árvore de Juníper, e Grover e Juníper estavam ficando loucos tentando salvá-la. Grover tocava uma música da chuva em sua flauta. Juníper tentava desesperadamente apagar o fogo batendo nele com seu xale, mas isso só estava piorando as coisas.

Eu corri na direção deles, pulando lutas, passando por baixo de pernas de gigantes. A água mais próxima era o riacho, a meio quilômetro de distância... mas eu tinha que fazer alguma coisa. Eu me concentrei. Houve um puxão nas minhas entranhas, um ruído em meus ouvidos. Então uma onda de água veio avançando entre as árvores. Ela extinguiu o fogo, molhando Juníper, Grover e praticamente todos os outros.

Grover cuspiu muita água.

— Valeu, Percy!

— Sem problema!

Eu corri de volta para a batalha e Grover e Juníper me seguiram. Grover tinha um bastão nas mãos e Juníper uma vara, como um chicote antigo. Ela parecia muito irritada, como se ela fosse chicotear as costas de alguém.

Quando pareceu que a batalha tinha se equilibrado de novo, como se pudéssemos ter uma chance, um grito agudo e sobrenatural ecoou do Labirinto, um som que eu já ouvira antes.

Campe se atirou para o céu, com suas asas de morcego totalmente estendidas. Ela pousou no topo do Punho de Zeus e analisou a carnificina. Seu rosto estava

repleto com uma alegria sombria. As cabeças de animais mutantes grunhiram em sua cintura. Cobras sibilavam e se enrolavam em volta das suas pernas. Em sua mão direita ela segurava uma bola de fios brilhantes, o Fio de Ariadne, mas ela o colocou na boca de um leão em sua cintura e puxou suas espadas curvas. As lâminas brilhavam em um tom de verde venenoso. Campe berrou em triunfo e alguns dos campistas gritaram. Outros tentaram correr e foram pisoteados por cães infernais ou gigantes.

— *Di Immortales!* — gritou Quíron.

Ele mirou uma flecha rapidamente, mas Campe pareceu sentir sua presença. Ela alçou voou com uma velocidade incrível, e a flecha de Quíron passou inofensivamente por sua cabeça.

Tyson se soltou do gigante que ele tinha batido até deixar inconsciente. Ele correu para as nossas linhas, gritando:

— Fiquem! Não corram dela! Lutem!

Mas então um cão infernal pulou sobre ele e Tyson e o cão saíram rolando.

Campe pousou na tenda de comando de Atena, achatando-a. Eu corri até ela e encontrei Annabeth a meu lado, acompanhando-me, com sua espada na mão.

— Então é isso — disse ela.

— Provavelmente.

— Foi bom lutar com você, Cabeça de Alga.

— Com você também.

Juntos nos lançamos no caminho do monstro. Campe sibilou e golpeou em nossa direção. Eu desviei, tentando distraí-la, enquanto Annabeth ia para o ataque, mas o monstro parecia capaz de lutar com ambas as mãos independentemente. Ela bloqueou a espada de Annabeth, e Annabeth teve que pular para trás para desviar da nuvem de veneno. Só de estar perto da coisa era como se estivéssemos em uma neblina ácida. Meus olhos queimavam. Meus pulmões não conseguiam ar suficiente. Eu sabia que não conseguiríamos manter nossa posição por mais que alguns segundos.

— Venham! — gritei. — Precisamos de ajuda!

Mas nenhuma ajuda veio. Todos estavam caídos, ou lutando por suas vidas, ou assustados demais para se aproximarem. Três das flechas de Quíron brotaram no peito de Campe, mas ela só rugiu mais alto.

— Agora! — disse Annabeth.

Juntos nós atacamos, desviando dos ataques do monstro, entrando na sua guarda, e quase... *quase* conseguimos apunhalar Campe no peito, mas uma grande cabeça de urso atacou de sua cintura, e tivemos que pular para trás para evitar sermos mordidos.

Slam!

Minha vista escureceu. Depois só sabia que eu e Annabeth estávamos no chão. O monstro tinha seus pés em nossos peitos, nos prendendo. Centenas de cobras deslizavam acima de mim, sibilando como se fossem risadas. Campe levantou sua espada esverdeada, e eu sabia que eu e Annabeth estávamos sem opções.

Então, atrás de mim, algo uivou. Uma parede de escuridão atingiu Campe, mandando o monstro para o lado. E a Sra. O'Leary estava parada a nossa frente, rosnando ferozmente para Campe.

— Boa garota! — disse uma voz familiar.

Dédalo estava lutando para sair do Labirinto, derrotando monstros de todos os lados, como se ele estivesse abrindo caminho em nossa direção. Perto dele, havia outra pessoa, um gigante familiar, muito maior do que os lestrigões, com centenas de braços ondulando, cada um segurando um grande pedaço de pedra.

— Briareu! — gritou Tyson admirado.

— Saudações, irmãozinho! — berrou Briareu. — Fique firme!

E enquanto a Sra. O'Leary saía do caminho, o centimano atirou uma rajada de rochas em Campe. As pedras pareciam aumentar de tamanho quando deixavam a mão de Briareu. Havia tantas, que era como se metade da terra tivesse aprendido a voar.

BOOOOOM!

Onde momentos antes estivera Campe, encontrava-se uma montanha de pedras, quase tão alta quanto o Punho de Zeus. O único sinal de que o monstro já existira eram duas pontas de espada verde saindo das fendas.

Vivas vieram dos campistas, mas nossos inimigos ainda não estavam derrotados. Uma das *dracaenae* gritou:

— Massssacrem elessss! Matem a todossss ou Cronosss vai esssfolar vocêsss vivossss!

Aparentemente, aquela ameaça era mais assustadora do que nós. Os gigantes avançaram numa última tentativa desesperada. Um surpreendeu Quíron com uma

rajada de vento em suas pernas traseiras, e ele cambaleou e caiu. Seis gigantes gritaram com alegria e avançaram.

— Não! — gritei.

Eu estava muito longe para ajudar.

Então aconteceu. Grover abriu sua boca e o som mais horrível que eu já ouvira saiu dela. Era como se o som de uma trombeta de cobre tivesse sido aumentado mil vezes, era o som de puro medo.

Como se fossem um, as tropas de Cronos derrubaram suas armas e correram por suas vidas. Os gigantes passaram por cima das *dracaenae* tentando chegar ao Labirinto primeiro. Telquines, cães infernais e meio-sangues inimigos disputavam para ir logo atrás deles. O túnel se fechou e a batalha estava acabada. A clareira estava quieta, exceto pelo fogo nas árvores e o choro dos feridos.

Eu ajudei Annabeth a se levantar. Corremos até Quíron.

— Você está bem? — perguntei.

Ele estava deitado de lado, tentando em vão se levantar.

— Que constrangedor — murmurou ele. — Acho que ficarei bem. Felizmente, não sacrificamos centauros com pernas... ai!... pernas quebradas.

— Você precisa de ajuda — disse Annabeth. — Eu vou trazer um médico do chalé de Apolo.

— Não — insistiu Quíron. — Há feridos mais graves para atender agora. Vão! Estou bem. Mas, Grover... mais tarde teremos que conversar sobre como você fez aquilo.

— Aquilo foi incrível — concordei.

Grover corou.

— Eu não sei de onde veio aquilo.

Juníper o abraçou firmemente.

— Eu sei!

Antes que ela pudesse dizer mais, Tyson chamou:

— Percy, rápido! É Nico!

Havia fumaça ondulando de suas roupas pretas. Seus dedos estavam fechados, e a grama ao seu redor havia se tornado amarela e morrido.

Eu o virei o mais suavemente que pude e coloquei minha mão gentilmente sobre seu peito. Seu coração estava batendo devagar.

— Pegue um pouco de néctar! — gritei.

Um dos campistas de Ares veio mancando e me entregou um cantil. Eu derramei um pouco da bebida mágica na boca de Nico. Ele se engasgou e gaguejou, mas suas pálpebras se abriram.

— Nico, o que aconteceu? — perguntei. — Você pode falar?

Ele concordou fracamente.

— Nunca tentei convocar tantos antes. E-eu ficarei bem.

Nós o ajudamos a sentar e demos a ele mais um pouco de néctar. Ele piscou para todos nós, como se ele estivesse tentando se lembrar quem éramos, e então ele focou em alguém atrás de mim.

— Dédalo — sussurrou ele.

— Sim, meu rapaz — disse o inventor. — Eu cometi um erro terrível. E vim corrigi-lo.

Dédalo tinha uns poucos arranhões que estavam sangrando um óleo dourado, mas ele parecia melhor do que muitos de nós. Aparentemente seu corpo autômato curava-se rapidamente. Sra. O'Leary estava atrás dele, lambendo as feridas da cabeça de seu dono, então o cabelo de Dédalo estava engraçado. Briareu estava em pé ao seu lado, cercado por um grupo de sátiros e campistas admirados. Ele parecia um pouco envergonhado, mas estava dando autógrafos em armaduras, escudos e camisetas.

— Eu encontrei o centimano enquanto vinha pelo Labirinto — explicou Dédalo. — Parece que ele teve a mesma ideia, vir ajudar, mas ele estava perdido. Então nós nos juntamos. Ambos viemos consertar as coisas.

— ÊÊÊ! — Tyson pulava pra cima e pra baixo. — Briareu! Eu sabia que você viria!

— Eu não sabia — disse o centimano. — Mas você me fez lembrar quem eu sou, ciclope. Você é o herói.

Tyson corou, mas eu dei umas palmadinhas em suas costas.

— Eu sei disso há muito tempo — falei. — Mas, Dédalo... o exército titã ainda está lá embaixo. Mesmo sem o fio, eles voltarão. Eles encontrarão um jeito mais cedo ou mais tarde, com Cronos liderando.

Dédalo guardou sua espada.

— Você tem razão. Enquanto o Labirinto existir, seus inimigos poderão usá-lo. E é por isso que o Labirinto não pode existir mais.

Annabeth o olhou.

— Mas você disse que o Labirinto está ligado à sua força vital! Enquanto você estiver vivo...

— Sim, minha jovem arquiteta — concordou Dédalo. — Quando eu morrer, o também Labirinto morrerá. Então eu tenho um presente para você.

Ele puxou uma mochila de couro de suas costas, abriu-a, e tirou um laptop prata, um dos que eu tinha visto na oficina. Na parte de cima havia o símbolo Δ azul.

— Todo o meu trabalho está aqui — disse ele. — Foi tudo o que consegui salvar do fogo. Anotações de projetos que eu nunca comecei. Alguns dos meus projetos favoritos. Eu não pude desenvolvê-los nos últimos milênios. Eu não ousei revelá-los para o mundo mortal. Mas talvez você os ache interessantes.

Ele estendeu o laptop para Annabeth, que o olhava como se fosse ouro sólido.

— Você está me dando isso? Mas é inestimável! Ele vale... eu nem sei quanto!

— Uma pequena compensação pelo modo como agi — disse Dédalo. — Você estava certa, Annabeth, sobre as crianças de Atena. Devemos ser sábios e eu não fui. Um dia você será uma arquiteta melhor do que eu jamais fui. Pegue minhas ideias e as aperfeiçoe. É o mínimo que posso fazer antes de morrer.

— Espera — falei. — Morrer? Mas você não pode simplesmente se matar. Isso é errado.

Ele balançou sua cabeça.

— Não tão errado quanto me esconder dos meus crimes por dois mil anos. Genialidade não é desculpa para o mal, Percy. Minha hora chegou. Eu devo encarar meu castigo.

— Você não conseguirá um julgamento justo — disse Annabeth. — O espírito de Minos vai estar no julgamento...

— Eu aceitarei o que vier — disse ele. — E confiarei na justiça do Mundo Inferior, como ela é. É tudo que podemos fazer, não é?

Ele olhou direto para Nico, e o rosto de Nico escureceu.

— Sim — disse ele.

— Então você levará minha alma como compensação? — perguntou Dédalo. — Você poderia usá-la para reclamar sua irmã.

— Não — disse Nico. — Eu o ajudarei a libertar seu espírito. Mas Bianca morreu. Ela deve permanecer onde está.

Dédalo assentiu.

— Muito bem, filho de Hades. Você está se tornando sábio.

Então ele se virou para mim.

— Um último favor, Percy Jackson. Eu não posso deixar a Sra. O'Leary sozinha. E ela não deseja voltar ao Mundo Inferior. Você cuidará dela?

Eu olhei para a enorme cadela negra, que choramingava tristemente, ainda lambendo o cabelo de Dédalo. Eu estava pensando que o apartamento da minha mãe não permitia cachorros, especialmente cachorros maiores que o apartamento, mas eu disse:

— Sim, é claro que vou.

— Então eu estou pronto para ver meu filho... e Perdiz — disse ele. — Eu devo dizer a eles o quanto eu me arrependo.

Annabeth tinha lágrimas em seus olhos.

Dédalo se virou para Nico, que sacou sua espada. De início fiquei com medo que Nico fosse matar o velho inventor, mas ele simplesmente disse:

— Sua hora chegou há muito tempo. Fique livre e descanse.

Um sorriso de alívio surgiu no rosto de Dédalo. Ele congelou feito uma estátua. Sua pele ficou transparente, revelando as engrenagens de bronze e os maquinários zumbindo dentro de seu corpo. Então a estátua virou cinzas e se desintegrou.

Sra. O'Leary latiu. Eu acariciei sua cabeça, tentando confortá-la o melhor que eu podia. A terra tremeu, um terremoto que provavelmente podia ser sentido em todas as maiores cidades pelo país, conforme o Labirinto desmoronava. Eu esperava que em algum lugar, os remanescentes da força de ataque titã fossem enterrados.

Eu olhei em volta para o massacre na clareira, e para os rostos cansados de meus amigos.

— Venham — falei a eles. — Temos trabalho a fazer.

DEZENOVE

O CONSELHO SE FENDE

Houve despedidas demais.

Aquela noite foi a primeira vez que eu vi as mortalhas do acampamento serem usadas em corpos, e isso não é algo que eu queira ver de novo.

Entre os mortos estava Lee Fletcher do chalé de Apolo que fora abatido pela clava de um gigante. Ele foi enrolado em uma mortalha dourada sem decoração. O filho de Dioniso, que caíra lutando contra um meio-sangue inimigo, estava enrolado em uma mortalha púrpura bordada com videiras. Seu nome era Castor. Eu estava envergonhado por tê-lo visto pelo acampamento por três anos e nunca ter me incomodado em aprender seu nome. Ele tinha dezessete anos. Seu irmão gêmeo, Pólux, tentou dizer algumas palavras, mas engasgou e apenas segurou a tocha. Ele acendeu a pira fúnebre no meio do anfiteatro e em segundos a fila de mortalhas foi envolvida pelo fogo, mandando fumaça e centelhas para as estrelas.

Nós passamos o dia seguinte cuidando dos feridos, que era quase todo mundo. Os sátiros e dríades trabalhavam para reparar o dano nos bosques.

Ao meio-dia, o Conselho dos Anciões de Casco Fendido convocou uma reunião de emergência na sua clareira sagrada. Os três sátiros anciões estavam lá, junto com Quíron, que estava na forma de cadeira de rodas. Sua perna quebrada ainda estava se curando, então ele iria ficar confinado à cadeira por alguns meses, até a perna estar forte o suficiente para aguentar seu peso. A clareira estava cheia de sátiros, dríades e náiades fora da água, centenas deles, ansiosos para ouvir o que iria acontecer. Juníper, Annabeth e eu ficamos em pé ao lado de Grover.

Sileno queria exilar Grover imediatamente, mas Quíron o persuadiu a pelo menos ouvir as evidências primeiro, então nós contamos a todos o que tinha acontecido na caverna de cristal, e o que Pã dissera. Depois várias testemunhas da

batalha descreveram o som estranho que Grover fez, que expulsou o exército titã de volta para o subterrâneo.

— Era pânico — insistiu Juníper. — Grover invocou o poder do deus da natureza.

— Pânico? — perguntei.

— Percy — explicou Quíron — durante a primeira guerra dos deuses e titãs, Pã liberou um horrível grito que assustou o exército inimigo. Isto é, isto *era* seu maior poder, uma onda intensa de medo que ajudou os deuses a vencer. Veja, a palavra *pânico* foi nomeada em homenagem a Pã. E Grover usou aquele poder, invocando-o de dentro de si mesmo.

— Ridículo! — gritou Sileno. — Sacrilégio! Talvez o deus selvagem nos tenha favorecido com uma benção. Ou talvez a música de Grover seja tão ruim que assustou o inimigo!

— Não foi isso, senhor — disse Grover. Ele soou muito mais calmo do que eu estaria se tivesse sido insultado daquele jeito. — Ele deixou seu espírito passar para todos nós. Nós precisamos agir. Cada um de nós deve trabalhar para renovar a natureza, para proteger o que ainda existe. Nós temos que espalhar a notícia. Pã está morto. Não há ninguém além de nós.

— Depois de dois mil anos procurando, é nisso que você quer que acreditemos? — gritou Sileno. — Nunca! Nós temos que continuar a busca! Exilem o traidor!

Alguns dos sátiros mais velhos murmuraram concordando.

— Uma votação! — exigiu Sileno. — Quem acreditaria nesse jovem sátiro ridículo, de qualquer forma?

— Eu acreditaria — disse uma voz familiar.

Todos se viraram. Andando a passos largos para o interior da clareira estava Dioniso. Ele usava um terno preto formal, então eu quase não o reconheci, uma gravata púrpura e uma camisa violeta, seu cabelo encaracolado cuidadosamente penteado. Seus olhos estavam vermelhos como sempre, e seu rosto arredondado estava corado, mas ele parecia estar sofrendo mais pela perda do que pela abstinência de vinho.

Os sátiros se levantaram respeitosamente e se curvaram quando ele se aproximou. Com um aceno Dioniso de mão, uma nova cadeira cresceu do chão perto de Sileno, um trono feito de videiras.

Dioniso se sentou e cruzou suas pernas. Ele estalou os dedos e um sátiro se apressou a frente com um prato de queijo, bolachas e uma Coca Diet.

O deus do vinho olhou em volta para a multidão reunida.

— Sentiram minha falta?

Os sátiros rapidamente concordaram e curvaram-se.

— Ah, sim, muito senhor!

— Bem, eu não senti falta deste lugar! — respondeu Dioniso. — Eu trago más notícias, meus amigos. Notícias malignas. Os deuses menores estão trocando de lado. Morfeu foi para o lado inimigo. Hécate, Jano e Nêmesis também. Zeus sabe quantos mais.

Um trovão ressoou na distância.

— Apague isso — disse Dioniso. — Nem *Zeus* não sabe. Agora, eu quero ouvir a história do Grover. Novamente, do começo.

— Mas, meu senhor — protestou Sileno. — É só bobagem!

Os olhos de Dioniso flamejaram com um fogo arroxeado.

— Eu acabei de saber que meu filho Castor está morto, Sileno. Eu não estou de bom humor. Melhor você me alegrar.

Sileno engoliu seco, e fez um sinal para que Grover começasse novamente.

Quando Grover terminou, Sr. D assentiu.

— Isso soa exatamente como o tipo de coisa que Pã faria. Grover está certo. A busca é cansativa. Vocês devem começar a pensar por vocês mesmos. — Ele se virou para um sátiro. — Traga-me algumas uvas descascadas, agora!

— Sim, senhor! — O sátiro saiu correndo.

— Nós temos que exilar o traidor! — insistiu Sileno.

— Eu digo não — respondeu Dioniso. — Esse é o meu voto.

— Eu também voto não — acrescentou Quíron.

Sileno endureceu o queixo teimosamente.

— Todos a favor do exílio?

Ele e os dois outros velhos sátiros levantaram suas mãos.

— Três a dois — disse Sileno.

— Ah, sim — disse Dioniso. — Mas infelizmente para você, o voto de um deus conta como dois. E como eu votei contra, estamos empatados.

Sileno levantou, indignado.

— Isso é um insulto! O conselho não pode ficar em um impasse.

— Então que ele seja dissolvido! — disse o Sr. D. — Eu não ligo.

Sileno se curvou rigidamente e, junto com seus dois amigos, saiu da clareira. Cerca de vinte sátiros foram com eles. O resto ficou por perto murmurando desconfortavelmente.

— Não se preocupem — disse Grover a eles. — Nós não precisamos do conselho para nos dizer o que fazer. Nós podemos descobrir sozinhos.

Ele contou a eles novamente as palavras de Pã, como eles deviam salvar a natureza um pouco de cada vez. Ele começou a dividir os sátiros em grupos, os que iriam para os parques nacionais, os que iriam procurar pelos últimos lugares selvagens, os que iriam defender os parques nas grandes cidades.

— Grover parece estar amadurecendo. — disse-me Annabeth.

Depois naquela tarde eu encontrei Tyson na praia, falando com Briareu. Briareu estava construindo um castelo de areia com cerca de cinquenta de suas mãos. Ele não estava realmente prestando atenção no trabalho, mas suas mãos construíram uma fortaleza com três torres, paredes fortificadas, um fosso e uma ponte levadiça.

Tyson estava desenhando um mapa na areia.

— Vá para esquerda nos corais — disse ele a Briareu. — Desça direto quando você achar um navio afundado. Depois, cerca de dois quilômetros a oeste, passando do cemitério das sereias, você vai começar a ver fogos queimando.

— Você está dando a ele direções para as forjas? — perguntei.

Tyson assentiu com a cabeça.

— Briareu quer ajudar. Ele vai ensinar aos ciclopes técnicas que nós esquecemos, como fazer melhores armas e armaduras.

— Eu quero ver os ciclopes — concordou Briareu. — Eu não quero mais ficar sozinho.

— Eu duvido que você vá ficar sozinho lá embaixo — falei um pouco melancólico, porque eu jamais estivera no reino de Poseidon. — Eles vão mantê-lo bem ocupado.

A face de Briareu mudou para uma expressão feliz.

— Ocupado soa bem! Eu queria que Tyson pudesse vir também.

Tyson corou.

— Eu preciso ficar aqui com meu irmão. Você vai se sair bem, Briareu. Obrigado.

O centimano balançou minha mão cerca de cem vezes.

— Nós vamos nos encontrar novamente, Percy. Eu sei disso!

Então ele deu em Tyson um grande abraço de polvo e avançou para o oceano. Nós assistimos até sua enorme cabeça desparecer nas ondas.

Eu dei um tapinha nas costas de Tyson.

— Você o ajudou muito.

— Eu só falei com ele.

— Você acreditou nele. Sem Briareu, nós nunca teríamos vencido Campe.

Tyson sorriu largamente.

— Ele arremessa bem as rochas!

Eu gargalhei.

— É. Ele arremessa rochas muito bem. Vamos, grandão. Vamos jantar.

Foi bom ter um jantar normal no acampamento. Tyson sentou comigo na mesa de Poseidon. O pôr do sol sobre o Estuário de Long Island estava lindo. As coisas não voltariam ao normal por um bom tempo, mas quando eu fui até a fogueira e joguei parte da minha refeição para as chamas como oferenda a Poseidon, eu senti como se eu tivesse muito pelo que ser grato. Meus amigos e eu estávamos vivos. O acampamento estava a salvo. Cronos tinha sofrido um contratempo, pelo menos por um tempo.

A única coisa que me incomodava era Nico, sozinho nas sombras nos limites do pavilhão. Ofereceram a ele um lugar na mesa de Hermes e até mesmo na mesa principal com Quíron, mas ele recusara.

Depois do jantar, os campistas se dirigiram para o anfiteatro, onde o chalé de Apolo prometera um incrível karaokê para animar nossos espíritos, mas Nico se virou e desapareceu entre as árvores. Decidi que era melhor segui-lo.

Quando passei pela sombra das árvores, percebi quão escuro estava ficando. Eu nunca ficara assustado na floresta antes, apesar de saber que lá havia uma porção de monstros. Ainda assim, eu pensei sobre a batalha de ontem, e imaginei se um dia eu poderia caminhar naqueles bosques novamente sem relembrar o horror de tanta luta.

Eu não podia ver Nico, mas depois de alguns minutos de caminhada vi um brilho à frente. Primeiro pensei que Nico tivesse acendido uma tocha. Conforme eu me aproximava, percebi que o brilho era um fantasma. A forma tremeluzente de

Bianca di Angelo estava parada na clareira, sorrindo para seu irmão. Ela disse algo para ele e tocou sua face, ou pelo menos tentou. Então sua imagem se desfez.

Nico se virou e me viu, mas ele não parecia com raiva.

— Dizendo adeus — disse ele com a voz rouca.

— Nós sentimos sua falta no jantar — falei. — Você poderia ter se sentado comigo.

— Não.

— Nico, você não pode perder todas as refeições. Se você não quer ficar com Hermes, talvez eles possam fazer uma exceção e colocá-lo na Casa Grande. Eles têm muitos quartos.

— Eu não vou ficar, Percy.

— Mas... você não pode simplesmente sair. Lá fora é muito perigoso para um meio-sangue sozinho. Você precisa treinar.

— Eu treino com os mortos — disse ele sem emoção. — Este acampamento não é pra mim. Há uma razão para eles não colocarem um chalé para Hades aqui, Percy. Ele não é bem-vindo, não mais do que é no Olimpo. Eu não pertenço a este lugar. Eu tenho que ir.

Eu queria discutir, mas parte de mim sabia que ele estava certo. Eu não gostava disso, mas Nico teria que encontrar seu próprio e sombrio caminho. Eu me lembrei da caverna de Pã, como o deus da natureza se dirigiu a cada um de nós individualmente... exceto Nico.

— Quando você vai? — perguntei.

— Agora mesmo. Eu tenho muitas perguntas. Como: Quem era minha mãe? Quem pagou para eu e Bianca irmos para a escola? Quem era o advogado que nos tirou do Hotel e Cassino Lótus? Eu não sei *nada* sobre meu passado. Eu preciso descobrir.

— Faz sentido — admiti. — Mas eu espero que nós não tenhamos que ser inimigos.

Ele baixou os olhos.

— Eu sinto muito, eu era um pirralho. Eu devia ter te escutado sobre Bianca.

— Falando nisso... — eu tirei algo do meu bolso. — Tyson encontrou isso enquanto estávamos limpando o chalé. Pensei que você podia querer.

Eu ergui uma miniatura de chumbo de Hades, a pequena estátua de Mitomagia que Nico abandonara quando fugiu do acampamento no último inverno.

Nico hesitou.

— Eu não jogo mais isso. É para crianças.

— Ele tem quatro mil pontos de ataque — falei.

— Cinco mil — corrigiu Nico. — Mas somente se seu oponente atacar primeiro.

Eu sorri.

— Talvez seja bom ser criança de vez em quando. — Eu joguei para ele a estátua.

Nico a estudou na palma da mão por alguns segundos, então a colocou no bolso.

— Obrigado.

Eu estendi minha mão. Ele a sacudiu relutantemente. A mão dele estava fria como gelo.

— Eu tenho uma porção de coisas para investigar — disse ele. — Algumas delas... bem, se eu aprender algo útil, eu te aviso.

Eu não tinha certeza sobre o que ele queria dizer, mas assenti.

— Mantenha contato, Nico.

Ele se virou e adentrou na floresta. As sombras pareciam se inclinar para ele enquanto ele andava, como se elas estivessem procurando por sua atenção.

Uma voz atrás de mim disse:

— Lá vai um jovem muito problemático.

Eu me virei e encontrei Dioniso parado lá, ainda em seu terno preto.

— Ande comigo — disse ele.

— Para onde? — perguntei desconfiado.

— Somente até a fogueira — disse ele. — Eu estava começando a me sentir melhor, então pensei em falar com você um pouco. Você sempre consegue me irritar.

— Hã, obrigado.

Nós andamos pelo bosque em silêncio. Eu notei que Dioniso estava andando no ar, seu sapato preto polido pairava a uns dois centímetros do chão. Imaginei que ele não queria sujá-los.

— Nós tivemos muitas traições — disse ele. — As coisas não parecem boas para o Olimpo. Ainda assim você e Annabeth salvaram este acampamento. Eu não tenho certeza se deveria agradecê-lo por isso.

— Foi um esforço em grupo.

Ele deu de ombros.

— Mesmo assim, eu suponho que o que vocês dois fizeram tenha sido quase competente. Eu achei que você deveria saber... isso não foi uma perda total.

Nós alcançamos o anfiteatro e Dioniso apontou para a fogueira do acampamento. Clarisse estava sentada ombro a ombro com um grande garoto hispânico que estava contando a ela uma piada. Era Chris Rodriguez, o meio-sangue que ficara louco no Labirinto.

Eu me virei para Dioniso.

— Você o curou?

— Loucura é minha especialidade. Foi bem simples.

— Mas... você fez algo legal. Por quê?

Ele levantou uma sobrancelha.

— Eu sou legal! Eu esbanjo bondade, Perry Johansson. Você não tinha notado?

— Hã...

— Talvez eu tenha sentido a perda pela morte do meu filho. Talvez eu achasse que esse garoto Chris merecia uma segunda chance. De qualquer forma, isso pareceu melhorar o humor de Clarisse.

— Por que você está me contando isso?

O deus do vinho suspirou.

— Ah, inferno, se eu soubesse. Mas lembre-se garoto, um ato bondoso às vezes pode ser tão poderoso quanto uma espada. Como um mortal, eu nunca fui um grande guerreiro, atleta ou poeta. Eu só fazia vinho. As pessoas da minha vila riam de mim. Elas diziam que eu nunca conseguiria nada. Olhe para mim agora. Às vezes pequenas coisas podem se tornar realmente grandes.

Ele me deixou sozinho para pensar naquilo. E enquanto eu observava Clarisse e Chris cantarem uma canção estúpida de acampamento juntos, de mãos dadas na escuridão, onde eles achavam que ninguém podia vê-los, eu tive que sorrir.

VINTE

MINHA FESTA DE ANIVERSÁRIO SOFRE UMA SOMBRIA REVIRAVOLTA

O resto do verão pareceu estranho porque foi muito normal. As atividades diárias continuaram: arco e flecha, alpinismo, cavalgar pégasos. Nós jogamos captura da bandeira (apesar de todos termos evitado o Punho de Zeus). Nós cantamos na fogueira, corremos com bigas e pregamos peças nos outros chalés. Eu passei muito tempo com Tyson, brincando com a Sra. O'Leary, mas ela ainda uivava durante a noite quando se sentia solitária sem seu antigo dono. Annabeth e eu estávamos nos evitando. Eu estava feliz por estar com ela, mas isso também meio que machucava e também machucava quando eu não estava com ela.

Eu queria falar com ela sobre Cronos, mas eu não podia fazer isso sem mencionar Luke. E esse era o assunto que eu não podia falar. Ela se afastava sempre que eu tentava.

Julho passou, com fogos de artifício no Dia da Independência na praia. Agosto ficou tão quente que os morangos começaram a assar nos campos. Finalmente, o último dia de acampamento chegou. A carta padronizada de sempre apareceu em minha cama depois do café da manhã, alertando que as harpias da limpeza me devorariam se eu permanecesse lá depois do meio-dia.

Às dez horas eu estava no topo da colina Meio-Sangue, esperando pela van do acampamento que me levaria até a cidade. Eu tinha feito preparativos para deixar a Sra. O'Leary no acampamento, onde Quíron me prometera que cuidaria dela. Tyson e eu nos revezaríamos visitando-a durante o ano.

Eu tinha esperanças que Annabeth fosse comigo de van para Manhattan, mas ela apenas veio para me ver ir embora. Ela disse que tinha programado permanecer no acampamento um pouco mais. Ela ajudaria Quíron até que a perna dele estivesse

totalmente recuperada e continuaria estudando o laptop de Dédalo, que a absorveu pelos últimos dois meses. Então ela iria direto para casa do pai em São Francisco.

— Há uma escola particular lá para onde eu vou — disse ela. — Eu provavelmente vou detestar, mas... — ela deu de ombros.

— É, bem, me liga, ok?

— Claro — disse ela sem confiança. — Eu vou manter meus olhos abertos para...

Lá estava de novo. *Luke*. Ela não conseguia sequer dizer o nome dele sem abrir uma grande caixa de dor e preocupação e raiva.

— Annabeth — falei. — Qual era o resto da profecia?

Ela olhou para o bosque à distância, mas não disse nada.

— Descerás na escuridão do Labirinto infinito — relembrei. — *O morto, o traidor e o perdido reerguidos*. Erguemos muitos mortos. Nós salvamos Ethan Nakamura, que acabou sendo um traidor. Nós erguemos o espírito de Pã, que estava perdido.

Annabeth balançou a cabeça como se quisesse que eu parasse.

— *Ascenderás ou cairás pelas mãos do rei espectral* — continuei. — Esse não era Minos, como eu tinha pensado. Era Nico. Por ter escolhido ficar ao nosso lado, ele nos salvou. *Da criança de Atena, a defesa final*... esse era Dédalo.

— Percy...

— *A destruição virá quando o último suspiro do herói acontecer*. Isso faz sentido agora. Dédalo morreu para destruir o Labirinto. Mas qual era o último...

— *E perderás um amor para algo pior que morrer.* — Annabeth tinha lágrimas nos olhos. — Este era o último verso, Percy. Você está feliz agora?

O sol parecia mais frio do que a um momento atrás.

— Ah — falei. — Então Luke...

— Percy, eu não sabia de quem a profecia estava falando. Eu-eu não sabia se... — Ela vacilou indefesamente. — Luke e eu... por anos, ele foi o único que realmente se importou comigo. Eu pensei...

Antes que ela pudesse continuar, um lampejo de luz apareceu próximo a nós, como se alguém tivesse aberto uma cortina de ouro no ar.

— Você não tem nada pelo que se desculpar, minha querida.

De pé na colina havia uma mulher alta em um vestido branco, seus cabelos negros eram trançados sobre o ombro.

— Hera — disse Annabeth.

A deusa sorriu.

— Você encontrou as respostas, como eu sabia que faria. Sua missão foi um sucesso.

— *Um sucesso?* — disse Annabeth. — Luke se foi. Dédalo está morto. Pã está morto. Como isto é...

— Nossa família está a salvo — insistiu Hera. — Esses outros estão melhores mortos, minha querida. Estou orgulhosa de você.

Eu fechei meus punhos. Eu não podia acreditar no que ela estava dizendo.

— Foi você quem pagou Gerião para nos deixar passar pelo rancho, não foi?

Hera deu de ombros. O vestido dela brilhava nas cores do arco-íris.

— Eu queria acelerar a sua missão.

— Mas você não se importou com Nico. Você estava feliz em vê-lo sendo entregue para os titãs.

— Ah, fala sério — Hera balançou a mão negativamente. — O próprio filho de Hades disse. Ninguém o quer por perto. Ele não se encaixa.

— Hefesto estava certo — rosnei. — Você somente se importa com a sua família *perfeita*, não com pessoas reais.

Os olhos dela ficaram perigosamente brilhantes.

— Cuidado com a língua, filho de Poseidon. Eu o guiei pelo Labirinto mais do que sabe. Eu estava do seu lado quando você enfrentou Gerião. *Eu* fiz sua flecha acertá-lo. Eu o enviei para a ilha de Calipso. Eu abri o caminho para a montanha do titã. Annabeth, minha querida, certamente você vê o quanto eu ajudei. Eu apreciaria um sacrifício pelos meus esforços.

Annabeth ficou parada como uma estátua. Ela poderia ter agradecido. Poderia ter prometido jogar algum churrasco no braseiro para Hera e esquecer a coisa toda. Mas ela firmou o queixo teimosamente. Ela estava como quando enfrentou a Esfinge, como se ela não fosse aceitar uma resposta fácil, mesmo que isso a colocasse em sérios problemas. Eu me dei conta de que isso era uma das coisas que eu mais gostava em Annabeth.

— Percy está certo. — Ela virou as costas para a deusa. — V*ocê é* que não pertence a esse lugar, rainha Hera. Então na próxima vez, obrigada... mas não vamos querer nada.

O sorriso de desprezo de Hera era pior que o de uma *empusa.* Sua forma começou a brilhar.

— Você vai se arrepender por este insulto, Annabeth. Você vai se arrepender muito disso.

Eu desviei meus olhos quando a deusa se transformou em sua verdadeira forma divina e desapareceu em uma explosão de luz.

O topo da colina estava pacífico novamente. No pé do pinheiro Peleu, o dragão, cochilava embaixo do Velocino de Ouro como se nada tivesse acontecido.

— Me desculpe — disse-me Annabeth. — E-eu devo voltar. Eu vou manter contato.

— Ouça, Annabeth.

Eu pensei sobre o Monte Santa Helena, a Ilha de Calipso, Luke e Rachel Elizabeth Dare, e sobre como de repente tudo ficara tão complicado. Eu queria falar para Annabeth que eu realmente não queria ficar tão distante dela.

Então Argos buzinou na estrada abaixo, e eu perdi minha chance.

— É melhor você ir andando — disse Annabeth. — Tome cuidado, Cabeça de Alga.

Ela correu colina abaixo. Eu a observei até ela alcançar os chalés. Ela não olhou para trás nem uma vez.

Dois dias depois foi meu aniversário. Eu nunca anunciei a data, porque ela sempre caía exatamente depois de voltar do acampamento, então nenhum dos meus amigos do acampamento podiam vir e eu não tinha tantos amigos mortais. Além disso, ficar mais velho não parecia algo para celebrar já que eu tinha sobre mim uma grande profecia que dizia que eu iria destruir ou salvar o mundo quando fizesse dezesseis. Agora eu estava fazendo quinze. Eu estava ficando sem tempo.

Minha mãe me fez uma pequena festa em nosso apartamento. Paul Blofis veio, mas tudo bem porque Quíron havia manipulado a Névoa para convencer todos no Colégio Goode que eu não tivera nada a ver com a explosão da sala de música. Agora Paul e as outras testemunhas estavam convencidos que Kelli fora uma louca, líder de torcida arremessadora de explosivos, enquanto eu tinha sido simplesmente um inocente espectador que havia entrado em pânico e fugido da cena. Eu ainda teria permissão para começar como calouro na Goode mês que vem. Se eu quisesse manter meu recorde de ser chutado de uma escola todos os anos, teria que tentar com mais vontade.

Tyson também veio para minha festa e minha mãe cozinhara dois bolos azuis extras só para ele. Enquanto Tyson ajudava minha mãe a encher os balões de festa, Paul Blofis me pediu para ajudá-lo na cozinha.

Enquanto nós estávamos servindo o ponche, ele disse:

— Eu soube que sua mãe te inscreveu para aulas de direção nesse outono.

— É. Legal. Eu mal posso esperar.

Sinceramente, eu tinha andado animado sobre conseguir minha licença, mas acho que meu coração já não estava nisso e Paul podia perceber. De uma maneira estranha ele me lembrava às vezes de Quíron, como se ele pudesse olhar para você e realmente *ver* seus pensamentos. Eu acho que era aquela aura de professor.

— Você teve um verão difícil — disse ele. — Imagino que você perdeu alguém importante. E... problemas com garotas?

Eu o encarei.

— Como você sabe disso? A minha mãe...

Ele levantou as mãos.

— Sua mãe não disse nada. E eu não vou me intrometer. Eu sei que há algo diferente com você, Percy. Você deve ter muita coisa acontecendo que eu não consigo entender. Mas eu também já tive quinze anos e apenas estou supondo pela sua expressão... Bem, você passou por dificuldades.

Eu confirmei com a cabeça. Eu prometera a minha mãe que contaria a Paul a verdade sobre mim, mas agora não pareceu a hora. Ainda não.

— Eu perdi dois amigos no acampamento que eu vou — falei. — Quero dizer, não eram amigos próximos, mas mesmo assim...

— Eu sinto muito.

— É. E, hã, acho que sobre essa coisa de garotas...

— Aqui. — Paul me passou um pouco de ponche. — Ao seu aniversário de quinze anos. E a um ano melhor por vir.

Nós brindamos com nossos copos de papel e bebemos.

— Percy, eu meio que me sinto mal dando mais uma coisa pra você pensar — disse Paul — mas eu queria perguntar algo.

— O quê?

— Sobre garotas.

Eu franzi a testa.

— O que você quer dizer?

— Sua mãe — disse Paul. — Eu estou pensando em propor a ela...

Eu quase derrubei meu copo.

— Você quer dizer... casar com ela? Você e ela?

— Bem, essa era a ideia. Isso estaria bem pra você?

— Você está pedindo minha permissão?

Paul coçou sua barba.

— Não sei se é uma permissão, mas ela é sua mãe. E sei que você está passando por muita coisa. Eu não me sentiria bem se não falasse com você sobre isso primeiro, de homem pra homem.

— De homem pra homem — repeti.

Isso soou estranho. Eu pensei em Paul e minha mãe, como ela sorria e ria mais quando ele estava por perto e como Paul tinha saído de seu caminho para me colocar no ensino médio. Eu me peguei dizendo:

— Eu acho que é uma grande ideia, Paul. Vá em frente.

Ele deu um sorriso enorme.

— Saúde, Percy. Vamos nos juntar à festa.

Eu estava me preparando para assoprar as velas quando a campainha tocou. Minha mãe franziu a testa.

— Quem pode ser?

Era estranho, porque nosso novo prédio tinha um porteiro, mas ele não tinha ligado nem nada. Minha mãe abriu a porta e ofegou.

Era o meu pai. Ele estava vestindo uma bermuda, uma camisa havaiana e sandálias de couro, como ele sempre usa. Sua barba preta fora cuidadosamente aparada e seus olhos verde-mar brilhavam. Ele usava um chapéu velho decorado com iscas de pesca. Ele dizia CHAPÉU DE PESCARIA DA SORTE DE NETUNO.

— Pos... — Minha mãe se interrompeu. Ela estava corando até a raiz dos cabelos. — Hã, olá.

— Olá, Sally — disse Poseidon. — Você parece linda como sempre. Posso entrar?

Minha mãe fez um chiado que pode ter sido tanto um "Sim" como "Socorro." Poseidon aceitou isso como um sim e entrou.

Paul estava olhando de um lado para outro entre nós, tentando ler nossas expressões. Finalmente ele deu um passo à frente.

— Oi, eu sou Paul Blofis.

Poseidon levantou suas sobrancelhas enquanto eles apertavam as mãos.

— Você disse balofice?

— Ah, não. Na verdade, é Blofis.

— Ah, sim — disse Poseidon. — Eu sou Poseidon.

— Poseidon? É um nome interessante.

— Sim, eu gosto dele. Eu já fui chamado de outros nomes, mas eu prefiro Poseidon.

— Como o deus dos mares.

— Sim, algo assim.

— Bem! — interrompeu minha mãe. — Hã, nós estamos tão felizes que você pôde vir. Paul, este é o pai de Percy.

— Ah. — Paul assentiu, embora ele não parecesse muito satisfeito. — Claro.

Poseidon sorriu para mim.

— Aí está você, meu garoto. E Tyson, olá, filho!

— Papai!

Tyson pulou através da sala e deu em Poseidon um grande abraço, que quase derrubou seu chapéu de pescaria.

O queixo de Paul caiu. Ele encarou minha mãe.

— Tyson é...

— Não é meu — prometeu ela. — É uma longa história.

— Eu não podia perder a festa do décimo quinto aniversário de Percy — disse Poseidon. — Pois, se fosse em Esparta, Percy seria um homem hoje!

— Isso é verdade — disse Paul. — Eu costumava ensinar história antiga.

Os olhos de Poseidon brilharam.

— Esse sou eu. História antiga. Sally, Paul, Tyson... vocês se importariam se eu pegasse Percy emprestado por um momento?

Ele pôs seu braço em volta de mim e me dirigiu até a cozinha.

Assim que nós ficamos sozinhos, seu sorriso desapareceu.

— Você está bem, meu garoto?

— É. Eu estou bem. Acho.

— Eu ouvi histórias — disse Poseidon. — Mas eu queria ouvi-las diretamente de você. Conte-me tudo.

Então eu contei. Foi meio perturbador, porque Poseidon ouvia tão intensamente. Seus olhos nunca deixaram minha face. Sua expressão não mudou durante todo tempo que eu falei. Quando terminei, ele assentiu devagar.

— Então Cronos realmente está de volta. Não vai demorar muito antes que a guerra esteja sobre nós.

— E sobre Luke? — perguntei. — Ele realmente se foi?

— Eu não sei, Percy. Isso é muito perturbador.

— Mas o corpo dele é mortal. Vocês não poderiam simplesmente destruí-lo?

— Mortal, talvez, mas há algo diferente em Luke, meu garoto. Eu não sei como ele foi preparado para hospedar a alma do titã, mas ele não será morto facilmente. E ainda assim, temo que ele deva ser morto se nós formos enviar Cronos de volta ao abismo. Eu terei que pensar nisso. Infelizmente, eu tenho outros problemas para cuidar.

Eu lembrei o que Tyson me dissera no começo do verão.

— Os velhos deuses do mar?

— Correto. A batalha já veio até mim antes, Percy. Na verdade, eu não posso ficar muito tempo. Mesmo agora o oceano está em guerra consigo mesmo. É tudo que eu posso fazer para impedir os furacões e tornados de destruírem seu mundo da superfície, a luta é tão intensa.

— Me deixe descer lá — falei. — Me deixe ajudar.

Os olhos de Poseidon se enrugaram quando ele sorriu.

— Ainda não, meu garoto. Eu sinto que você será necessário aqui. O que me lembra... — Ele fez surgir um dólar de areia e o apertou na minha mão. — Seu presente de aniversário. Gaste sabiamente.

— Hã, gastar um dólar de areia?

— Ah, sim. No meu tempo, você podia comprar bastante coisa com um dólar de areia. Penso que você irá descobrir que ele ainda compra muita coisa, se usado na situação correta.

— Que situação?

— Quando a hora chegar — disse Poseidon — eu acho que você saberá.

Eu fechei minha mão em volta do dólar de areia, mas algo estava realmente me incomodando.

— Pai — falei — quando eu estava no Labirinto, eu conheci Anteu. Ele disse... bem, ele disse que era seu filho favorito. Ele decorou sua arena com caveiras e...

— Ele as dedicou a mim — completou Poseidon. — E você está imaginando como alguém poderia fazer algo tão horrível em meu nome.

Eu assenti desconfortavelmente.

Poseidon colocou sua mão bronzeada no meu ombro.

— Percy, seres inferiores fazem coisas horríveis em nome dos deuses. Isso não significa que nós deuses aprovamos. O modo como nossos filhos e filhas agem em nossos nomes... bem, isso geralmente diz mais sobre *eles* do que sobre nós. E *você*, Percy, é meu filho favorito.

Ele sorriu e, naquele momento, só estar ali naquela cozinha com ele foi o melhor presente que eu já ganhei. Então minha mãe me chamou da sala de estar.

— Percy? As velas estão derretendo!

— É melhor você ir — disse Poseidon. — Mas, Percy, tem uma última coisa que você deveria saber. Aquele incidente no Monte Santa Helena...

Por um segundo eu achei que ele estava falando sobre Annabeth ter me beijado, e eu corei, mas então me dei conta que ele estava falando sobre algo muito maior.

— As erupções continuam — disse ele. — Tifão está se agitando. É muito provável que logo, em alguns meses, talvez um ano no máximo, ele irá escapar de sua prisão.

— Eu sinto muito — falei. — Eu não queria...

Poseidon ergueu sua mão.

— Não é sua culpa, Percy. Com Cronos acordando os monstros antigos, teria acontecido mais cedo ou mais tarde. Mas tome cuidado, se Tifão acordar... não será como nada que você já enfrentou antes. A primeira vez que ele apareceu, todas as forças do Olimpo quase não foram suficientes para lutar contra ele. E quando ele se rebelar novamente, ele virá para cá, para Nova York. Ele virá diretamente para o Olimpo.

Esse era justamente o tipo de notícia maravilhosa que eu queria receber no meu aniversário, mas Poseidon deu algumas palmadinhas nas minhas costas como se tudo estivesse bem.

— Eu devo ir. Aproveite seu bolo.

E simplesmente assim ele se transformou em névoa e foi varrido através da janela por uma morna brisa marinha.

Demorou um pouco para convencer Paul que Poseidon tinha saído pela escada de incêndio, mas como pessoas não desaparecem no ar, ele não teve escolha a não ser acreditar.

Nós comemos bolo azul e sorvete até que não podíamos comer mais nada. Então jogamos uma porção de jogos de festa como charadas e Banco Imobiliário. Tyson não entendia as charadas. Ele ficava gritando a resposta que estava tentando mostrar por mímica, mas acabou que ele era muito bom em Banco Imobiliário. Ele me tirou do jogo nas primeiras cinco rodadas e começou a falir minha mãe e Paul. Eu os deixei jogando e fui para o meu quarto.

Eu deixei uma fatia de bolo azul intocada no meu criado-mudo. Depois tirei meu colar do Acampamento Meio-Sangue e deixei no parapeito. Havia três contas agora, representando meus três verões no acampamento: um tridente, o Velocino de Ouro, e o último: um intricado Labirinto, simbolizando a Batalha do Labirinto, que foi como os campistas começaram a chamá-la. Imaginei o que a conta do próximo ano seria, se eu ainda estivesse por perto para recebê-la. Se o acampamento sobrevivesse até o próximo verão.

Olhei para o telefone do lado da minha cama. Eu pensei em ligar para Rachel Elizabeth Dare. Minha mãe havia me perguntado se tinha mais alguém que eu queria convidar, e eu havia pensado na Rachel. Mas não liguei. Não sei por quê. A ideia me fez ficar quase tão nervoso quanto uma porta no Labirinto.

Eu apalpei meus bolsos e retirei minhas coisas: Contracorrente, um lenço, minha chave do apartamento. Então apalpei o bolso da minha camisa e senti um pequeno volume. Eu não tinha sequer percebido isso, mas estava usando a camisa branca de algodão que Calipso me dera em Ogígia. Eu tirei um pequeno pedaço de pano, desembrulhei e encontrei o galho de enlace lunar. Era um pequeno ramo, murcho depois de dois meses, mas eu ainda podia sentir um leve cheiro do jardim encantado. Isso me deixou triste.

Eu me lembrei do último pedido de Calipso para mim: *Plante um jardim em Manhattan por mim, ok?* Eu abri a janela e pisei na saída de incêndio.

Minha mãe mantinha um vaso para flores lá fora. Na primavera ela geralmente a enchia de flores, mas agora era tudo terra, esperando por algo novo. Estava uma noite clara. A lua estava cheia sobre a Rua Oitenta e Dois. Eu plantei o ramo seco de enlace lunar com cuidado na terra e o molhei com um pouco de néctar do meu cantil de acampamento.

No começo nada aconteceu.

Então, diante dos meus olhos, uma pequena planta prateada germinou no solo, um pequeno enlace lunar, crescendo na noite morna de verão.

— Bela planta — disse uma voz.

Eu pulei. Nico di Angelo estava parado na saída de incêndio bem ao meu lado. Ele simplesmente apareceu lá.

— Desculpe — disse ele. — Não quis te assustar.

— Tudo... tudo bem. Quero dizer... o que você está fazendo aqui?

Ele tinha crescido um pouco nos últimos dois meses. O cabelo dele era uma grande confusão preta. Ele usava uma camiseta preta, jeans pretos, e um novo anel prateado com formato de caveira. Sua espada de ferro estígio estava pendurada do seu lado.

— Eu explorei um pouco — disse ele. — Achei que você gostaria de saber, Dédalo recebeu sua punição.

— Você o viu?

Nico assentiu.

— Minos queria fervê-lo em fondue de queijo por uma eternidade, mas meu pai tinha outras ideias. Dédalo irá construir passarelas e rampas de acesso nos Campos Asfódelos por toda a eternidade. Isso vai ajudar a diminuir o congestionamento. Na verdade, eu acho que o velho está bem feliz com isso. Ele ainda está construindo. Ainda criando. E ele pode ver seu filho e Perdiz nos finais de semana.

— Isso é bom.

Nico bateu em seu anel prateado.

— Mas essa não é a verdadeira razão de eu ter vindo. Eu descobri algumas coisas. Quero lhe fazer uma oferta.

— O quê?

— O modo para vencer Luke — disse ele. — Se eu estiver certo, é a *única* maneira de você ter uma chance.

Eu respirei fundo.

— Ok. Estou ouvindo.

Nico olhou dentro do meu quarto. As sobrancelhas dele enrugaram.

— Aquilo é... aquilo é bolo de aniversário azul?

Ele soou faminto, talvez um pouco desejoso. Imaginei se a pobre criança alguma vez tivera uma festa de aniversário, ou se ele já fora convidado para uma.

— Entre e coma um pouco de bolo e sorvete — falei. — Parece que nós temos muito o que conversar.

Sobre o autor



Rick Riordan nasceu em 1964, em San Antonio, Texas, e hoje mora em Boston com a esposa e os dois filhos. Autor best-seller do The New York Times, premiado pelo YALSA e pela Associação Americana de Bibliotecas, por quinze anos ensinou inglês e história em escolas de São Francisco, e é essa experiência que atribui sua habilidade em escrever para o público jovem. Além das séries *Percy Jackson e os Olimpianos*, *Os Heróis do Olimpo* e *As Provações de Apolo*, inspiradas na mitologia greco-romana, Riordan assina as séries *As Crônicas dos Kane*, que visita deuses e mitos do Egito Antigo e *Magnus Chase e os Deuses de Asgard*, sobre mitologia nórdica.

Outras séries do Riordanverso











"Descerás na escuridão do labirinto infinito,
O morto, o traidor e o perdido reerguidos.
Ascenderás ou cairás pelas mãos do rei espectral,
Da criança de Atena, a defesa final.
A destruição virá quando o último suspiro do
herói acontecer..."

Chega de procurar por seu próximo herói: conheça Percy Jackson, escolhido por legiões de fãs.

KIRKUS REVIEWS

ISBN 978-85-8057-542-2

intrínseca

Arte de capa de SJI Associates, Inc.
Ilustração © 2014 John Rocco

9 788580 575422

www.intrinseca.com.br